

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANA PAULA MOUTINHO FERRAZ

**FRAGMENTOS DO TEMPO: MEMÓRIAS, IDENTIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO DE
UM GRUPO DE MULHERES TEUTO-BRASILEIRAS LUTERANAS DO MUNICÍPIO
DE NOVO HAMBURGO/RS.**

São Leopoldo

2026

ANA PAULA MOUTINHO FERRAZ

**FRAGMENTOS DO TEMPO: MEMÓRIAS, IDENTIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO DE
UM GRUPO DE MULHERES TEUTO-BRASILEIRAS LUTERANAS DO MUNICÍPIO
DE NOVO HAMBURGO/RS.**

Tese de Doutorado

Para a obtenção do grau de Doutora em
Teologia

Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião, Teologia
e Sociedade

Linha de Pesquisa: História e Teologia

Pessoa Orientadora: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F381f Ferraz, Ana Paula Moutinho
 Fragmentos do tempo: memórias, identidade e
 ressignificação de um grupo de mulheres teuto-
 brasileiras luteranas do Município de Novo Hamburgo/RS
 / Ana Paula Moutinho Ferraz ; orientador Wilhelm
 Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2026.
 243 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
 Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
 2026.

1. Alemães – Brasil – História. 2. Memória coletiva –
 Aspectos religiosos. 3. Luteranismo. 4. História oral. I.
 Wilhelm, Wilhelm, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANA PAULA MOUTINHO FERRAZ

**FRAGMENTOS DO TEMPO: MEMÓRIAS, IDENTIDADES E RESIGNIFICAÇÃO
DE UM GRUPO DE MULHERES TEUTO-BRASILEIRAS LUTERANAS NO
MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO/RS.**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutora em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião, Teologias e
Sociedade

Data de Aprovação: 08 de julho de 2026

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (EST)
Assinado digitalmente

PROF^a. DR^a. MARCIA BLASI (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. DANIEL LUCIANO GEVEHR (FACCAT)
Docente visitante

PROF^a. DR^a. ELIANE CRISTINA DECKMANN FLECK (UFPEL)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Júlio César Adam :
XXX.195.000-XX
Date: 23/07/2026
19:19:17 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Márcia Blasi :
XXX.762.520-XX
Date: 02/08/2026
18:30:37 -03:00



Assinado
digitalmente por:
WILHELM
WACHHOLZ :
XXX.192.369-XX
Date: 03/08/2026
07:37:30 -03:00



AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as mulheres que atravessaram a minha vida e que de uma forma ou de outra me deram força e vontade de pesquisar na área de Estudos de Gênero. Agradeço também à Faculdades EST, que através da bolsa CAPES possibilitou minha conclusão do Doutorado. Agradeço ao meu orientador, Wilhelm Wachholz, que desde o mestrado acompanha minha pesquisa. E um agradecimento especial à minha família, as minhas filhas Maria Antônia e Heloísa, que me inspiram e me encorajam e ao meu esposo Leonardo, pela paciência e o carinho de sempre.

Resumo

Esta tese analisa os vestígios da cultura e da religião, especialmente da tradição luterana, trazidas pelos primeiros imigrantes europeus no século XIX, com foco nas mulheres descendentes de alemães que vivem na região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul. O objetivo é identificar em que medida os costumes e as tradições herdados dos antepassados dessas mulheres teuto-brasileiras foram registrados até os dias atuais e o quanto influenciam na construção de suas identidades. A pesquisa insere-se na Área de Concentração Religião, Teologia e Sociedade, que aborda e problematiza as relações entre Religião, Teologia e Sociedade, bem como suas interfaces com os espaços público e religioso, considerando, entre outros aspectos, a história da tradição, da Igreja e das Teologias. Vincula-se também à Linha de Pesquisa História e Teologia, voltada ao estudo da tradição da Igreja, do desenvolvimento do pensamento eclesiástico e teológico, entre outros temas correlatos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa, que utiliza entrevistas gravadas para coletar depoimentos, memórias e relatos de experiências vividas, transformando-os em documentos históricos, portanto utiliza-se como principal método o da História Oral, de transcrição literal aplicando recortes de temas e interpretando à luz da Análise do Discurso. A investigação concentra-se na subjetividade e na memória social, privilegiando o estudo do tempo presente, de grupos marginalizados e de acontecimentos que não foram registrados em documentos escritos. Os resultados demonstram, em primeiro lugar, que essas mulheres e seus relatos possuem importância fundamental na construção da identidade teuto-brasileira na região do Vale dos Sinos. Em segundo lugar, evidenciam o quanto os ensinamentos recebidos de mães e avós contribuíram para a formação de suas identidades culturais e religiosas, revelando o papel das mulheres como guardiãs e transmissoras da cultura de um povo. Em terceiro lugar, a pesquisa mostra que essas mulheres foram e ainda são marginalizadas em seu contexto social, pois, embora tenham tido acesso à educação, ao trabalho e a uma profissão, o fato de serem mulheres e idosas faz com que suas memórias muitas vezes não sejam legitimadas, e suas experiências sejam vistas apenas como histórias pessoais sem relevância. Entretanto, uma das contribuições mais significativas desta pesquisa é o registro da memória por meio da escuta sensível. Ao permitir que essas mulheres relatem suas experiências pessoais e ao compreender as nuances presentes em suas narrativas, torna-se possível reconhecer sua contribuição para o registro da memória e da história do local onde estão inseridas. Sobretudo, a pesquisa contribui para a valorização dessas mulheres como sujeitos históricos e agentes fundamentais da História.

Palavras-chave: Memória. Mulheres. Identidades. Teuto-brasileiras. Luteranismo.

Abstract

This thesis analyzes the remnants of culture and religion, especially in Lutheran traditions, brought by the first European immigrants from the XIX century, with focus on women of German descent that live in the “Vale dos Sinos” region, in the state of Rio Grande do Sul. The goal is to identify to what extent the customs and traditions inherited from the ancestors of these German-Brazilian women was preserved until the current days, and how much it influences the construction of their identities. The research falls within the concentration area of Religion, Theology and Society, that addresses and problematizes the relations between Religion, Theology and Society, as well as its interfaces with the public and religious spaces, considering, among other aspects, the history of tradition, church and theology. It is also linked to the Research Line of History and Theology, focused on the study of Church tradition, development of ecclesiastical and theological thought, among other correlated themes. Methodologically, this is a qualitative field research study that uses recorded interviews to collect testimonials, memories and reports of lived experiences, transforming it into historical documents. Therefore, the primary method applied is Oral History, involving literal transcription, applying thematic clipping, and interpreting it in the light of Discourse Analysis. The investigation concentrates on the subjectivity of social memory, prioritizing the study of present time, of marginalized groups and events that weren't registered in written documents. The results demonstrate, firstly, that these women and their reports possess fundamental importance in the construction of German-Brazilian identities in Vale dos Sinos region. Secondly, it evidences how much the teachings received from mothers and grandmothers contributed to the generation of their cultural and religious identities, revealing women's role as guardians and transmitters of people's culture. Thirdly, the research shows that these women were and still are marginalized in their social context, because, although having had access to education to jobs, and careers, them being women and elderly results in their memories often not being legitimized , and their experiences being seen as only personal and irrelevant stories. However, one of the most significant contributions of this research is the preservation of memory through sensitive listening. By permitting that these women narrate their own experiences by understanding the nuances present in their narratives, it becomes possible to recognize their contribution to preserve the memory of the history of the place where they are located. Above all, the research contributes to the appreciation of these women as historical subjects and fundamental agents of history.

Key Words: Memory. Women. Identities. German-Brazilians. Lutheranism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX	13
2.1 MOTIVOS QUE LEVAM A IMIGRAÇÃO	16
2.2 A RELIGIOSIDADE NA ALEMANHA DO SÉCULO XIX	19
2.3 PROCESSO DE URBANIZAÇÃO EM ÁREAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ	25
2.4 MULHERES IMIGRANTES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COLONIZAÇÃO	30
3 O PAPEL DA MULHER NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA TEUTO-BRASILEIRA	33
3.1 FAMÍLIA: LAÇOS ETERNO	37
3.2 COMIDA: AFETO E MEMÓRIA	42
3.3 RELIGIOSIDADE: LIGAÇÃO COM ANTEPASSADOS	47
3.4. KRÄNZCHEN: MEMÓRIA ENTRE CONVERSAS E BORDADOS	53
4. MEMÓRIA E RESSIGNIFICADOS: SENTIMENTO, CORPO E VIVÊNCIAS	57
4.1. LEMBRANÇAS E PERCEPÇÕES: A MEMÓRIA VIVIDA	64
4.2. RECORDAR E NARRAR: O PAPEL DA HISTÓRIA ORAL	72
4.3. HISTÓRIAS DE VIDA: REMINISCÊNCIA E PRESERVAÇÃO DA CULTURA	79
5. RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE: MARCAS E LEGADO DO LUTERANISMO	Error! Bookmark not defined.
5.1. BREVE HISTÓRICO DO LUTERANISMO NO BRASIL	97
5.2. LUTERANISMO E A IGREJA VIVIDA: O PAPEL DAS MULHERES NO FAZER LUTERANO	104
5.3. MEMÓRIAS E LEGADO: A INFLUÊNCIA DO LUTERANISMO NO COTIDIANO DAS MULHERES TEUTO-BRASILEIRAS	109
6. CONVERSAS E MEMÓRIAS: O LEGADO DE SEUS ANTEPASSADOS	120
6.1. VALORES QUE FICAM: A VIVÊNCIA CONTADA	128
6.2. LEMBRANÇAS VÍVIDAS: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS	135
6.3. FRAGMENTOS DO TEMPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO	146
7. CONCLUSÃO	152
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
9. ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

A memória constitui uma das fontes históricas mais ricas para compreendermos o quanto o presente é influenciado pelos acontecimentos do passado, ao possibilitar a construção da história sob diferentes perspectivas, pois “o indivíduo é sempre o que permitem que ele seja, tanto sua época quanto seu meio social”¹.

Todavia, essas lembranças precisam ser narradas justamente porque os grupos em questão, muitas vezes, não puderam ser ouvidos, ou ainda, não foram considerados legítimos para que suas histórias fossem validadas. A memória, como parte da categoria analítica, é um objeto de pesquisa interessante, pois possui diferentes variáveis, afinal

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.²

Entre aqueles que integram essa realidade estão as mulheres que, em razão de vivermos em uma sociedade patriarcal, tiveram suas vozes silenciadas e suas ações invisibilizadas. As mulheres, de modo geral, aparecem no contexto historiográfico tradicional não como oradoras, mas sim como espectadoras. Suas experiências e seu conhecimento não são considerados e quando a figura feminina aparece em uma narrativa, normalmente escrita por outro, essas mulheres

aparecem no relato dos cronistas [...] quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.³

Ainda assim, houve resistência, seja por meio do enfrentamento direto, que podem ser identificadas como “ações que afirmam a vida, esta vida – de mulheres –

¹ FEBVRE, L. Une vue d'ensemble: histoire et psychologie (1938). In: *Combats pour l'histoire*. Paris: Colin, 1953. p. 34.

² THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. *História Oral*, n. 5, p. 9-28, 2002. p. 9.

³ PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 9-28, 1995. p.13.

que se perde constantemente frente às tentativas de reprodução do mesmo”⁴, seja pela transmissão de ensinamentos de geração em geração pois através de práticas “silenciosas e desviantes das mulheres construíram/constroem uma história feita pelas fissuras e promovem processos de subjetivação de constituição de si mesmo”⁵.

Ao nos referirmos a esse contexto, é necessário considerar um grupo que, embora pertencente a uma parcela socialmente privilegiada da população, não recebeu o devido reconhecimento: às mulheres teuto-brasileiras do sul do Brasil, especialmente da região do Vale do Rio dos Sinos. Durante muito tempo, e ainda hoje, tiveram suas trajetórias associadas apenas ao trabalho árduo desenvolvido pelos homens, exaltando-se aquilo que o “colono” construiu e relegando a mulher a uma posição secundária nesse processo, ou até mesmo atreladas exclusivamente ao âmbito doméstico, assim “na maioria das interpretações realizadas pelos estudiosos da imigração alemã, as mulheres eram protagonistas do espaço doméstico, ficando sua atuação reservada ao espaço privado da casa, da família e dos afazeres considerados como próprio de mulheres.”⁶

Desse modo, esta pesquisa buscou resgatar a contribuição dessas mulheres na construção da identidade das famílias alemãs da região do Vale do Rio dos Sinos, por meio da escuta, do refinamento e da sistematização de suas narrativas, contribuindo, assim, para o resgate da memória sob a perspectiva daquelas que não integram a história oficial, no intuito de “buscar compreender as transformações ou mudanças que ocorrem na sociedade, em um grupo social ou mesmo no modo de vida das pessoas. Assim, permite o entendimento de valores culturais, espirituais e sociais cultivados por um agrupamento humano”.⁷

A partir dessas memórias, a pesquisa procura compreender o quanto dos elementos trazidos pelas primeiras famílias imigrantes permaneceu até os dias atuais graças à transmissão realizada por essas mulheres às suas filhas e netas, uma vez

⁴ TEDESCHI, Losandro Antonio; TEDESCHI, Sirley Lizott. A História das Mulheres (séc. XX-XXI): entre poder, resistência e subjetivação. **Revista Tempo e Argumento**, v. 11, n. 26, p. 508-529, 2019. p. 526.

⁵ TEDESCHI, 2019, p. 512.

⁶ MEYRER, Marlise Regina; GEVHER, Daniel. ? E elas ainda tinham filhos!? : mulheres e trabalho na antiga colônia alemã de São Leopoldo (final do século XIX e início do século XX), In : **História das mulheres no Brasil Meridional**. 2. ed. [E-book]. / Organizadores: Ana Silvia Volpi Scott, José Carlos da Silva Cardozo e Jonathan Fachini da Silva. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2022. p. 281.

⁷ BRANCO, Samantha Castelo. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, p. 8-27, 2020. p.13.

que “os conteúdos culturais transmitidos das gerações mais velhas para as mais jovens não permanecem intactos, imutáveis através dos tempos”⁸.

Uma pesquisa dessa natureza está inserida na Área de Concentração Religião, Teologia e Sociedade, uma vez que aborda criticamente as relações entre religião, teologia e sociedade, bem como suas articulações com os espaços público e religioso, considerando, entre outros elementos, a história da tradição, da Igreja e das teologias. Vincula-se, igualmente, à Linha de Pesquisa História e Teologia, ao dialogar com a história da tradição da Igreja e com o desenvolvimento do pensamento eclesiástico e teológico.

A presente tese fundamenta-se na metodologia da História Oral, utilizando entrevistas em profundidade como principal instrumento de produção das fontes, cujos relatos foram submetidos à transcrição literal, registrando a autenticidade das narrativas, das expressões linguísticas e dos sentidos atribuídos pelas participantes às suas experiências.

Os depoimentos foram analisados por meio da análise de conteúdo e da análise de discurso, possibilitando compreender tanto as recorrências temáticas quanto os processos de produção de significados presentes nas narrativas. O problema de pesquisa consistiu em investigar como as memórias de mulheres teuto-brasileiras, entre 60 e 70 anos, residentes em Novo Hamburgo, oriundas de famílias luteranas e pertencentes a um contexto socioeconômico privilegiado, participam da construção, do registro e da ressignificação de suas identidades ao longo da vida.

As entrevistas foram realizadas em locais e tempos diferentes, dependendo da disponibilidade das entrevistadas. Quatro entrevistadas foram ouvidas nas dependências da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), na Unidade Fundação Evangélica, onde nas quartas à tarde um grupo de mulheres se reúne para confeccionar roupas e brinquedos para comunidades carentes de Novo Hamburgo, grupo esse que recebe o nome de “Oficina do Brinquedo”. As demais entrevistadas foram sendo contactadas a partir da indicação das primeiras quatro e as entrevistas deste segundo grupo ocorreram nas suas próprias residências.

⁸ GARCIA, Narjara Mendes et al. Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. **Psicologia da Educação**, n. 25, 2007. p. 95

A seguir, um quadro que esclarece como foi realizada a seleção dessas mulheres entrevistadas e algumas características que levaram a esta seleção:

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Lugar onde mora (bairro)	Onde foi realizada a entrevista
1- I.L	79 anos	Ensino Superior	Professora	Hamburgo Velho	Dependências da IENH
2- I	70 anos	Ensino Superior	Psicóloga	Pátria Nova	Dependências da IENH
3- G	78 anos	Ensino Médio	Vendedora	Centro	Dependências da IENH
4- S	77 anos	Ensino Superior	Dona de casa	Centro	Dependências da IENH
5- H	66 anos	Ensino Superior	Arquiteta	Vila Rosa	Residência da entrevistada
6- M	79 anos	Ensino Médio	Dona de casa	Centro	Residência da entrevistada
7- G.S	76 anos	Ensino Médio	Dona de casa	Vila Nova	Residência da entrevistada
8- L	63 anos	Ensino Superior	Professora	Vila Rosa	Residência da entrevistada

O objetivo geral foi compreender de que maneira as memórias individuais, constituídas no interior de experiências familiares, comunitárias e religiosas, articulam-se à memória coletiva (Halbwachs) e à memória cultural (Jan Assmann e Aleida Assmann), contribuindo para a manutenção de tradições, valores e formas de pertencimento étnico e religioso.

Como objetivos específicos, buscou-se identificar os marcos memoriais recorrentes nas narrativas; analisar a influência do luteranismo na formação de valores, práticas cotidianas e representações sociais; compreender como as relações de gênero conformaram as trajetórias dessas mulheres; e interpretar os processos de construção da identidade narrativa (Ricoeur), entendida como uma identidade

permanentemente configurada pelas histórias que os sujeitos contam sobre si mesmos.

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, especialmente em Stuart Hall, as identidades foram compreendidas como processos históricos, relacionais e dinâmicos, produzidos nas interações entre memória, cultura e pertencimento. Do mesmo modo, a categoria gênero, fundamentada em Joan Scott, permitiu analisar as formas pelas quais as diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres atravessaram as experiências familiares, educacionais, religiosas e comunitárias das entrevistadas, evidenciando relações de poder, papéis sociais e processos de socialização. A religiosidade, expressa na tradição luterana, foi compreendida não apenas como prática de fé, mas como um sistema cultural produtor de valores, normas, comportamentos e referências identitárias, influenciando a educação, a organização familiar, a ética do trabalho e do registro da herança teuto-brasileira.

A originalidade da tese reside na articulação entre História Oral, memória coletiva, memória cultural, identidade narrativa, gênero e religiosidade para compreender a experiência de mulheres teuto-brasileiras, um grupo ainda pouco explorado sob uma abordagem interdisciplinar que integra História, Estudos Culturais, Sociologia da Memória e Ciências da Religião.

A seleção das participantes seguiu critérios intencionais, contemplando mulheres entre 60 e 70 anos, residentes em Novo Hamburgo, descendentes de famílias teuto-brasileiras de tradição luterana e com bom poder aquisitivo, considerando que esse recorte possibilita analisar a transmissão intergeracional de memórias, valores culturais e práticas religiosas que contribuíram para a constituição de identidades femininas em um contexto específico da imigração germânica no sul do Brasil.

Para sustentar essa proposição, a pesquisa procurou analisar de que forma as mulheres descendentes de alemães da região do Vale do Rio dos Sinos, mais especificamente residentes na cidade de Novo Hamburgo, influenciaram no registro da memória e a construção da identidade teuto-brasileira em um grupo de mulheres naturais deste município. Afinal, por se tratar de um grupo de mulheres essa pesquisa suscita estudos relacionados ao gênero, que desse modo colaboram com o

aprofundamento da análise dos diversos usos do gênero para justificativa ou explicação de posições de poder fará emergir uma nova história que oferecerá novas perspectivas às velhas questões; redefinirá as antigas questões em termos novos – introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a sexualidade no estudo da economia e da guerra.⁹

Considerando suas trajetórias de vida, suas lembranças e esquecimentos e sua conexão com a religião luterana, sobretudo diante do processo de urbanização e da fluidez de informações presentes na contemporaneidade, essa tese tem uma contribuição importante no que diz respeito também ao fenômeno da transgeracionalidade¹⁰, que sob essa ótica podemos dizer que esse ato tem como objetivo “transmitir e fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história, afetos, de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra”¹¹.

Olhado por outra perspectiva, essa pesquisa se faz necessária também diante da fluidez dos tempos atuais, que, aos poucos, vem apagando memórias e costumes das primeiras famílias imigrantes alemãs, transmitidos de geração em geração, até porque nos dias de hoje

a economia e o capital, mais que qualquer outra categoria da sociedade líquida, se extraterritorializou e transnacionalizou, e as agências internacionais e empresa transnacionais passam a ter o domínio sobre o simbólico, possuem autonomia e influência sobre a cultura, que adquire uma dimensão mundial.¹²

Essas memórias têm nas mulheres suas grandes guardiãs, uma vez que são elas as principais responsáveis pela continuidade desse conhecimento. Além disso, a figura do imigrante, do “colono”, sempre foi vista como elemento fundamental na construção do conceito de teuto-brasileiro; entretanto, a participação das mulheres nesse processo, em muitas ocasiões, foi reduzida ou até mesmo invisibilizada. Afinal,

a presença das mulheres neste universo do trabalho do campo é um fato indiscutível, porém elas permanecem invisibilizadas em muitos contextos,

⁹ SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 77-87, 1998, p. 78.

¹⁰ Segundo Murray Bowen a transgeracionalidade pode ser definida como uma junção de “conceitos de individuação, diferenciação, triangulação, projeção e transmissão multigeracional” (BOWEN, Murray. **De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Buenos Aires: Paidós, 1991. p. 54)

¹¹ TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. **Transgeracionalidade/Intergeracionalidade: Holocaustos e dores sociais**. São Paulo: Blucher, 2023. p. 32.

¹² DE OLIVEIRA, Larissa Pascutti. Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Revista Sem Aspás**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2012. p. 32.

mesmo que estejam plantando, colhendo, conservando o solo, protegendo as lavouras das pragas, os frutos e cultivando o desejo da posse de terras para trabalhar ao mesmo tempo que dão conta do trabalho doméstico, onde cuidam dos seus filhos, da comida, da casa e do quintal.¹³

Especificamente, busca-se investigar a percepção das mulheres teuto-brasileiras acerca dos impactos da urbanização na diluição da identidade cultural e no registro da memória de seus antepassados, identificando elementos de suas trajetórias de vida que influenciam os ressignificados da cultura teuto-brasileira, especialmente na manutenção dos laços familiares, das tradições alimentares, da religiosidade e de práticas culturais como o *Kraenzchen*¹⁴.

Além disso, procura-se verificar a influência da religião luterana na construção das memórias e da identidade teuto-brasileira, bem como promover a valorização das narrativas dessas mulheres como parte fundamental da historiografia local de Novo Hamburgo. As memórias registradas por essas mulheres são de extrema valia, pois é através da

transmissão realizada pelas mulheres do saber mágico que é mais do que uma transmissão de técnicas, pois envolve valores, a construção de papéis e a manutenção das identidades étnica e social (ou seja, pomerana e camponesa). Neste sentido, os ritos de passagem marcam a transformação da criança em adultos justamente quando aquela apreende o domínio pleno do saber trabalhar passando, então, a ser capaz de constituir uma nova família¹⁵.

Sendo assim, esta tese propõe demonstrar que o registro das memórias das mulheres idosas da região do Vale do Rio dos Sinos constitui elemento fundamental para a construção, manutenção e transmissão da memória coletiva das famílias de origem alemã. São essas mulheres que, por meio de suas narrativas, práticas cotidianas, saberes e tradições transmitidos entre gerações, desempenham papel central na conservação das heranças culturais, identitárias e históricas de seus antepassados teuto-brasileiros. Deste modo, “se tornou evidente a luta e o esforço delas pela legitimidade e visibilidade no espaço social e o quantos são plurais,

¹³ DA SILVA MARQUES, Gabriela; DA SILVA, Denise Regina Quaresma. Invisibilidade das mulheres trabalhadoras rurais: as produções científicas da psicologia no Brasil. **Psicologia em estudo**, v. 23, p. 1-16, 2018. p. 3

¹⁴ Expressão que significa em alemão “pequeno círculo” ou pequena guirlanda, representando as reuniões de mulheres das áreas urbanas que se juntavam para bordar e costurar e para conversar sobre suas vidas ou coisas da comunidade (nota da autora).

¹⁵ BAHIA, Joana. Práticas mágicas e bruxaria entre as pomeranas. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 153-176, set. 2000. p.155-156

dinâmicas, resistem, acomodam, controlam, confinam, agenciam e agregam vitalidade no espaço construído pelo protagonismo feminino”¹⁶.

Para dar conta desse desafio analítico, a pesquisa ampara-se em uma metodologia qualitativa de história oral, que valoriza a fala como fonte documental, criando novos arquivos sonoros e orais e priorizando o estudo de narrativas transmitidas de geração em geração, pois “mais do que fontes para a pesquisa, são privilégios do pesquisador do presente, constituindo elemento primordial para a problematização da memória, bem como fornecendo elementos para novas investigações”¹⁷.

Importa destacar que o método da história oral não se reduz à realização de entrevistas, mas exige projeto, planejamento e análise crítica dos depoimentos. Ademais, essa abordagem permite confrontar fontes escritas e orais, enriquecendo a compreensão histórica por meio de visões subjetivas e coletivas. O método de história oral contribui em especial com que chamamos de história do tempo presente, onde ao “tentar explicar uma história ainda prenhe, buscando entender as fontes em pleno movimento, exige um repensar constante sobre os métodos utilizados, compondo um exercício de história imediata que implica ainda definições em seu fazer.”¹⁸

Para fins de exposição, o presente volume está estruturado em cinco capítulos. O primeiro revisita a trajetória das primeiras famílias de imigrantes alemães que vieram para a região do Vale do Rio dos Sinos, as principais causas que motivaram essa decisão, a difícil adaptação inicial, o desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao novo contexto e o papel da mulher imigrante diante dessa realidade.

O segundo capítulo detém-se no papel desempenhado pelas mulheres no processo de inserção, adaptação e acomodação das primeiras famílias de imigrantes alemães, especialmente na relação dessas mulheres com o contexto familiar, com os costumes culinários herdados de seus antepassados e com a forte ligação com a

¹⁶ MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel Luciano. Fragmentos de memórias: Mulheres trabalhadoras na área de imigração alemã (Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, final do século XIX e início do século XX). **História e Cultura**, v. 10, n. 2, p. 259-282, 2021. p. 278.

¹⁷ BORGES, Viviane Trindade. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 16, n. 2, p. 663-676, 2012. p. 664.

¹⁸ BORGES, 2012, p. 675.

religião luterana, majoritária no processo migratório das famílias alemãs no século XIX.

Já o terceiro capítulo aprofunda o estudo sobre memória, foco central da pesquisa. Nele, são resgatados conceitos importantes, como memória coletiva, memória subterrânea e, principalmente, memória de idosos e sua contribuição para a História. Além disso, são explicitados a metodologia utilizada, o público-alvo e o objeto da pesquisa.

No quarto capítulo, realiza-se uma análise mais aprofundada acerca da importância da religião luterana na vida cotidiana e na construção da identidade dessas mulheres teuto-brasileiras. O capítulo também apresenta os diferentes papéis exercidos pelas mulheres dentro da Igreja Protestante Luterana, desde influências diretas, como no caso das teólogas e pastoras, até influências indiretas, como o trabalho desenvolvido pelas mulheres na OASE.

No quinto e último capítulo, concentram-se as análises finais, tendo como foco principal a fala dessas mulheres, suas experiências, seus dissabores e suas conquistas. Tudo isso é permeado pelo olhar da pesquisadora, que busca desvelar, nas nuances dessas narrativas, de que modo essas mulheres, a partir de suas lembranças, ressignificaram aquilo que foi vivido e assimilado ao longo de suas existências.

2. IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX

O processo de imigração na América teve início na primeira metade do século XIX, como já foi estudado e explanado em diversos trabalhos acadêmicos, mesmo assim é importante situar o tempo histórico no presente trabalho para que entendamos de que forma esse processo tem relação com as memórias e a história perpetuada pelas mulheres teuto-brasileiras no sul do Brasil.

O ser humano sempre migrou, desde os primórdios da humanidade, por motivos diversos, em busca de novas condições de trabalho e vida, e como já mencionado em diversas bibliografias “o fenômeno das migrações não é novo; ao contrário, constitui a própria formação e criação do que chamamos de civilização e mesmo antes disso, a mobilidade era a regra, somente com o desenvolvimento da agricultura os homens começaram a se estabelecer em uma terra sua”.¹⁹

Sobre esse processo de imigração do século XIX, é importante frisar que ocorrem em três grandes fases, como afirma Nara Maria Carlos de Santana

o primeiro período se dá em 1824 com a chegada de famílias de agricultores e camponeses. O segundo grupo chega ao país em meados do século XIX, com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849. Seus integrantes eram militantes liberais e representantes da intelectualidade de alguns estados alemães e da Áustria, que haviam partido em busca de novas perspectivas no Novo Mundo. Neste segundo grupo, podemos incluir também a chegada de turmas de reemigrantes na década de 70. [...] A terceira leva de imigrantes é composta de artesãos e operários forçados a sair da Europa em razão das crises do começo do século.1 Mesmo que vindos de estados diferentes, estes imigrantes tinham em comum a identidade germânica.²⁰

Importante salientar também que este processo migratório em massa em direção à América foi algo que fez parte do século XIX, não só o Brasil recebeu migrantes, mas também outros países da América como Estados Unidos da América e Argentina, por exemplo. Sendo assim

o início do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram marcados por um imenso deslocamento populacional entre o Velho e o Novo Continente. A cifra exata da quantidade de imigrantes que partiram da Europa com destino às Américas é incerta; no entanto, estima-se que entre 42 e 60 milhões de europeus deixaram o continente nesse período, impulsionados por diversos fatores como a melhoria nos meios de transporte e comunicação

¹⁹ CHUEIRI, Vera Karam; CÂMARA, Heloisa Fernandes. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saudade e hospitalidade. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, n. 36, 2014. p. 159.

²⁰ DE SANTANA, Nara María Carlos. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões: Revista de História da Ufes**, n. 25, p. 235-248, 2010. p. 2.

no século XIX, à busca por melhores condições de vida, oportunidades de emprego e como alternativa à realidade existente nos países de origem.²¹

Tendo como base diversos estudos, é consenso que a vinda desses imigrantes europeus teve como influência diversas teorias difundidas no período, entre elas a teoria do branqueamento, mesmo que esta tenha adquirido mais força a partir de 1870, serviu para legitimar esta ideia, uma vez que

o branqueamento foi uma das vertentes ideológicas assumidas pelo racismo da belle époque. Ele, em vários momentos se confundiu com a própria ideologia racial da elite brasileira. E como lhes conferiu estatuto científico, ocultava-se o racismo antinegro que trazia na sua essência. O diagnóstico do branqueamento legitimava as políticas públicas de desamparo e exclusão social da população negra.²²

Outro motivo que acelerou o processo de migrações de europeus em direção à América foi a substituição da mão de obra, pois a escravidão estava se tornando obsoleta e pouco lucrativa, já que as grandes nações não viam mais com bons olhos essa prática, uma vez que ela impedia a introdução de trabalhadores livres em um mundo baseado na economia colonial. Deste modo, “o trabalho, baseado na escravidão, concorria para impedir a absorção da mão-de-obra livre, para quem, aliás, eram poucas as chances de opção, fato que reforçava a dependência desses homens dos grandes e médios senhores da terra.”²³

Neste mesmo sentido, o sistema de colonato também se caracteriza como uma alternativa que vem de encontro com a necessidade de remanejar a mão de obra excedente no continente europeu em direção a outros locais e objetivo por parte do governo brasileiro de ocupar e proteger suas terras, visto que

tratava-se de resguardar as fronteiras do Império com a vinda também de mercenários face às ambições dos povos platinos. Foi o que permitiu maior autonomia até mesmo na demarcação dos assentamentos com o “habitat em fileira” para as linhas, cujo povoamento origina-se das regiões montanhosas do leste da Alemanha no final da Idade Média. Ainda que tal povoamento não tenha sido espontâneo, foi nas terras distribuídas pela administração brasileira que o colono inovou, culturalmente com o tipo de povoamento, na construção da casa com técnica de enxaimel.²⁴

²¹ LANZA, André Luiz; LAMOUNIER, Maria Lucia. A América Latina como destino dos imigrantes: Brasil e Argentina (1870-1930). **Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 14, n. 26, p. 90-107, 2015, p. 91-92.

²² DOMINGUES, Heloisa; SÁ, Magali; GLICK, Thomas: **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 254.

²³ GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. A lei de terras (1850) e a abolição da escravidão: capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX. **Revista de História**, n. 120, p. 153-162, 1989, p. 156.

²⁴ ROCHE, Jean. “A Enxaimagem dos Pioneiros” In: **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**, Tradução de Emery Ruas, Prefácio de René Poirier, Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 209-210.

Em contrapartida, no continente europeu estavam ocorrendo processos intensos que acabaram por induzir estas migrações. A Alemanha, quando os primeiros imigrantes embarcam rumo ao Brasil, ainda não possuía caráter de Estado, afinal “seu processo de unificação só foi concluído em 1871, onde politicamente e administrativamente, adquiriu status de um Estado-nação, e o rei Guilherme I da Prússia foi proclamado Imperador Alemão pelos outros príncipes alemães e Otto von Bismarck presidiu a nova organização política como chanceler imperial (1871-1890).”²⁵

A Segunda Revolução Industrial estava se espalhando por outras partes do mundo e, na Europa, a mudança ocorria principalmente na Alemanha (não unificada), na França, na Bélgica, na Itália e na Holanda. Neste contexto, a Revolução Industrial no século XIX garantiu

a expansão do capitalismo, sendo a passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista, com formação de grandes empresas e a fusão do capital bancário com o capital industrial. Dá-se continuidade ao progresso técnico-científico, possibilitando o surgimento e o desenvolvimento de novas máquinas, utilização do aço, do petróleo e da eletricidade, evolução dos meios de transportes e expansão dos meios de comunicação, desenvolvimento das indústrias siderúrgicas e metalúrgicas.²⁶

Essa mão de obra vinha do campo, campo esse que foi ficando cada vez mais restrito e onde o produtor rural foi sendo empurrado e realocado para as cidades, acabando por aumentar a pobreza e mudar a estrutura social, uma vez que

no cenário europeu, o chamado movimento de hortas urbanas teve seu ímpeto no século XIX, quando os trabalhadores rurais se dirigem para as cidades industriais, onde passam a viver em condições bastante precárias em decorrência do alto custo de vida, e sua existência foi, durante muito, tempo um repositório de ideias sobre reforma social, melhoria higiênica e mobilidade de classe.²⁷

Estas pessoas, expulsas de suas propriedades, acabaram vindo na migração uma forma de recomeçar suas vidas e de reescrever suas histórias longe do caos que

²⁵ MALTZAHN, Paulo César et al. **A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em História Cultural. 2011. p. 50.

²⁶ SILVA, José Adailton Barroso et al. Uma breve história sobre o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 2, n. 3, p. 125-137, 2015. p. 130.

²⁷ LIMA, Angela Bernadete. A trajetória histórica dos espaços de cultivo urbano na Alemanha: Interações e embates entre a urbanização e a natureza (do séc. XIX ao XX). **História Unicap**, v. 6, n. 12, p. 274-291, 2019. p. 276.

estava se apresentando em sua terra natal, visto que, na Europa, o intenso progresso técnico na indústria e, posteriormente, na agricultura, “mesmo com a tendência de desaceleração do crescimento vegetativo da população, contribui para gerar um excedente demográfico não absorvido pela economia que foi exportado para as nações ascendentes.”²⁸

Seja como for, a vinda dessas pessoas acabou por mudar os rumos da história do Brasil, em diferentes aspectos, e indubitavelmente a cultura trazida por esses europeus, em especial as levas de imigrantes provenientes de uma Alemanha ainda em formação fez com que a uma nova cultura, heterogênea e viva, surgisse.

2.1 MOTIVOS QUE LEVAM A IMIGRAÇÃO

O século XIX se caracterizou como um século de intensas mudanças culturais, políticas, sociais e científicas. O mundo moderno atingiu seu ápice com o surgimento da Belle Époque, na França, dos nacionalismos, na Europa como um todo, do capitalismo financeiro, que acirrou as disputas entre burguesia e proletariado e da teoria evolucionista, que mudou radicalmente o modo de pensar da sociedade moderna. Sendo assim

no século XIX o mundo havia mudado radicalmente, como nunca antes na história da humanidade. Os fatores de produção haviam mudado, a produção em massa era o padrão e os países europeus que se industrializaram primeiramente, assim como os Estados Unidos da América, detinham a grande produção industrial de produtos úteis ao homem, ou seja, conseguiam produzir objetos que tinham valor em si mesmos, dadas as suas características.²⁹

Entretanto, nem tudo era tão bucólico e admirável para a população europeia, já que nesta transição de costumes e valores, muitos acabaram sendo excluídos. Foi o caso dos camponeses, em particular os que viviam na Alemanha, que tinham a idealização de novas oportunidades para além do Atlântico, já que para muitos

²⁸ BRITO, Fausto. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 12, n. 1/2, p. 21-34, 1995. p. 23.

²⁹ MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. A mudança do paradigma econômico, a Revolução Industrial e a posituação do Direito do Trabalho. **Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania**, v. 3, n. 1-2012, 2012. p. 14.

imigrar para o sul do Brasil era uma das possibilidades entre tantas, apresentada aos imigrantes alemães em potencial, nos séculos XIX e XX. Famílias, indivíduos, camponeses e cidadãos deixavam sua heimat [terra natal], na expectativa de encontrar uma nova heimat, idealizada e representada pela propaganda que circulava nas conversas do cotidiano, em panfletos, jornais, impressos e imagens³⁰.

Um ponto crucial que também precisa ser esclarecido é que nem todos os migrantes alemães tinham experiência e prática com o uso da terra, visto serem provenientes de diferentes locais da Alemanha, o que nos faz compreender que,

a diversidade existente entre os grupos de imigrantes, explicada pelo fato de estes não terem a mesma procedência regional e, consequentemente, não possuírem a mesma herança sociocultural, era por vezes muito acentuada, capaz de levar os alemães a julgarem a si próprios estrangeiros.³¹

Milhares de pessoas acabaram passando por uma situação extremamente difícil, perderam seu vínculo com a terra e com o trabalho, e poucas foram as oportunidades oferecidas em sua terra natal, uma vez que

na época das primeiras migrações para o Brasil, na já longínqua década de 1820, os camponeses alemães experimentavam significativas mudanças em suas relações com a terra arável e florestal. Não obstante, novos e velhos processos se incluíam e formavam no meio rural uma verdadeira e irresistível era de transição. Reflexos da história agrária do século XVIII – profundamente identificados com as realidades do Antigo Regime – dialogavam com as inovações técnicas, jurídicas e sociais advindas da recepção e desenvolvimento do iluminismo e liberalismo na Alemanha.³²

Ao mesmo tempo em que parte da população da Europa se encontrava em grande penúria, o governo imperial brasileiro já traçava estratégias para trazer mão de obra livre proveniente da Europa, uma vez que a escravidão de africanos já não era mais tão rentável e nada bem vista por outros países progressistas. Outrossim, as teorias evolucionistas da época também corroboraram para isso, como afirma Rafael Figueiredo Fulgêncio

a solução encontrada para lidar com o problema do excesso de sangue negro e da carência de civilização da população brasileira foi a implantação de uma política de incentivo à imigração, que objetivava atrair o maior número de indivíduos europeus da raça branca, que, mediante a mistura com o nacional, daria ensejo à criação de um povo de qualidade biológica – e, consequentemente, cultural e laborativa – superior.³³

³⁰ NEUMANN, Rosane Marcia. O espaço colonial no olhar do imigrante: expectativa e realidade. **Encontro Estadual de História ANPUH RS**, v. 14. 2018, p. 2.

³¹ SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, v. 7, 2001. p. 2.

³² RELLY, Eduardo. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, 2020. p. 3.

³³ FULGÊNCIO, Rafael Figueiredo. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a “Questão Chinesa” nos primeiros anos da República. **Revista de informação legislativa**, v. 51, n. 202, p. 203-221, 2014. p. 208.

Também se fazia necessária uma regulamentação do trabalho livre, uma vez que o Brasil ainda era um país escravagista, mas que por questões internacionais se via obrigado a mudar os rumos das relações de trabalho no país, pois

o tratado assinado pelos governos brasileiro e britânico em 1826 e ratificado em 1827 definia justamente para 1830 a interdição do comércio atlântico de africanos escravizados. Portanto, quando o projeto de lei que regulava contratos de trabalho foi apresentado ao Senado e debatido nas duas casas legislativas, as expectativas eram de que o tráfico cessasse a partir de 1830.ⁱ

De outro modo, as campanhas feitas pelo governo brasileiro eram persuasivas, faziam com que esse trabalhador europeu tivesse uma ideia fantástica do mundo que o esperava além do Atlântico. Mais contundentes e realistas do que as propostas do Império brasileiro eram as correspondências de alguns imigrantes que já estavam instalados no Brasil, afinal a carta representou um instrumento de propaganda - ou de dissuasão - inigualável por dois motivos: “a confiança na “veracidade” das informações e a proximidade e vivacidade do relato contido, embora não possamos exagerar o ajustamento entre o relato e o vivido.”³⁴

Com o intuito de buscar novas oportunidades para si e para seus familiares, esses migrantes aceitaram as condições impostas e acabaram se lançando a uma aventura sem precedentes. Tudo era novo, desconhecido diferente, em especial a vegetação onde a floresta virgem, feita de imensos exemplares de “cedros, cabriúvas, angicos e canafístulas, dentre outras milhares de espécies, em meio a emaranhados de cipós e trepadeiras. Tratava-se de uma paisagem ambígua que despertou medo e, ao mesmo tempo, fascínio.”³⁵

Óbvio que é importante lembrar que, diferente de migrantes que vieram anteriormente para o Brasil, os europeus que vieram no século XIX, tiveram aval e incentivo do Império brasileiro, uma vez que “as propostas de 1729 e 1824 atendiam aos interesses governamentais. As conjunturas eram distintas, mas, em ambas, o povoamento estava entre os objetivos necessários à defesa do território”.³⁶

³⁴ SECRETO, Maria Verônica. As Instruções para os Imigrantes no contexto da propaganda da imigração. **Trajetos: Revista de História** UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 5, 2004. p. 32.

³⁵ BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, p. 323-340, 2008. p. 324.

³⁶ PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Imigração alemã e construção do Estado nacional brasileiro: Rio Grande do Sul, século XIX. **Acervo**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2011. p. 165-178, Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/261>. Acesso em: 3 set. 2023. p. 84.

Novas oportunidades, novos rumos ainda desconhecidos esperavam essas pessoas em novo continente, pessoas que abandonaram suas raízes com o intuito de viver uma vida melhor, mas que trouxeram consigo a cultura e a história de seus ancestrais.

2.2 A RELIGIOSIDADE NA ALEMANHA DO SÉCULO XIX

Juntamente com os primeiros imigrantes, vieram suas histórias de vida, suas memórias e sua confessionalidade, que para o imigrante europeu era um dos laços mais fortes que o mantinham ligado aos seus antepassados.

O processo de unificação da Alemanha está intimamente ligado à religião que veio com esse imigrante, de certo modo esta veio ao encontro do nacionalismo crescente neste período, que faz da religião um “cimento “paradoxal para o protonacionalismo, e de fato também para o nacionalismo moderno, que, comumente, a considerou com muita reserva (pelo menos nas suas fases mais militantes) como uma força que poderia desafiar o proclamado monopólio da “nação” diante da lealdade de seus membros”.³⁷

É importante salientar que o protestantismo foi um dos responsáveis pelo processo de unificação da Alemanha no século XIX, tendo raízes muito profundas, raízes ligadas ao surgimento da Igreja Protestante, no século XVI cunhadas pelas mãos de Lutero e Calvino, que já traçaram um perfil de religiosidade, religiosidade esta que mais tarde passaria a ser a marca do povo germânico.

Enquanto Lutero “buscou restabelecer a função divina do Estado novamente”³⁸, Calvino afirmava que existiam dois reinos, um na terra e outro nos céus, segundo ele haviam “dois regimes de governo: poder temporal e reino espiritual. Ambos são

³⁷ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 40.

³⁸ WACHHOLZ, Wilhelm, **História e Teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 152.

criados por Deus, por isso também não são incompatíveis entre si; a liberdade espiritual e a submissão civil não se excluem mutuamente.”³⁹

Lutero e Calvino alicerçaram as bases da Igreja Protestante calcada fortemente nas ideias e pensamentos burgueses da época, que cada vez mais se identificavam com este modo de ser Igreja no período da Modernidade.

Sendo a Prússia o estado líder do Império Alemão até 1918, o protestantismo luterano e reformada acabou tendo forte influência no cenário de um Estado nascente, Estado que unificou a religião através

da cooptação da(s) Igreja(s) pelo Estado, a função bem específica de vigilantes a serviço da monarquia dos Hohenzollern, tendo, em segundo lugar, a tarefa de manterem mediante o exercício ritual do culto público e demais instrumentos das veneráveis formas eclesiais dos Protestantes, a religiosidade e a moralidade⁴⁰.

Obviamente, os imigrantes que desembarcam aqui na primeira metade do século XIX são o reflexo deste processo e trazem consigo as marcas disso, apesar de, no momento em que decidiram vir para a América, o fim do processo de unificação política ainda era algo muito distante.

Na Alemanha do século XIX, existiam diferentes confessionalidades, mas em sua maioria o catolicismo e o protestantismo, com suas nuances, eram os mais comuns entre a população. Em especial o protestantismo, que cresceu entre os habitantes da Germânia a partir do século XVI, mas que adquiriu ressignificações a partir do século por influência das ideias iluministas. Por isso, pode se afirmar que o protestantismo trazido pelos primeiros imigrantes foi uma mescla destas duas vertentes, já que tem como “principais designações o Pietismo e a Ilustração que são duas faces da mesma moeda, cunhada para caracterizar um novo período da história do cristianismo no Ocidente, no qual também se convencionou chamar de Modernidade.”⁴¹

Esse protestantismo possui várias ramificações devido ao processo político e geográfico que a região da Germânia viveu entre os séculos XVII até o XIX, gerando

³⁹ WACHHOLZ, 2010, p. 157.

⁴⁰ TESCHE, Sílvia, **Vestes Litúrgicas**. Elementos de prodigabilidade ou elementos de dominação: as vestes paramentais na Reforma Luterana do século XVI e na e na Reforma Prussiana do século XIX, dissertação de mestrado, São Leopoldo, 1992. p. 147.

⁴¹ DREHER, Martin N. **A Religião de Jacobina**. São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 54.

diferentes vertentes que foram incorporadas às famílias e professadas por elas. Por vezes, devido a influência do Estado, nem todos aceitaram essa imposição o que provocou revoltas e grande repressão onde

se de um lado, a União Prussiana representou um grande e importante desafio para as igrejas buscarem o que tinham em comum, de outro lado, ela também provocou distanciamentos, particularmente no contexto, que influenciado pelo romantismo e seu caráter restaurativo e pelo próprio Movimento de Reavivamento, voltava a enfatizar o próprio confessionalismo⁴².

Com a vinda para a América, mais especificamente para a região sul do Brasil, o modo de viver sua religiosidade também precisou ser repensado, já que a Constituição brasileira de 1824 proibia a existência de outras religiões além da católica, o que acabou tornando a prática do protestantismo ilegal, uma vez que a Carta Constitucional de 1824 “instituiu o catolicismo como religião oficial do Estado brasileiro logo no início de sua independência. A legitimidade do período monárquico estava relacionada com a união entre o Estado e a Igreja Católica para maior estabilidade na organização social.”⁴³

Mesmo assim, a vinda da mão de obra europeia é o objetivo maior e neste caso, mesmo que sua confessionalidade seja diferente da permitida oficialmente no país, já que a maioria dos imigrantes era proveniente de regiões majoritariamente protestantes. Portanto, “as propostas de 1729 e 1824 atendiam a interesses governamentais. As conjunturas eram distintas, mas, em ambas, o povoamento estava entre os objetivos necessários à defesa do território.”⁴⁴

Trazendo consigo seus corações cheios de esperança e medos, a religião foi sem dúvida um porto seguro que os imigrantes tinham para recomeçar suas vidas longe da Europa, pois acreditar na presença de Deus e em sua infinita bondade, tornou a viagem até a América e o estabelecimento nesse território desconhecido um pouco menos sofrível.

⁴² WACHHOLZ, Wilhem, Luterano? Reformado? Unido? Evangélico! Aspectos históricos e teológicos da União Prussiana. In: **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais**; anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterano. São Leopoldo: EST, 2004. p. 103.

⁴³ SIQUEIRA, Neusa Valadares; DE SOUZA GONÇALVES, Ailton. O casamento nas constituições de 1824 e 1891, na disputa entre o poder civil e o eclesiástico. **Revista Ciências da Religião-História e Sociedade**, v. 11, n. 2, 2013. p. 141.

⁴⁴ PICCOLO, 2011, p. 86.

2.2 CHEGADA E ESTABELECIMENTO NA AMÉRICA

Passada a longa viagem, a instalação não foi tão rápida e fácil como muitos almejavam. Os imigrantes demoraram para chegar ao destino final, passaram dias e dias até chegar em um entreposto e posteriormente a seu destino final, destino esse que precisava ser conhecido e desbravado, uma vez tudo aqui era mata virgem,

por certo, o que mais surpreendeu os colonos quando tomaram posse de seus lotes no interior da fronteira verde, representada por essa massa de vegetação, foi o tamanho das árvores, o grande número de espécies, as distintas dinâmicas ecológicas de crescimento, de sucessão e de clímax, o tipo de solo e as pragas, para citar apenas alguns exemplos.⁴⁵

A adaptação ao clima e aos costumes dos povos que já viviam aqui também não foi algo simples, afinal tudo era novo e estranho. Desde a língua até a alimentação, tudo era diferente e desconhecido, o que, por vezes, corroborou para o isolamento dessas comunidades, como afirma Achiame:

os colonos europeus possuíam uma língua, uma culinária, uma tradição e uma história diferenciada. Não apresentavam nenhum laço de identidade com a cultura aqui já estabelecida e possuíam uma dificuldade de comunicação, por falarem uma língua distinta. Essas dificuldades culturais geravam um afastamento destas culturas e um isolamento dos colonos em suas comunidades.⁴⁶

Muitos foram os percalços encontrados, muitos foram os embates culturais ocorridos, diversas foram as incertezas enfrentadas por essas famílias pioneiras, que fizeram do seu cotidiano e de seu conhecimento

a experiência e o cotidiano são o palco de acontecimentos da história destas mulheres, que são alemãs e se tornaram imigrantes, que vieram ao sul do Brasil no século XIX. Aqui encontraram não somente outras mulheres de seu pertencimento étnico-cultural, como também foram mulheres que, no ir e vir de seu cotidiano, fundaram experiências e vivências que se constituem hoje como integrantes da identidade teuto-brasileira.⁴⁷

Aos poucos as comunidades foram se estabelecendo, mas nunca de maneira solitária, pois foram formando redes de apoio junto à vizinhos e parentes que moravam próximos, com a intenção de se fortalecerem e de preservarem aquilo que veio junto com eles e que não pode ser mensurado até por que

⁴⁵ BUBLITZ, 2008. p. 326.

⁴⁶ ACHIAME, Marcela Bourguignon. Imigração alemã no Espírito Santo: cultura alimentar como signo identitário. **Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST**, Vitória, UFES, 2017. p. 5.

⁴⁷ GIERUS, Renate et al. **Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas.** Tese de Doutorado. São Leopoldo, 2006. p. 23.

no contexto histórico, os imigrantes trouxeram de suas origens europeias, a bagagem cultural, as práticas da ajuda mútua, o trabalho associativo e as atividades familiares, além do gosto pelo trabalho comunitário. Partindo desses princípios, fortaleceram as práticas da cooperação, difundidas no sul do Brasil a partir do século XIX.⁴⁸

Deste modo, aquilo que aprenderam com seus antepassados e que jamais poderá ser tirado deles, a cultura e a memória de sua terra natal, se torna elemento fundamental para a construção de novas memórias em um novo espaço, ressignificando e transformando a cultura dessas comunidades.

A forma mais comum de organização eram as picadas, baseadas em núcleos familiares que vivem daquilo que produzem e se estabelecem como autossuficientes. Foi dentro deste modo de produção e sobrevivência que, além viver e conviver, as pessoas também criam as suas memórias. Afinal a cultura dos colonos teuto-brasileiros concebe a família em diversos sentidos: “como um grupo doméstico; como uma unidade constituída pelo casamento e pelos filhos dele decorrentes; como uma unidade colonial (o grupo doméstico mais as terras que trabalha); e, em sentido mais amplo, como uma descendência.”⁴⁹

Essas organizações deram a base para o surgimento das primeiras comunidades onde a ocupação do espaço na zona “colonial” deu-se através da criação de núcleos populacionais contando, em geral, “entre 80 e 130 famílias, distribuídas em pequenas propriedades rurais com área de 25 a 50 hectares e localizadas ao longo de estradas chamadas “linhas”, “travessões” ou “picadas”. O lote colonial, cuja exploração envolvia toda a família, era a unidade produtiva fundamental.”⁵⁰

Dentro destas comunidades, a religiosidade brotava como algo pulsante, uma vez que era através de sua ligação com Deus e com sua Palavra, que as primeiras famílias imigrantes construíram sua nova identidade e junto com uma sensação de pertencimento pois, muitas vezes, “o lugar da religião se transformava simbólica e espacialmente em escola, cemitério, sindicato, ponto de resolução de conflitos tanto

⁴⁸ ETGES, Virginia Elisabeta; KARNOPP, Erica. A agroindústria familiar no contexto do sistema agrário colonial no Sul do Brasil. *Redes. Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 25, n. 1, p. 268-283, 2020, p. 276

⁴⁹ WOORTMANN, Ellen F. A árvore da memória. *Anuário Antropológico*, v. 17, n. 1, p. 113-131, 1993, p. 115.

⁵⁰ SEIDL, Ernesto. Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrante”. *Pensamento Plural*, n. 3, p. 77-104, 2014. p. 80.

peçoais quanto coletivos e ainda demarcava com a sua presença o modo como o migrante se representava diante da sociedade local”⁵¹.

Desse modo, a religião auxiliava na organização de uma comunidade que estava nascendo, afinal as colônias "estrangeiras tomaram para si a tarefa de construir “suas escolas, hospitais, igrejas, contratar professores e médicos, providenciar padres e pastores da mesma origem dos colonos, seja por falta de recursos ou mesmo por descaso do governo nos provinciais, que pouco se preocuparam com suas obrigações a esse nível.”⁵² Ou seja, a organização dessas comunidades sanava as dificuldades que deveriam ser resolvidas pelo Estado brasileiro.

Tendo como principal preceito a manutenção e o fortalecimento de sua religiosidade, as colônias alemãs também têm como ponto crucial a conservação de sua cultura, uma vez que,

no caso dos imigrantes de origem alemã, também é estabelecida uma relação entre escola, igreja e língua alemã. Tanto o ensino como os ofícios religiosos eram realizados em língua alemã. A ligação entre os valores étnicos e religiosos é particularmente forte no caso da igreja evangélica (luterana), na qual a germanidade e o evangelho se unem para reafirmar a “índole alemã” da congregação.⁵³

Deste modo a língua e a religião constituíram a base forte para o crescimento e desenvolvimento dessas comunidades, fazendo destas um local onde o que foi trazido da Europa na primeira metade do século XIX com os primeiros imigrantes de algum modo fosse, mesmo que parcialmente, conservado.

Ao longo dos anos as colônias foram crescendo, se estabelecendo e tornando-se grandes polos comerciais que abasteceram a região e seu entorno, como foi o caso do

rápido crescimento da colônia de São Leopoldo foi considerado por algumas autoridades imperiais como prova da prosperidade do empreendimento colonial, por outro lado, ele também se tornou motivo de preocupação com a concentração de alemães na colônia e com a necessidade de providenciar novas terras. No final dos anos 40, discutia-se na Assembleia Provincial o

⁵¹ BAHIA, Joana D.'Arc do Valle. Religião e as fronteiras migratórias. **Revista Acadêmica Licenciatura**, v. 5, n. 2, p. 44-57, 2017. p. 45.

⁵² SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). **Revista de Antropologia**, p. 57-71, 1986. p. 58.

⁵³ SEYFERTH, 1986, p. 63.

uso das terras devolutas para fins de colonização e a necessidade de impedir a concentração dos alemães em São Leopoldo.⁵⁴

A partir do início do século XX, com o nascimento da identidade teuto-brasileira, a relação entre os descendentes de imigrantes alemães e a nova pátria passa a ficar cada vez mais estreita, uma vez que neste período o sentimento de pertencimento aos antepassados se intensifica, pois, nesse caso, “estudando a colonização na perspectiva da assimilação/aculturação, olhando para as mudanças decorrentes da inserção na sociedade nacional, alguns autores se depararam com a persistência dos sistemas culturais produzidos por diferentes grupos de imigrantes”.⁵⁵

Com o advento de um novo século e com a criação de uma identidade mais “abrasileirada”, o imigrante passou reconhecido como parte do país que o adotou, agora seus descendentes fortaleceram seus laços com o Estado brasileiro e passaram, juntamente com o restante da população, pelo processo de urbanização, que garantiu a ascensão social deste grupo.

2.3 PROCESSO DE URBANIZAÇÃO EM ÁREAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Com a chegada do século XX vieram novas configurações nas áreas colonizadas por famílias alemãs na região sul do país. É fundamental também salientar que no mesmo período do século XIX outras etnias vieram para essa região e assim como os alemães, ocuparam regiões estratégicas para o Império Brasileiro

nas primeiras décadas do século XIX, o movimento começou a se diversificar com as experiências de imigração livre dirigida também a não portugueses. Um projeto de colonização agrícola com objetivos de defesa e de povoamento da terra, com base na pequena propriedade de policultura atrai alemães, italianos e outros estrangeiros para o sul do país.⁵⁶

As ondas migratórias ocorridas durante o século XIX trazem consigo características únicas, com intenções bem específicas de ocupar os territórios no sul

⁵⁴ RÜCKERT, Fabiano Quadros. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 10, 2013. p. 209.

⁵⁵ SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 13-39, 2012. p. 19.

⁵⁶ PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa–Migrações**, v. 3, n. 24, p. 65-96, 2011. p. 69.

do país e, além de fomentar o crescimento agrícola da região, também tinha o intuito de evitar a tomada de território pelos demais países do entorno. Já na região sudeste “a mão de obra formada por migrantes se dirige à cafeicultura do Oeste Paulista, outros foram canalizados para obra de infraestrutura urbana e na construção de caminhos e estradas.”⁵⁷ Essa mão de obra foi parte importante também do processo de urbanização ocorrido no Brasil entre o final do século XIX e começo do século XX.

Com a mudança de século houve também uma mudança significativa nas colônias do sul do Brasil, mas esta mudança foi ocorrendo de maneira gradativa, a medida em que o processo de urbanização foi acontecendo, lembrando que

o processo de urbanização, nesse sentido, caracteriza-se pelo período em que a população da cidade cresce mais que o meio rural. Esses conceitos são essenciais para que possamos refletir sobre as características de um complexo processo histórico, que caracterizou a urbanização brasileira. Entretanto, faz-se necessário problematizar a urbanização do Brasil, observando o conjunto complexo de fatores sociais, políticos e econômicos envolvidos.⁵⁸

As áreas colonizadas por famílias europeias tiveram uma guinada com a chegada da República, uma vez que esse novo sistema de governo permitiu aos descendentes dos migrantes provenientes da Alemanha e de outros locais da Europa uma ascensão social e política, sendo assim

além da nova postura governamental, os núcleos coloniais mais antigos já haviam obtido sua independência administrativa, política e jurídica (isto é, transformaram-se em municípios e comarcas), e alguns deles se encontravam em rápido processo de urbanização e de desenvolvimento industrial. A consequência mais significativa do desenvolvimento econômico das antigas colônias, em termos étnicos, foi a quebra do isolamento.⁵⁹

Essas áreas passam por um crescimento intenso e significativo que acabam por promover esse processo de urbanização e emancipação em um país agora republicano.

É importante evidenciar que o mundo rural, a industrialização e a urbanização acabam se complementando e se interligando uma vez que o desenvolvimento econômico, em seu aspecto mais elementar, pode, pois, ser concebido como “resultado da “irradiação” pelo complexo rural de uma indústria após outra e da criação de “indústrias” novas, que são fruto da divisão do trabalho, porque correspondem a

⁵⁷ PATARRA, 2011, p. 69.

⁵⁸ PACHECO, Maria Eliza Corrêa, FERRAZ Neto, Altair, FERREIRA, Leonardo Antonio Silvano. **Sociologia rural e urbana**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. p. 108.

⁵⁹ SEYFERTH, 1986, p. 59.

necessidades que só surgem com essa divisão, a saber, especialmente, o comércio e os transportes.”⁶⁰

A relação entre a imigração e industrialização é algo notável, afinal em colônias estabelecidas a partir do século XIX isso está ligado com a forma como a economia dessas localidades girava. Na maioria dos casos, essas colônias abasteciam as grandes cidades e também acabaram se tornando importantes centros urbanos. Como os habitantes das colônias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, vindo de comunidades europeias que estavam se articulando cada vez mais com “mercados urbanos, ele não se contenta com as “magras” possibilidades de consumo da economia natural e, bem antes de 1888, coloca os alicerces duma economia mercantil.”⁶¹ Economia mercantil que deu possibilidades de crescimento econômico e urbano.

O processo de urbanização, em especial na região metropolitana de Porto Alegre e na região do Vale dos Sinos, lugares com forte influência germânica, possuem características muito próprias, influenciadas pela imigração de modo geral, afinal os povoados que se formaram nas áreas coloniais concentram, na prática, “atividades tradicionais da aldeia camponesa, mas a unidade econômica social básica do sistema não é o povoado, nem mesmo as vilas ou cidades maiores que se desenvolveram a partir dos núcleos coloniais mais significativos.”⁶²

Desta maneira, as comunidades rurais vão crescendo e, com a influência da prática comercial desempenhadas pelos moradores dessas colônias, acabam por se tornar vilas e mais tarde, cidades.

A região do Vale dos Sinos, fortemente influenciada pela imigração alemã, teve seu processo de urbanização intensificado entre o final do século XIX e início do século XX, onde no decorrer do século XIX se estruturou uma rede produtiva entre a zona rural e a cidade. Na área urbana instalou-se um “próspero comércio que se dava pelas estradas, pelo Rio dos Sinos e, depois, pela primeira ferrovia do Estado que

⁶⁰ RANGEL, Ignácio M., “Desenvolvimento e projeto”, **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas** (da Universidade de Minas Gerais), 1956, ano 5, nº. 9, pp. 65-173. p. 73.

⁶¹ LOPES, JRB. Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, 2008. 233 p. ISBN: 978-85-99662-82- 3. Available from SciELO Books. p. 18.

⁶² VANDERLINDE, Tarcísio. Imigração alemã e campesinato no Sul do Brasil: uma discussão preambular. **Varia Scientia**, v. 5, n. 9, p. 189-201, 2005. p. 195.

ligava Porto Alegre a São Leopoldo (1874), em seguida prolongada até Novo Hamburgo (1876), Taquara (1903) e Canela (1924).”⁶³

Mas a verdadeira guinada no processo de urbanização ocorreu a partir de 1950, quando “ganha força um processo ligado ao contexto de transformações capitalistas em curso nos espaços rurais brasileiros visando à transformação da agricultura tradicional, modificando as técnicas de trabalho e a produção do produtor rural.”⁶⁴ Com isso a produção rural praticada nas antigas colônias já não era tão fundamental, mais sim o comércio e principalmente a industrialização.

O comércio que impulsionou esse crescimento urbano está intimamente ligado ao estabelecimento destas colônias na região, uma vez que os imigrantes criaram um universo próprio que se desenvolveu a partir da agricultura e do artesanato e que possibilitou o crescimento das ligações comerciais onde as trocas comerciais decorrentes desse processo deram origem ao comerciante alemão que acumularia capitais advindos da produção colonial. O isolamento das colônias “criou condições adequadas para que um grupo de comerciantes pudesse deslocar os excedentes para a capital da Província, tirando proveito da situação por possuir meios adequados de transporte.”⁶⁵

Como as colônias eram autossuficientes e se desenvolveram de forma autóctone, o processo de industrialização ocorreu como uma extensão da própria colônia, uma vez que mostra que os comerciantes constituíram a “única classe que enriqueceu nas colônias, e as indústrias puderam ser implantadas por meio do capital acumulado por eles (denominados “vendeiros”) em transações que envolviam a compra dos excedentes produzidos pelos colonos.”⁶⁶

Juntamente com o crescimento urbano e econômico ocorreu a ascensão dos descendentes de imigrantes alemães e, com isso, também o crescimento populacional, o que acabou ocasionando a diferenciação de classes, já que a progressiva hegemonia do capital comercial em São Leopoldo criou um “fluxo

⁶³ MÜLLER, Alex Juárez. As origens da cidade moderna da República Velha no Vale dos Sinos. **Anais do encontro Ephís: Primeiro Encontro de Pesquisas Históricas**, Porto Alegre, PUCRS, 27 a 29 de maio de 2014. p. 1350-1365, 2014. p. 4.

⁶⁴ BRANDT, Marlon. Agricultura e urbanização na paisagem do município de São José-SC (Séculos XVIII a XX). **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 23, p. 7-20, 2014. p. 16.

⁶⁵ KUHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002. p. 91.

⁶⁶ SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, v. 5, p. 61-88, 1999. p. 68.

econômico que, se por um lado acentuou as desigualdades sociais na região, por outro, criou condições para que ocorresse um crescimento populacional que impulsionasse a ocupação de novas áreas”.⁶⁷

Além do comércio, a indústria ou proto-indústria, também acabou se desenvolvendo e criando mais uma frente de negócio dentro do espaço que se iniciou através da colônia. Essas indústrias foram instaladas na periferia das vilas e recrutaram a mão de obra necessária entre os colonos. A rigor, a denominação de *Stadtplatz*⁶⁸ apontava, “principalmente, para certas funções urbanas mais do que para a condição de cidade.”⁶⁹

Nessa nova maneira de organizar o espaço urbano, os descendentes alemães passam a se intitular de teuto-brasileiros, termo cunhado como designação genérica que se atribui aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães que colonizaram, a partir do século XIX, “os espaços destinados pelo Governo brasileiro ou por empresários particulares para sua ocupação sistemática, sobretudo nos Estados do Sul.”⁷⁰ A partir desta auto imagem o descendente de imigrante começa a se sentir parte importante deste local e, inclusive, acaba sendo responsável direto pela emancipação de cidades que estão nascendo.

A cultura e a religiosidade se tornaram o mote para organizar e impulsionar o crescimento destas comunidades criadas a partir do século XIX, pois as primeiras famílias de imigrantes construíram igrejas, escolas e pequenos comércios, afinal de contas, “o isolamento a que os colonos foram submetidos reforçou a criação de um sentimento étnico, cultural e religioso próprio. O reforço desse sentimento está vinculado à ausência de direitos políticos por parte dos colonos que aqui chegaram durante o século XIX.”⁷¹

⁶⁷ VITAL JUNIOR, Raul Rebello . Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: políticas de Estado, etnicidade e transição. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (orgs.). **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. p. 159-180. p. 177.

⁶⁸ Em livre tradução essa expressão significa “praça da cidade”. A expressão irá designar os locais da cidade que são responsáveis por cada setor econômico e social e era usada em algumas colônias na região sul do país. (nota da autora)

⁶⁹ SEYFERTH, 1999, p. 71.

⁷⁰ VOIGT, André Fabiano. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. **Espaço Plural**, v. 9, n. 19, p. 75-81, 2008. p. 75.

⁷¹ VITAL JUNIOR, 2011, p. 168.

A partir desse isolamento forçado, esses imigrantes acabam construindo um “mundo próprio” que girava em torno daquilo que produziam e das vivências e memórias trazidas de seus antepassados.

Sob essa perspectiva surgem novos lugares ocupados pelos descendentes de alemães nessas cidades. Também novos locais de entretenimento surgem, como clubes de tiro e sociedades ginásticas e de canto, onde a tendência das famílias de imigrantes europeus radicados no sul do Brasil era viver em comunidade e formar associações e que, além destas, “existiam outras manifestações culturais como os grupos de canto, os teatrais, e aqueles que divulgavam o lazer, a cultura, o entretenimento entre os imigrantes.”⁷²

Diante disso, as mulheres, imigrantes e descendentes, também possuem seu lugar de fala, muitas vezes invisibilizado, mas que precisa com urgência ser revisto e reavivado, para que se deem a elas a devida importância, por vezes esquecida ou menosprezada, no processo de ocupação e de permanência da colonização alemã no sul do Brasil.

2.4 MULHERES IMIGRANTES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COLONIZAÇÃO

Durante todo o processo de adaptação e permanência dos imigrantes alemães no sul do Brasil, a fixação da cultura neste novo espaço foi fundamental, uma vez que

os imigrantes, sem respaldo público, construíram as suas comunidades e nelas constituíram a sua identidade de forma muitas vezes isolada, conservando uma bagagem cultural e elementos identitários que não se

⁷² PEDRINI, Dalila Maria; MARTINS, Ana Paula. As relações entre mulheres e homens no associativismo civil em Blumenau. In: SHERER-WARREN, Ilse; CHAVES, Iara Maria (orgs.) **Associativismo civil em Santa Catarina**: trajetória e tendências. Florianópolis: Insular, 2004. p. 87-101. p.95.

apagam de uma hora para outra, e estes são repassados para as próximas gerações.⁷³

É necessário destacar que as mulheres tiveram uma importância crucial na manutenção de parte desta cultura, porém, seja pelo fato de ser mulher ou de ser base fundamental da construção da colônia, a mulher ao mesmo tempo que era responsável pela plantação, também era responsável pelo cuidado e a preservação da família. Baseando-se nesta premissa, as imigrantes alemãs, trabalhadoras no campo e fundamentais na construção desta identidade, precisaram adaptar-se a este trabalho juntamente com a tarefa de ser mãe. Diferentes relatos demonstram isso, como este, por exemplo:

no princípio da colonização, os imigrantes se ocupavam com o trabalho nas lavouras, aonde, muitas vezes, ia toda a família, mesmo crianças pequenas. As mulheres faziam um tipo de abrigo com quatro varetas cravadas no chão, que nas pontas tinham um pequeno galho com formato de “V”, chamado de “forquilhas”. Essas varetas serviam de suporte para galhos com folhas, que se tornava um abrigo para as crianças pequenas e para as pessoas realizarem suas refeições durante o trabalho na roça. Nos períodos de preparo dos roçados, os colonos tomavam um café da manhã reforçado, pois sabiam que levaria bastante tempo para ocorrer a próxima refeição.⁷⁴

Juntamente com suas famílias, trabalhavam nas picadas⁷⁵, junto com seus pais e esposos, faziam o trabalho duro da lavoura, abriram caminho para que houvesse possibilidade de crescimento e pertencimento no novo espaço que estava em construção. Por isso mesmo, “para o imigrante/migrante a picada se constituiu em sua casa, seu destino nas matas do Brasil meridional.”⁷⁶

Essas mulheres foram responsáveis pelo elo que ligava a sua terra natal, do qual eram provenientes, com a nova terra, espaço desconhecido e que ainda estava por ser descoberto. Desse modo, as mulheres foram fundamentais para o processo de crescimento e desenvolvimento da colônia, porém o protagonismo das mulheres surge apenas em estudos recentes sobre o tema, uma vez que há um consenso entre os estudiosos mais recentes da imigração alemã de que “a mulher nessa região

⁷³ FRIEDRICH, Fabiana Helma; WITTER, Nikelen Acosta. A adaptação da culinária dos imigrantes alemães (Rio Grande do Sul: 1850-1930). **Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas**, v. 13, n. 1, p. 69-83, 2012. p. 7

⁷⁴ FRIEDRICH E WITTER, 2012, p. 81.

⁷⁵ “A divisão da terra em lotes coloniais reconfigurou a ocupação do território a partir da distribuição de pequenas propriedades, geralmente distribuídos ao longo das “picadas” JÚNIOR, Jorge Luís. **Sob o Königsberg: paisagem e patrimônio cultural da antiga Colônia Alemã de São Leopoldo**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 2019. p. 49-50.

⁷⁶ RELLY, Eduardo. Construindo a “Picada”: colonização florestal, capital social e obrigações comunitárias em Picada Felipe Essig, Travesseiro/RS. **Revista Ágora**. Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 01, p. 112-123, jan./jun. 2018. p. 114.

ocupava, especialmente nos primeiros tempos, uma posição de destaque, mesmo que oficialmente o papel principal coubesse aos homens.”⁷⁷

Além disso, trabalhavam na casa, pois todo o funcionamento do lar dependia das mãos femininas, de mães e filhas, que desde a mais tenra idade desempenhavam esse papel, uma vez que

a mulher é orientada para aprimorar tudo que se relaciona à habilidade manual, o que explicita delicadeza, sem que haja um vínculo direto com ganho econômico (fazer almoço, lavar roupa, fazer limpeza, cuidar dos filhos), enquanto o homem é levado a exercitar e desenvolver a musculatura de todo o corpo, exercendo atividades como colher soja, lavrar, erguer peso, tratar de porcos, domar animais, contrastando com a delicadeza, qualidade permitida somente à mulher.⁷⁸

Foi através do trabalho intenso dessas mulheres, que por muito tempo foram invisibilizadas, que a colônia cresceu, sustentada e representada pela figura feminina, mesmo que esta não seja considerada o agente fundamental na construção do espaço da colônia, porém

são as mulheres as responsáveis pelo cuidado individual no cotidiano da família. As meninas, mesmo crianças, são lentamente iniciadas no cuidado quando aprendem a preparar os alimentos, a cumprir os diferentes rituais de limpeza da casa, do pátio, a plantar hortaliças e flores. A característica da mulher cuidadora vai sendo ensinada pela avó, mãe ou responsável (madrinha, tia), de forma muito peculiar.⁷⁹

Mas não só de trabalho viviam, também de formas de entretenimento, como a vida em comunidade religiosa e reuniões de família e de vizinhos. Estes momentos caracterizam um pouco de alento no contexto do trabalho árduo vivenciado no dia a dia, afinal “nas colônias alemãs, entre as associações com fins recreativos e culturais, destacavam-se as sociedades de canto, de ginástica e de tiro.”⁸⁰

Foram elas, essas mulheres, que acabaram formando e fortalecendo laços nessas novas terras, principalmente quando nos referimos às questões religiosas, pois uma das organizações mais respeitadas da Igreja Protestante Luterana, a Ordem

⁷⁷ MEYRER, Marlise Regina; GEVHER, Daniel. E elas ainda tinham filhos!?: mulheres e trabalho na antiga colônia alemã de São Leopoldo (final do século XIX e início do século XX). **História das mulheres no Brasil Meridional**. 2. ed. [E-book]. / Organizadores: Ana Silvia Volpi Scott, José Carlos da Silva Cardozo e Jonathan Fachini da Silva. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2022. p. 283.

⁷⁸ HECK, Rita Maria et al. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 129-151, 2002, p. 133.

⁷⁹ HECK, 2002, p. 142.

⁸⁰ MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã: trabalho e vida. In: PIETRAFESA DE GODOY, Emilia et al. Diversidade do campesinato Expressões e categorias. **Coleção História Social do Campesinato no Brasil**, 2009. p. 175.

Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), possui uma ligação muito próxima com essas mulheres, mães e filhas que, ao professarem sua fé, também auxiliavam, e ainda auxiliam, a comunidade onde estão inseridas. A OASE foi criada no início do século XX, como afirma Joyce Pires

a demanda motivou a Imperatriz Augusta Vitória, 1907, a criar vários grupos de mulheres no Brasil. As ações das mulheres evangélicas foram reconhecidas pelo Pastor Friedrich Pechmann dois anos depois, com a criação da OASE e posteriormente com a construção da primeira maternidade de Blumenau dirigida pelo grupo deschwesterns.⁸¹

Cada qual do seu modo, cada qual do seu jeito, ajudou a comunidade a criar raízes e a perpetuar aquilo que vinha de seus antepassados, em especial, as mulheres, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela sua condição feminina, muitas vezes invisibilizadas, pela história, deixaram sua marca no processo da imigração alemã no Sul do Brasil.

No próximo capítulo será abordado de que modo essas mulheres foram peça chave para a construção das suas comunidades bem como para a manutenção dos costumes que herdaram de seus antepassados, levando em consideração quatro pontos centrais na presentes da vida dessas mulheres e que auxiliaram nesse processo: família, comida, trabalho e religiosidade

3 O PAPEL DA MULHER NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA TEUTO-BRASILEIRA

A cultura é algo que surge a partir das experiências e das adaptações ao meio. Quando nos deparamos com a construção de uma nova cultura, percebemos que ela traz consigo partes, fragmentos de culturas diversas que se mesclam e formam uma nova cultura. O sentimento de etnicidade, pertencimento e comunidade transpassam fronteiras e chega às terras brasileiras, pois fazem parte da produção da cultura

assim como não pressupõem uma real comunidade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma real atividade comunitária. Eles

⁸¹ PIRES, Joyce. Luteranismo de imigração no Brasil: O impacto da liderança feminina no luteranismo de imigração alemã no Brasil: uma diferença positivada pelo feminismo na contemporaneidade. *Sacrilegens*, v. 17, n. 1, p. 91-108, 2020. p. 101.

existem apenas pela crença subjetiva que tem seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença. A pertença étnica determina, assim, um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio de um sistema de divisões sociais radicais.⁸²

À medida que uma população migra, traz consigo a cultura que aprendeu com seus antepassados, ao mesmo tempo em que necessita se adaptar ao meio, logo, de maneira involuntária, acaba recriando ou reconstruindo sua cultura. Conforme Santos isso faz parte do processo de construção de identidade, pois

podemos dizer que existem duas formas de conceber a identidade: a essencialista ou primordialista, que vê a identidade com um conjunto atributivo objetivo, natural, essencial, a-histórico; e a relacional-estratégica, que pensa a identidade como um processo negociado em permanente construção e reconstrução nas trocas simbólicas sociais.⁸³

A partir de estudos antropológicos acerca da formação e construção de culturas, independente da época ou do lugar, todos os membros de uma comunidade fazem parte deste processo. Porém durante muito tempo somente as vozes e os relatos por parte dos homens receberam credibilidade, “uma vez que a mulher era considerada um ser invisível, já que, além disso, ainda foram criadas certas “subjetividades” que organizam a vida da mulher, variando de uma cultura para outra, mas sempre às considerando não como iguais e sim como seres inferiores, na medida em que representam o não homem.”⁸⁴

Apesar desta invisibilidade latente, muitos estudos recentes vêm trazendo as diversas contribuições das mulheres na formação e construção de diferentes sociedades, como é o caso de Gevehr e Meyrer, que afirmam que a mulher colona alemã foi propositalmente invisibilizada uma vez que

dessa forma, percebemos claramente a imagem construída e difundida sobre as mulheres da área de imigração alemã no Rio Grande do Sul, que colocava as mulheres em um lugar secundário, sem grande expressividade no mundo do trabalho. Na maioria das interpretações realizadas pelos estudiosos da imigração alemã, as mulheres eram protagonistas do espaço doméstico, ficando sua atuação reservada ao espaço privado da casa, da família e dos afazeres considerados como “próprios de mulheres”.⁸⁵

⁸² BARTH, Fredrik; STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. Unesp, 1997. p. 38.

⁸³ DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 34, 2010. p. 30.

⁸⁴ MACATROZZO, Amanda Moulin; FRANCISCHETTO, Gilsilene Passon Picoretti. A invisibilização das mulheres e o direito à cidade. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 8, n. 2, p. 1, 2021. p.4.

⁸⁵ MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel, 2022, p. 281.

Ao analisarmos sob essa perspectiva, é importante salientarmos algumas delimitações. Para tanto o foco está voltado para quatro fundamentos: família, culinária, trabalho e religião. Mesmo sendo uma das bases fundamentais da construção da cultura teuto-brasileira, as mulheres não aparecem como as figuras importantes que de fato eram, afinal

as mulheres, no âmbito da família/comunidade, desenvolveram especialidades a partir das atividades domésticas usuais. A mulher era detentora de uma grande variedade de técnicas de produção e conservação de alimentos, associada à oportunidade de alguma venda, tais como o fornecimento de leite in natura, queijos e dos defumados, embutidos ou conservas. Outros conhecimentos da esfera feminina eram igualmente importantes, como as práticas etnoecológicas de prevenção ou eliminação de pragas, curas de animais, aproveitamento de plantas nativas, etc. Esses conhecimentos eram essenciais para o enfrentamento das novas situações e as eventuais crises que acompanhavam o recomeço nas novas colônias.⁸⁶

A família⁸⁷ é o princípio da comunidade, em especial, da comunidade migrante proveniente da região da Europa no século XIX que, instaladas em terras brasileiras, precisavam contar com a ajuda uns dos outros. É na família que a figura feminina tem papel crucial, pois, ao mesmo tempo em que gera e cuida das novas gerações, transmite a elas o que aprendeu com seus antepassados, por isso

quando nos reportamos ao tema família, especialmente o gênero feminino é associado diretamente ao cuidado e à preservação da mesma. A mulher é responsável pelo cuidado dos filhos, pelo asseio da casa e, no caso da mulher agricultora, o trabalho na roça também faz parte do seu cotidiano. Mesmo tendo um papel importante na produção, a terra não lhe pertencia, pois, segundo o direito patriarcal, a mulher fica subordinada mais uma vez ao poder do homem.⁸⁸

Um dos instrumentos ou patrimônios imateriais para a manutenção de diferentes culturas é a culinária, conforme salienta Giard aquele trabalho culinário que aparece sem mistério nem grandeza," eis que ele se desenrola numa montagem complexa de coisas a fazer, segundo uma sequência cronológica predeterminada: prever, organizar e estabelecer-se: preparar, servir, descartar, arrumar, conservar e limpar."⁸⁹

⁸⁶ WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Migração, família e conhecimentos tradicionais. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 43, 2014. p. 20.

⁸⁷ Entende-se por família neste caso a família tradicional de classe média alta da sociedade brasileira (nota da autora).

⁸⁸ FERRAZ, Ana Paula Moutinho. **Vozes e silêncios**: família, trabalho e religiosidade na revitalização da memória da mulher "colona" na comunidade de Rio da Ilha. Dissertação de Mestrado Faculdades EST: São Leopoldo, 2014.p. 67.

⁸⁹ GIARD, Luce; CERTEAU, Michel de; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996. p. 218.

Entre as comunidades alemãs que se instalaram no sul do Brasil a partir da primeira metade do século XIX, isso não era diferente, uma vez que a produção alimentar atinge status de preservação da memória étnica da população migrante, afinal

para a pesquisa sobre as mulheres alemãs imigrantes, a culinária passa a ser, assim, um aspecto no estudo de seu pertencimento étnico-cultural. O cotidiano da cozinha e do preparo dos alimentos prescinde de conhecimentos geracionais, agora adaptados ou em fase de adaptação e mudança ao novo contexto étnico-cultural. É bom lembrar aqui, por exemplo, do uso da farinha de milho e de mandioca na feitura dos pães, ao invés da conhecida farinha de trigo.⁹⁰

Outro fator fundamental, em especial quando estudamos a influência teuto-brasileira no sul do Brasil é o trabalho, para o/a descendente de europeu, em especial o/a alemão/alemã, o trabalho é parte importante da formação de um cidadão, o que, por vezes o faz pensar que existe uma distinção entre o “alemão” e o “não-alemão”, era papel do imigrante “civilizar” o Brasil em construção, assim

concluiu-se que se o único incentivo para o trabalho fosse a simples coerção, não se garantiria um fluxo regular de mão-de-obra. Por isto, aos imigrantes foi dado um papel significativo: a construção efetiva da nova ética do trabalho. Isto explica o porquê do imigrante ser a grande ausência nos debates sobre a repressão à ociosidade no Rio de Janeiro. O imigrante é tomado como exemplo ao trabalhador nacional.⁹¹

Entretanto, neste quesito, muitas vezes a mulher é vista e tratada como um agente histórico secundário, já que o homem é visto como o provedor e a mulher é quem cuida da casa e das crianças, isso visto dentro de uma perspectiva macro social, no sentido de determinar o papel que cada um deve ocupar na sociedade, enfatizando que cabe aos homens, tradicionalmente, “o papel de provedor – senhores dos destinos da família e de seus agregados. Às mulheres, os afazeres domésticos – sendo que também por força da tradição, ocupariam papel de subordinação em relação ao homem”.⁹²

Durante muito tempo, essa visão errônea de que a mulher não auxiliava de modo efetivo no trabalho da colônia. Atribuindo-se ao homem esse papel, menosprezou-se a importância da figura feminina na construção desses novos

⁹⁰ GIERUS, 2006, p. 64

⁹¹ FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1998. p.113.

⁹² DE CARVALHO, Marília Gomes; FEITOSA, Samara; DA SILVA, Valter Cardoso. Gênero entre estudantes de tecnologia brasileiros/as e alemães/ãs: uma comparação. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 2, n. 3, p. 173-209, 2006. p. 178.

espaços da colônia, afinal isso é algo que ocorre frequentemente no que diz respeito à narrativa sobre a mulher, como afirma Perrot

elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa. [...] As mulheres de agricultores ou de artesãos, cujo papel econômico é considerável, não são recenseadas, e seu trabalho, confundido com as tarefas domésticas e auxiliares, torna-se, assim, invisível. Em suma, as mulheres não 'contam'.⁹³

No caso específico dos imigrantes alemães, a religião foi um dos pilares fundantes para a construção de um novo modo de vida além de sua terra natal. Ademais, quando se fala em imigração alemã no sul do Brasil é imprescindível lembrarmos da religiosidade trazida junto à estas populações está dividida em católicos e evangélicos. Aliás, esta divisão também contribui para as características de formação das colônias, uma vez que

grupos católicos e luteranos na comunidade "alemã" separados religiosamente, mas não etnicamente. Observa-se uma diferença entre as duas religiões no tratamento e na importância dados a conservação da germanidade: para os luteranos, a religião e o grupo étnico se confundem, enquanto para os católicos vem em primeiro lugar a religião, o que não impede, no entanto, a manutenção dos ideais do seu grupo étnico.⁹⁴

Independentemente de sua confessionalidade, para os colonos alemães o mais importante era preservar a memória de seus antepassados, criando a possibilidade de manter um elo de ligação entre a terra natal e a América. Mesmo tendo a consciência de que haviam rixas e disputas entre católicos e luteranos acerca da sua relevância na colônia em construção, ambos tinham o mesmo ideal.

Com base nessas informações, de agora em diante analisaremos, aos olhos do feminino, a presença das mulheres em cada um desses espaços, tendo como fio condutor três principais bases: a família, a culinária e a religiosidade.

3.1 FAMÍLIA: LAÇOS ETERNO

O conceito de família no contexto da humanidade é algo ancestral, ela pode ser considerada uma das mais antigas instituições criadas pelos seres humanos. A

⁹³ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 11.

⁹⁴ RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 26, n. 1, p. 247-260, 2000. p. 248.

partir do núcleo familiar surgem os clãs e, mais tarde, as sociedades, mostrando assim “que a evolução da família consiste numa redução constante do círculo em cujo interior predomina a comunidade conjugal entre os sexos, círculo este que originariamente abarcava a tribo inteira.”⁹⁵

Os laços entre as pessoas de uma mesma família estão ligados ao sangue e a afinidade, mas vai muito além disso, pois o sentimento de afeto, carinho e pertencimento ao grupo são a verdadeira razão para a união entre essas pessoas, afinal

a família é a primeira instituição social a que o homem pertence e aquela com a qual mantém seus contatos mais íntimos. Por suas funções é considerada a instituição fundamental da sociedade humana, pois não é apenas um grupo biológico, mas o ambiente onde os acontecimentos mais importantes da vida são vividos.⁹⁶

O tipo de família mais comum é a família nuclear ou patriarcal, que também é conhecida como família tradicional, que é constituída por pai, mãe, filhos e filhas. Porém essa família está ligada também à sociedade onde ela está inserida, logo as relações familiares – incluindo pai, mãe, filhos, filhas, parentes, agregados, vizinhos, amigos, entre outros – perdiam-se em meio a uma ampla comunidade. As relações familiares, “como a do casal e a dos pais com seus filhos, eram permeadas por relações comunitárias, consideradas mais importantes, na maioria das vezes”.⁹⁷

Os imigrantes alemães que vieram para o Brasil na primeira metade do século XIX trouxeram consigo essa base, pois quando chegaram não vieram sozinhos, mas sim com todo núcleo familiar, até porque este era também o objetivo do Império brasileiro, uma vez que

a política de colonização deu preferência à imigração familiar, europeia (portanto, “branca”), imaginada como instrumento civilizador domesticando a natureza selvagem. O imigrante desejado era o colono povoador e essa categoria oficial foi apropriada pelo senso comum para qualificar (eticamente) os “pioneiros” e seus descendentes, distinguindo-os dos outros brasileiros. Os colonos receberam seus lotes “rurais” conforme as determinações legais, inclusive nas regiões onde atuavam empresas colonizadoras (particulares).⁹⁸

⁹⁵ SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. Funções e transformações da família ao longo da história. **I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**, p. 57-66, 2003. p. 59.

⁹⁶ NADER, Maria Beatriz. Da família à família nuclear burguesa: uma perspectiva histórica e social. **Dimensões**, n. 3, 1992. p. 55.

⁹⁷ TINOCO, Edna Lúcia Ponciano; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, v. 8, n. 16, p. 57-80, 2003. p. 58.

⁹⁸ SEYFERTH, Giralda. Família, condição feminina e imigração. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10ª edição, 16 a 20 de setembro de 2013. p. 14.

A base familiar foi sem dúvida um dos pilares de sustentação das comunidades imigrantes do século XIX e início do século XX. Como o objetivo era povoar, vinham com toda a sua família para se instalar nas terras que haviam sido prometidas a eles pelo governo brasileiro, assim sendo

a emigração alemã para o Sul do Brasil inscreve-se no contexto dos grandes deslocamentos populacionais do século XIX, onde acordos diplomáticos e comerciais entre o velho e o novo mundo são realizados a favor de um reordenamento geográfico da população, levando a que uma massa de aproximadamente 56 milhões de pessoas se desloque de seus países de origem para outros continentes, sendo a América um dos mais destacados como região receptora.⁹⁹

Pelo fato de, durante muito tempo, viveram de modo isolado¹⁰⁰, em sua “picada”¹⁰¹, os migrantes de origem alemã, criaram um mundo à parte, cooperando entre si e fortalecendo as relações entre as famílias. O crescimento destas localidades propiciou a criação de mecanismo característicos de uma sociedade, uma vez que

desta maneira, essa subsociedade, se assim puder ser considerada, encontrará condições propícias para criação de formas de sociabilidade próprias. A primeira delas se deu em torno da Igreja. Por serem protestantes, os imigrantes alemães fundam e mantêm suas próprias paróquias. A segunda, intimamente vinculada à primeira, é a escola.¹⁰²

Como o isolamento era uma característica comum nas colônias, a vida em comunidade, além de ser algo que sustentava os laços com seus antepassados, também era uma necessidade, já que a interação entre as pessoas permitia a autossuficiência do local. Independentemente de essas comunidades serem constituídas de modos e em tempos diferentes, o elo entre elas aos poucos vai sendo criado. Neste ponto a vida em comunidade é o coração da colônia, pois,

a partir deste contato, uma vida comunitária mais intensa, com o investimento numa vida associativa e o nascimento da imprensa alemã. Este intercâmbio entre os colonos antigos e os novos fará com que o processo de aculturação dos imigrantes alemães torne-se mais lento e os contatos com a velha pátria,

⁹⁹ DE MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Os imigrantes alemães e a questão da cidadania. **TEXTOS DE HISTÓRIA Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, v. 1, n. 2, p. 50-72, 1993. p. 51.

¹⁰⁰ Importante salientar que isolamento referido aqui diz respeito ao isolamento geográfico e não econômico e social, já que nestas localidades a interação possibilitou o crescimento e a urbanização anos mais tarde (nota da autora).

¹⁰¹ Picada é a forma básica de penetração na floresta subtropical, na qual se busca abrir com os instrumentos disponíveis vias, ao longo das quais vão sendo instalados imigrantes, em lotes que lhes são designados. Na demarcação dos lotes, obedeciam-se a critérios de natureza topográfica. Numa das extremidades, o rio ou seu afluente servia de limite. O lote estendia-se encosta acima até encontrar-se com outro que subia de outro vale. Nos topos dos morros ficava localizada a linha, picada ou travessia. A geografia determinava, assim, o tamanho de cada uma das comunidades humanas que se estabeleciam. DREHER, Martin Norberto. **História do povo luterano**. Editora Sinodal, 2005. p. 15.

¹⁰² DE MAGALHÃES, 1993, p. 53.

feita através dos intelectuais, se acentue. Neste período, os imigrantes aumentaram sua participação na vida política local, fundando associações, como as Schützenvereine (sociedade de tiro), para protegerem suas colônias, criaram também escolas, igrejas e estabelecimentos de lazer (bar, venda e cervejaria).¹⁰³

É possível notar o quanto o crescimento da comunidade acaba colaborando com o surgimento de centros urbanos que têm como base a imigração alemã, centros que são ligados principalmente à atividade comercial baseada nos alimentos produzidos na colônia.

Deste modo, o núcleo familiar possuía grande importância para esses migrantes. Nele, se mantinham vivas as tradições, os costumes, o modo de vida, as celebrações e as relações de trabalho a qual estavam habituados. Era na família que o colono encontrava força e foco para continuar, era no núcleo familiar que a ressignificação da memória e do legado de seus antepassados ocorria, pois

é válido observar a relação dele com a alimentação, com a língua, como o meio ambiente, com sua história, sua memória e sua identidade. A identidade, não é estável, homogênea e acabada, está em constante movimento e é cheia de discursos construídos e elaborados de acordo com o momento vivido pelo grupo de pessoas. É a partir do discurso que construções imaginárias são constituídas e (re) produzidas.¹⁰⁴

A pessoa que mais representava o esteio da família era a figura materna. É a mãe que trazia ao mundo mais um integrante da família, a ela eram atribuídos vários afazeres da casa e da roça e também era ela quem repassa os conhecimentos culturais e religiosos de seus ancestrais para as próximas gerações, deste modo

a mulher colona não trabalhava para si; suas produções domésticas, que ultrapassavam as fronteiras de seus lares, estiveram sempre voltadas para o seio familiar e a sua comunidade envolta. Portadora de uma essência inconfundível, a mulher rural do sul do Brasil foi elemento fundamental na formação da imagem do sul brasileiro.¹⁰⁵

A mãe é responsável por diferentes modos de trabalho. Cabia a ela ensinar o menino a ser “homem” e a menina a ser “mulher”, no sentido cultural, não biológico da palavra. A mãe devia ensinar a rezar, ensinar a língua de seus ancestrais, os costumes e o modo de vida passado de geração em geração. De fato

¹⁰³ DE SANTANA, 2010, p. 240.

¹⁰⁴ FRIEDRICH, Fabiana Helma. Alimentação: o trabalho de preservar e elaborar a identidade e a memória dos imigrantes alemães na Colônia de Santo Ângelo/RS (1850-1900). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v.9, n.1 EDIPUCRS, Suplemento especial, p. 641-654, 2014. p. 644.

¹⁰⁵ RIECHEL, Daiana Colcha de retalhos: a permanência e a herança da mulher rural do sul do Brasil - 1937 A 1945. São Leopoldo, 2003. **X Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades**, 2008. p. 721.

a idealização do papel da mulher nas colônias imigrantes do Rio Grande do Sul no século XIX, talvez apareça devido à forma que a ocupação imigrante se procede no Rio Grande do Sul. Surge uma economia familiar. A família alemã organizava-se como uma pequena empresa e, enquanto os filhos não cresciam, o maior número de tarefas repousava sobre os ombros das mães. Quando seus rebentos começavam a ganhar força, entravam na divisão das tarefas diárias.¹⁰⁶

A relação entre as mulheres de uma mesma família também assume grande importância no contexto da imigração alemã do século XIX, afinal é com suas mães e avós que as meninas aprendem tudo que elas precisam saber para serem boas esposas e mães. Mas vai muito além disso, elas aprendem a conservar e perpetuar aquilo que foi sendo construído a partir da chegada de seus antepassados, pois

se a casa era o 'templo', seu altar era a cozinha. O fogão, o sacrário. Este universo feminino, povoado de mães, irmãos e filhas, tinha também seu altar, sua mesa de alquimista, seu confessionário, seu tribunal, sua caixa de pandora – onde e de onde emanava o poder doméstico, concretizado no fogão. Era em torno dele que a mulher exercia o domínio da casa: enquanto preparava os alimentos para a família (o poder da sobrevivência), ouvia as queixas, dirimia contendas, ensinava catecismo aos filhos menores, transmitia códigos de valores, cobrava comportamentos, controlando a todos, especialmente as filhas e noras (e através delas, filhos e netos).¹⁰⁷

Todavia, apesar do isolamento dessas comunidades, as meninas precisavam ser preparadas com esmero, não só para ser boas esposas e mães, mas também para ajudar no sustento da família, pois cabia a mulher uma

ampla gama de conhecimentos antecipados está diretamente relacionada com os serviços práticos próprios da atividade doméstica: cozinhar, limpar, lavar, cuidar da higiene pessoal dos filhos, prestar os primeiros socorros, cuidar dos animais domésticos, cultivar a horta, cuidar do pomar, armazenar e conservar legumes e frutas, enfim, administrar a casa, inclusive economicamente com os recursos obtidos pelo marido.¹⁰⁸

É possível perceber que, assim como as mulheres de hoje, elas tinham sobre si multitarefas. Neste caso, não se tratava de escolha própria, mas era consequência de seu modo de vida, aliás em especial neste caso a escolha era do marido e a esposa não cabia contestação.

¹⁰⁶ FRIDRICH, Fabiana Helma; SOARES, André Luis RAMOS. Alimento e gênero: a “alma da casa” e o “espírito protetor”, uma idealização do papel da mulher nas colônias imigrantes do Rio Grande do Sul no século XIX **Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS: História, verdade e ética**, de 11 a 14 de agosto de 2014, Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos, São Leopoldo, agosto de 2014. p .5.

¹⁰⁷ FAVARO, Cleci Eulalia. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 124.

¹⁰⁸ EIDT, Valdir. Maria sob a sombra de EVA: imagens e representações femininas nos discursos das mulheres católicas da colonização alemã no sul do Brasil. **Revista Missioneira**, v. 24, n. 2, p. 55-72, 2022. p .66.

Também é através das mulheres que acontece a perpetuação das memórias, pois coube a elas essa função. Através das mulheres, o legado de uma etnia, de um povo, era mantido vivo, continuado, afinal “a memória das mulheres é “verbo”. Ou seja, através da oralidade, típico das sociedades tradicionais, lhe era confiada a missão de contadora da comunidade da aldeia.”¹⁰⁹

Entretanto, essa mulher colona, como parte importante da manutenção da memória, foi sendo invisibilizada, esquecida de modo proposital, para dar espaço ao homem colono, responsável pelo crescimento e desenvolvimento da colônia, figura basilar da cultura alemã, que garante

a manutenção dos hábitos e dos costumes alemães dependia das mulheres, as quais, através das “prezadas domésticas” ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a figura feminina. Apesar disso, o que se observa é que somente os homens são responsáveis pelo desenvolvimento da região. A própria representação da imagem das mulheres de origem alemã como “trabalhadeira”, diferentemente “trabalhadores”, contribui para a invisibilidade da contribuição feminina.¹¹⁰

Detentoras do saber, da sabedoria e da história essas mulheres perpetuaram o conhecimento adquirido, conhecimento presente em diferentes esferas, especialmente na culinária, assunto que será tratado a seguir.

3.2 COMIDA: AFETO E MEMÓRIA

Quando nos referimos à memória afetiva, às lembranças de infância, imediatamente as pessoas tendem a rememorar a casa de seus avós e, entre todos os aspectos lembrados, a comida é a memória mais presente.

A comida, e principalmente o seu preparo, são mais do que um momento de saciedade, mas também um momento onde a vida familiar aflora de modo leve e descontraído, pois “a comida representa muito mais que um ato de suprir nossas necessidades fisiológicas, pois “o comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que cada um está inserido”.¹¹¹

¹⁰⁹ PERROT, 2005, p. 40.

¹¹⁰ DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**, 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 289

¹¹¹ MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 16, p. 31-42, 2001. p. 32

Portanto, alimentar-se, além de ser algo necessário para a sobrevivência, também carrega consigo uma história, uma identidade, pois o ser humano é um ser social e adaptável, sendo que o ato de comer vai muito além do simples fato de se manter vivo, uma vez que

o homem [no caso a condição do gênero humano] seleciona o que come a partir de suas preferências individuais e coletivas, normalmente ligadas a valores, significados e gostos em constante diversificação. Mesmo que de forma elementar, as raças animais também desenvolvem hábitos para gostos diferenciados, e para os homens isso não basta para entender o seu modo de comer.¹¹²

Deste modo, alimento e o ato de alimentar-se fazem parte de um processo ritualístico, onde os ensinamentos do passado servem para o processo de preparo do alimento, desde a escolha do que vai ser preparado até a chegada à mesa, tudo feito de maneira intuitiva, mas carregado de significados e propósitos, afinal

de modo particular – em comparação às formas de satisfação de outras necessidades biológicas naturais à espécie humana –, a alimentação demanda atividades de seleção e combinação (de ingredientes, modos de preparo, costumes de ingestão, formas de descarte etc.), que manifestam escolhas que uma comunidade faz, concepções que um grupo social tem e, assim, expressam uma cultura.¹¹³

Em se tratando de famílias descendentes de imigrantes, em especial alemães, essas lembranças têm gosto e cheiro, e a perpetuação cultural foi e ainda é desempenhada pelas mulheres da família. É importante ressaltar que o espaço feminino, nas primeiras comunidades instaladas no sul do Brasil, não se restringia aos cuidados da casa, visto que era necessário trabalhar na roça para garantir o sustento da família, pois

a força braçal e mental das mulheres foi amplamente utilizada neste processo de construção e modificação do Estado Sulino durante o século XIX e XX, mas pouco mencionada pela historiografia que trata de imigração.¹¹⁴

Essas mulheres eram responsáveis pela produção e também a elas era dada a tarefa do manuseio e preparo dos alimentos, processo esse que deve fazer parte da construção do feminino, como parte importante da construção da sua identidade e do papel que a sociedade espera que ela cumpra, pois a ela cabe

aprender a gerir a alimentação do outro é parte da agenda educacional feminina que acontece dentro de casa de maneira bastante informal e

¹¹² PRODANOV, Cleber Cristiano; DE VARGAS METZ, Rogério. A comida como manifestação da cultura quando preparada. **Revista Digital Estudos Históricos**, n. 24, 2020. p. 5.

¹¹³ AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 1, 2008. p. 15.

¹¹⁴ FRIDRICH, 2014, p. 2.

oralizada através da figura materna. É ela que irá transmitir às filhas as virtudes que deve ter uma boa mulher. Em termos práticos, isso se traduz principalmente em tarefas como a provisão de comida à família (amamentação, abastecimento de alimentos e preparo culinário) e o cuidado com filhos e doentes (inclusive com a administração de medicamentos feitos à base de ingredientes também culinários).¹¹⁵

Sendo essa uma das suas principais funções, o espaço da cozinha e o ato de cozinhar acabam sendo espaços de voz e de vez dessas mulheres, pois é “neste local que ficava o caldeirão, a cozinha, e onde se tomam as decisões da família, sejam coisas práticas do dia a dia, sejam negócios futuros. Ao redor da mesa, muitas coisas ganhavam concretude, talvez de forma muito negociada, mas com a voz feminina marcando presença.”¹¹⁶

Ou seja, a mulher se faz presente de maneira importante quando se trata da construção das comunidades alemãs para além do Atlântico, afinal auxiliaram de forma fundamental para a manutenção e construção desses locais que estavam se formando no final do século XIX e que se consolidaram no início do século XX.

As primeiras experiências de adaptação da culinária praticada na Europa foram muito difíceis, os alimentos disponíveis nas terras ao sul do Brasil eram completamente diferentes daquilo que estavam acostumados e, muitas vezes, os primeiros contatos com esses alimentos não foram muito agradáveis, mas era preciso ser feita esta mudança, já que

nos primeiros anos da colônia, com as dificuldades ao seguirem tentando plantar o que já era conhecido, inclusive com relatos escassez, os imigrantes adotaram, gradativamente, o plantio de tubérculos já domesticados e consumidos na região pelos sertanejos e indígenas. Se até então os imigrantes tinham como base alimentar trigo, centeio, repolho, batata inglesa, carne de porco e lentilha, com as dificuldades encontradas no novo lar precisaram plantar e consumir milho branco, batata doce mandioca, cará, taiá e feijão.¹¹⁷

Outro elemento importante na alimentação dos colonos eram as frutas, utilizadas em diferentes tipos de pratos. Os ingredientes precisavam ser adaptados com as frutas da região onde agora estavam erradicados, a região Meridional do

¹¹⁵ ASFORA, Wanessa. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: A herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. **Cadernos Pagu**, n.39, p. 431-445, 2012. p. 437.

¹¹⁶ FRIDRICH, 2014, p. 8.

¹¹⁷ MATTHES, Daniela; SPIESS, Maiko; MATTEDI, Marcos. Paradoxos da gastronomização da Cuca (Kuchen): O esvaziamento da comida tradicional a serviço da invenção de uma identidade europeizada no Médio Vale do Itajaí. **Estrabão**, v. 4, p. 43-56, 2023. p. 5.

Brasil. Além disso, essas frutas faziam parte de um costume peculiar entre os descendentes onde

uma das características da comida dos imigrantes alemães é o modo de preparo de suas comidas salgadas, as quais, não raro, são misturadas a frutas, o que para outras culturas brasileiras, na grande maioria, gera estranheza. Essa população sofreu, durante a sua história, constantes percalços, fazendo com que aprendessem a aproveitar o que estivesse a sua disposição. Um único ingrediente poderia ser utilizado de várias formas, dando valor aos alimentos e evitando desperdícios.¹¹⁸

Esse hábito de não desperdiçar é difundido entre os imigrantes durante os primeiros anos de ocupação. Mais tarde, com as colheitas fartas e a garantia de produção, eles passaram a ser conhecidos pela fartura de suas mesas e pela variedade de quitutes que produziam.

Adaptados e consolidados, esses imigrantes e seus descendentes perpetuam a suas memórias através de festas e festivais, muitos deles relacionados com as tradições culinárias, trazendo ao público alimentos cujo preparo tem raízes germânicas, embora seus ingredientes sejam já genuinamente brasileiros. Além disso, essas festividades trazem também outros elementos culturais agregados, como as danças, a religiosidade e a língua falada.

Mais do que isso, essas festas trazem o elemento mais poderoso do registro da memória e da construção de novas memórias, pois nelas é possível partilhar o real sentimento de comunidade. Nas festas, ocorre

uma grande reunião (ceia), um dos momentos mais esperados da festa; pode-se afirmar que este é o ápice da festa. A união dos participantes, dispostos em longas mesas em torno da comunhão do alimento, reproduz uma combinação de células familiares, cujos integrantes são desde os anciãos até os bebês de colo, formando uma grande teia familiar, por onde circulam as informações. Essa teia é desenhada com os contornos do que seria uma grande família unida em torno de um único propósito: a construção e a manutenção do espírito comum.¹¹⁹

Deste modo, é possível compreender que a comida e a união das pessoas, principalmente partilhando algo tão importante quanto o alimento traz consigo um significado muito mais profundo, pois

desta forma, uma comunidade pode manifestar na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e sua identidade coletiva. Se a comida é uma forma de comunicação, assim como a fala, ela

¹¹⁸ FRIEDRICH, 2012, p. 77.

¹¹⁹ MORIGI, Valdir José; ROCHA, Carla Pires Vieira; SEMENSATTO, Simone. Narrativa visual, informação e mediação do espírito comum nas festas comunitárias. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 159-170, set./dez. 2008. p. 161.

pode contar histórias e pode se constituir como narrativa da memória social de uma comunidade.¹²⁰

Podem-se entrelaçar também as práticas culinárias com a manutenção da língua, pois, no processo de preparo dos alimentos, as próprias receitas carregam traços daquilo que foi ensinado, as conversas geradas em torno do prato também fazem lembrar algo que ficou no passado, afinal

cozinhar e compartilhar a comida adquire um significado que se assemelha à multiplicidade de línguas criadas, recriadas e usadas por pessoas para se comunicarem. As línguas não têm fim; elas possuem movimento, incorporam palavras criadas, gírias que se tornam palavras, para que as pessoas possam expressar seus sentimentos. Do mesmo modo que as palavras estruturam a língua, na cozinha, os ingredientes assumem este papel estruturante. Cada um deles possui componentes próprios que, se articulados, podem tecer a trama da frase ou da transformação do alimento em comida.¹²¹

Se faz necessário frisar que nas famílias teuto-brasileiras a comida está intimamente ligada aos seus antepassados. Evidentemente, foram feitas as devidas adaptações, afinal os ingredientes utilizados na Europa dificilmente eram encontrados por aqui. Mesmo assim, como o modo de preparo era passado de geração para geração, a memória estava mantida pois,

a comida expressa memórias familiares associadas à terra de origem. No ato de comer e cozinhar em grupo são transmitidas também as memórias de um passado mais distante, nem sempre vivenciado pelos indivíduos, mas presente na memória coletiva. Como as memórias da imigração, legitimadas e relembradas pelas celebrações, festas, iniciativas turísticas e políticas que destacam práticas culinárias que remetem aos imigrantes e ao passado imigratório. Nesse caso os pratos ganham um caráter emblemático representando um tesouro herdado dos antepassados imigrantes.¹²²

Foi também através da comida que as mulheres se uniram em reuniões e compartilharam seus conhecimentos e suas histórias, normalmente entre amigas e familiares. O famoso *Schittkraenzchen* ou somente *kraenzchen* (reuniões de mulheres teuto-brasileiras no sul do Brasil), são reuniões onde as mulheres contam histórias, comem e alimentam suas memórias, deste modo

“Kraenzchen” é, portanto, entendido como grinalda ou crochê, sendo esta última expressão mais usada. Contudo, “Kraenzchen” não é apenas uma palavra, mas encerra em si uma tradição, uma espécie de “instituição” para

¹²⁰ DOS SANTOS, Carlos Roberto Antunes. A comida como lugar de história: as dimensões do gosto. **História: questões & debates**, v. 54, n. 1, p. 103-124, 2011. p. 108.

¹²¹ MOREIRA, Matheus Rodrigues; DE LIMA PALHARES, Virgínia. Saberes nos sabores da memória: desvelando geografias nas receitas. **Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE)**, 10 a 15 de outubro de 2021. p. 6.

¹²² FRIEDRICH, 2014, p. 649-650.

cultivar amizades, que veio trazida pelas imigrantes, e é recorrente até hoje nos círculos de amizade das mulheres descendentes dos/as imigrantes.¹²³

Acerca deste assunto, será dedicado uma parte deste mesmo capítulo, pois se trata de uma tradição muito importante ligada ao processo de urbanização e a manutenção das tradições através dessas reuniões.

O tempo passou, as memórias ficaram e nos dias atuais a comida é um dos elementos mais importantes que faz lembrar as pioneiras, as imigrantes que precisaram sobreviver e se adaptar a um ambiente completamente desconhecido, e, de forma,

consciente ou inconscientemente, porém, um dos traços culturais utilizados como diferenciadores, e que se mantém presente entre todos, é a comida. Em alguns dos casos, este é o único traço cultural de origem alemã que se mantém presente. Comprovando que a comida é um elo muito forte.¹²⁴

Contudo, o alimento se torna o elo de ligação entre os antepassados alemães e suas descendentes, pois não é só o ato de alimentar o corpo, mas também a alma na medida em que muitas vezes no momento de sentar à mesa as famílias incitam lembranças e socializam, passando conhecimentos e costumes herdados. Junto a isso podemos acrescentar a prática religiosa, afinal partilhar o pão também é um ato simbólico.

3.3 RELIGIOSIDADE: LIGAÇÃO COM ANTEPASSADOS

O ser humano, desde seus primórdios, tenta explicar sua existência na terra e, para isso, se remete ao transcendente. A religiosidade passa a fazer parte do cotidiano de várias sociedades e molda o funcionamento destas.

A religião como instituição moderna é fruto da organização de uma sociedade cada vez mais complexa, uma sociedade que, principalmente a partir do século XIX, procura explicar seus fenômenos através da ciência e não somente da religião. É a partir disso que surgem as teorias da secularização que, mais tarde, dão origem aos

¹²³ SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalho e sociabilidades**: histórias de mulheres em Joinville no século XIX. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1997. p. 56.

¹²⁴ FRIEDRICH, 2012, p. 82.

chamados estados laicos. Ambos processos estão ligados ao início da sociedade moderna, assim sendo,

cumpre enfatizar que secularização e laicização são fenômenos sociais que surgem com a modernidade. A modernidade afirma-se como um projeto civilizacional que se caracteriza pela emancipação, autonomização das diversas esferas da vida social e do controle da religião. Tanto a secularização como a laicidade, expressam a luta de atores sociais na construção de uma ordem social baseada na razão e na ciência e que desta forma não é legitimada por um poder religioso.¹²⁵

Nesse contexto está inserido o/a imigrante alemão/alemã que desembarca no Brasil a fim de reconstruir sua vida em novas terras. Porém, esse processo ainda está em construção e a religiosidade ainda é um traço forte da cultura desses imigrantes.

Uma das características mais presentes entre eles é a sua religiosidade, tanto católica quanto protestante¹²⁶, os imigrantes alemães que se encontravam presentes dentro das primeiras comunidades formadas no sul do Brasil ou os que ainda hoje permeiam os espaços urbanos onde esses grupos de descendentes estão inseridos.

Os primeiros imigrantes oriundos da Europa, mais especificamente do local que, mais tarde, unificada daria origem à Alemanha, além de sua língua e seus costumes, trouxeram consigo também suas convicções religiosas. Em grande parte, esses imigrantes pertenciam à Igreja Protestante Luterana. No entanto, o luteranismo que aportou nas colônias brasileiras foi forjado pelo Estado alemão nascente, uma vez que

até certo ponto podemos questionar o que significava aderir a uma confessionalidade religiosa na Europa após o século XVI. Com o princípio político do *cuius régio, eius régio*, as pessoas aderiram a uma igreja muitas vezes, não tanto por convicções interiores de fé, mas por pressão política de seu soberano e Estado.¹²⁷

Os luteranos tiveram muitos problemas ao se instalarem no Brasil, visto que, segundo a Constituição de 1824, somente a Igreja Católica era a religião oficial

¹²⁵ RANQUETAT JR, Cesar. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. **Revista Sociais e Humanas**, v. 21, n. 1, p. 67-75, 2008. p. 74.

¹²⁶ “Como forma de definir o conceito protestante, é importante lembrar que o termo abrange outras religiões, além da luterana, como calvinistas e anglicanos. O termo protestante diz respeito às igrejas cristãs e doutrinas que surgiram a partir da Reforma da Igreja Cristã Ocidental (Católica) realizada por um grupo de teólogos, dentre eles, o monge Martinho Lutero.” CASTRO, Elisiana Trilha. Cemitérios Protestantes: Marcas de um outro sagrado em uma outra terra. **Revista Fazendo Gênero**, n. 9, 2010. p. 3.

¹²⁷ PORTELLA, Rodrigo. Fé, Cultura e Norma Eclesiástica: a gênese da Igreja Luterana no Brasil, organização popular e tutela eclesiástica. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 16, n. 78, p. 593-607, 2006. p. 595.

permitida no país. Apesar de serem vistos por parte do Estado como uma opção viável para a ocupação do sul do Brasil, professar sua fé não era algo totalmente permitido a esses imigrantes. Portanto

ainda não se ofereciam condições jurídicas iguais aos protestantes. Particularmente no que diz respeito aos locais de culto, se lhes impunham algumas condições: o culto deveria ser fechado, portanto, não exercido publicamente, e em casas sem aparência exterior de templo, o que significava, normalmente, que os templos não podiam ter torres e sinos.¹²⁸

Além disso, protestantes encontram muitos outros percalços como o de não poder realizar casamentos, funerais e batizados de maneira oficial. Outro problema para os luteranos era a falta de escolas, pois para eles a educação estava intrinsecamente ligada à sua cultura e aos seus costumes. Sendo assim,

na escola, as atividades curriculares e extracurriculares que asseguravam a manutenção das relações culturais com a pátria de origem, como o estudo da língua materna e o currículo com hinos, música, história e geografia da Alemanha.¹²⁹

A escola, muito mais que um espaço de saber, era também um lugar onde se preservavam os costumes da terra natal. Mais do que isso, ela também estava ligada a religiosidade desses migrantes, afinal

as escolas étnicas confessionais foram vitais na manutenção da escolaridade entre os alemães no Brasil. Estas mantiveram o apoio das Igrejas, que assumiram a questão da escolaridade dos imigrantes, como parte do seu projeto missionário no Brasil. Para os pais manter os filhos nas escolas não era só uma questão cultural, passou a ser uma questão de obrigação moral e religiosa frente ao grupo e o seu descumprimento era de conhecimento público.¹³⁰

Estas comunidades de imigrantes no sul do Brasil eram formadas por diferentes grupos étnicos e religiosos. Algumas comunidades eram predominantemente luteranas, sendo parte significativa pertencida à primeira leva de imigrantes que chegou na primeira metade do século XIX, outras predominantemente católicas, que vieram na segunda metade do século XIX e outras ainda eram mistas, a saber, de coexistência entre católicos e luteranos.

Como a religião católica era predominante e também a única oficial no Brasil, os casamentos entre imigrantes católicos e protestantes também geraram discussões.

¹²⁸ WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil. **Estudos Teológicos** São Leopoldo v. 49 n. 2, p. 180-206 jul./dez. 2009. p. 182.

¹²⁹ RENK, Valquiria Elita. Educação de imigrantes alemães em Curitiba. **Revista Diálogo Educacional**, v. 5, n. 14, p. 101-111, 2005. p. 2.

¹³⁰ RENK, Valquiria Elita. Escolas de imigrantes: espaço de manutenção da Identidade étnica. **Anais VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas-histedbr**. Campinas: UNICAMP, 2012. p. 4.

Mesmo tendo uma base de costumes e línguas comuns, a fé era professada de forma diferente, causando desconforto entre as famílias e em certa medida estando à margem da lei. Isso demonstra que

o problema do casamento misto entre católicos e luteranos já estava colocado: no caso de desquite a parte católica ainda poderia contar com o apoio da Igreja institucionalizada, o mesmo não ocorrendo com a parte protestante. Mesmo aceitando o casamento entre pessoas de outras denominações, a lei não protegia os nubentes de denominações diversas. Em meados do séc. XIX o Império não utilizava o conceito canônico de pleno poder de escolha dos pais na educação religiosa de seus filhos, que já era regra nos documentos pontifícios da época.¹³¹

Vale ressaltar aqui que estes casamentos mistos entre luteranos e católicos percorreram um longo caminho antes de haver um consenso entre as partes sobre sua validade ou não, uma vez que mais do que professar a sua fé esses descendentes tinham a missão de proteger o legado de seus antepassados, afinal “o poder simbólico surge como o poder que consegue criar significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida.”¹³²

E é exatamente neste ponto que encontramos divergências entre o modo como a mãe católica e a mãe protestante, que possuíam a tarefa de proteger, a seu modo, a cultura e os costumes herdados de seus antepassados. Como os estudos sobre os alemães protestantes são mais abrangentes e interessam mais a este estudo, iremos nos deter a esta seara.

Entre os protestantes, o modo de viver sua religião no cotidiano era variada, ia desde a oração nas refeições até a participação nos cultos na comunidade local. É nessa perspectiva que a mulher imigrante alemã corrobora para a proteção da memória de seus antepassados, pois cabe a ela ensinar aos filhos e às filhas, desde a mais tenra idade, o sentimento de pertencimento e de credo em um Deus misericordioso e presente. Deste modo

foram essas experiências plurais, esse *modus vivendi*, esse privado e público que ora se confundia, ora se constituía em espaços separados, essas experiências do lugar social dos sexos na sociedade, e não uma cultura e experiências uniformes que mulheres alemãs evangélicas levaram (ao sul) do Brasil inscrito em seus corpos. Foi a partir de tal cotidiano, com suas

¹³¹ MINAMI, Edison. Ecumenismo entre católicos e luteranos no Brasil: um estudo de caso. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2011. p. 3.

¹³² STAROSKI, Vivian. Casamento e Abjuração: tensões entre católicos e luteranos no Alto Vale do Itajaí-Santa Catarina (1940-1950). Associação Nacional de História – **ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007. p. 5.

múltiplas realidades, que elas reconstruíram seu mundo na “nova” pátria, num misto de continuidades e descontinuidades.¹³³

As mulheres luteranas ensinavam seus filhos e suas filhas através dos hinários, cantando quando as crianças voltavam da escola, durante a execução das tarefas domésticas ou até mesmo voltando da lida na roça. Mesmo de maneira involuntária essas mulheres estavam exercendo aquilo que se esperava delas, afinal

o casamento e a maternidade (nesta ordem) constituíam o destino supremo e inexorável das mulheres e não realizá-lo colocava em risco, com o avançar dos anos, a própria possibilidade de sobrevivência. Elas eram representadas como “extensão” dos homens, primeiro de seus pais e depois de seus maridos (ou de um de seus irmãos, quando permaneciam solteiras); tinham jornadas de trabalho ainda mais duras do que as deles, uma vez que estavam profundamente inseridas no processo de trabalho da propriedade rural ou da corporação (o domínio masculino que elas compartilhavam como ajudantes qualificadas), ao mesmo tempo que respondiam, sozinhas, pelo seu “trabalho natural” (casa e filhos).¹³⁴

Aos poucos essas colônias foram se desenvolvendo, se tornando cada vez maiores, à medida que as famílias cresciam. Então os momentos da comunidade de fé se tornaram de extrema importância para essas pessoas que faziam das festas da “Igreja” algo que ia além da crença compartilhada, afinal era ali que conseguiam conversar e interagir uns com os outros.

a finalidade das festas comunitárias é arrecadar fundos para realização de reformas e melhorias na infraestrutura da comunidade, realizar reparos na capela, na escola, no pavilhão das festas, pagar as contas de luz, água entre outros. Entretanto, o significado da festa ultrapassa o objetivo econômico, pois, é nos momentos ou nos dias de festa que ocorre a reunião, o reencontro da integração com parentes, amigos, vizinhos e visitantes de outras comunidades.¹³⁵

Com o tempo e com o crescimento e reorganização dessas comunidades, agora consolidadas e, por vezes, também inseridas em um espaço urbano, as festas da igreja, mais do que nunca, simbolizavam essa união entre a renovação da fé e a perpetuação da memória de seus antepassados. Seja como for

nesses momentos são reforçados os valores, as crenças, as tradições culturais e a prática da festa. A festa como prática cultural consegue mobilizar as pessoas da comunidade e de outras localidades próximas. Nela estão

¹³³ DREHER, Scheilla dos Santos. “**O pontinho da balança**”: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, a perspectiva do privado e do público. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Teologia (EST). São Leopoldo, 2007. p. 42.

¹³⁴ MEYER, Dagmar E. Estermann. Cultura teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1, 2000. p.148-149.

¹³⁵ MORIGI, 2006, p. 195.

outras associações da comunidade local, como: liga de corais, clubes de mães e grupo de jovens.¹³⁶

Uma festa da igreja que se “prezava” deveria seguir uma espécie de ritual. Nesse ritual o trabalho das mulheres estava presente por toda parte. Estava presente na organização da festa, na elaboração e na preparação do cardápio, na venda de bolos e tortas e inclusive a venda de artesanato também pode ser caracterizada como ponto alto dessas festas. Também fica claro a separação do gênero nestas festas, sendo que homens e mulheres tinham papéis distintos:

observa-se na festa uma clara separação de trabalho por gênero, situação que também é observada no cotidiano. Igualmente, no salão de festas há a separação dos espaços que envolvem o trabalho feminino (a cozinha) e masculino (churrasqueira e copa). Nas mesas e na pista de dança é que se encontram homens e mulheres, para partilhar o comer e o dançar.¹³⁷

Seja nos espaços mais rurais ou mais urbanos, os festejos religiosos eram parte importante da vida das pessoas que professavam a fé cristã. Nos espaços rurais isso ficava ainda mais destacado, afinal a comunidade passava o ano planejando esses momentos. Neste contexto, o significado era ainda maior, já que

não são apenas resíduos de um agrupamento relativamente primitivo, mas, antes, um espaço sempre novo, no qual símbolos e ritos não só expressam se não inventam e ordenam o cotidiano. Assume-se a festa no contexto da religião como espaço e tempo privilegiados para visualizar e interpretar expressões e valores de um determinado grupo social, porque, neste empreendimento também de afirmação da identidade, ele se dá a conhecer.¹³⁸

Para que o planejamento das festividades ocorresse de maneira exitosa, a participação das mulheres era vital, pois eram elas as grandes idealizadoras desses momentos. Essas mulheres se reuniam de maneira sistemática para tomar decisões e preparar todo o material necessário para a realização do festejo. Formava-se assim, um grupo de pessoas que se tornava representante da comunidade, assim

os festejos, enquanto rituais que se desenvolvem em dias de festa, são ações de uma parcela do grupo que personifica a comunidade geográfica. Esses representam e encarnam o grupo social. Os que foram eleitos como “Diretoria Comunitária” ou “Comissão da Igreja”, assim como todas as lideranças que desempenham uma função ou serviço, assumem seus papéis em nome de uma comunidade, e sentem-se representantes como tal.¹³⁹

¹³⁶ MORIGI, 2006, p. 195.

¹³⁷ WEDIG, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Dádiva e reciprocidade: rituais religiosos e festivos na vida camponesa. **Anais del IV Congreso Argentino y Latinoamericano de Antropología Rural. Mar del Prata**, 25 al 27 de marzo de 2009, p. 10.

¹³⁸ TOFFOLI, Gervásio. Fazendo a festa: as festas religiosas comunitárias no litoral norte no estado do Rio Grande do Sul. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 5, n.5, p 77-104, junho de 2004. p. 78.

¹³⁹ TOFFOLI, 2004, p. 89.

A reunião dessas mulheres representava um elo de ligação entre o passado e o futuro, já que, ao se reunirem em torno de algum propósito, mantinham os laços entre elas e seus pares. Nas festas religiosas, a participação feminina era fundamental, pois eram elas que organizavam e promoviam a estruturação do espaço da festa

a preparação da festa tem início dias antes: durante a semana, as mulheres se reúnem para limpar o salão e iniciar a preparação das bolachinhas e cucas que serão servidas no café colonial e, também, vendidas separadamente.⁸ Enquanto um grupo limpa o salão, outro prepara as bolachas e o grupo responsável pelas cucas prepara as primeiras fornadas.¹⁴⁰

Nos momentos de festejos e de reuniões, principalmente envolvendo mulheres, encontramos uma intensa troca de saberes e um instinto, por vezes involuntário, de proteção da cultura e dos costumes de seus antepassados.

Um exemplo forte disso e tradição presente até hoje em alguns locais de colonização alemã são reuniões semanais que ocorrem na casa de uma das mulheres da comunidade ou somente entre um grupo de amigas de um mesmo grupo social, o chamado *Kränzchen*.

3.4. KRÄNZCHEN: MEMÓRIA ENTRE CONVERSAS E BORDADOS

A presença feminina sempre foi marcante quando se trata do processo de colonização alemã no sul do Brasil. Elas eram a “linha que borda” que uniam aos poucos os costumes herdados pelos seus antecessores e a memória viva nos locais de colonização germânica.

Inicialmente, no estabelecimento das primeiras comunidades, essas mulheres desempenhavam funções domésticas e sociais essenciais, como o cuidado da casa, da família e a organização de encontros comunitários. A vida nos primeiros tempos não era fácil, mas esses encontros entre amigas, parentes e familiares trazia alento e

¹⁴⁰ MACHADO, Carmen Janaina Batista; MENASCHE, Renata; SALAMONI, Giancarla. Comida, identidade e simbolismo: saberes e práticas alimentares na conformação da italianidade na colônia de Pelotas. MENASCHE, Renata (Org.). In: **Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2015. E-book. p. 115-132, 2015. p. 120.

esperança. Além disso, esses encontros também promoviam uma sensação de pertencimento, afinal

a questão cultural, principalmente no que se refere à nação e à etnia, traz consigo um ponto muito importante a ser pensado, que é a noção de pertencimento identitário, fundamental dentro desse contexto intercultural transnacional para que se possa entender a complexidade que envolve o significado do sentir-se imigrante.¹⁴¹

Nesse espaço, que podia ser dentro ou próximo da comunidade de fé ou, como era mais comum, na casa de uma das integrantes do grupo de mulheres, elas podiam conversar, trocar receitas de comida ou costura, falar de seus problemas e conversar sobre assuntos relacionados à comunidade. De certo modo, “a diversão para elas está no Kränzchen, numa roda em que conversam, tomam café e fazem trabalhos com agulhas.”¹⁴²

Esses encontros, conhecidos como Kränzchen, eram reuniões informais que promoviam a troca de saberes, o fortalecimento de laços afetivos e a manutenção das tradições culturais e religiosas, como a língua alemã e a fé luterana. Em alguns casos, não se restringiam somente às mulheres, mas também a toda família, promovendo uma interação social mais abrangente onde

várias famílias de imigrantes das mais conceituadas, formaram um Kraenzchen (Grinaldinha), grêmio este que oferecia uma reunião de 6 em 6 semanas aos associados, sendo que tais reuniões sempre decorriam na maior harmonia. Infelizmente nas noites de Kraenzchen chovia muitas vezes - o que não impedia, de modo algum o comparecimento maciço das famílias.¹⁴³

Nessas reuniões, os assuntos e os afazeres eram variados, além do café e das guloseimas servidas, podia-se bordar, coser, fazer crochê, ler um livro em conjunto e principalmente saber das novidades que estavam acontecendo no espaço da cidade. Por isso, foram e são ainda muito importantes, pois

reforçam, como já mencionamos, um ensaio de esfera pública feminina. Assim, mais do que revelar detalhes desses “Kraenzchen”, procuramos evidenciá-los, pois, a existência destes grupos não pode passar despercebida quando procuramos dar visibilidade para as atividades daquelas mulheres.¹⁴⁴

¹⁴¹ DA SILVA, Denise T. Imigração e Gênero: construções identitárias reveladas pela fotografia. In COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Org.) *In: Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Barcelona: Institut de la Comunicació - Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. 528. p. 141.

¹⁴² DA SILVA, 2012, p. 147.

¹⁴³ Relato de Mella Kroehne. In: *Boletim Informativo do AHJ*. Joinville, ano 5, nº 2, 03/1988. p. 10.

¹⁴⁴ SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, trabalho e sociabilidades*: histórias de mulheres em Joinville no século XIX. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 1997. p.105.

Com o processo de urbanização e ascensão social das famílias de origem alemã, essas reuniões informais evoluíram para formas mais estruturadas de organização. Em um primeiro momento, ocorriam nas casas de mulheres influentes da comunidade, como forma de ocupar o tempo ocioso delas, já que faziam parte de uma burguesia em ascensão. Com isso o papel dessas mulheres, agora descendentes de imigrantes, mudou pois

os imigrantes alemães tiveram uma importância marcante na história de Porto Alegre. Eles fundaram sociedades recreativas, criaram instituições de lazer e de ensino próprias, comunidades religiosas, teatros e cafés-concerto, transplantando costumes e tradições para essa cidade. A origem social desses imigrantes permitiu, por outro lado, uma melhor inserção no mercado de trabalho, sobretudo nas atividades comerciais voltadas para importação, alimentação, moda e vestuário.¹⁴⁵

Neste contexto, a mulher imigrante alemã e suas descendentes acabavam adquirindo uma certa representatividade na sociedade em crescente urbanização, principalmente no sul do Brasil. Sendo assim,

os valores culturais que foram transmitidos pela cultura alemã e que tiveram uma influência considerável sobre a formação da metrópole de Porto Alegre contribuíram, em grande medida, para o maior envolvimento das mulheres porto-alegrenses com o mundo do trabalho.¹⁴⁶

Dentro desta perspectiva, como forma de contribuição à sociedade, surgiu a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE)¹⁴⁷, uma organização que possibilitou às mulheres teuto-brasileiras evangélicas ampliar seu poder diaconal e de decisão nas comunidades. Ali, podiam organizar eventos e promover ações em prol de pessoas mais necessitadas.

É importante frisar que a OASE desempenhou um papel determinante na organização de atividades diaconais, como o cuidado a pessoas doentes, a organização de cultos e a perenização de festas cristãs tradicionais. Aliás, a questão religiosa era algo que estava na essência deste grupo, afinal

¹⁴⁵ DE OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. Porto Alegre: "Aqui as mulheres não se escondem". **Mulher e Trabalho**, v. 2, 2011. p. 164.

¹⁴⁶ DE OLIVEIRA, 2011, p. 165.

¹⁴⁷ Portal Luterano. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

isso resultou em um ativismo, porém, em resposta a isso uma nova orientação foi imposta ao grupo de mulheres, os grupos de mulheres luteranas deveriam acontecer com estudo bíblico, cantos e orações.¹⁴⁸

Além disso, a produção e comercialização de trabalhos manuais, como bordados e tricôs, tornaram-se fontes de recursos para a realização de projetos comunitários, como a construção de hospitais, jardins de infância e centros para a terceira idade, auxiliando

na produção e na comercialização de trabalhos manuais (o que incluía o bordado, a costura, o crochê, o tricô, a tecelagem e a pintura, entre outros), uma bagagem cultural trazida por mulheres alemãs evangélicas, mulheres dos grupos de OASE encontraram uma forma de gerar recursos para a realização dos seus projetos.¹⁴⁹

O legado do Kränzchen e da OASE é evidente na atuação contínua das mulheres nas comunidades evangélicas do sul do Brasil. Essas organizações não apenas garantiram a sobrevivência de elementos identitários centrais à cultura germânica, mas também contribuíram para o desenvolvimento de uma rede de solidariedade e espiritualidade que permanece relevante até os dias atuais. Vai muito além disso, implica na presença e na efetiva participação feminina embasadas e guiadas pela sua fé, afinal

a Igreja, por meio do chamado cuidado – categoria êmica de oferta afetiva da instituição que visa a reprodução nas ações entre os seus e os outros – é, nesse sentido, recordado pelas feministas de confessionalidade luterana, como a ação histórica de mulheres agindo em "mutirão" em diferentes sociedades, na Europa e América. A vida ética, construída pela fidelidade ao Evangelho como uma escritura sagrada, é o receptáculo de uma mística histórica – movimento de força histórica – que implica no feminismo, na segunda metade do século XX, o desejo por uma virada radical de justiça social.¹⁵⁰

A OASE, por exemplo, é atualmente o maior grupo de mulheres da América Latina, com cerca de “1.200 grupos e 30.000 mulheres associadas nos 18 Sínodos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)”.¹⁵¹ Esse grupo, mais do

¹⁴⁸ PIRES, Joyce. Luteranismo de imigração no Brasil: O impacto da liderança feminina no luteranismo de imigração alemã no Brasil: uma diferença positivada pelo feminismo na contemporaneidade. *Sacrilegus*, v. 17, n. 1, p. 91-108, 2020. p. 101.

¹⁴⁹ Portal Luterano. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

¹⁵⁰ PIRES, Joyce Aparecida. “**Nunca é feminista o suficiente**”: mulheres e feminismos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Tese de Doutorado, UNESP, Departamento de Sociologia e Antropologia, Marília, 2023. p. 69.

¹⁵¹ Portal Luterano. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

que prestar auxílio às pessoas mais necessitadas e perenizar costumes e tradições germânicas e principalmente a religião luterana, também é fundamental para o amparo de suas próprias integrantes, pois

na OASE também é construído um engajamento das mulheres no sentido de ajudá-las a enfrentarem os seus problemas, por exemplo, na educação dos filhos, em casos de divórcios, separações e outros problemas pessoais. Nesse sentido, a OASE moderna tem a pretensão de também unir as mulheres e protegê-las. Além disso, propõem caminhos de construção da autonomia e a autoestima das mulheres, negando a posição de submissão em relação aos homens e aos seus companheiros. O grupo de mulheres no luteranismo, neste contexto, também tem o objetivo de fortalecer e encorajar a visão positiva que as mulheres precisam ter para si mesmas.¹⁵²

Nesse contexto, na região do Vale do Sinos, um dos pólos deste grupo fica na cidade de Novo Hamburgo, local onde também encontramos muitos relatos de encontros semelhantes ao Kränzchen até os dias atuais, sendo a OASE um grupo atuante e importante na cidade. Em Novo Hamburgo, “a Igreja da Ascensão, fundada por imigrantes alemães, conta com um grupo da OASE que celebra mais de 100 anos de história.”¹⁵³ Em 2023, foi lançado um livro que reúne relatos e textos das integrantes do grupo ao longo do século, destacando a importância da OASE na consolidação da Igreja Luterana na cidade.

Esses exemplos ilustram como as mulheres imigrantes alemãs, por meio de organizações como o Kränzchen e a OASE, desempenharam um papel central na formação social, cultural e religiosa do sul do Brasil, deixando um legado que perdura até os dias atuais. Legado este que será aprofundado e apresentado no decorrer desta tese, especialmente através de entrevistas realizadas com mulheres que vivem neste contexto.

No capítulo a seguir, a memória e suas reinterpretações serão o foco central, pois como se trata de uma pesquisa baseada na metodologia da história oral, faz-se necessário nos aprofundarmos de conceitos referentes aos diferentes tipos de estudos da memória e suas diversas implicações em uma pesquisa qualitativa baseada em narrativas.

¹⁵² PIRES, 2023, p. 71.

¹⁵³ Portal Luterano. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

4. MEMÓRIA E RESSIGNIFICADOS: SENTIMENTO, CORPO E VIVÊNCIAS

As lembranças e a contação destas lembranças à comunidade onde se vive auxiliaram na perpetuação da História dos seres humanos. A memória é parte da capacidade de abstração e da consciência do indivíduo, a partir daquilo que ele vivencia, portanto “a memória humana ou animal se refere àquilo que se armazena, conserva e evoca de sua própria experiência pessoal.”¹⁵⁴

Os gregos, que através da musa Clio não deixaram com que os feitos humanos morressem, foram os responsáveis pela perpetuação das histórias antigas ocidentais a partir de lendas e mitos passados de geração em geração através da oralidade. Como afirma Regis:

Quanto à Memória, é fácil compreender que assume grande importância em uma civilização sem escrita, pois dela depende a transmissão dos costumes e tradições. Mas a memória do poeta grego diferencia-se da capacidade humana de recordar. Ela não é somente uma tentativa de reconstrução e transmissão do passado às gerações futuras. Para os gregos, a Memória é sagrada e privilégio apenas de alguns homens.¹⁵⁵

Portanto, a memória é imprescindível quando falamos de uma sociedade onde não há escrita, mas a partir do momento em que a escrita passa a ser parte importante de uma civilização, aqueles que detêm o poder desfrutam de prestígios e privilégios, desse modo são vistos como seres superiores, quase sagrados, e aquilo que pertence ao imaginário do coletivo perde um pouco de sua relevância.

Durante muito tempo, aliás, a memória escrita foi considerada a única memória confiável, aquela encontrada em documentos e registros era validada, as demais não tinham razão e nem propósito em uma sociedade desenvolvida.

Quando se trata de registrar histórias, os relatos orais auxiliaram de diversas formas na manutenção da memória e da cultura de diferentes tipos de sociedade em diferentes momentos históricos. Mesmo assim, durante o século XIX, com diferentes correntes históricas e filosóficas baseadas na ciência a partir de “provas concretas”, a

¹⁵⁴ IZQUIERDO, Ivan. **Sobre memória**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004. p. 16.

¹⁵⁵ REGIS, Fátima. Memória e esquecimento na Grécia Antiga: da complementaridade à contradição. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 20-24, 1997. p. 20.

oralidade estava fadada ao esquecimento e a incredulidade, pois não se baseava em documentos escritos, mas sim em fatos vividos. Assim sendo, “no final do século XIX com a escola positivista, o registro escolhido pela maioria dos historiadores era o documento escrito, sobretudo o oficial. Esse documento assumia o peso da prova histórica e a objetividade em garantia pela fidelidade ao mesmo”.¹⁵⁶

Isso não significa que a historiografia documental está ultrapassada ou algo do gênero, mas sim que durante algum tempo era considerada a fonte mais segura de trabalho para quem pretendia preservar a memória, principalmente de um fato histórico.

É crucial também entender o que de fato é a pesquisa documental, pois esta se trata de fontes primárias, como documentos, cartas e diários, materiais que ainda não passaram pelo crivo de uma pessoa pesquisadora. São documentos ditos “oficiais” de legitimam o fato histórico, algo que

utiliza materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que podem passar por novas análises de acordo com os objetivos da pesquisa. Existe muita proximidade entre a pesquisa documental e a bibliográfica, mas a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto e é indispensável até mesmo como ponto de partida para a definição de futuros acervos de documentos primários, esses sim a matéria prima da pesquisa documental.¹⁵⁷

Vários autores defenderam durante décadas a pesquisa documental como importante ou principal técnica válida para a manutenção da memória, dentre eles Certeau, um dos grandes entusiastas da relação entre a pessoa historiadora e o objeto histórico documental, defensor de técnicas rígidas que podem garantir um aguçado e uma escrita coerente a partir do documento. Ele afirma inclusive que

o laboratório da escritura tem como função “estratégica”: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligada, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um “recebido”, e o que sai dela é um “produto”. As coisas que entram na página são sinais de uma “passividade” do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são

¹⁵⁶ SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. p. 6.

¹⁵⁷ RODRIGUES, Denise S.; FRANÇA, Maria do Perpetuo Socorro. A pesquisa documental sócio-histórica. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**, Belém: EDUEPA, p. 55-74, 2010. p. 55.

as marcas do seu poder de fabricar objetos. No final das contas, a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior.¹⁵⁸

Outrossim, com o advento de novos estudos historiográficos, a pesquisa documental passou a ser não somente a única fonte possível de pesquisa, mas uma importante aliada às demais fontes, uma vez que atualmente

ao referir-se a “documento”, o pesquisador acentua que este comporta quase todos os vestígios do passado, que contemplam as atividades humanas, ou seja, pode considerar textos escritos ou qualquer outro testemunho que esteja registrado. Entretanto, cabe ao(a) pesquisador(a) os questionamentos e a análise de tais documentos, uma vez que, ao serem produzidos, além de serem reflexos do ambiente social, também são responsáveis pela construção deste.¹⁵⁹

Outro aspecto relevante é a relação entre o tempo e a memória, que pode ser entendida como um processo dinâmico no qual o passado não é apenas armazenado, mas constantemente reconstruído a partir do tempo presente. Segundo Bergson, “a memória está intrinsecamente ligada à duração, isto é, à experiência subjetiva do tempo, funcionando como um fluxo contínuo em que passado e presente se interpenetram”¹⁶⁰.

Nessa perspectiva, lembrar não significa recuperar um dado fixo, mas reinterpretar experiências à luz de novas vivências. De modo complementar, Halbwachs destaca o caráter social da memória, argumentando que “as lembranças individuais são moldadas por quadros coletivos que organizam a percepção do tempo histórico”¹⁶¹.

Já Ricoeur enfatiza a dimensão narrativa da memória, na qual “o tempo humano se torna inteligível por meio dos relatos que articulam lembrança, esquecimento e identidade”¹⁶². Assim, a relação entre tempo e memória revela-se

¹⁵⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 225 – 226.

¹⁵⁹ BRITO, Estela Denise Schütz; LIMBERGER, Rafaela; SASSET, Rosane Salete. Análise Documental e História Oral: o entrelaçar metodológico nas pesquisas em História da Educação. In: **Perspectivas Teóricas e Metodológicas para as pesquisas em Educação**, Jonathan Vicente da Silva; Pâmela Franciele Nunes Cuty; Rafaela Limberger [Orgs.] Perspectivas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p.39.

¹⁶⁰ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 71.

¹⁶¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 42.

¹⁶² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 83.

fundamental para a compreensão de como os sujeitos constroem sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo ao longo do tempo.

Para ele, as experiências vividas perpassam a memória; elas se constroem e se reconstroem a partir de novas narrativas e de novos sentidos e significados. Deste modo, mesmo que a vivência seja individual e intransferível, quando ela é partilhada com outros se torna muito mais significativa, afinal

um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode se transferir como tal para outra [...]. E, no entanto, algo se passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência [...] mas sua significação. Eis o milagre. A experiência [...] permanece privada, mas o seu sentido se torna público. A comunicação é, deste modo, a superação da radical incomunicabilidade da experiência.¹⁶³

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, precisamos levar em consideração os conceitos de mentalidade de longa e curta duração, estudada e debatida pela historiografia a partir das concepções de Lefebvre e Braudel construídos a partir da primeira metade do século XX.

Na concepção de Brandel, “trata-se de uma história de ritmos seculares, e não mais milenares, e depois dela surgirá o último andar – a ‘curta duração’ que rege a história dos acontecimentos, formada por perturbações superficiais, espumas de ondas que a maré da história carrega em suas fortes espáduas”¹⁶⁴. Ou seja, o tempo histórico de longa duração refere-se a conceitos enraizados e postos a muito tempo na sociedade, enquanto o de curta duração pode ou não seguir como um hábito ou costume, pode mudar de maneira mais súbita, conforme as consequências destas memórias no cotidiano da sociedade.

Para Lefebvre, a memória traz consigo antigas sensações. A partir desse cenário, ele discute sua importância e analisa como a mentalidade coletiva acaba por afetar as estruturas de uma sociedade. Essa mentalidade, para ele, está diretamente ligada à construção do espaço e suas consequências, onde

o histórico, o diacrônico, o passado gerador se inscreve incessantemente sobre o espacial, como sobre um quadro. Há mais, sobre e no espaço, que vestígios incertos deixados pelos acontecimentos; também existe a inscrição da sociedade em ato, o resultado e o produto das atividades sociais. Existe mais que uma escrita do tempo. O espaço gerado pelo tempo é sempre atual,

¹⁶³ RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 27-28.

¹⁶⁴ BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Paris: Flammarion, 1969. p. 11.

sincrônico e dado como um todo; relações internas, conexões que ligam seus elementos, também produzidas pelo tempo.¹⁶⁵

Ou seja, o espaço que vivemos sempre carrega marcas de processos passados, afinal ele é resultado vivo das práticas sociais e da influência direta das pessoas que ali habitam ou as que já habitavam aquele local, portanto, é uma construção histórica e social, onde o passado permanece ativo, organizando o presente por meio de formas, relações e estruturas que continuam em funcionamento.

Não se pode esquecer que a memória é algo único e individual, carregada de sentimentos e subjetividades e que por isso mesmo, apesar de poder ter diferentes interpretações, traz consigo a visão de mundo de quem está contando, a partir de sua perspectiva, de suas vivências e de suas crenças. Deste modo “a memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.”¹⁶⁶

Além disso, é importante evidenciar o conceito de memória coletiva, sustentada principalmente por Maurice Halbwachs, conceito esse que tem como principal ponto a discussão de que a memória de um indivíduo não é só sua, pois está inserida dentro do contexto social. Deste modo, “para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos [...] é preciso que existam muitos pontos de contato entre uma e outra lembrança que estejam em nosso espírito e também no dos outros.”¹⁶⁷

A partir deste conceito, a memória passou a ser concebida como algo que, apesar de fazer parte da individualidade de uma pessoa, remonta também a vivência coletiva da mesma, onde as narrativas de várias pessoas que viveram o mesmo período se complementam. Mais adiante será feita uma análise mais profunda desse conceito, afinal ele é fundamental para o entendimento da pesquisa.

¹⁶⁵ LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Tradução de Ana Maria Simões, Doralice Barros Pereira, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 94.

¹⁶⁶ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102. p. 94.

¹⁶⁷ HALBWACHS, 2006, p. 39.

Outro autor que sustenta essa afirmação é Michael Pollak, cuja interpretação destaca que a memória coletiva não se contrapõe à memória individual, pois esta é construída e constantemente reelaborada no interior dos grupos sociais. Deste modo, “memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais.”¹⁶⁸

As lembranças estão presentes na vida das pessoas, são guardadas ou esquecidas conforme sua intensidade, seja ela boa ou ruim. Além disso, ao acessar uma memória a tendência é revivê-la novamente e isso pode fazer com que sejam acrescentados ou retirados elementos durante a narrativa. A memória é algo fluido e mutável, na medida que envolve diferentes variáveis. Sendo assim,

a constituição de memórias envolve não só experiências vividas diretamente, mas também, experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização. Vale dizer que, mesmo os acontecimentos, pessoas e lugares que compõem as experiências diretas dos indivíduos e grupos são alterados quando registrados na forma de lembranças, não correspondendo de modo totalmente fiel à realidade. As memórias podem, ainda, envolver elementos que transcendem o espaço-tempo de duração de vida dos indivíduos e grupos, evocando passagens míticas e fantásticas.¹⁶⁹

Portanto, quando se revive um momento, quando se refaz uma lembrança isso está carregado de sentidos, emoções e vivências, que apesar de serem individuais, tem muito a contribuir com o coletivo, ou seja “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”.¹⁷⁰

O sentimento é algo muito presente quando acessamos essas memórias. Ele pode expressar-se em sorrisos e lembranças agradáveis que fazem a fala fluir, mas também podem expressar tristeza ou dor que por vezes somente o silêncio pode nos dizer algo. Sendo assim, o trabalho da pessoa pesquisadora precisa ser cuidadoso e preciso, captando não só o que está sendo relatado, mas também aquilo que fica nas entrelinhas, afinal, nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder

¹⁶⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 4.

¹⁶⁹ RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. p. 9.

¹⁷⁰ POLLAK, 1989, p. 10.

relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa, antes de mais nada, encontrar uma escuta.”¹⁷¹

Nossas vivências são carregadas de memórias corporais, de cheiros, sons e visões que nos ajudam a não esquecer daquilo que foi experienciado. E quando essas memórias voltam, são acessadas, a reativação dessas sensações nos ajuda a contar melhor essas histórias. A memória nos faz reviver, mais que isso, nos faz ressignificar aquilo que somos e vivemos, nos traz sentido, nos ajuda a construir nossa identidade como seres humanos.

4.1. LEMBRANÇAS E PERCEPÇÕES: A MEMÓRIA VIVIDA

A relação entre memória e história pode ser entendida como indissolúvel, uma relação que se complementa e se retroalimenta desde os tempos mais remotos. Durante muito tempo, a história foi concebida como o estudo dos grandes acontecimentos políticos e dos feitos de personagens considerados excepcionais, baseando-se, sobretudo em documentos oficiais escritos. A partir do século XX, contudo, novas abordagens historiográficas passaram a questionar essa visão reduzida do passado, incorporando conceitos como memória, experiência, cotidiano e subjetividade.

Nesse contexto, ganham destaque os estudos sobre memória coletiva, micro-história, história coletiva e individual, bem como a chamada história subterrânea, fortemente vinculada à história oral. Essas perspectivas ampliam o campo da história, permitindo a inclusão de narrativas silenciadas e a valorização das experiências de grupos marginalizados. Reavivar determinados fatos pode contribuir para a criação de uma narrativa diferente, sob outro ponto de vista. Em suma,

pensar a especificidade da narrativa histórica cuja atenção está nos esquecimentos na história como construções *desaparecidas* é poder pensar também o trabalho de construção de *ausências*, dos silêncios, das lacunas, dos não-ditos, que possam ter se constituído e se constituir ainda em *cenas organizadoras* da história, cuja *simbolização* pode tomar a forma de uma escrita.¹⁷²

¹⁷¹ POLLAK, 1989, p. 6.

¹⁷² CARDOSO, Irene. Narrativa e história. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, p. 3-13, 2000. p. 7.

Importante também ressaltar que a memória pode ser compreendida como um processo ativo de reconstrução do passado, e não como um simples armazenamento fiel de fatos ocorridos. Ela envolve lembranças, interpretações e significados atribuídos às experiências vividas, sendo constantemente influenciada pelo presente. Conforme Le Goff, “a memória é um elemento essencial da identidade individual e coletiva, pois permite aos grupos sociais manterem uma continuidade simbólica ao longo do tempo”.¹⁷³

Outro aspecto fundamental da memória é sua seletividade. Lembrar implica, necessariamente, esquecer. Determinados acontecimentos são valorizados, enquanto outros são apagados ou silenciados, seja por razões políticas ou culturais, seja por traumas e feridas não curadas. Novamente, Le Goff destaca que “o controle da memória é também uma forma de poder, pois quem define o que deve ser lembrado influencia a construção da história.”¹⁷⁴

O controle ao qual Le Goff se refere, aliás, não possibilita uma total compreensão do fato, pois, muitas vezes, a memória existe, a vivência foi marcante e é importante, porém, a forma como essa história pode ou não ser contada nem sempre depende de quem a viveu. Muitas vezes essas narrativas ficam guardadas, escondidas, pois

na história, o silêncio por vezes é ocultamento. As figuras sociais não faladas são como se não existissem, precisam ser invisíveis. Tem sido assim com pobres, mulheres, negros, negras, operários (as), trabalhadores em geral, indígenas, escravos (as), quilombolas, povos das florestas, moradores de rua, mendigos, crianças pobres, homoafetivos (as) (homossexualidades), LGBTQ +, Queer, refugiados, palestinos, entre outras categorias.¹⁷⁵

Mesmo assim, alguns ousam falar, apesar de serem perseguidos e excluídos, que muitas pessoas anseiam que sua memória não seja esquecida, pois “num mundo hostil, somente os grandes revoltados, ou os grandes condenados, ousam falar. Os outros, a massa dos reclusos, enterram-se no silêncio: quando libertados, só têm uma

¹⁷³ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História e memória**. 5. ed. Tradução de Irene Ferreira [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-420. p. 420.

¹⁷⁴ LE GOFF, 2003. p. 425.

¹⁷⁵ BORRALHO, Henrique. Os silêncios da História. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v. 7, n. 1, p. 56- 79, jan./jun. 2021. p. 58.

obsessão: fazer conhecer o passado, para serem 'aceitos'¹⁷⁶. Portanto, a memória é base fundamental para compreendermos a história a partir de perspectivas distintas.

Por conseguinte, no campo historiográfico, a memória passou a ser reconhecida como fonte histórica legítima, sobretudo quando se trata de experiências que não deixaram registros escritos formais, principalmente a partir da Escola dos Annales. Por isso, o estudo da história a partir da reativação da memória é algo que traz benefícios, mas pode se tornar perigoso, caso não seja bem conduzido pela pessoa pesquisadora, pois

a construção de um passado que não coincidiria com o que “teria sido de fato”, um passado “real”, coloca a questão da relação entre a possibilidade de simbolização e a possibilidade de imaginação relativas a esse passado e nessa medida, portanto, da relação entre as dimensões simbólica e imaginária, o que do ponto de vista da narrativa histórica pode ser traduzida na questão da relação entre história e ficção. Em outros termos, a narrativa histórica poderia ser aproximada de uma narrativa ficcional quando uma história-memória, cujo objeto é a memória histórica das sociedades (no sentido anteriormente construído), defronta-se com as construções desaparecidas que são também desconhecidas.¹⁷⁷

Nesse ponto, o papel de quem escuta e interpreta precisa ser coerente fazer sentido, somente com uma análise criteriosa e a partir de um estudo cuidadoso, a memória ressuscitada será válida para a contação da narrativa histórica.

Outro aspecto importante a ser relacionado com o estudo e a pesquisa sobre memória é o conceito de história coletiva, que se refere às experiências compartilhadas por grupos sociais, como classes trabalhadoras, comunidades étnicas, movimentos sociais ou nações. Ela envolve memórias comuns, identidades construídas socialmente e narrativas que fortalecem o sentimento de pertencimento.

Além disso, essas memórias são parte de lembranças individuais, mas que fazem muito sentido quando são colocadas em um contexto do coletivo. Neste caso, não se tratam somente de recordações, mas são um pedaço de uma história muito maior, vivida também por outras pessoas. Como afirma Halbwachs, a memória coletiva “postula que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não

¹⁷⁶ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 239.

¹⁷⁷ CARDOSO, 2000, p. 9.

pode ser efetivamente analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória”.¹⁷⁸

Mesmo que a história individual seja uma parte da história de vida de uma pessoa, no momento em que esta relata sua história como parte de uma pesquisa, este ato faz com que sua história se torne um testemunho da história da sociedade onde ela vive. Deste modo

a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva¹⁷⁹.

Por outro lado, a história individual se concentra nas trajetórias pessoais e nas experiências subjetivas dos indivíduos. Durante muito tempo, a história tradicional se limitou a narrar a vida de grandes líderes. No entanto, a historiografia contemporânea ampliou esse conceito, passando a valorizar também a história de pessoas comuns. Essas histórias, portanto, são uma reconstrução do passado, onde “uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso”.¹⁸⁰

É importante realçar também que não basta a memória individual vir à tona; é necessário que estas lembranças se relacionem com as memórias de outras pessoas que fazem parte do mesmo contexto. Ou seja

não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.¹⁸¹

Sendo assim, a experiência individual está inserida em um contexto maior, por isso não é somente uma história pessoal sendo recontada, mas sim uma lembrança

¹⁷⁸ HALBWACHS, 2006, p. 24.

¹⁷⁹ DA SILVA, Giuslane Francisca. A memória coletiva. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016. p. 248.

¹⁸⁰ HALBWACHS, 2013, p. 31.

¹⁸¹ HALBWACHS, 2013, p. 39.

que auxilia na compreensão de um contexto maior. Conforme Thompson, “a experiência individual é fundamental para compreender os processos históricos, pois é por meio dela que os sujeitos vivem, interpretam e respondem às transformações sociais”.¹⁸² Assim, história coletiva e individual não se excluem, mas se complementam, por isso as lembranças que se ressaltam em primeiro plano da memória de um grupo social, são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de integrantes desse grupo.

As memórias individuais, embora sejam vivenciadas de forma particular por cada sujeito, são construídas a partir de referenciais sociais compartilhados. Maurice Halbwachs afirma que o indivíduo se recorda sempre a partir dos “quadros sociais da memória”, isto é, de “valores, normas e experiências coletivas que orientam o modo como os acontecimentos são lembrados”¹⁸³. Dessa forma, quando analisadas em conjunto, as memórias individuais permitem identificar padrões sociais e valores comuns que estruturam a vida em sociedade.

Além de revelar regularidades, o estudo conjunto das memórias individuais possibilita compreender conflitos e tensões existentes no interior dos grupos sociais. Isso ocorre porque diferentes posições sociais, trajetórias de vida e experiências históricas produzem interpretações distintas de um mesmo evento. Michael Pollak destaca que “a memória é um espaço de disputas simbólicas, no qual certas lembranças são valorizadas enquanto outras são silenciadas, evidenciando conflitos e desigualdades sociais”.¹⁸⁴

Ao mesmo tempo, as memórias individuais também expõem diferenças, contradições e formas de resistência dentro dos grupos. “Nem todos os sujeitos incorporam de maneira homogênea as narrativas dominantes, o que gera versões alternativas do passado”.¹⁸⁵ Nesse sentido, “a memória atua como um campo dinâmico, no qual se articulam identidade, poder e resistência, permitindo compreender tanto a coesão quanto a diversidade interna dos grupos sociais”.¹⁸⁶

¹⁸² THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 182–185.

¹⁸³ HALBWACHS, 2006, p. 38–39.

¹⁸⁴ POLLAK, 1989, p. 10–11.

¹⁸⁵ HALBWACHS, 2006, p. 41.

¹⁸⁶ POLLAK, 1989, p. 15.

A valorização da história coletiva como uma fonte confiável de pesquisa permite que determinados grupos possam ser incluídos na história oficial, valorizando suas vivências como parte importante de uma história maior de uma determinada sociedade. Para isso, é preciso perceber este relato como um recorte de um contexto de grandes narrativas. Levando em consideração esse aspecto, o conceito de micro-história emerge como um caminho a ser percorrido por quem leva em conta a utilização da memória como parte integrante da pesquisa.

A micro-história surge como uma corrente historiográfica que propõe a redução da escala de análise histórica. Em vez de estudar apenas grandes estruturas econômicas ou políticas, a micro-história concentra-se em casos específicos, comunidades locais ou trajetórias individuais, buscando compreender como esses elementos se articulam com processos históricos mais amplos. Para alguns autores, como Ginzburg, a definição de micro-história pode ser entendida como:

“Microstorie” [que] quer ser um experimento, uma proposta, uma verificação de materiais; uma reordenação de dimensões, de personagens, de pontos de vista. E também, mas não necessariamente, a história dos pequenos e dos excluídos. É a história dos momentos, das situações, das pessoas que, indagadas com olhar analítico, em âmbito circunscrito, recuperam peso e cor. O exame dos contextos concretos na sua complexidade faz emergir novas categorias interpretativas, novas tramas causais, novos terrenos de investigação.¹⁸⁷

Para o autor, “a análise minuciosa de um caso singular pode revelar mecanismos sociais e culturais invisíveis em estudos de larga escala”.¹⁸⁸ A micro-história, portanto, não ignora o contexto geral, mas o observa a partir do particular. Deste modo, esta abordagem valoriza as experiências individuais dentro de um contexto coletivo.

Essa perspectiva valoriza fontes alternativas, como processos judiciais, relatos orais, autobiografias e memórias, e principalmente no que diz respeito às memórias, é que a micro-história consegue desvendar novas faces de um mesmo evento, pois ao fazê-lo, aproxima-se da história oral e da memória, permitindo reconstruir experiências cotidianas e estratégias de sobrevivência de sujeitos comuns. Sendo assim, esta vertente historiográfica “destaca que a micro-história evidencia a

¹⁸⁷ GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989. p. 21.

¹⁸⁸ GINZBURG, 1989, p. 15–18.

complexidade das relações sociais e a margem de ação dos indivíduos dentro das estruturas históricas”.¹⁸⁹

Dessa forma, a micro-história contribui para uma história mais humanizada, que reconhece os sujeitos como agentes ativos do processo histórico e como parte importante do processo histórico, validando as memórias individuais como parte fundamental na reconstrução do passado.

Seguindo este mesmo método, encontramos também a microanálise que, juntamente com a micro-história, auxilia na compreensão dos relatos feitos, com o intuito de interpretar essas falas como algo válido, com métodos e critérios, não como uma mera contação de histórias. A microanálise na micro-história consiste em um procedimento metodológico que privilegia o exame aprofundado de realidades históricas circunscritas, como trajetórias individuais, pequenos grupos ou situações específicas, para compreender fenômenos sociais mais amplos. Ao operar em escala reduzida, essa abordagem permite observar com maior precisão as práticas sociais, os sistemas de valores e as margens de ação dos sujeitos históricos, evidenciando tensões e negociações que tendem a se diluir em análises de grande alcance. A microanálise não busca representar o “típico”, mas explorar o significado histórico do singular, tratando os detalhes como elementos reveladores das estruturas sociais.

Operar essa interpretação é importante, ao mesmo tempo que pode se tornar arriscado, ao passo que, se não for feito do modo correto, sem “achismos” ou invenções, pode não resultar num estudo confiável. Por isso, Sandra Pesavento adverte

os riscos da empreitada de uma microanálise, assinalei as possíveis superinterpretação, onde, a partir de um caso analisado, o historiador se permite interpretações que extrapolariam os limites autorizados pela análise do micro. Ou, em outras palavras, o historiador levaria muito longe as suas associações, encontrando correspondências e analogias para além dos marcos de seu corpus documental.¹⁹⁰

Mesmo assim, é a partir desta microanálise que se consegue ver para além, no âmbito micro (local) e macro (espacial), levando em conta também as mudanças

¹⁸⁹ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: **A Escrita da História**: novas perspectivas /Peter Burke (org.). São Paulo: Editora da UNESP 1992. p. 138.

¹⁹⁰ PESAVENTO, Sandra Jathay. O corpo e a alma do mundo: a micro-história e a construção do passado. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 179-189, jan./abr. 2004. Disponível em: Portal de Periódicos Unisinos. Acesso em: 14 fev. 2026. p.181.

ocorridas com o passar do tempo no lugar onde essas histórias estão sendo revisitadas, afinal

são, a rigor, construções imaginárias de pertencimento, representações do real que assinalam identidades partilhadas. Constituem, portanto, elaborações culturais históricas, que envolvem delimitações de espaço, formas de sociabilidade, perfis de atores e um elenco de sensibilidades, razões, valores e manifestações do espírito entendidas como pertinentes a um território específico. A região e o local são, assim, recortes de escala no espaço, portadores de sentido cultural específico.¹⁹¹

Indo ao encontro da dita história social, assim como tudo que foi explanado até aqui, a história subterrânea traz também a premissa das narrativas orais provenientes de parte da população até então desprezada pela história factual e oficial. A chamada história subterrânea diz respeito às experiências e narrativas que permanecem fora da história oficial. Tratam-se das histórias de grupos subalternizados, como trabalhadores, mulheres, populações negras, indígenas e camponeses, cujas vivências raramente aparecem nos documentos institucionais.

Essas experiências sobrevivem, muitas vezes, por meio da memória e da tradição oral. Nesse contexto, a história oral assume papel central como metodologia de pesquisa histórica. Paul Thompson afirma que

a história oral democratiza a produção do conhecimento histórico ao permitir que pessoas comuns se tornem narradoras de suas próprias histórias”. Sendo assim, as pessoas que partilham de suas histórias pessoais e colaboram para a construção de uma história coletiva, se sentem valorizadas e relevantes para composição do processo histórico.¹⁹²

A memória oral não registra apenas fatos, mas também emoções, percepções e interpretações do passado. Ela funciona como forma de resistência ao esquecimento imposto pelas narrativas dominantes, preservando identidades e experiências coletivas. Em vista disso, pode-se considerar que

de fato, todo homem e toda mulher têm uma história de vida para contar que é de interesse histórico e social, e muito podemos compreender a partir dos poderosos e privilegiados – proprietários de terra, advogados, padres, empresários, banqueiros, etc. Mas a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres; mas existem muitas outras, tais como os

¹⁹¹ PESAVENTO, 2004, p. 183.

¹⁹² THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História oral**, v. 5, 2002. p. 22.

trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados.¹⁹³

A incorporação da memória aos estudos históricos ampliou significativamente as possibilidades de compreensão do passado. Abordagens como a micro-história, a história coletiva e individual e a história subterrânea romperam com a visão tradicional da história, permitindo a inclusão de múltiplas vozes e experiências.

A memória, especialmente quando articulada à história oral, revela dimensões subjetivas e cotidianas da vida social, fundamentais para a compreensão dos processos históricos. Dessa forma, história e memória não apenas se complementam, mas constroem juntas uma narrativa mais plural, crítica e democrática do passado.

Por isso, a história oral é a base mais vigorosa desta pesquisa, ao passo que ao resgatar as histórias e memórias dessas mulheres teuto-brasileiras e suas experiências no processo de urbanização da cidade de Novo Hamburgo, possamos retomar a história oficial a partir da vida e da trajetória dessas mulheres.

4.2. RECORDAR E NARRAR: O PAPEL DA HISTÓRIA ORAL

A história oral consolidou-se, ao longo do século XX, como um campo metodológico e teórico fundamental para as ciências humanas, especialmente para a História, ao propor a utilização sistemática da memória e da narrativa como fontes legítimas para a construção do conhecimento histórico. Essa abordagem rompe com a centralidade exclusiva das fontes escritas e amplia o conceito de documento histórico, incorporando experiências individuais e coletivas que, muitas vezes, permaneceram ausentes dos registros oficiais. Segundo Meihy e Holanda, “a história oral pode ser definida como “um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com a gravação de depoimentos, sua transcrição, textualização e análise”.¹⁹⁴ Dessa forma, não se trata apenas de ouvir relatos, mas de um processo sistemático e rigoroso de produção de fontes históricas.

¹⁹³ THOMPSON, 2002, p. 16.

¹⁹⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011. p. 18.

A história oral utiliza metodologias específicas, como entrevistas semiestruturadas, gravação de depoimentos, transcrição e análise narrativa. Esses procedimentos permitem captar não apenas informações factuais, mas também emoções, silêncios e significados atribuídos às experiências vividas.

A memória, elemento central da história oral, não deve ser compreendida como um espelho fiel do passado, mas como um processo ativo de reconstrução. Cabe mencionar que a memória é socialmente construída e constantemente reelaborada e revisitada a partir das experiências do presente, estando fortemente vinculada à identidade dos indivíduos e dos grupos sociais. Assim, ao narrar sua história, o sujeito seleciona lembranças, atribui significados e organiza os acontecimentos de acordo com suas referências culturais e sociais. Essa característica da memória, longe de desqualificar a fonte oral, confere-lhe riqueza analítica, pois permite compreender não apenas os fatos históricos, mas também as interpretações e os sentidos atribuídos a eles.

As lembranças nos ajudam a entendermos melhor o passado e também o presente, além disso pode servir como base para preenchermos informações que ainda não foram totalmente desvendadas, afinal “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação”.¹⁹⁵

Para podermos trabalhar com as informações trazidas por essas memórias, o método da história oral é o mais indicado, uma vez que a utilização da história oral implica a adoção de técnicas específicas que asseguram a validade científica do método. A entrevista constitui o principal instrumento de produção das fontes orais e pode assumir diferentes formatos, como a entrevista temática ou a história de vida.

A história de vida busca apreender a trajetória completa da pessoa entrevistada, considerando suas experiências pessoais em diálogo com o contexto histórico e social. Sendo assim, “a entrevista de história oral é uma relação social, com todas as complexidades que isso implica”¹⁹⁶. Por isso mesmo, o olhar atento e sensível por parte da pessoa pesquisadora é essencial.

¹⁹⁵ HALBWACHS, 2006, p. 29.

¹⁹⁶ THOMPSON, 2002, p. 301.

O uso de recursos tecnológicos, como gravações em áudio ou vídeo, é indispensável na história oral, pois possibilita o registro integral da fala, preservando entonações, pausas e emoções. Posteriormente, o material gravado passa pelo processo de transcrição, etapa que vai além da simples conversão da oralidade em texto escrito. Conforme destaca Alberti, a transcrição é uma fase interpretativa da pesquisa, pois envolve escolhas que influenciam diretamente a leitura e a análise do depoimento, pois “transformar a fala em texto implica interpretar”.¹⁹⁷ Nesse sentido, a história oral exige da pessoa pesquisadora transparência metodológica e consciência do papel mediador que desempenha na construção da fonte.

Como a memória é a base formadora da oralidade, ao desbravarmos esta seara, acabamos lidando com diferentes visões acerca de um mesmo fato, visões essas carregadas de sentimentos e de camadas e camadas de informações por vezes desconstruídas. As entrevistas por si só não se sustentam, já que

a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...]¹⁹⁸

Mesmo assim, isso não significa que a utilização da história oral deva ser desacreditada, mas sim precisa ser usada com cautela e responsabilidade, não só porque envolve sentimentos recolhidos que afloram quando rememorados, mas também porque se trata de um material rico em detalhes que auxilia na construção da memória coletiva. Entretanto, essa memória só pode ser utilizada se for recente. Logo,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos.¹⁹⁹

¹⁹⁷ ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 79.

¹⁹⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 9.

¹⁹⁹ ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. p. 4.

A relevância da história oral se manifesta de forma significativa no registro da memória, sobretudo de grupos sociais historicamente marginalizados e excluídos. Ao registrar narrativas de sujeitos que não tiveram acesso aos meios tradicionais de produção da história, esse método contribui para a maior abrangência do conhecimento histórico. Vale enfatizar que a história oral não se preocupa apenas com a exatidão factual dos acontecimentos narrados, mas com os sentidos que os indivíduos atribuem às suas experiências. Como afirma Portelli, “a história oral não nos diz apenas o que as pessoas fizeram, mas o que elas queriam fazer, o que acreditam ter feito e o que agora pensam que fizeram”.²⁰⁰

Neste sentido, as lembranças utilizadas a partir do método de história oral frequentemente são provenientes de memórias de pessoas mais velhas, que vivenciaram um fato ou um acontecimento e foram testemunhas oculares das memórias da comunidade onde vivem.

Por isso mesmo, os relatos de idosos ocupam um lugar de destaque na história oral, pois esses indivíduos são portadores de memórias que atravessam diferentes períodos históricos e sociais. Suas narrativas possibilitam reconstruir aspectos do cotidiano, das relações de trabalho, da vida familiar e das transformações culturais que, muitas vezes, não foram registrados em documentos escritos. Ao analisarmos a memória de idosos, é sensato enfatizar que o ato de lembrar não significa reviver o passado de forma intacta, mas reinterpretá-lo à luz do presente. Sendo assim, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.”²⁰¹

Além de sua importância para a reconstrução do passado, os relatos de idosos possuem uma dimensão social e ética relevante. Ao reconhecer esses sujeitos como protagonistas de suas histórias, a história oral contribui para a valorização de suas experiências e para o fortalecimento de sua identidade. Ademais, a escuta de suas narrativas favorece o diálogo intergeracional, permitindo que conhecimentos, valores e vivências sejam transmitidos às gerações mais jovens. Dessa forma, a história oral

²⁰⁰ PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: forma e significado na história oral**. São Paulo: UNESP, 1997. p. 31.

²⁰¹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 55.

ultrapassa os limites da academia, assumindo também um papel social no registro da memória coletiva.

Entretanto, nem sempre a pessoa idosa considera sua memória algo que seja de fato relevante, principalmente porque “o lembrar do velho é uma constante tensão entre passado e presente, uma busca de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.”²⁰² Assim sendo, existe um temor por parte das pessoas idosas em não se recordarem de algumas lembranças que consideram especiais em suas vidas e de terem lapsos de memória.

Por se tratar de pesquisa feita a partir de entrevistas, em especial com pessoas idosas, algumas etapas precisam ser observadas com atenção. Para realizar uma análise confiável, é fundamental que todos os procedimentos, desde a transcrição até a interpretação dos dados, sejam rigorosamente seguidos, a fim de garantir a validade da pesquisa. Por isso mesmo, é essencial que a pessoa pesquisadora compreenda a realidade de suas pessoas entrevistadas e esteja atento a todos os detalhes, pois

é a partir desses recortes que o pesquisador vai tentar compreender os processos que está estudando (sem perder de vista o conjunto do texto transcrito), o pesquisador não produz qualquer alteração do discurso, mas obviamente procura nele as ligações com o universo pesquisado que está sendo observado a partir de outras técnicas e do enfoque teórico mais adequado.²⁰³

Captar aquilo que está sendo dito e conseguir discernir aquilo que é importante para a pesquisa é um dos pontos mais complexos desse processo, afinal tratam-se histórias de vida que trazem informações imprescindíveis para a elaboração da tese.

Um dos pontos fortes que são utilizados nas pesquisas sobre memória são as histórias de vida. Aliás, história de vida também é um caminho metodológico, pois,

a história de vida procura superar o subjetivismo impressionista e formular o estatuto epistemológico, estabelecer as estratégias de análise do vivido e constituir-se em método de coleta de dados do homem concreto. No contexto da pesquisa, tende a romper com a ideologia da biografia modelar de outras vidas para trabalhar os trajetos pessoais no contexto das relações pessoais e definir-se como relatos práticos das relações sociais.²⁰⁴

²⁰² SOUZA, F. S. **O ensino de discriminações condicionais para idosos com comprometimento cognitivo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 37.

²⁰³ WHITAKER, D. C. A. Análise de entrevistas em pesquisa com história de vida. **Caderno CERU**, v. 2, n. 11, p. 147-158, 2000. p. 151-152.

²⁰⁴ CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. p. 96.

Nesse caso, o mais importante é extrair, da narrativa do sujeito que vivenciou determinado fato ou acontecimento, inserido em uma perspectiva coletiva, relatos que contribuam para aquilo que a pessoa pesquisadora busca compreender. Trata-se de trazer à luz informações pertinentes não apenas para quem conta a história, mas também para o processo histórico como um todo.

A partir da coleta dessas entrevistas, é importante que a pessoa pesquisadora não interfira nas informações que foram passadas pela pessoa entrevistada. A transcrição literal e a utilização de um bom aparato teórico fazem com que a pesquisa se torne confiável. Ordenar e pinçar do texto fazem parte desse processo também,

assim, a transcrição torna-se essencial para que elementos importantes não sejam perdidos pela transcrição literal do que foi dito pelo entrevistado. Isso porque a transcrição é o processo de organizar a história, em vista de apresentar maior compreensibilidade ao leitor sobre o que foi dito e observado a respeito da história de vida [...]. Portanto, o pesquisador tem a liberdade de propor um texto que traga a emoção da narrativa.²⁰⁵

Para além de sua importância na reconstrução do passado, os relatos de pessoas idosas possuem uma dimensão social e ética relevante. Ao reconhecer esses sujeitos como protagonistas de suas histórias, a história oral contribui para a valorização de suas experiências e para o fortalecimento de sua identidade. Ademais, a escuta de suas narrativas favorece o diálogo intergeracional, permitindo que conhecimentos, valores e vivências sejam transmitidos às gerações mais jovens.

Neste aspecto, a história oral também tem sido um instrumento essencial para a valorização da memória das mulheres, cujas experiências foram historicamente invisibilizadas pela historiografia tradicional. Durante muito tempo, as narrativas históricas privilegiaram o espaço público e político, majoritariamente masculino, relegando as vivências femininas ao âmbito privado. A partir da incorporação da história oral, tornou-se possível acessar relatos que evidenciam o protagonismo das mulheres em diferentes esferas da vida social. Para a historiadora Joan Scott

o interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão e, em segundo lugar, uma compreensão de que as

²⁰⁵ CALLEFI, Jessica Syrio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. A memória na história oral de vida dos idosos. **Revista interdisciplinar de gestão social**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 85-99, 2019. p. 88.

desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos.²⁰⁶

Ou seja, a história das pessoas oprimidas deve ser compreendida como algo que traz a realidade partir das relações de poder e cabe à pessoa pesquisadora dar voz e vez aos grupos oprimidos que foram por tanto tempo silenciados, em especial, no caso da pesquisa em questão, as mulheres teuto-brasileiras que acompanharam as mudanças da cidade onde elas cresceram e vivem boa parte da sua existência.

Os depoimentos orais de mulheres revelam dimensões da história que dificilmente aparecem em fontes escritas, como o trabalho doméstico, o cuidado, a maternidade, a militância política e as estratégias de resistência cotidiana. E é neste sentido que

a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.²⁰⁷

Assim, a história oral contribui para uma historiografia mais plural e crítica, capaz de reconhecer a diversidade de experiências que compõem a sociedade. Isso fica ainda mais necessário quando falamos da história vista e vivida a partir da perspectiva de mulheres, afinal

as mulheres como atores da história, suas atividades, suas diferenças de raça, de classe e de origem nacional, suas concepções de si e do mundo ao redor são, de agora em diante, fatos da história. Este processo de reabilitação teve um grande peso não somente no desenvolvimento geral dos objetos da história, mas também na formação da consciência feminista e numa maior compreensão, por parte do público, da desigualdade dos sexos.²⁰⁸

Diante disso, a história oral pode ser compreendida como um método que articula memória, narrativa e identidade, desempenhando papel central na conservação do patrimônio imaterial e na construção de uma história socialmente comprometida. Ao valorizar os relatos de pessoas idosas e a memória das mulheres,

²⁰⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. p. 73.

²⁰⁷ PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, v. 14, São Paulo, fev. 1997. p. 31.

²⁰⁸ TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 1994. p. 59.

essa abordagem amplia as possibilidades de interpretação do passado e reafirma a importância da escuta como prática científica e ética. Mais do que uma técnica de pesquisa, a história oral se constitui como uma forma de produzir conhecimento histórico que reconhece a complexidade da experiência humana e contribui para a construção de uma história mais democrática e inclusiva.

4.3. HISTÓRIAS DE VIDA: REMINISCÊNCIA E PRESERVAÇÃO DA CULTURA

A memória ocupa um lugar central na construção da história, uma vez que é por meio dela que indivíduos e grupos sociais preservam, reinterpretam e transmitem experiências vividas ao longo do tempo. Diferentemente de uma visão positivista da história, baseada exclusivamente em documentos escritos e registros oficiais, os estudos contemporâneos reconhecem que a memória é uma fonte legítima de conhecimento histórico, especialmente quando associada às narrativas orais.

A partir dessa perspectiva, a memória deixa de ser entendida apenas como lembrança individual e passa a ser concebida como um fenômeno social e cultural, capaz de expressar valores, identidades, conflitos e formas de resistência. Nesse processo, a narrativa assume papel fundamental, pois é por meio dela que a memória se organiza, ganha sentido e se transforma em herança cultural imaterial.

Partindo desse pressuposto, podemos colocar a memória como parte do patrimônio imaterial de um grupo, de uma sociedade, a partir do momento em que, com base nestas narrativas, é possível recontar a história de um determinado grupo e a cultura ali desenvolvida, já que

designamos como património imaterial (o modo como os artesãos trabalham, como a culinária se desenvolve, como as pessoas e as comunidades se relacionam), passando pelos vestígios arqueológicos, pelos monumentos, pelo modo de organização das populações e das cidades, mas também pela valorização da criação contemporânea e pela busca de uma relação equilibrada nesse diálogo entre o que hoje temos e queremos e aquilo que recebemos de antanho.²⁰⁹

²⁰⁹ MARTINS, Guilherme d'Oliveira. Património, herança e memória. p. 18, 2016. In: CARVALHO, Ana (coord.). **Participação**: Partilhando a Responsabilidade. Lisboa: Acesso Cultura, 2016. p. 20.

Dentro desse campo, destaca-se a necessidade de escuta das narrativas de mulheres idosas, historicamente silenciadas pelos discursos oficiais. Essas mulheres são portadoras de saberes, práticas e experiências que contribuem de forma decisiva para o resgate de histórias locais, familiares e comunitárias. Assim, esta pesquisa tem como objetivo discutir a importância da memória para o resgate da história, relacionando-a com o papel da narrativa no registro da herança imaterial e enfatizando a relevância da escuta das mulheres idosas nesse processo.

Para a realização da pesquisa foram selecionadas mulheres idosas, entre 60 e 70 anos de idade, residentes na cidade de Novo Hamburgo, que passaram por todo o processo de urbanização da cidade e acompanharam de perto as mudanças significativas no local onde residem e o quanto isso acabou afetando o dia a dia de muitas pessoas, inclusive delas e de suas famílias.

As entrevistas foram realizadas em locais e tempos diferentes, dependendo da disponibilidade das entrevistadas. Quatro entrevistadas foram ouvidas nas dependências da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), na Unidade Fundação Evangélica, onde nas quartas à tarde um grupo de mulheres se reúne para confeccionar roupas e brinquedos para comunidades carentes de Novo Hamburgo, grupo esse que recebe o nome de “Oficina do Brinquedo”. As demais entrevistadas foram sendo contactadas a partir da indicação das primeiras quatro e as entrevistas deste segundo grupo ocorreram nas suas próprias residências.

Uma das entrevistadas, dona S., que nasceu e cresceu na cidade, ao revisitar suas memórias de juventude e lembrar pontos de referências da cidade que hoje não existem mais, afirmou:

*[...] lá na casa Floriano, pegava os filhos e ali na casa Floriano, comprava roupa desde o marido até o menorzinho, né? A Casa Balão,, tinha Casa Balão, a casa Floriano, tinha T House, que era uma casa de chá da Korndorfer que era muito bom ali na Bento, né? Tinha casa Quadros que tinha ...Ah!, coisas, os o Dexheimer que era uma [...], né? Que que mais?
E eram essas as referências que a gente tinha, né? Porque eu nasci aqui, né? Meus pais não são daqui, mas eu nasci aqui.
E aí eu via isso. Eu ia passear, digamos, no centro de Novo Hamburgo e tinha essas referências, ah, fica do lado de tal coisa, né? E agora já não tem mais isso, Vale Avenida, Café Avenida. Nossa, era assim, era maravilhoso, né?²¹⁰*

²¹⁰ Entrevista 4, dona S., 28 de novembro de 2025. Esta entrevista foi realizada nas dependências da IENH.

Ao lembrar desses locais, os olhos dela brilharam e a entrevistada parecia querer que a pesquisadora também lembrasse desses locais, já que a mesma também nasceu e cresceu nesta cidade. A lembrança para ela parecia ser algo muito vívido, ela gesticulava como se estivesse caminhando novamente pelas ruas e locais que estava descrevendo.

A memória e a história, embora distintas, mantêm uma relação profunda e complementar. Enquanto a história busca interpretar o passado a partir de métodos científicos e análise crítica de fontes, a memória está relacionada à vivência subjetiva e coletiva dos acontecimentos. Segundo Flores, a memória não é um simples espelho do passado, mas uma reconstrução constante influenciada pelo presente e pelas relações sociais.²¹¹

A reativação dessas lembranças, para essas mulheres entrevistadas, faz com que algumas memórias aflorem de tal modo que, fatos ocorridos a muito tempo, parecem ter sido vividos a poucos dias; e em alguns momentos essas memórias trazem lembranças carregadas de emoções, algumas ainda dolorosas. Isso fica muito nítido nos detalhes dessa entrevistada, dona I:

Quando eu cheguei na escola, eu tinha que lidar com o português. Então, aos poucos, esse português, ele vivia na minha vida, mas não de forma tão presente. E eu tive uma alfabetização com muita dificuldade porque eu confundia as palavras, né? E eu tive uma professora de primeira série muito rígida e a gente tinha Marcelo, Marcelo, Faísca, Marcelo, era três personagens. [...] Aham...o rapaz e aí tinha a menina e o Faísca, que era o cachorro. E essa, esse, essa, esse livro de alfabetização a gente tinha que dar conta na primeira série. Então, nem sempre eu conseguia fazer e a professora achava, minha professora de primeira série que eu não era dedicada que chega porque eu não conseguia fazer e aí eu ia virada pra parede porque eu não tinha me dedicado. Essa é uma marca que eu trago que da educação que eu considero, claro que eu superei, né? Mas tô falando, tô falando porque eu acho que nenhum ser humano merece ser tão como é que eu vou usar a palavra assim? Inferiorizado ou desqualificado por não saber.²¹²

Essa característica é comum quando tratamos de memórias das pessoas idosas, como já foi referido anteriormente, mas é importante ressaltar que as memórias recentes são facilmente esquecidas, enquanto as memórias mais antigas são revividas com muitos detalhes, contadas e recontadas diversas vezes, pois a

²¹¹ FLORES, R. M. Memória e história oral: as interações entre a história escrita e a história vivida. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 1–18, 2022. p. 6.

²¹² Entrevista 2, dona I, 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

memória focaliza coisas específicas e diversas, tem uma essência conceitual ampla e requer uma grande quantidade de energia mental. Trata-se de um processo que conecta pedaços de informações e conhecimentos gerais a fim de produzir outros, ajudando o ser humano na elaboração de sua realidade.²¹³

Outra característica marcante é a falta de linearidade, pois à medida que as lembranças vão sendo revividas, as memórias vão se mesclando, entre o passado e o presente. Isso aparece com frequência durante as entrevistas. Inclusive em uma delas, a entrevistada dona I, esforça-se para lembrar aquilo que queria dizer:

E fora disso, posso te dizer que eu tive uma infância feliz com adolescência, daí depois eu também eu tive, eu estudei aqui na fundação, né? E que que eu queria dizer? Mas agora me faltou, me fugiu.

Não te preocupa, daqui a pouco vem.

Ela me fugiu, mas assim eu vim a deixa eu ver uma coisa assim mais, deixa eu me lembrar de mais coisa que eu que eu de repente já bom adolescente na época só tinha meninas estudando na época que [...] Sim, eu ainda peguei logo depois de mim veio os o ser misto. Eu já peguei só, eu ainda peguei a fundação só de feminino, alunos femininos, femininas e daí uniforme e tal pra semana da pátria, tudo.²¹⁴

Neste momento, a entrevistada mostrou-se envergonhada por não lembrar dos fatos como gostaria. Pediu para que eu parar um pouco a gravação para que ela tentasse lembrar mais um pouco. Aliás, nesta entrevista os fatos contados não possuíam linearidade, à medida que a entrevistada ia falando, ela ia e voltada nas suas memórias.

Nesse sentido, a história oral surge como um campo metodológico fundamental, pois reconhece o valor dos relatos de vida como fontes históricas legítimas. De acordo com Valença e Reis, a história de vida permite compreender como os sujeitos interpretam suas próprias trajetórias, articulando experiências individuais com processos sociais mais amplos²¹⁵.

Segundo estudos sobre patrimônio imaterial, a oralidade desempenha papel essencial na manutenção dessas tradições, pois é por meio da palavra falada que conhecimentos e valores são conservados. As histórias de vida, nesse contexto,

²¹³ SOARES, Rosa Helena Garbino et al. **Estudo comparativo entre mulheres idosas ativas e sedentárias na alteração da memória**, UFMA (Universidade Federal do Maranhão), Dissertação de mestrado. São Luís, 2012. p. 22.

²¹⁴ Entrevista 1, 15 de maio de 2025.

²¹⁵ VALENÇA, T. D. C.; REIS, L. A. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 97–112, 2015. p. 98.

funcionam como verdadeiros arquivos vivos, nos quais se encontram experiências históricas que não foram registradas por escrito. Sendo assim,

a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando os elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo, muitas vezes em detrimento de outrem. A força dessa memória aglutinadora é realimentada, reforçada, reinventada constantemente, principalmente em situações em que uma reflexão externa tenta solapar ou minar os elementos que unem o grupo e lhe conferem um sentido particular.²¹⁶

Reconhecer a memória como patrimônio imaterial implica também reconhecer sua fragilidade. A ausência de registro e a desvalorização social da oralidade podem levar ao desaparecimento de saberes fundamentais, principalmente quando se trata de grupos invisibilizados. Por isso, iniciativas de registro das narrativas orais, em especial de mulheres, tornam-se estratégias de preservação cultural e histórica. Conforme Salvatice, “a complexidade das narrativas de mulheres e suas múltiplas perspectivas sobre o passado contribuíram para dar destaque às contradições e repressões do discurso público, de tal forma que a reivindicação de universalidade tornou-se um desafio”.²¹⁷

Ao longo da história, as experiências das mulheres foram frequentemente relegadas à invisibilidade. Esse silenciamento torna-se ainda mais evidente quando se trata de mulheres idosas, cujas trajetórias são muitas vezes desconsideradas tanto pelo discurso histórico quanto pela sociedade contemporânea.

Deste modo, pode-se considerar que, “as narrativas de mulheres na terceira idade revelam dimensões da vida cotidiana, do trabalho doméstico, das relações familiares e das estratégias de sobrevivência que raramente aparecem nos documentos oficiais”²¹⁸. Por isso mesmo, essas narrativas ampliam a compreensão dos processos históricos ao incluir perspectivas antes marginalizadas.

A intersecção entre gênero e envelhecimento evidencia que ouvir mulheres idosas é também um ato político, pois rompe com hierarquias de saber que privilegiam

²¹⁶ MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 25

²¹⁷ SALVATICI, Sílvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, v. 8, n. 1, 2005. p. 41.

²¹⁸ ALMEIDA, Simone. A. P.; OLIVEIRA, Rita. C. S. Fragmentos da memória de mulheres na terceira idade a partir da narrativa de vida: contribuições da história oral. **Anais da ANPUH**, 2019. p. 5.

determinadas vozes em detrimento de outras, e é por isso que o método da história oral permite essa abrangência, essa universalidade. Assim

quando buscamos fontes orais buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes - que sim, existem, porém, ninguém escuta, ou poucos a escutam - tenham acesso à esfera pública, ao discurso público e o modifiquem radicalmente.²¹⁹

Desta forma, o estudo das mulheres inseridas nesta pesquisa tem como fio condutor o estudo de gênero, que foi durante muito tempo um dos grupos excluídos da esfera pública. O estudo de gênero, na perspectiva do resgate da memória, pode ser concebido como

um conceito que visa apontar para a não-continuidade entre o sexo físico e o sexo social, e que tem sido usado por diversos campos do conhecimento. O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico.²²⁰

Portanto, estudar a memória a partir do gênero é uma escolha consciente pela visibilidade de grupos sociais, principalmente de mulheres, que muito tem a contribuir com o resgate da história das comunidades onde estão inseridas.

Como não se sentem importantes, seja pelo fato de serem mulheres ou pelo fato de serem idosas, a escuta sensível e ativa dessas pessoas se torna fundamental, visto que,

as pessoas mais velhas, que seriam, em princípio, as depoentes buscadas pelos pesquisadores, freqüentemente não tem quem atribua importância à sua fala ou pelo menos, quem as escute. Por isso, a atenção e o interesse do pesquisador são por elas valorizados e, em contrapartida, a investigação se enriquece.²²¹

A pessoa idosa pode trazer para uma pesquisa deste nível uma contribuição muito relevante, pois suas memórias são ricas em detalhes e trazem consigo uma carga emocional e social e também coletiva que faz o elo de ligação entre o passado e o presente. Logo,

a memória de velho tem posição hierárquica, é lembrar da memória através de relatar fatos. O tempo narrado foi o momento vivido e a identidade

²¹⁹ PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, 2010. p. 3.

²²⁰ HEILBORN, M. L. Gênero, sexualidade e saúde. In: **Saúde, sexualidade e reprodução compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: UERJ, p. 101-110, setembro de 1996. p.108.

²²¹ ALMEIDA, 2019, p. 7

diferenciada do meio social, é a grande importância do texto, é lembrar de uma trajetória de vida na velhice, é recontar um passado a um sujeito no presente.²²²

Por isso, a importância da pesquisa vai muito além do resgate da história coletiva da comunidade onde elas estão inseridas, pois valoriza sua trajetória como ser humano e traz à tona a relevância de sua existência. Pequenas lembranças podem ter um significado diferente quando são revisitadas anos depois. Como afirma uma das entrevistadas, dona G:

gostei sim muito da experiência, muito [da entrevista]. Mas assim, olha, é como tu falaste mesmo, eu fiquei lembrando agora porque por que que eu sou tão tímida? É verdade. Aqueles anos todos eu fiquei, nós ficamos assim isolados. Né? E assim, ah, mora lá em cima, lá longe no morro, sabe? As pessoas, até quando eu dizia onde eu morava, disse: "Ah, lá sim". Sabe?²²³

A escuta das narrativas de mulheres idosas exige sensibilidade metodológica e ética. Não se trata apenas de registrar relatos, mas de reconhecer o valor simbólico e histórico dessas memórias. Segundo Valença e Reis, a escuta atenta fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para a valorização da identidade das pessoas idosas.²²⁴

O grupo de mulheres que contribuíram para a pesquisa foram selecionadas a partir de características específicas, uma vez que a intenção é a permanência ou a diluição das memórias de seus antepassados europeus, mas especificamente da Alemanha. Isso se deve ao fato da forte colonização alemã na região do Vale dos Sinos, que segundo Lersch

denomina-se de Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo o território onde foi implantada, a partir de 1824, a primeira experiência de colonização por imigrantes alemães no Estado do Rio Grande do Sul. Este projeto foi determinante para afirmar a posição política e econômica da capital Porto Alegre e impulsionar o crescimento e a industrialização de toda a região em fins do século XIX e início do XX. Este território corresponde à área formada atualmente pelos seguintes municípios: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Sapiranga, Araricá, Nova Hartz, São José do Hortêncio, Lindolfo Collor, Presidente Lucena, Morro

²²² NOGUEIRA, Alane da Silva Costa; DA SILVA, Priscila Teixeira. Memória e História de vida de três mulheres e o papel sócio-histórico na construção da Comunidade Tábua em Guanambi-BA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 93-111, 2018. p. 100.

²²³ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH. A entrevistada relatou isso como se estivesse descoberto algo importante do passado.

²²⁴ VALENÇA, 2015, p. 103.

Reuter, Santa Maria do Herval, Linha Nova e Picada Café, totalizando 16 cidades.²²⁵

Atualmente, essa região pode ser descrita como uma região localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, é uma das regiões mais desenvolvidas do Rio Grande do Sul. A área é atravessada pelo Rio dos Sinos, que exerce grande influência sobre o relevo, a economia e a ocupação do território. O relevo apresenta áreas planas próximas ao rio e regiões de morros em direção à Serra Gaúcha. O clima é subtropical úmido, com verões quentes, invernos frios e chuvas bem distribuídas ao longo do ano. A vegetação original pertence ao bioma Mata Atlântica, embora boa parte tenha sido substituída pela expansão urbana e pelas atividades econômicas. Um dos principais desafios ambientais da região é a preservação do Rio dos Sinos, que sofre com a poluição e com enchentes em períodos de chuvas intensas.

Do ponto de vista socioeconômico, o Vale do Rio dos Sinos é um importante polo industrial, comercial e de serviços. Durante grande parte do século XX, a economia foi impulsionada pela indústria coureiro-calçadista, que tornou a região conhecida nacional e internacionalmente. Atualmente, além da produção de calçados, destacam-se os setores metalúrgico, plástico, tecnológico, comercial e de prestação de serviços. A região também conta com boa infraestrutura de transporte, universidades, escolas técnicas e centros de pesquisa, contribuindo para a formação de mão de obra qualificada e para o desenvolvimento econômico.

Culturalmente, o Vale do Rio dos Sinos possui forte influência da imigração alemã, iniciada no século XIX. Essa herança está presente na arquitetura, na gastronomia, nas festas típicas, nos grupos de canto coral e em diversas manifestações culturais. Ao longo do tempo, a cultura regional também incorporou contribuições de outros povos, como italianos, portugueses, afro-brasileiros e indígenas, formando uma identidade cultural diversificada.

Com relação a Novo Hamburgo, cidade onde essas mulheres entrevistadas residem, pode-se afirmar que economia foi construída principalmente sobre a indústria

²²⁵ LERSCH, Inês Martina; JÚNIOR, Jorge Luís Stocker. A construção social do patrimônio cultural da antiga colônia alemã de São Leopoldo no Vale do Rio dos Sinos/RS. In: **Região Metropolitana de Porto Alegre (1973-2023) – RMPA 50 anos: história, território e gestão**. [E-book]. / Organizadores: Danielle Heberle Viegas, Heleniza Ávila Campos e Paulo Roberto Rodrigues Soares. São Leopoldo, RS: Oikos, 2023. p. 381.

do calçado, motivo pelo qual a cidade ficou conhecida como a Capital Nacional do Calçado. Embora esse setor continue relevante, atualmente a economia é mais diversificada, com forte presença do comércio, da prestação de serviços, da indústria metalúrgica, do setor plástico e de empresas de tecnologia. A cidade também abriga a FENAC, importante centro de feiras e eventos de negócios que recebe visitantes de diversas partes do Brasil e do exterior, fortalecendo o turismo de negócios e a economia local.

A cultura de Novo Hamburgo mantém viva a influência da colonização alemã, perceptível na arquitetura, na culinária, nas tradições e em diversos eventos culturais. Museus, igrejas históricas, parques e espaços culturais ajudam a preservar a história do município. Além disso, o distrito de Lomba Grande oferece opções de turismo rural e contato com a natureza, complementando as características urbanas da cidade.

Essas mulheres idosas, que acompanharam o processo de crescimento e urbanização da cidade de Novo Hamburgo, foram o grande foco da pesquisa, dado que suas memórias fazem parte de um conjunto de informações que constituem a história desta comunidade. Especificamente mulheres foram escolhidas para essa pesquisa por um motivo particular, pois

às mulheres – mãe e avó – é atribuído o papel de educar filhos e netos nos princípios da cultura trazida da nação originária. A origem comum é apenas um qualificador incompleto da identidade étnica, pois esta presume, igualmente, a prática cultural compartilhada pelos membros da comunidade. Os argumentos a favor da endogamia são relacionados à função da família como transmissoras da língua e dos costumes para os descendentes.²²⁶

A metodologia da história oral é usada como base, respeitando suas limitações e desarranjos, a partir do método de pesquisa quantitativa²²⁷, contendo perguntas abertas, destinadas à oito mulheres de classe média residentes na cidade de Novo Hamburgo. Essas mulheres também têm ou já tiveram forte atuação na sociedade hamburguesa e na comunidade evangélica luterana da cidade, o que traz a base

²²⁶SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832000001400007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/gK3bVRDv5Zn85XKdC7Yw7Lh/>. Acesso em: 15 jan. 2026. p. 166.

²²⁷ Pode-se compreender por pesquisa qualitativa um método de investigação científica que busca entender intimamente a realidade, focando em experiências, motivações, opiniões e comportamentos de indivíduos ou grupos. [nota da autora].

fundamental também para o estudo da influência da religião luterana na história de vida dessas senhoras.

A pesquisa qualitativa é o método mais coerente para a tese em questão, mais precisamente a pesquisa etnográfica, que foi utilizada como eixo para entender de que maneira o grupo estudado e os eventos em comum que foram vivenciados pelas entrevistadas. Afinal trata-se de um trabalho de campo, e a partir dele conseguimos adentrar no funcionamento de certos grupos sociais, em suma o trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica, pois sem um contato intenso e prolongado com a cultura ou grupo em estudo será impossível ao pesquisador descobrir como seu sistema de significados culturais está organizado, como se desenvolveu e influencia o comportamento grupal.²²⁸

Outro aspecto importante que precisa ser observado é o método utilizado, pois com o material das entrevistas em mãos, é preciso ser muito criterioso ao analisar o que foi obtido. Para tanto, foi utilizado o método de análise de conteúdo que consiste em um conjunto de técnicas de análise da comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.²²⁹

Da mesma forma que as narrativas dessas mulheres revelam formas de resistência cultural, transmissão de saberes e manutenção de tradições, suas histórias carregam detalhes comuns que constroem relatos capazes de reconstruir o processo de urbanização e a manutenção ou não das tradições de seus antepassados.

Assim, a escuta das mulheres idosas deve ser compreendida como parte integrante do processo de resgate da herança imaterial e da democratização do conhecimento histórico. Suas lembranças também são o grande legado para sua comunidade e para seus sucessores, uma vez que,

quem transmite suas lembranças é, na verdade, um mediador entre gerações. É alguém que se percebe como conhecedor das transformações

²²⁸ GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, p. 20-29, 1995. p. 28.

²²⁹ BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. p. 42.

porque as viveu e seus depoimentos são uma apreensão das mudanças sociais, como as que estão aparentes nas marcas da cidade, nas relações de trabalho, na família e nas relações de gênero.²³⁰

Entretanto, trabalhar com memória implica desafios éticos, como o respeito à privacidade, o consentimento informado e a responsabilidade na divulgação dos relatos. A pessoa pesquisadora deve assumir postura ética e reflexiva, reconhecendo a pessoa que narra como sujeito ativo do processo de produção do conhecimento. A pessoa entrevistada deve ser colocada em evidência, mesmo havendo um abismo cultural e geracional entre a pessoa entrevistada e a pessoa pesquisadora, até porque

é a diferença que faz com que a entrevista seja interessante, porque aprendemos algo se falamos com alguém diferente, alguém distinto de nós; mas essa diferença é também diferença de poder social e de poder cultural. Na situação de entrevista, a desigualdade é o argumento implícito, não dito, que se coloca subterraneamente, é o que tem de fundamental do diálogo: duas pessoas que vivem em uma desigualdade de poder de classe, de gênero, de educação, de gerações se falam na intenção de se falarem como se fossem iguais, sabendo bem que não o são.²³¹

A memória constitui um elemento essencial para o resgate da história, sobretudo quando articulada por meio da narrativa oral. Ao reconhecer a memória como patrimônio cultural imaterial, amplia-se a compreensão do passado e valoriza-se a diversidade de experiências humanas.

A escuta das mulheres idosas revela histórias, saberes e práticas que desafiam a historiografia tradicional e enriquecem o conhecimento histórico. Mais do que uma fonte complementar, essas narrativas representam uma forma legítima de produção de história, capaz de promover justiça histórica e reconhecimento social. Outrossim, as relações geracionais auxiliam nessa troca de informações e na perpetuação das tradições herdadas e passadas de geração em geração, assim

a relação existente entre a memória social e a avosidade pode ser construída de forma coletiva, nas trocas de conhecimentos e recordações que a avosidade vai criando e, ao mesmo tempo, vão sendo rememoradas. Uma identidade social, permeada por semelhanças e diferenças, vivenciadas e elucidadas por indivíduos e grupos sociais.²³²

²³⁰ BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 7.

²³¹ PORTELLI, 2010, p. 6.

²³² PAVIN, Raquel da Silva. Reflexões sobre memória social, identidade e avosidades femininas. **Longeviver**, São Paulo, v. 5, n. 17, p. 14-18, mar. 2023. p.15.

Muito além disso, essas histórias mostram as vivências de mulheres que passaram pelo processo de urbanização da cidade onde nasceram e moram, que viram as mudanças drásticas ocorridas neste espaço geográfico ao longo das últimas décadas e que alterou de forma significativa os costumes herdados de seus antepassados.

Ademais é importante adentrarmos em um aspecto crucial que é uma marca forte das tradições trazidas pelos seus ancestrais, a religião. No caso desse grupo de mulheres idosas, em especial, trata-se da religião luterana. No próximo capítulo a religião e a importância desta no cotidiano e na trajetória dessas mulheres teuto-brasileiras será melhor aprimorada.

5. RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE: MARCAS E LEGADO DO LUTERANISMO

A religião faz parte da história da humanidade a partir do momento em que o ser humano passa a tomar consciência de si. Desde então, a vida das pessoas é regida por preceitos e crenças que constituem comunidades e que são passados de geração em geração.

Entretanto é importante lembrar que existe uma diferença marcante entre religião e religiosidade. Essa distinção entre religião e religiosidade é um tema amplamente debatido nas ciências sociais e na teologia. Embora frequentemente utilizados como sinônimos, os termos possuem significados distintos no campo acadêmico. A religião pode ser compreendida como um sistema organizado de crenças, doutrinas, ritos e normas que estruturam a relação entre o ser humano e o sagrado. Conforme Durkheim a religião pode ser entendida como “um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que a elas aderem”²³³. Essa definição evidencia o caráter coletivo e institucional da religião.

A religião tem a ver com instituição, com normas e regras claras que devem ser seguidas, apesar de nem sempre ter sido assim. Antes do advento do Cristianismo, a religião estava muito mais ligada ao caminho a ser seguido, aquilo que era comungado e absorvido por um conjunto de pessoas, até porque essa palavra tem outro sentido dentro das próprias escrituras, uma vez que “nesse sentido, o termo indicaria, no mundo latino pré-cristão, um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão, podendo estender-se a uma execução correta, precisa e escrupulosa de um determinado rito dentro deste contexto romano, longe ainda da conotação que ganharia posteriormente”.²³⁴

Entretanto, quanto mais a religião foi se unindo às estruturas sociais, mais foi adquirindo traços institucionais que exigiam rigidez e abnegação. Assim, a religião

²³³ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 32.

²³⁴ FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 2, p. 271-294, 2019. p. 274.

apresenta-se como fenômeno social estruturado, com doutrinas sistematizadas e práticas ritualizadas. Sendo assim, por outra perspectiva, a religião também pode ser definida como um “o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, cujo objeto e objetivo é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o Homem e Deus”²³⁵.

Desse modo, a religião é o elo de ligação entre o sagrado e o profano, trazendo alento e um caminho que pode ser seguido, mas ao mesmo tempo tirando o ser humano da eternidade para colocá-lo na temporalidade. Mais do que isso, a religião é uma dimensão da cultura, uma relação íntima entre o ser humano, sua abstração reflexiva e seu reencontro com o sagrado. Para Tillich,

religião é direcionamento para o Incondicional, e cultura é direcionamento para as formas condicionadas e sua unidade. Aí estão as definições mais gerais e formais a que se chegou na filosofia da religião e na filosofia da cultura. Mas estas definições são inadequadas. Forma e conteúdo pertencem um ao outro; não faz sentido colocar um sem o outro. Todo ato cultural contém o sentido incondicional; ele está baseado no fundamento do sentido; à medida que ele é um ato de sentido, ele é substancialmente religioso.²³⁶

Portanto, a religião é composta por ritos e elementos comuns, bem como símbolos e congregação social que sustentam sua existência fazendo sentido para um determinado grupo, com ênfase às normas morais que permeiam seu discurso e sua constituição e acabam por auxiliar no modo como as pessoas que pertencem a este grupo enxergam a vida e o mundo onde vivem. Para Durkheim, a religião possui um caráter coletivo, uma vez que é

Um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas, crenças e práticas que unem numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem; pois, ao mesmo tempo que é representada como algo que diz respeito ao divino, a religião é também uma força essencialmente social, que ultrapassa o indivíduo e o integra em uma coletividade.²³⁷

Por outro lado, a religiosidade refere-se à vivência individual da fé, ou seja, ao grau de envolvimento pessoal com crenças e práticas religiosas. Trata-se da dimensão subjetiva da experiência religiosa. Segundo Höllinger, a religiosidade pode

²³⁵ MANOEL, Ivan Aparecido. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura teológica**, n. 59, p. 105-128, 2007. p. 107.

²³⁶ TILLICH, Paul. **A Era Protestante**. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992. p. 87.

²³⁷ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 35.

variar significativamente mesmo dentro de uma mesma tradição religiosa, revelando diferentes níveis de compromisso e formas de expressão da fé²³⁸.

Dessa maneira, enquanto a *religião* é compreendida como sistema institucional e coletivo, a *religiosidade* expressa a dimensão existencial e pessoal do indivíduo diante do sagrado. Mas é importante frisar que de certo modo uma se complementa a outra, uma não exclui a outra. Sendo assim,

a religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos.²³⁹

A religiosidade, portanto, está mais ligada ao cotidiano, às práticas e costumes, também trazendo esperança e alento sem necessariamente estar ligada a uma estrutura institucional. É também uma experiência pessoal e intransponível, podendo ser traduzida como:

a religiosidade pode, por um lado, corroborar a dignidade pessoal e o senso de valor, promover o desenvolvimento da consciência ética e da responsabilidade pessoal e comunitária, ou, por outro lado, a religiosidade pode diminuir a percepção pessoal de liberdade, pode gerar uma crença de que não seja tão necessário o cuidado pessoal, e pode facilitar a evitação da ansiedade que geralmente acompanha o enfrentamento autêntico das possibilidades humanas.²⁴⁰

A religiosidade não depende de preceitos e regras morais, ela está ligada ao comportamento pessoal e intransmissível, alheia ao debate, às igrejas, às instituições religiosas, mas que, ao mesmo tempo, ajuda o indivíduo a se entender e a enfrentar seus medos e fraquezas.

Portanto, tanto religião quanto religiosidade fazem parte da constituição humana, são conceitos relacionados, mas distintos: enquanto a primeira diz respeito ao conjunto organizado de crenças, rituais, doutrinas e instituições que estruturam a experiência do sagrado, a segunda refere-se à vivência pessoal e subjetiva da fé, à forma como o indivíduo internaliza, interpreta e pratica essas crenças no cotidiano.

²³⁸ HÖLLINGER, Franz. Religiosity in the major religious cultures. **Journal of Religion in Europe**, v. 51, 2021. p. 348.

²³⁹ MANOEL, 2007, p. 108.

²⁴⁰ PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009. p. 74

Assim, uma pessoa pode pertencer formalmente a uma religião sem necessariamente demonstrar alta religiosidade, do mesmo modo que alguém pode expressar profunda religiosidade mesmo sem vínculo institucional específico, evidenciando que a religião se manifesta mais no âmbito coletivo e estruturado, enquanto a religiosidade se revela na dimensão íntima e experiencial da espiritualidade.

Diante disso, a religião e a religiosidade, longe de serem conceitos ambíguos, são manifestações que se retroalimentam, se conectam, que apesar de terem características próprias, acabam se fundindo quando estão sendo experienciados pelos indivíduos em diferentes sociedades. Essa ligação torna-se tão natural que, conforme Marchi

é capaz de gerar identidades e inserções sociais também aproximava altar e salão, rito e mito, oração e riso, fé e festa, devoção e favor, doação e pedido, tudo num grande cenário de encontros, de alegrias, de choros, de esperanças e de pedidos de novas graças. Vivência do sagrado, interesses materiais, festejos coletivos, dramaticidades espiritualizadas, divertimentos públicos e realizações pessoais traduziam momentos de intimidade e reciprocidade entre a religião e a pessoa. A fantasia e a realidade, o delírio e o sentimento, a representação e a transgressão, a liberdade e a doação, a identidade cultural e a afirmação de valores construíam uma linguagem que não necessitava de explicações e de regras porque era absolutamente familiar àqueles que participavam desse grande cerimonial religioso-profano.²⁴¹

Na pesquisa em questão, a religiosidade e a religião são elementos importantes no cotidiano das pessoas entrevistadas. A religião está presente na ligação dessas mulheres entrevistadas com a religião Evangélica de Confissão Luterana, uma vez que todas elas são ou já foram pessoas ativas em sua comunidade de fé. Já a religiosidade está relacionada à Igreja viva, presente na vida cotidiana dessas mulheres através de canções, orações e práticas herdadas pelos seus antepassados.

Para compreender melhor o quanto a religião e a religiosidade são parte importante na constituição dessas mulheres, é preciso resgatar alguns conceitos referentes à própria religião cristã, em especial a Igreja Protestante Luterana. Para tal finalidade, será explanado aqui um pequeno histórico acerca da religião cristã e seus preceitos teológicos e escatológicos.

²⁴¹ MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, v. 43, n. 2, p. 33-53, 2005. p. 53.

Com relação à religião cristã é importante ressaltar que esta foi estruturada sobre a confissão de que Jesus Cristo é o centro da revelação divina e da salvação. Inclusive, conforme o Novo Testamento em João 14:6, o próprio Jesus declara: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”²⁴² Essa afirmação sustenta uma das principais visões teológicas do cristianismo histórico: o exclusivismo cristológico, segundo o qual a reconciliação com Deus ocorre por meio da pessoa e obra de Cristo.

Com base na tradição clássica, Agostinho afirma em *Confissões*: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti”²⁴³, destacando a centralidade de Deus como fim último da existência humana. De outro modo, Tomás de Aquino declara na *Suma Teológica* que “a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa”²⁴⁴, articulando fé e razão na compreensão da revelação cristã.

Dessa maneira, pode-se afirmar apoiado nas duas visões apresentadas, que embora tenham sido elaboradas em contextos diferentes, possuem uma linha de continuidade e complementação; ambas embasam a concepção de que o ser humano é orientado para o transcendente. Aquino, contudo, oferece um “mapa” mais estruturado para essa jornada se comparado com Agostinho.

No âmbito escatológico, o cristianismo sustenta a esperança na consumação da história por meio da segunda vinda de Cristo. Em Apocalipse de João 21:4, encontra-se a promessa: “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor.”²⁴⁵ Essa visão aponta para a restauração final da criação, ou seja, não é necessário temer, porque quando se crê de verdade, Deus estará do seu lado nas situações mais difíceis. Para Moltmann, em *Teologia da Esperança*, o sentimento de fé e confiança move o Cristianismo, por isso ele afirma que “do começo ao fim, e não apenas no epílogo, o cristianismo é

²⁴² BÍBLIA SAGRADA. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 1488.

²⁴³ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. Livro 1, Capítulo 1, parágrafo 1.

²⁴⁴ AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001. Parte 1, Questão 1, Artigo 8, Resposta à objeção 2.

²⁴⁵ Bíblia SAGRADA, 2018, p. 1701.

escatologia, é esperança.”²⁴⁶ Tal perspectiva reforça a dimensão dinâmica da fé cristã, orientada para o futuro prometido por Deus.

Ou seja, o Cristianismo está embasado na crença de um mundo vindouro, repleto de paz e amor, que compensa todos os percalços apresentados durante a vida terrena. A promessa, a revelação de Deus através de seu Filho ressuscitado motiva a pessoa crente, pois

com a Ressurreição originou-se um processo histórico escatológico bem determinado e posto em andamento, o qual tem como meta o aniquilamento da morte pelo domínio da vida a partir da Ressurreição, e que se orienta para a justiça na qual Deus terá os seus direitos reconhecidos em tudo, e na qual a criatura chegará a sua salvação.²⁴⁷

Além disso, a esperança da ressurreição constitui elemento central da escatologia cristã, crendo na existência de uma vida plena a partir da promessa de Cristo. Conforme afirma I Coríntios 15:52: “Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis.”²⁴⁸ Essa declaração paulina fundamenta a crença na ressurreição corporal e no juízo final.

A palavra da renovação é sem dúvida a principal característica da fé na ressurreição. Para Ratzinger, na obra *Escatologia: Morte e Vida Eterna*, essa afirmação ratifica a ideia de que “a esperança cristã não é individualista; ela é esperança para o mundo.”²⁴⁹ Do mesmo modo, Wright afirma em *Surpreendido pela Esperança* que “a ressurreição não significa escapar do mundo, mas a renovação do mundo.”²⁵⁰ Assim, a escatologia cristã não apenas projeta o futuro, mas orienta a vida presente sob a luz da promessa da nova criação, vislumbrando um futuro repleto de boas novas.

Se a escatologia cristã tem como fundamento a fé na renovação, no campo da teologia sistemática, a doutrina da graça ocupa papel essencial. Em *Epístola aos*

²⁴⁶ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2005. p. 30.

²⁴⁷ JACINTO, Círio Alessandro. A Ressurreição de Jesus sob a categoria de “Promessa”: uma contribuição a partir da Teologia da Esperança de J. Moltmann. **Revista de Cultura Teológica**, n. 93, p. 230-247, 2019. p. 237.

²⁴⁸ Bíblia Sagrada, 2018, p. 1577.

²⁴⁹ RATZINGER, Joseph. **Escatologia**: morte e vida eterna. São Paulo: Paulus, 2005. p. 144.

²⁵⁰ WRIGHT, N. T. **Surpreendido pela esperança**: repensando o céu, a ressurreição e a missão da Igreja. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 135.

Eféios 2:8-9, por exemplo, lê-se: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.”²⁵¹ Essa passagem fundamenta debates históricos entre tradições como o catolicismo, o protestantismo e a ortodoxia.

Como a estrutura desta pesquisa está alinhada aos preceitos cristãos luteranos, é sob essa escatologia que ela será trabalhada. Na perspectiva reformatória, Martinho Lutero afirma que ter fé significa confiar plenamente na palavra de Deus e em tudo aquilo que Ele representa²⁵². Para ele, a fé em Deus é algo vivo e audacioso, que nos mantém firmes no propósito por Ele traçado. Mais do que isso, Lutero nos lembra que

[Reino de Deus] ... outra coisa não é senão o que ouvimos acima, no Credo: que Deus enviou ao mundo a Cristo, seu Filho, nosso SENHOR, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e a má consciência. Para tanto nos deu também o seu Espírito Santo, que nos convencesse disso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e nos fortalecesse na fé.²⁵³

Deste modo, Lutero reitera que o Reino de Deus está presente na vida das pessoas e está presente no coração delas através da palavra de Cristo. Assim, o Seu reino está presente no aqui e no agora. Ou seja, o fim dos tempos não representa de fato um fim, mas sim um novo começo, que se faz presente no perdão de Deus, libertando a pessoa do medo da morte e da culpa.

Para melhor compreendermos a teologia luterana, faz-se necessário um breve histórico acerca da própria religião luterana, incluindo o seu surgimento, sua propagação e sua influência com os imigrantes que vieram para o Brasil no século XIX. Esse apanhado histórico é importante, pois as primeiras comunidades alemãs que vieram para o Brasil tinham como principal religião o luteranismo.

Para iniciarmos essa retomada histórica do Luteranismo, é importante ressaltar que, no contexto histórico do cristianismo ocidental, o luteranismo surge no século XVI

²⁵¹ BÍBLIA SAGRADA, 2018, p. 1599-1600.

²⁵² LUTERO, Martinho. Comentário à Epístola aos Gálatas. In: **Obras Selecionadas**, v. 10. Comissão Interluterana de Literatura (CIL). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2008. p. 281.

²⁵³ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal: 1993. p. 463.

como parte do movimento da Reforma Protestante. Embora Lutero inicialmente pretendesse promover um debate acadêmico, suas críticas desencadearam ampla ruptura com a Igreja Católica, o que acabou desencadeando o surgimento da Igreja Protestante Luterana.

A teologia formulada por Lutero tem como base dois pontos importantes: a justificação pela fé e a autoridade suprema das Escrituras. Os dois apresentam uma compreensão da palavra de Deus centrada na graça, restando ao indivíduo apenas ter fé, com base nas promessas de Deus presentes nas Escrituras. Assim, “aquele que aprendeu sua impotência diante dos preceitos necessários à salvação, que humilhado diante de sua incapacidade de por seus próprios meios alcançar a salvação, este encontrará no Novo Testamento as promissões de Deus, que anunciam a liberdade para todo aquele que crer.”²⁵⁴

A partir dessa perspectiva, Lutero abre possibilidades para novos caminhos que levaram, mais adiante, ao surgimento de outras religiões com raízes protestantes e que, de certa forma, também contribuíram para novos panoramas teológicos, como calvinistas e anglicanos.

No século XIX, juntamente com diversas transformações políticas, sociais e culturais, o luteranismo alemão enfrentou renovações significativas. O contexto era marcado pelo impacto do Iluminismo, pelo surgimento da crítica histórica da Bíblia e por mudanças políticas decorrentes das guerras napoleônicas. Em 1817, o rei Frederico Guilherme III da Prússia promoveu a União Prussiana, buscando unificar luteranos e reformados em uma única igreja estatal. Essa medida provocou resistência entre grupos confessionais que defendiam a preservação das tradições doutrinárias do século XVI.

Uma das transformações mais significativas desse período certamente foi a criação de concepção do Estado-nação, que século XIX engloba as características culturais de um povo e um governo soberano organizado por instituições centralizadas. Portanto Estado-nação pode ser definido como algo que “equaliza o povo e o Estado

²⁵⁴ MÖLLER, Mathias. Ensaio sobre a liberdade do cristão segundo Lutero. **Pólemos**, Brasília, vol. 3, n. 5, julho de 2014. p. 228.

à maneira das revoluções francesa e americana”²⁵⁵, constituído, portanto, pelas ideias iluministas que foram colocadas em prática a partir das revoluções burguesas.

O rei Guilherme III da Prússia, ao promover a criação da União Prussiana, deu o primeiro passo para a unificação do Estado alemão. De outro modo, ele acreditava que a melhor maneira de promover esta unificação de forma eficaz era através da religião, afinal diferentes confissões acabaram surgindo no decorrer dos séculos após as concepções criadas por Lutero e isso dificultava muito o sentimento de pertencimento da população que ocupava esse território em processo de união e consequentemente da criação de um Estado-nação. Com isso,

o rei criou uma liturgia unificada em 1821, que agregava elementos das confissões católica, reformada e ortodoxa-russa juntos aos elementos luteranos. Esta liturgia deveria contribuir para seu projeto de criação de um cristianismo ultraconfessional como base da Sagrada Aliança entre os reinos da Prússia, da Áustria e da Rússia, firmada a 26 de setembro de 1815. Este plano do rei Frederico Guilherme III abrangia, além da liturgia, o plano de construção de igrejas estatais²⁵⁶.

Essa unificação teológica estatal do luteranismo, porém, não teve uma influência direta na vida de todos povos emigrados que viveram para o Brasil no século XIX. Na prática, as diferenças confessionais entre reformados e luteranos permaneceram e, por vezes, sequer foram percebidas mudanças significativas em suas liturgias no cotidiano de suas comunidades em um primeiro momento, isso só foi acontecer anos mais tarde, com a vinda de missionários da Alemanha. Sendo assim,

de qualquer forma, imigrantes de confessionalidade reformada, luterana e unida chegaram ao Brasil. Nos primeiros anos de colonização e diante da necessidade comum de diferentes grupos de evangélicos edificarem uma comunidade em um país majoritariamente católico, as diferenças confessionais entre eles não tiveram um papel predominante. Apenas com a chegada de pastores e missionários, provenientes de várias casas de formação com orientação confessional diversa, é que as diferenças confessionais voltaram a causar divisões.

Com base na explanação até agora exposta, iremos relacionar a concepção de luteranismo trazida da Europa pelos primeiros imigrantes, suas adaptações e desafios nas colônias do sul do Brasil, bem como as rupturas e as novas características que foram sendo adquiridas a partir da adaptação desses imigrantes a nova realidade.

²⁵⁵ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 35.

²⁵⁶ JANKE, Scheila Roberta. Intervenção Estatal na construção de Igrejas: o exemplo da Igreja normativa prussiana. **Protestantismo em Revista**, v. 46, n. 2, p. 128-140, 2020. p. 132.

5.1. BREVE HISTÓRICO DO LUTERANISMO NO BRASIL

A formação religiosa do Brasil foi profundamente influenciada pelos fluxos migratórios ocorridos ao longo do século XIX, especialmente pela chegada de imigrantes europeus ao sul do país. Embora o Brasil tenha sido constituído sob forte hegemonia católica herdada de Portugal, a partir de 1824, com a instalação das primeiras colônias alemãs no Rio Grande do Sul, o cenário religioso começou a se diversificar.

Esses imigrantes trouxeram consigo tradições protestantes, sobretudo o luteranismo e correntes reformadas de origem suíça e alemã, que passaram a estruturar não apenas a vida espiritual das comunidades, mas também suas práticas sociais, educacionais e culturais. Eram pessoas que, apesar de professarem uma fé embasada na Reforma Protestante do século XVI, não tinham a mesma unidade quando o assunto era religião, até porque

no geral eram identificados como evangélicos para diferenciá-los dos adeptos do catolicismo romano. No que se refere à filiação religiosa no país de origem, ser evangélico poderia indicar a pertença a uma igreja de rito tanto luterano, quanto calvinista ou até a um dos grupos dissidentes da Reforma, como os anabatistas, ou ainda a movimentos de renovação espiritual, como os pietistas moravianos. Acresce-se a isso o fato de a maioria dos imigrantes, por sua condição social, não pertencer ao “núcleo fiel” de suas igrejas de origem, na medida em que estas eram organizações vinculadas ao Estado e pouco afeitas às demandas religiosas dos socialmente excluídos.²⁵⁷

Liturgicamente, o culto luterano preserva elementos formais, como confissões, leituras fixas e forte tradição musical congregacional, herança da cultura alemã. Já as igrejas reformadas, embora também reconheçam dois sacramentos, tendem a interpretar a Ceia de forma mais simbólica ou espiritual, enfatizando a soberania absoluta de Deus e a centralidade da pregação. Também há uma distinção entre a concepção de Igreja visível e invisível, amplamente discutida entre Lutero e Calvino.²⁵⁸ Sob essa ótica, em Lutero encontramos o seguinte excerto:

²⁵⁷ WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. **Revista USP**, n. 67, p. 68-77, 2005. p. 71.

²⁵⁸ “A Igreja visível, dessa forma, são as instituições religiosas, com sua hierarquia, rituais e sacramentos. A Igreja invisível pode participar da Igreja visível, mas pode viver à margem dela também”. SIQUEIRA, Paulo Sérgio Aparecido. **A Reforma da Igreja na cabeça e nos membros: uma eclesiologia para o século XXI**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009. p. 45.

O corpo místico de Cristo existe, realmente, aqui na terra. Mas os homens não podem enumerar-lhe os membros. Para os homens, a Igreja permanece invisível, pois só Deus sonda os corações e conhece os que são verdadeiramente tocados pela sua graça. Os incrédulos nada sabem dessa Igreja, mas os crentes conhecem-na por experiência própria. Aí está a noção que acompanhou Lutero até o fim: a Igreja é o resultado real, mas invisível, da Palavra que age mediante suas testemunhas²⁵⁹.

Ou seja, para Martinho Lutero, essas duas Igrejas eram, na verdade, uma só. Entretanto, a Igreja visível era aquela marcada pela influência do pecado, mas que, por meio da comunhão, do testemunho e de sua simbologia, poderia ser redimida; é a Igreja conhecida pelos seres humanos. Já a Igreja invisível tem Cristo como centro e alicerce da prática cristã; é aquela que somente Deus conhece.

Em Calvino encontramos uma concepção semelhante a Lutero; a Igreja cristocêntrica deveria ser buscada dentro da Igreja terrena, entretanto o real objetivo a ser atingido era a Igreja invisível. Porém, para ele, somente as pessoas eleitas eram contempladas e reconhecidas por Deus. O próprio Calvino afirma:

Devo, portanto, começar com a igreja, no seio da qual Deus se compraz em reunir seus filhos, não apenas para que sejam nutridos por meio de seu auxílio e ministério, enquanto ainda são como crianças, mas também para que sejam guiados por seu cuidado maternal, até que alcancem a maturidade e o propósito da fé. “portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem” (Mc 10.9). Pois, para aqueles para quem Deus é pai, a igreja também deve ser como mãe.²⁶⁰

Tendo em vista essas duas concepções, pode-se perceber que os primeiros imigrantes eram fruto de uma teologia que acreditava na comunhão terrena, mas que buscava pela verdadeira palavra de Cristo, almejando assim uma Igreja no Reino dos Céus. Deste modo, os alemães que vieram para o Brasil no século XIX eram fruto de um protestantismo entrelaçado e reformatório. Mais do que isso, o protestantismo cunhado no Brasil,

compreende as igrejas diretamente oriundas da Reforma, que realizavam cultos nos seus idiomas de origem e cuja estrutura religiosa e conteúdo das pregações pastorais reproduziam o modelo adotado em seus países. Não tinham preocupação proselitista de difusão evangélica entre os brasileiros, sendo, portanto, um elemento de resistência cultural e preservação do ethos

²⁵⁹ STROHL, Henri. **O pensamento da Reforma**. São Paulo: Aste, 2004. p. 166.

²⁶⁰ MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: Uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 551.

caracterizado pelo fundamentalismo, cuja acomodação impedia a participação dos evangélicos nas questões sociais brasileiras.²⁶¹

É fundamental frisar que durante todo o período do Brasil Imperial, professar uma fé que não fosse a católica era algo mau visto diante do Estado brasileiro. Aliás, o povo alemão de origem protestante enfrentou grandes dificuldades nesse sentido, como afirma Dreher:

tolerada, mas inelegíveis e passíveis de prisão, caso fizessem propaganda de seu credo, os protestantes viram-se confrontados com a situação de ser de fato cidadãos de segunda categoria. Como obter carta de identidade se somente o catolicismo era religião oficial e se apenas seu batismo seria reconhecido?²⁶²

Diferentemente do modelo religioso predominante no Brasil imperial, em que o catolicismo era religião oficial do Estado, os imigrantes protestantes organizaram comunidades com forte autonomia local. Nessas comunidades, a igreja não era apenas espaço de culto, mas centro de organização social. A ênfase protestante na leitura individual da Bíblia incentivou a alfabetização e a criação de escolas paroquiais, fortalecendo um modelo comunitário no qual fé e educação caminhavam juntas. Segundo Menezes:

para Lutero a lição mais importante e comum nas escolas e universidades deveria ser a Bíblia. Ele acreditava que se isso acontecesse, formar-se-iam pessoas altamente entendidas nas Escrituras, ao contrário da situação reinante, na época, quando até mesmo os eruditos, prelados e bispos não conheciam o Evangelho.²⁶³

Portanto, o povo alemão que veio para cá trouxe consigo essa visão de Lutero e usou isso na construção de suas comunidades, uma vez que juntamente com as Igrejas havia a construção de escolas que propagavam a fé protestante e os ensinamentos educacionais. Portanto, estas pessoas alemãs protestantes difundiam os ensinamentos da Bíblia a partir da língua alemã que foi, por décadas, o principal veículo de comunicação religiosa e escolar.

Na intenção de salvaguardar a identidade étnica e cultural herdada por seus antepassados em meio ao processo de integração à sociedade brasileira, a língua foi

²⁶¹ SERRA, Antonio Roberto Coelho. **A empresarização do sagrado**: Um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. p. 60.

²⁶² DREHER, Martin N. **A Religião de Jacobina**. São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 97.

²⁶³ MENEZES, Arlete Antônia Schmidt. **Sobre o papel da educação na concepção religiosa de Martinho Lutero**. Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2005. p. 62.

uma das formas mais eficazes de ligação entre o que veio da Europa e aquilo que estava sendo construído aqui, principalmente quanto aos aspectos religiosos. Sendo assim,

mesmo falando dialetos diferentes, dependendo da sua região de origem, os membros de tal grupo étnico/linguístico minoritário se mantêm unidos por causa do sistema de valores em comum. O funcionamento para o desenvolvimento e a estabilidade de tais sistemas de valores e normas é a interação entre os membros do grupo durante um período prolongado, resultando em densas redes sociais de comunicação.²⁶⁴

Todavia, aos poucos, esses primeiros imigrantes, já instalados e com famílias e laços comunitários formados, enfrentaram grande dificuldade para se integrar aos nativos, principalmente devido ao seu isolamento. Ainda assim, as necessidades comerciais acabaram por obrigá-los a aprender a língua local, em um processo gradual de adaptação ao meio. Desse modo,

nessa nova fase, contudo, a língua nacional se aproxima mais, começa a se tornar algo palpável e, assim, elemento indispensável para o comércio, as negociações e para a inserção no quadro social como cidadão ativo politicamente. Com isso, ela também se tornou, muitas vezes, um problema. Os “teuto-brasileiros” não conseguiam se integrar tão facilmente com os vizinhos. A partir de então se inicia uma tentativa maior de aprender o Português. Nesse momento, certamente surgiram muitos questionamentos em relação à própria identidade: porque falavam alemão, se não eram alemães. Especula-se que problemas de identidade e confrontos de gerações devam ter ocorrido, pois na opinião dos pais, a língua, que graças ao isolamento tinha sido mantida como um fator identitário, era a responsável por manter uma ligação com a pátria abandonada. No entanto, para a juventude, essa “nostalgia” não fazia muito sentido. Eles já tinham uma pátria, no caso, o Brasil.²⁶⁵

É importante sublinhar também que Lutero foi um homem da Era Moderna e exatamente por isso foi fortemente influenciado por ideias humanistas, ideias que construíram um pensamento mais crítico, e por isso, se comparado com o Catolicismo vigente no Brasil à época das primeiras famílias imigrantes, o luteranismo carregava forte associação com a educação. Isso se apresenta de modo bem significativo nas comunidades alemãs, dado que

devido à precariedade em termos de políticas governamentais de apoio aos imigrantes, eles tiveram de organizar as comunidades em que viviam construindo igrejas e escolas, além de ser de sua responsabilidade a

²⁶⁴ TORNQUIST, Ingrid Margareta. “**Das Hon Ich von Meiner Mama**” Zu Sprache Und Ethischen Konzepten Unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala: Umeå, 1997. p.160.

²⁶⁵ PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, vol. 3, n. 3, p. 125-140, 2008. p. 6.

contratação dos professores e a manutenção das escolas, fato que justifica o uso do idioma alemão no ensino aos filhos dos colonos.²⁶⁶

Essa associação levou ao surgimento de comunidades em que a Igreja e a escola compartilhavam o mesmo espaço. Nesse contexto, a pessoa responsável pelo ensino também exercia a função de pastor, o que fortalecia entre os membros da comunidade um sentimento de pertencimento e mantinha vivo o vínculo com aquilo que haviam deixado na Europa. Neste sentido

não existiam professores formados; por isso as funções do mestre-escola foram, na maioria dos casos assumidas por um dos imigrantes. Seguidas vezes o pastor ou pseudo pastor assumia a função de mestre-escola. Com isso, o idioma usado no ensino também foi o alemão. Através da união pessoal de professor e pastor, surgiu um relacionamento bastante estreito entre comunidade e escola, que se manteve em todas as comunidades, praticamente até a Segunda Guerra Mundial.²⁶⁷

Como viviam em comunidades muito isoladas, passaram a se organizar de forma autônoma. Devido à grande distância de outros núcleos de povoamento, a comunicação e a ligação com outras localidades tornavam-se praticamente impossíveis, assim o contato entre as diversas comunidades foi mínimo, quando existente, pois as grandes distâncias impediram uma colaboração mais estreita e uma troca de experiências. Desse modo, cada comunidade lutava por sua própria existência²⁶⁸.

Ao mesmo tempo, a necessidade de articulação entre comunidades dispersas levou à formação de estruturas sinodais. No final do século XIX e início do século XX, consolidaram-se estruturas sinodais que organizavam as comunidades luteranas em âmbito regional e posteriormente nacional. Dentre elas, encontra-se o Sínodo Riograndense, que teve sua fundação

em 20 de maio de 1886, em uma reunião ocorrida na cidade de São Leopoldo, pastores de sete comunidades evangélico-luteranas, juntamente com algumas lideranças laicas, elaboram a criação do Sínodo Rio-grandense, uma entidade que congregasse e, ao mesmo tempo, desse um direcionamento mais homogêneo para as comunidades instaladas no Rio Grande do Sul, desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 1824. Naquela reunião, estavam representadas as comunidades de São Leopoldo,

²⁶⁶ KIELING, Rejane Inês. As “Marcas” em Territórios Formados por Grupos Étnicos Alemães a Partir dos Estereótipos Linguagem, Trabalho e Religiosidade: O Caso da Comunidade Rural de Linha Acre–Cândido Godói (RS). **Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 50, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/752/75262392008/html/>. Acesso em: 05 de março de 2026. p. 3.

²⁶⁷ DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 56.

²⁶⁸ DREHER, 2003, p. 53.

São Sebastião do Caí, Santa Cruz, Santa Maria do Mundo Novo, Dois Irmãos, Santa Maria e Teutônia.²⁶⁹

Esses sínodos possuem no cerne de sua concepção o sentido mais amplo de seu significado, o “caminhar juntos”, mesmo que esse caminho esteja repleto de diferenças e características únicas. Foi graças à organização sinodal que houve a possibilidade de manter a coesão doutrinária e institucional diante das pressões políticas e culturais. Sendo assim, o sínodo, na perspectiva do significado da palavra pode ser definido como um espaço que

reunia comunidades que congregavam pessoas teutas das mais diversas confessionalidades evangélicas, assim como seus pastores também pertenciam a diferentes tendências confessionais. O Sínodo adotou uma compreensão ecumênica de sentido da Reforma e não se restringia a uma confessionalidade específica.²⁷⁰

Ao longo do tempo, tanto luteranos quanto reformados se integraram mais amplamente à sociedade brasileira, adotando o português como língua litúrgica e ampliando seu diálogo com outras tradições cristãs, auxiliados principalmente pelo Sínodo Riograndense, que era responsável pela ação pedagógica do povo luterano no Rio Grande do Sul. Esse Sínodo produziu materiais didáticos específicos que auxiliaram, ao mesmo tempo, na manutenção da germanidade²⁷¹ e na introdução da cultura brasileira, como mostra o trecho a seguir presente da cartilha *Fibel*:

vós crianças que nasceram aqui no Brasil não são mais alemães, e sim brasileiros. Mas mesmo assim não devem conservar a língua de seus ascendentes e não devem treiná-la? Não, isto não é atitude de crianças boas e sim que envergonham seus pais, e vocês serão iguais aquelas crianças que não conhecem a língua de boa qualidade dos vossos ascendentes que vieram até aqui e nos prezam e nos honram muito. Certamente vocês são brasileiros, por isso, temos que aprender a língua da terra de vocês e praticar na escola a fim de que mais tarde possamos fazer parte da verdadeira vida cidadã de nosso país. Mas em casa, entre a família, com o pai e com a mãe, aí vocês devem falar alemão através de vossos bons ascendentes que tem a sua Pátria. Sem esta força de conduta não poderão ser bons brasileiros. Empolgante comparação que vocês têm como brasileiros é o honrar os pais de vocês com a sua terra e com o Brasil. Como disse Olavo Bilac: ‘Ser brasileiro é cumprir os seus deveres’. E um dos componentes mais

²⁶⁹ DOS SANTOS, Rodrigo Luís. “Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado”: escolas e comunidades como espaços de disputas de poder no interior do Sínodo Rio-Grandense. **Form@ção de Professores em Revista-Faccat**, v. 1, n. 1, p. 110-123, 2020. p.110-111.

²⁷⁰ FISCHER, Joachim H. **Presença Luterana**. São Leopoldo: Sinodal. 1970. p. 12-13.

²⁷¹ Entende-se por germanidade um conjunto de valores, costumes e tradições associados ao povo e a cultura alemã. Identidade e herança cultural de descendentes de famílias de origem alemã, associado também ao conceito teuto-brasileiro (nota da autora).

empolgantes é de fato honrar os pais e respeitar a procedência de onde vivem.²⁷²

No início do século XX, com a consolidação da República e mais tarde com a instituição do Estado Novo, os descendentes de alemães começaram a se identificar como teuto-brasileiro. Os teuto-brasileiros podem ser definidos como muito mais do que indivíduos que se dizem de origem alemã e brasileira, pois se considerar teuto-brasileiro tem a ver com o processo de assimilação que ocorreu com os descendentes de alemães em solo brasileiro, afinal

a necessidade de integração na economia nacional e as aspirações políticas das elites locais, de certa forma, forçaram algumas estratégias assimilacionistas, como a utilização do português como segunda língua, a obtenção de patentes de coronel da Guarda Nacional, a convivência com as novas autoridades luso-brasileiras presentes na sociedade local, ou mesmo o estabelecimento de relações com pessoas ou grupos fora da área colonial germânica. No entanto, esse processo de ruptura das fronteiras étnicas é apenas aparente, e o que emerge é uma concepção identitária teuto-brasileira na qual a *Deutschtum* (ou germanidade) tem valor fundamental.²⁷³

Assim, os aspectos religiosos das famílias imigrantes no Brasil, especialmente no Sul, revelam um processo complexo de adaptação e preservação cultural, baseando-se fundamentalmente em sua religião, majoritariamente luterana, com presença minoritária reformada e unida, além de outras, e na preservação de sua língua. Esse conjunto de fatores contribuiu para a formação da identidade teuto-brasileira.

Considerando isso, a mulher descendente de alemães desempenhou um papel basilar na chancela dessas tradições, sendo responsável não apenas pela transmissão da língua, dos costumes e das práticas religiosas dentro do ambiente doméstico, mas também pela manutenção dos vínculos comunitários e culturais que ajudaram a consolidar essa identidade germânica ao longo das gerações. Neste sentido, na próxima parte do texto abordaremos melhor essas contribuições em diferentes esferas.

²⁷² Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilie, p.150-151. In: ALBRECHT, Elias Kruger; WEIDUSCHADT, Patrícia. A pedagogia de Lutero presente em cartilhas escolares em língua alemã produzidas por sínodos luteranos no RS. **Igreja Luterana-Revista de Teologia do Seminário Concórdia e Faculdade Luterana Concórdia**, v. 81, n. 2, 2020. p. 51.

²⁷³ SEYFERTH, 1999. p. 72.

5.2. LUTERANISMO E A IGREJA VIVIDA: O PAPEL DAS MULHERES NO FAZER LUTERANO

A presença e participação das mulheres nas igrejas cristãs têm sido objeto de crescente reflexão teológica e histórica ao longo do século XX e início do século XXI. Nas diferentes tradições cristãs, as mulheres desempenharam papéis importantes na transmissão da fé, na organização comunitária e na prática da solidariedade cristã. Todavia, pelo fato das estruturas dessas Igrejas serem regidas pela cultura patriarcal, a participação feminina se torna restrita ou até mesmo invisível.

Desde os primeiros tempos do cristianismo, as mulheres estiveram presentes nas comunidades de fé desempenhando diversas funções. A Bíblia apresenta diferentes personagens femininas que participaram da missão cristã, como Maria Madalena, Priscila e Febe. Apesar disso, até mesmo na Bíblia, as mulheres, em muitos casos, são retratadas de maneira secundária ou como algo a ser repellido pela sociedade. Ou ainda, a mulher normalmente é colocada como algo negativo, sendo assim “as mulheres passam a ser vistas biologicamente como procriadoras, socialmente como dependentes primeiro do pai e depois do esposo, psicologicamente e intelectualmente como incapazes de tratar de temas importantes como as questões religiosas”²⁷⁴.

Apesar disso, em muitas outras passagens, as personagens femininas assumem funções importantes e até mesmo de destaque. Entretanto, durante muito tempo, de algum modo isso ficou nas entrelinhas. Exatamente por isso, nas últimas décadas, o estudo sobre a figura da mulher na Bíblia tem crescido significativamente, afinal “a irrupção do feminino em anos recentes e os interesses correntes na hermenêutica feminista estimularam debate novo, às vezes apaixonado, da visão bíblica da mulher.”²⁷⁵

Desse modo, um dos primeiros grupos de mulheres de grande relevância dentro das comunidades luteranas é o das mulheres de pastores. Embora muitas vezes não ocupem cargos formais, essas mulheres desempenham um papel

²⁷⁴ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?. **Ad Aeternum**, v. 1, p. 68-85, 2020. p. 78.

²⁷⁵ EMMERSON, Grace I. Mulheres no Israel antigo. In: CLEMENTS, R. E. (org.). **O mundo do antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 352.

essencial no funcionamento da igreja. Sua atuação inclui o apoio às atividades pastorais, a organização de eventos, o acolhimento de membros da comunidade e o acompanhamento de famílias em momentos de necessidade. Um trabalho árduo e de uma importância gigante, pois

as funções da esposa do pastor na comunidade são abrangentes: ajudar na evangelização, visitar os pobres e doentes, prestar assistência social e serviços médicos básicos, dirigir a escola dominical, envolver-se com a juventude e com a capacitação de adultos, organizar uma biblioteca na comunidade. Quer dizer: nas expectativas da direção da Igreja e da comunidade, a esposa do pastor quase não dispunha de tempo livre para si mesma. Ela era 'evangelista, assistente social, enfermeira, educadora', tudo ao mesmo tempo e sem remuneração.²⁷⁶

Inspiradas por figuras históricas femininas que representam o movimento da Reforma Luterana, as mulheres de pastores são frequentemente compreendidas como exemplos de dedicação, fé e serviço. Elas contribuem para a criação de um ambiente acolhedor e solidário dentro da igreja, fortalecendo os laços comunitários e promovendo o bem-estar coletivo. Afinal, "não só o pastor estrangeiro, mas também a esposa do pastor estrangeiro tem um monte de trabalho. Também ela realiza trabalho de pioneiro e merece toda consideração por ser uma importante portadora da cultura alemã."²⁷⁷

Dessa maneira, as mulheres vão encontrando seus espaços de fala, maneiras de serem vistas e lembradas, mesmo que seja pela insistência e resistência. Vale destacar que dentro da Reforma Luterana temos os nomes de mulheres muito atuantes, como, por exemplo, Elisabeth von Calenberg e Katharina von Bora, esta última figura de extrema relevância para o movimento. Deste modo, apesar da visão medieval de Lutero sobre a figura feminina, ele enalteceu e dialogou com mulheres sobre assuntos teológicos, uma vez que

por um lado, em seus escritos ele defendeu o casamento, a maternidade e o governo da casa como lugar das mulheres, mas por outro ele elogiou as mulheres que atuaram corajosamente nos meios públicos e políticos. Ele elogiou e manteve correspondências com a regente Elisabeth von Calenberg, que introduziu a Reforma no seu reino, também manteve correspondências com Argula Stauff von Grumbach, elogiou as suas cartas públicas e a forma como ela defendeu os princípios reformatórios. Além do mais, referiu-se à sua esposa Katharina von Bora como a juíza no mercado de porcos, doutora, a

²⁷⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. A esposa de pastor: identidade entre família, profissão e Igreja. **Estudos Teológicos**, v. 35, n. 2, p. 133-145, 1995. p. 134.

²⁷⁷ DREHER, 2007, p. 15.

Lutera, a querida Kätthe. A visão de Lutero em relação às mulheres vai se transformando no decorrer do tempo.²⁷⁸

De alguma maneira, no contexto da tradição luterana, a participação feminina também passou por processos de transformação ao longo do tempo. Ainda que a Reforma Protestante tenha enfatizado princípios importantes como o sacerdócio que incluía todas as pessoas crentes, a plena participação das mulheres em ministérios e funções de liderança demorou a se consolidar. A reflexão teológica atual, especialmente por meio da teologia feminista, tem contribuído para revisitar textos bíblicos e tradições eclesiais, buscando reconhecer a participação e a vocação das mulheres na vida da igreja. Para Neiva Furlin:

a Teologia Feminista integra uma grande rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos. Saberes que emergem da consciência de uma experiência compartilhada de dominação, invisibilidade e discriminação vivida pelas mulheres.²⁷⁹

Por certo, podemos afirmar que a partir da perspectiva da Teologia Feminista, a figura feminina passa a ter uma importância fundamental no reconhecimento da dignidade da mulher como parte importante do fazer teológico. Por conseguinte, a reflexão teológica precisa considerar a experiência histórica das mulheres, pois “a teologia deve ser crítica em relação às estruturas de dominação que se legitimaram por meio da religião”.²⁸⁰ Essa perspectiva contribui para uma análise mais profunda das relações entre fé, cultura e gênero dentro das comunidades cristãs.

A longo prazo, essas mudanças sociais e culturais influenciaram também as igrejas. A partir da segunda metade do século XX, diversas igrejas luteranas passaram a refletir mais profundamente sobre a participação feminina nos ministérios. No Brasil, um marco importante ocorreu em 1982, quando a IECLB ordenou sua primeira mulher ao ministério pastoral, a saber, Edna Moga Raminger, representando um passo significativo no reconhecimento da igualdade de vocação entre homens e mulheres. Esse fato reafirma a importância da mulher no contexto da teologia prática, pois

²⁷⁸ ULRICH, Claudete Beise. A atuação e participação das mulheres na Reforma Protestante do século XVI. **Estudos de religião**, v. 30, n. 2, p. 71-94, 2016. p. 75

²⁷⁹ FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 11, n. 1, p. 139-164, 2011. p.140.

²⁸⁰ RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião**: rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 19.

mulheres teólogas, líderes e pastoras exercem atividades dentro do contexto religioso, paroquial e eclesial, difundem, elaboram e discutem metodologias no campo da teologia feminista e reivindicam mudanças políticas de gênero no país. O processo pelo qual as luteranas no Brasil atingiram patamares de cidadania religiosa tem relação com a história da reforma religiosa, com a imigração no Brasil e com as relações estreitas com grupos da Alemanha e países de religião protestante.²⁸¹

Por isso mesmo a teologia feminista surge como um movimento teológico que busca analisar criticamente as tradições religiosas a partir da experiência das mulheres. Seu objetivo não é abandonar a tradição cristã, mas reinterpretá-la de maneira que promova justiça e igualdade. Sendo assim, a teologia feminista parte da convicção de que a exclusão das mulheres na igreja não corresponde ao núcleo da mensagem cristã, portanto “qualquer tradição religiosa que afirme a plena humanidade das mulheres deve questionar estruturas que legitimam sua subordinação”.²⁸²

Essa abordagem teológica propõe uma releitura de textos bíblicos e tradições históricas que foram interpretadas de maneira a justificar desigualdades. A teologia feminista procura recuperar também a presença e a contribuição das mulheres na história do cristianismo, muitas vezes esquecidas ou invisibilizadas. A teóloga brasileira Ivone Gebara destaca que a reflexão feminista busca relacionar fé e justiça social, reconhecendo que a experiência religiosa está profundamente ligada às realidades humanas. Segundo ela, “a teologia feminista nasce da experiência concreta das mulheres e de sua busca por dignidade e participação na comunidade de fé”.²⁸³

No contexto luterano, a teologia feminista dialoga com princípios fundamentais da Reforma, como a centralidade da graça e o sacerdócio universal das pessoas que creem. Esses princípios oferecem base teológica para afirmar que todas as pessoas cristãs, independentemente de gênero, são chamadas a participar da missão da igreja. O papel de reconhecimento e luta dessas teólogas faz com que o papel da mulher na Igreja seja visto e valorizado de forma mais abrangente. Sendo assim,

²⁸¹ PIRES, Joyce Aparecida. A liberdade, o gênero e o mal: a reforma da Igreja entre mulheres luteranas. **Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**, julho de 2022. p. 6.

²⁸² RUETHER, 1993, p. 18.

²⁸³ GEBARA, Ivone. **Romper o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 35.

a produção da teologia feminista luterana possui uma tendência marcada pelo feminismo da igualdade, difundindo uma visão mais holística da religião e ecofeminista, a partir de algumas teólogas. Uma das preocupações das teólogas femininas é como fomentar uma espiritualidade lúcida e uma prática feminista engajada. Nesta tentativa, o feminino também é positivado pela diferença, inclusive direcionando o trabalho feminino na Igreja e o interesse para o desenvolvimento humano e de suas comunidades. Não que isso seja um ponto final de projeto feminista acabado das luteranas, mas as práticas regionais e culturais que são difundidas nos grupos da Igreja, retomam uma corporeidade feminina, estabilizando o dualismo de gênero no discurso institucional.²⁸⁴

A presença de mulheres no ministério pastoral, na educação teológica e em outras áreas da vida eclesial representa, portanto, um desenvolvimento natural dessa compreensão mais ampla da vocação cristã. Portanto, as mulheres, formalmente ou não, estiveram presentes e foram importantes para o contexto religioso, principalmente na prática da vida religiosa, na religião vivida, onde as mulheres tiveram papel fundamental para a manutenção e perenização das práticas religiosas herdadas de seus antepassados. Por isso este tema será aprofundado na próxima parte deste capítulo.

5.3. MEMÓRIAS E LEGADO: A INFLUÊNCIA DO LUTERANISMO NO COTIDIANO DAS MULHERES TEUTO-BRASILEIRAS

Nas comunidades luteranas, especialmente em contextos de imigração, as mulheres desempenharam papel indispensável na manutenção da vida religiosa. Elas foram responsáveis por ensinar a fé às crianças, organizar atividades comunitárias, promover ações de solidariedade e preservar tradições religiosas.

Além de serem vistas como grandes incentivadoras e detentoras do saber e do fazer da religiosidade em suas casas, também na Igreja estavam presentes de maneira atuante, seja como pastoras, seja como mulheres cooperadoras em projetos sociais; elas estavam e ainda estão ativas dentro de sua comunidade de fé. Mesmo que, na maior parte das vezes, tenham sido ignoradas ou invisibilizadas, elas marcaram sua presença no ambiente religioso luterano, já que

²⁸⁴ PIRES, Joyce Aparecida. Luteranismo gaúcho no sul do Brasil: uma compreensão de gênero a partir da constituição eclesial feminina. In: **Anais VII Congresso Internacional em Estudos Culturais: Performatividades de Gênero na Democracia Ameaçada**, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2020. Avieiro, Portugal, 2020 p. 170.

apesar das intempéries, as mulheres atuaram de forma muito importante na manutenção da fé, das tradições e na sobrevivência familiar e comunitária. Mesmo sem contestar diretamente as relações desiguais de gênero dentro da família, da igreja e da sociedade, elas foram encontrando seu espaço. Suas contribuições foram essenciais, especialmente nas áreas de missão, assistência social e ensino religioso.²⁸⁵

No que diz respeito ao papel social dessas mulheres dentro da IECLB, podemos destacar que a participação feminina ganhou expressão significativa por meio de organizações comunitárias, especialmente a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE). Essa organização se tornou um importante espaço de espiritualidade, serviço social e fortalecimento comunitário entre mulheres luteranas.

A OASE surgiu como uma importante organização dentro das comunidades luteranas no Brasil. Sua origem está ligada à necessidade de criar espaços de convivência, espiritualidade e serviço entre mulheres das comunidades. Portanto, a OASE surgiu da necessidade de participação efetiva dessas mulheres em suas comunidades, uma vez que

a partir do século XX, por ocasião do surgimento dos grupos de OASE e de algumas outras associações culturais (de lazer, por exemplo), mulheres teuto-brasileiras evangélicas criaram os seus próprios “centros”. Através destes “centros”, elas conquistaram um lugar na história, ainda que, como foi dito anteriormente, muitas vezes, como um “capítulo à parte!”²⁸⁶

Essa organização que começou a se estruturar no final do século XIX e início do século XX, em comunidades formadas principalmente por descendentes de imigrantes alemães, nasce da necessidade de amparo e cuidado principalmente para com as mulheres dessas comunidades. Portanto, os encontros de mulheres tinham como objetivo promover estudo bíblico, oração, apoio mútuo e ações de solidariedade. Ademais, é relevante destacar que

Esse serviço [feminino nas comunidades], ou diaconia, visava ajudar doentes, parturientes, pobres e idosos, e educar crianças e jovens. Na educação, havia a intenção de preservar a confessionalidade evangélica e os costumes alemães. Para organizar os espaços necessários à execução destes objetivos as mulheres trabalharam muito organizando festas e executando trabalhos manuais.²⁸⁷

²⁸⁵ DE CARVALHO, Diana Diniz et al. O protagonismo das mulheres luteranas no Brasil. **Estudos Teológicos**, v. 64, n. 3, 2024. p. 8.

²⁸⁶ DREHER, 2007. p. 21.

²⁸⁷ BAESKE, Sibyla (org.). **Retalhos no tempo**: 100 anos da OASE, 1899-1999. [S.l.]: OASE, 1999. p. 26.

A atuação dessas mulheres foi fundamental para a construção e manutenção da vida comunitária nas igrejas luteranas. Muitas vezes, elas organizavam eventos, arrecadavam recursos, visitavam doentes e promoviam atividades de apoio social. Consideremos o que uma de nossas entrevistadas, dona I.L., afirma sobre este assunto:

*Meu Deus do céu, a gente ajudava muito a Igreja, fazia bordado, assim, costurava roupa, às vezes vinha umas roupas que dava até vergonha de doar, viu. Assim, a gente conversava, organizava bingo, vendia chá, tudo pra ajudar o pessoal que era mais pobre né.*²⁸⁸

Inclusive, dona I.L. me relatou, depois que finalizamos a entrevista, que quando ela consegue participar das reuniões da OASE se sente muito bem, consegue se inteirar das novidades das famílias luteranas hamburguenses e se sente “útil”, pois tem momentos difíceis de depressão que a deixam muito triste e desanimada.

É importante destacar também que, apesar de a OASE existir em diferentes comunidades de origem alemã, essas organizações não surgiram todas ao mesmo tempo e com a mesma característica, mas sim com o mesmo propósito. Aliás, essa diversidade no processo de formação se deve ao fato de que “os grupos da OASE no Brasil tiveram um desenvolvimento individual devido à falta de comunicação entre eles, causada tanto pela distância territorial quanto pela autonomia dos sínodos”.²⁸⁹

Além disso, os grupos de OASE contribuíram para fortalecer a espiritualidade das participantes por meio de encontros regulares, leituras bíblicas e reflexões teológicas. Essa prática ajudou a formar lideranças femininas dentro das comunidades e a fortalecer o sentimento de integração e de cooperação entre essas mulheres. Deste modo, a OASE acaba

fortalecendo o engajamento das mulheres, oferecendo um espaço para a promoção de valores e serviços coletivos, como o apoio mútuo e a preservação de espaços de convivência. Tais atividades favorecem a sensação de pertencimento e incentivam as participantes a se engajarem, reconhecendo a relação entre seu esforço coletivo e o alcance de benefícios comuns e individuais.²⁹⁰

Não podemos esquecer que a OASE, além de espaço de fala e de trabalho de mulheres, também é espaço de preservação cultural, de identidade teuto-brasileira. Na maior parte dos encontros, enquanto trabalham em pequenos reparos e costuras,

²⁸⁸ Entrevista 1, dona I.L., 15 de maio de 2025, entrevista feita nas dependências da IENH.

²⁸⁹ DE CARVALHO, 2024, p.12.

²⁹⁰ DE CARVALHO, 2024, p.13.

as mulheres falam algumas expressões e palavras em alemão. Como afirma uma entrevistada, dona I.L.:

*É bom, é bom... a gente conversa em alemão, fala bobagem, relembra as coisa de quando a gente era criança, aquilo que os pais nos ensinaram. Sabe, até aquelas musiquinha que a gente cantava em casa a gente vai lembrando.*²⁹¹

Isso significa que este espaço de convívio salvaguarda de certo modo a identidade germânica de muitas mulheres que, hoje em dia, tem pouco ou nenhum contato com a língua que falavam quando crianças. Sendo assim, nessas reuniões,

o uso da língua alemã (...) poderia ser um dos fatores – não o único – que deixa a OASE, como entidade, ainda hoje um tanto distante da ação nos assuntos públicos (...). Outro motivo certamente é o patriarcalismo na sociedade e nas Igrejas, segundo o qual o lugar da mulher é o espaço privado, enquanto o homem atua no espaço público. (...) o objetivo que predominou na caminhada da OASE [foi] o fortalecimento da comunidade familiar e eclesial.²⁹²

A continuidade da OASE ao longo das décadas se deve principalmente ao compromisso das próprias integrantes. Em muitas comunidades, os grupos continuam sendo espaços importantes de convivência e participação ativa na vida da igreja. Atualmente, a OASE continua desempenhando um papel relevante dentro da IECLB.

Entretanto, é muito importante frisar que, mesmo sendo um espaço de encontro e solidariedade, de certa feita, esse grupo tem um olhar patriarcal sobre as mulheres que ali estão, muitas vezes, em diferentes momentos de sua existência e, até mesmo nos dias atuais, existem divergências entre a função da mulher na Igreja e seu papel dentro da mesma, bem como a forma que o feminismo influencia em diferentes espaços da Igreja. Sendo assim,

o posicionamento da OASE em relação ao feminismo é o de não identificação abertamente declarada, apesar das teólogas feministas luteranas manterem relação direta com os grupos OASE, em pelo menos em termos de assessoria. O que prevalece é a representação do feminino voluntário no âmbito das comunidades religiosas e pré-engajado com as questões das mulheres.²⁹³

²⁹¹ Entrevista 1, dona I.L., 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

²⁹² BAESKE, 1999, p. 48.

²⁹³PIRES, Joyce Aparecida. **“Nunca é feminista o suficiente”**: mulheres e feminismos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2023. p.152.

Mesmo assim, deve-se reconhecer a relevância e a contribuição desse movimento na sociedade como um todo. Em um contexto social, marcado por rápidas transformações culturais e desafios sociais, os grupos de mulheres permanecem como espaços importantes de acolhimento e espiritualidade. Em um mundo repleto de mudanças, a OASE se reinventou, tornando-se um espaço mais diverso, ou seja,

uma outra definição de OASE, complementar àquela [a estrutura primordial], diz respeito à OASE moderna em sua estrutura e em sua agenda, que inclui problemas sociais que afetam membros das “comunidades” como os agricultores, problemas da “sociedade em geral” e os “problemas da mulher”. A partir desta definição, a OASE expõe e diversifica suas atividades, é uma OASE “atuante” na Igreja e para a Igreja e assim legítima.²⁹⁴

Além dos espaços organizados no interior da comunidade de fé, a religião luterana, e a religiosidade que dela se origina, integra a memória dessas pessoas. Esse aspecto se manifesta de forma especialmente marcante entre as mulheres, que desempenham papel central na manutenção de costumes e tradições, transmitindo-os às novas gerações por meio da educação de seus filhos e suas filhas. E é através das memórias contadas por elas que isso acontece. Assim,

nesse sentido, duas questões são, aqui, fundamentais para se tratar da transmissão de experiências de um passado vivido pela interpretação da memória dos ancestrais: o tempo contínuo do grupo social e o tempo descontínuo do indivíduo, em que se estabelece a noção de duração enquanto experiência vivenciada individual e coletivamente por meio da cultura do grupo investigado.²⁹⁵

Essas memórias estão ligadas a tudo que foi construído até então, unindo o que foi trazido por seus antepassados e que agora é difundido e ressignificado pelas gerações atuais. Com certeza, um dos pontos mais importantes nesse processo conservação é a ligação das famílias teuto-brasileiras com a religião luterana, o que sem dúvida aparece no decorrer da pesquisa.

Aliás, para esse grupo feminino estudado, que se reúne na fé luterana, embora não pertença diretamente à estrutura institucional da Igreja, a religião constitui um

²⁹⁴ ANJOS, Gabriele dos. **"Mulheres todas santas"**: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 368.

²⁹⁵ FRANÇA, Maria Cristina. A Memória Compartilhada sobre as Experiências transmitidas entre avós e netos em Teutônia (RS). **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 53-81, 2004. p. 64.

elemento inerente à sua identidade. Ela se faz presente na rotina, nos hábitos e no cotidiano, orientando práticas e significados em suas vidas.

Sendo assim, a religião que as entrevistadas conhecem, em grande parte, é a religião vivida, que pode ser entendida como algo que não é estático, pois está relacionado com as mudanças constantes da sociedade e da vida das pessoas. A religião vivida pode ser compreendida como algo que procura “entender como aspectos religiosos e espirituais são experimentados na vida cotidiana, social e cultural, ajudando a observar as formas variadas da vivência da religiosidade, em que há a desinstitucionalização da religião”.²⁹⁶

Essas formas variadas de viver a religiosidade estão presentes de diferentes maneiras na vida das pessoas, que podem ser através de: música, cinema, literatura e outras tantas. Deste modo, mesmo que nem todas as mulheres de confissão luterana participem ativamente de suas comunidades, muitas vezes a religião vivida, o cotidiano da religião em suas vidas, assume significados muito especiais. Como relata uma entrevistada:

O que acontece que a gente nessa questão da religiosidade quando chegava o evento e a adolescência tava chegando assim dos lá em casa, eu sempre dizia: "Agora nós vamos sentar e vamos fazer uma oração.

Domingo de noite era o momento de fazer isso." Aí eu dizia pros guris assim: "Quem de vocês quer fazer a oração?" Tá, vamos fazer o seguinte. Tu ora essa semana e tu ora na semana que vem, adolescente. Ai, mãe, que seja, que tu diga obrigado por tudo, senhor. Tá. Bom, assim, daí eles faziam e no final eles pediam, mãe, faz tu ou meu marido.

Então, meu marido também não foi criado um processo de religiosidade, mas eu trouxe para dentro da minha casa.

Ele é luterana, não, ele é luterano.

Luterano do Missouri.

Do Missouri. E aí o que acontece que ele não tinha prática de orar à mesa antes de nós oramos todos os dias quando tem café, quando a gente senta junto.

*É orado para isso. Eu leio todas as noites uma senha bíblica.*²⁹⁷

Durante a entrevista, em especial nesta parte da fala, a entrevistada falou sobre religiosidade não só como religião e instituição, mas sim como uma prática do dia a dia, algo que é inerente a ela e a sua família, um rito que a muito tempo faz parte da tradição deles, dela, do marido e dos filhos.

²⁹⁶ DE ALMEIDA ADRIANO, Odete Liber; ADAM, Júlio César; ASSUNÇÃO, Ana Carolina Paranhos. 'CAMINHOS DE FÉ': encontros entre Teologia Prática, Religião Vivida e Espiritualidade. **Tear Online**, v. 14, n. 2, p. 261-278, 2025. p. 262.

²⁹⁷ Entrevista 2, dona I, 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

Para entendermos essa religião vivida, precisamos usar como base o conceito de Teologia Prática, que traz consigo a ideia de ir além daquilo que acontece dentro da Igreja, buscando conectar a experiência religiosa construída na Igreja com aquilo que se vê e se sente, com experiências do dia a dia que se conectam com o sagrado. Por isso,

o termo vivido é melhor compreendido quando concebido no sentido de Lebensform ou "forma de vida", do segundo ou tardio Wittgenstein, uma vez que a abordagem da religião vivida entende a religião precisamente como um modo de vida e interpreta textos, símbolos e tradições religiosas como jogos de linguagem que têm uma semelhança familiar (Familienähnlichkeit) em comum.²⁹⁸

Essa religião vivida, presente nas falas das entrevistadas, diz respeito àquilo que elas praticam no seu dia a dia e que aprenderam com suas mães ou avós. Ao se recordarem das experiências de outrora, além de memórias adormecidas, também conseguem trazer à tona sua experiência religiosa. Como lembra uma das entrevistadas, dona G.:

*Mas assim, eu não lembro de nós não tínhamos nada de especial assim. Mas a minha confirmação me marco. Isso é uma coisa que me marcou. [...] Então, protestantes iam na no culto. Sim. No culto. gente, ia no culto, a gente ia bastante no culto. A minha mãe sempre foi bastante religiosa, quando dava ela ia.*²⁹⁹

Durante essa parte da entrevista, a entrevistada ressaltou que era mais religiosa quando criança, por influência dos pais, mas que hoje em dia pouco ia à Igreja. Aliás, ela ficou por um tempo tentando pensar o porquê lembrava da confirmação tão bem, mas não lembrava da festa de quinze anos e nem do seu casamento com a mesma riqueza de detalhes.

A partir disso, se faz necessário salientar a religião do cotidiano dessas mulheres é a religião vivida, conceito esse que mostra a sociedade, com o passar dos séculos, foi descobrindo que a religiosidade se manifesta de diversas maneiras e surge em diferentes expressões. Sendo assim, é “importante observar que a religião vivida não está relacionada apenas com formas implícitas da religião e do religioso, mas também com formas explícitas, ou seja, avaliando a teologia que as pessoas

²⁹⁸ FERNÁNDEZ, Lidia Rodríguez et al. Lived religion y fenomenología de la religión: el caso latinoamericano. **Revista de Estudios Sociales En línea**, 82, 10, p. 23-41, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/53104>. Acesso em: 18 de março de 2026. p.26.

²⁹⁹ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

fazem, a maneira como elas interpretam sua espiritualidade e sua vivência de igreja”.³⁰⁰

Para as mulheres luteranas, a religião é parte do seu cotidiano, da sua história, da sua vida. Mesmo não sendo primordialmente desta religião, visto que algumas das pessoas entrevistadas envolvidas no processo de pesquisa eram católicas e se casaram com luteranos, a religião que vivenciam e que se identificam é a luterana. Como afirma esta entrevistada, dona S, em um depoimento emocionante:

“E é isso. Então, assim, eu permaneço católica, mas mas meu coração é muito mais, mais dentro da religião evangélica, assim, do pouco que eu conheço. Parte da minha família era luterana, meu coração é luterano. E para bem da verdade, eu respeito todas as religiões porque no meu entender, para mim só existe um criador”³⁰¹.

No momento deste relato, a entrevistada enfatizou este sentimento de pertencimento à Igreja Protestante Luterana, mesmo que agora não faça mais parte desta Igreja, pois após o casamento tornou-se católica.

Como já foi mencionado anteriormente, as mulheres luteranas estiveram profundamente envolvidas na vida religiosa de sua comunidade, principalmente no ambiente doméstico e comunitário. Mesmo em períodos nos quais sua participação institucional era limitada, elas assumiram a responsabilidade de transmitir ensinamentos bíblicos e valores cristãos às novas gerações. A presença feminina se destacou em diversos aspectos, desde o início da colonização, já que

havia uma distinção entre o trabalho da mulher e do homem, mas a mulher atuava nas duas pontas. Sua função compreendia desde os trabalhos domésticos, atividades tidas como típicas da mulher, até as que eram, especificamente, atribuídas e destinadas aos homens. Trabalhavam nas lavouras junto de seus pais, irmãos ou maridos onde realizavam atividades as mais variadas possíveis, contribuindo assim com grande parcela da produção da propriedade, e consequentemente da renda familiar. Quando esses trabalhos terminavam, elas ainda se deparavam com outros afazeres domésticos: cuidar das galinhas, dos porcos, da horta, do leite, do queijo, dos filhos, além de costurar, bordar, que em todas essas atribuições, as mulheres podiam estar produzindo renda com a comercialização, portanto, ampliando o orçamento do seu grupo familiar.³⁰²

³⁰⁰ GANZEVOORT, R. R.; ROELAND, J. H. Lived religion: the praxis of practical theology. **International Journal of Practical Theology**, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014. p. 99-100.

³⁰¹ Entrevista 4, dona S, 28 de novembro de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

³⁰² FRIDRICH, Fabiana Helma; SOARES, André Luis Ramos. Alimento e gênero: a “alma da casa” e o “espírito protetor”, uma idealização do papel da mulher nas colônias imigrantes do Rio Grande do Sul

Um aspecto central da vivência religiosa é o sentimento de pertencimento que ela proporciona. A religião, especialmente em comunidades luteranas, atua como um importante fator de integração social e construção de identidade. As mulheres encontram na igreja um espaço de acolhimento, convivência e reconhecimento, onde podem compartilhar experiências, fortalecer vínculos e desenvolver sua espiritualidade. Esse sentimento de pertencimento é reforçado de diferentes formas, mesmo que, por vezes, essas mulheres tivessem que se impor para serem escutadas, pois “as luteranas [...] souberam criar mecanismos que lhes permitissem “subverter a ordem estabelecida” que resultaram em avanços significativos para essas mulheres, pois rompiam com a tradicional hierarquia masculina presente em suas congregações”.³⁰³

Quando nos referimos às mulheres luteranas é prudente ressaltar que muito do modo de vida delas, em especial daquelas que vivem na cidade, como é o caso do grupo de mulheres entrevistadas, foi influenciado pela educação em escolas luteranas, que moldaram seu jeito de ser e pensar. Essas escolas luteranas surgiram com o objetivo de oferecer uma formação que integrasse conhecimento acadêmico e valores cristãos, promovendo o desenvolvimento integral dos indivíduos. Deste modo

(...) as escolas comunitárias, destinadas exclusivamente ao ensino elementar e dirigidas, principalmente à população rural, isto é, aos colonos e às mais avançadas – educandários de aperfeiçoamento – nos quais os teuto-brasileiros recebiam uma educação diferenciada. Estas últimas situavam-se geralmente nos núcleos urbanos e destinavam-se apenas a uma fração do grupo, que poderia prolongar a educação dos filhos e arcar com os custos elevados deste ensino.³⁰⁴

As escolas luteranas, portanto, não apenas transmitem conhecimentos acadêmicos, mas também reforçam valores e identidades religiosas. Elas funcionam como espaços de continuidade cultural e espiritual, especialmente em comunidades onde a religião desempenha um papel central na vida cotidiana. Dessa forma, a

no século XIX. **Anais do XII Encontro Estadual de História da Anpuh, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.** Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.snh, 2013. anpuh.org/resources/anais/30/1405471517_ARQUIVO_TrabalhocompletodaANPUH2014semresumo. pdf, 2014. Acesso em: 21 de março de 2026. p. 10.

³⁰³ FONSECA, André Dionei; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 6-41, 2010. p. 8.

³⁰⁴ GEVEHR, Daniel Luciano; MEYRER, Marlise Regina. Da roça para a cidade: representações de gênero sobre as mulheres teuto-sul-rio-grandenses na passagem do século XIX para o século XX. **Dimensões**, v. 36, p. 55-81, 2016. p. 70.

educação luterana acaba contribuindo diretamente para a formação das novas gerações e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a manutenção das tradições religiosas, “portanto, as questões escolares também eram questões eclesiais, entre evangélicos luteranos”.³⁰⁵

Essas instituições educacionais luteranas desempenharam um papel importante na formação ética e moral de estudantes, além de fortalecerem os vínculos entre igreja, família e comunidade. Porém nesses locais, o ensinamento destinado às mulheres era voltado aos afazeres domésticos, muito mais do que ensinamentos lógicos e matemáticos. À mulher cabia aprender a ser uma boa esposa e mãe, principalmente após o advento da urbanização. Nessas instituições possuíam

(...) as disciplinas de Trabalhos Manuais, Música, Línguas e Conhecimentos Gerais, todas com ampla carga horária (...). Trabalhos Manuais era a disciplina de maior carga horária do currículo (...) com 12 a 17 horas semanais quando se ensinavam ‘(...) todas as sortes de trabalhos singelos e artificiais feitos à agulha, tais são: crochet, frivolité, crivo, renda irlandesa, costuras, bordados a ouro, a seda em branco, em étamine, em filó e pontos de malha’. As aulas incluíam conteúdos como a organização da casa, cozinha, pintura em tela e jardinagem.³⁰⁶

Os estudos nestas “escolas para meninas” tinham como intenção principal preparar essas mulheres para serem donas de casa. Sua maior contribuição para a sociedade, em especial para a sociedade teuto-brasileira, era o papel de mãe e esposa, visto que

[...] mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.³⁰⁷

Seja por costumes adquiridos dentro da sua família, seja através da educação que receberam na escola, coube às mulheres a tarefa de passar os ensinamentos religiosos para seus descendentes, por isso seu papel é muito relevante, mesmo que ainda não seja visto como tal.

³⁰⁵ KLUG, João. **A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina: A ação da igreja luterana através das escolas (1871-1938)**. Tese de Doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da FFLCH. São Paulo: USP, 1997. p. 78.

³⁰⁶ GEVEHR; MEYER, 2016, p. 73-74.

³⁰⁷ D'INCAU, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla et al. (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 223-240. p. 247.

Diante de todos esses aspectos, é possível afirmar que as mulheres luteranas são agentes fundamentais na construção e manutenção da vida religiosa e comunitária. Sua atuação abrange diferentes esferas, desde a educação e a transmissão da fé até o apoio social e o fortalecimento dos vínculos comunitários. A religião, nesse contexto, não é apenas uma dimensão espiritual, mas também um espaço de pertencimento, identidade e transformação social.

Apesar dos avanços observados nas últimas décadas, ainda existem desafios relacionados ao reconhecimento pleno do papel central feminino nas instituições religiosas. No entanto, a trajetória das mulheres luteranas demonstra sua importância histórica e contemporânea, evidenciando que sua contribuição é indispensável para a continuidade e o fortalecimento da tradição luterana. Toda essa trajetória possibilitou que, “hoje, pastoras e mulheres leigas lideram comunidades, participam de movimentos ecumênicos e sociais, reafirmando a igualdade de gênero no âmbito eclesialístico e social”.³⁰⁸

Além disso, a religião contribui para a construção de uma identidade coletiva baseada em valores compartilhados, como solidariedade, respeito e amor ao próximo. Em um mundo cada vez mais marcado pelo individualismo e pela fragmentação social, a igreja continua sendo um espaço relevante de apoio emocional e social. Como afirma uma entrevistada, dona I.L.:

*Evangélica luterana nós somos de casa também.
De casa também, sim. Aham. Meus pais, meus meus avós eram
De casa já. Meus pais também.
Meu esposo também.
E nós temos a igreja Evangélica de Confissão. Essa nossa igreja que nós
participamos aqui da comunidade Hamburgo Velho.
Essa da igreja do relógio [...]
Até hoje participo, quando dá né, minha filha leva.
Me sinto bem quando vou no culto.*³⁰⁹

Ela enfatiza na fala que só consegue ir ao culto quando a filha leva, pois devido a idade, tem sérios problemas de mobilidade. Para fazer a entrevista, inclusive, precisou de ajuda para se locomover até a sala onde foi realizada a entrevista, aceitou a ajuda, mas reclamou e se lamentou bastante de não conseguir mais ter a mobilidade que um dia teve.

³⁰⁸ DE CARVALHO, 2024, p.17.

³⁰⁹ Entrevista 1, dona I.L., 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

Para muitas mulheres, especialmente, a participação em grupos religiosos representa uma oportunidade de expressão, escuta e fortalecimento pessoal. Seja nos grupos ou em família, as mulheres luteranas teuto-brasileiras foram e ainda são a base forte para a manutenção da memória e chancela da história dos primeiros imigrantes.

No próximo e último capítulo, iremos discorrer sobre o cotidiano, a história e a vida de mulheres luteranas teuto-brasileiras que, através de suas vivências, constroem um legado incalculável para a história dos descendentes de imigrantes alemães no Brasil.

6. CONVERSAS E MEMÓRIAS: O LEGADO DE SEUS ANTEPASSADOS

A influência dos antepassados de descendência alemã na formação identitária das mulheres teuto-brasileiras contemporâneas constitui um campo interessante de investigação dentro dos estudos culturais, históricos e sociais, principalmente quando se trata da região do Vale do Rio dos Sinos. A imigração de famílias alemãs para o sul do Brasil contribuiu significativamente para a construção de valores, práticas e memórias que ainda hoje permeiam o cotidiano de muitas descendentes dessas famílias.

Nesse contexto, compreender como essas heranças culturais se manifestam nas mulheres teuto-brasileiras exige uma análise que articule memória, oralidade, tradição e identidade. Ao acessarem suas lembranças, essas mulheres resgatam não somente sentimentos a muito guardados, mas também convicções que foram sendo construídas ao longo de sua vida. Deste modo

o passado construído pela memória coletiva, no que tange à construção de uma identidade étnica teuto-brasileira, tem no processo de colonização uma crença de origem comum. E não apenas compartilhar esse passado comum, como fixar símbolos e critérios de identificação são maneiras de estruturar e reestruturar as fronteiras étnicas através da interação do grupo étnico com os outros.³¹⁰

A presença da cultura alemã no Brasil consolidou-se sobretudo nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, onde comunidades mantiveram, ao longo das gerações, costumes, língua, religiosidade e formas específicas de organização social. As colônias alemãs que foram se estruturando ao longo dos anos, criaram formas de sobrevivência e de transformação do espaço, possibilitando o nascimento de locais que se intitulam “de origem alemã”. Sendo assim

apesar das muitas dificuldades enfrentadas pelos colonos, houve desenvolvimento econômico articulado à produção agrícola e ao comércio, bem como o crescimento urbano de muitos povoados previstos no planejamento oficial. A progressiva emancipação dos núcleos, com a criação de municípios, bem como o processo de industrialização, iniciado em muitos lugares ainda no século XIX, ampliaram as possibilidades de integração na sociedade brasileira.³¹¹

³¹⁰ WERLE, Bibiana. A representação da memória da Campanha de Nacionalização em Estrela - RS. In: **Anais do XI Encontro Estadual de História - História, memória e patrimônio**, 2012, Rio Grande: Anpuh-RS, 2012. p. 526-535. p. 527.

³¹¹ SEYFERTH, 2012. p. 16.

Para as mulheres, essas tradições muitas vezes se traduzem em responsabilidades específicas relacionadas à organização familiar e à transmissão de valores culturais aos filhos. Isso fica muito evidente quando nos deparamos com o relato de uma das entrevistadas que, ao rememorar aspectos de sua trajetória familiar, evidencia que o aprendizado da língua foi um dos fatores que mais contribuiu na construção de sua identidade alemã. A entrevistada, dona H, começa sua entrevista falando sobre essa ligação de sua família com a Alemanha, em especial com a língua. Ela relembra:

*Bom, em primeiro lugar, falar alemão. Eu na minha casa, porque minha mãe veio com 18, 19 anos à Alemanha, ela tinha passado todo o tempo de estudo na Alemanha e ela fez um curso de corte e costura, então ela virou costureira aqui no Brasil, tá? E trabalhou muito também, né? Então eh quando eles vieram, a primeira coisa na família se falava alemão, tá? Porque na família, nas duas famílias Como os avós também eram alemães, todo mundo falava alemão. Eu aprendi a falar português quando entrei para pro jardim de infância, tá?*³¹²

Enquanto realizou a entrevista, dona H fez questão de enfatizar a quão orgulhosa ela é por ser descendente de famílias alemãs. Várias vezes repetiu que “era dos dois lados, pai e mãe”. Depois do fim da entrevista, me contou que um dos filhos tinha realizado um exame de DNA para descobrir sua descendência e o resultado tendeu para ascendência russa e pouco para alemã, o que fez com que a família questionasse o resultado.

Em outra fala, uma entrevistada também evidencia o quanto a língua alemã mostrou-se algo de suma importância para essas famílias de descendentes. Era algo que fluía naturalmente, se aprendia em casa, se falava entre os familiares, era parte do cotidiano dessas famílias. Dona G relembra, saudosa, essa característica presente em sua família. Ela conta:

*E tu vê e o alemão que eu comecei a falar alemão, fui escutando eles falando alemão. Ali sentados os quatro, meu pai enfiando os rolinhos. Aí eles falavam alemão e eu escutando. Falava muito pouco. A gente não falava quase, ficava escutando. Nós escutávamos mais o rádio. O rádio. Informando o que tava acontecendo.*³¹³

Durante a fala, a entrevistada mantinha olhar longe, como se quisesse lembrar de algo que estava muito distante, como se estivesse tentando resgatar a memória da

³¹² Entrevista 5, dona H, 3 de dezembro de 2025. Entrevista realizada residência da pessoa entrevistada.

³¹³ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

sua família sentada na sala da casa, conversando e escutando rádio, detalhe que ela acrescentou no decorrer de sua fala.

Relatos como esse demonstram o quanto a perenização da língua para seus predecessores foi um dos aspectos fundamentais para o sentimento de pertencimento, de ligação com sua origem germânica, afinal “a ideia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país”.³¹⁴

Para as mulheres teuto-brasileiras, essas heranças não se restringem a aspectos visíveis, como culinária ou festividades, mas envolvem também valores como disciplina, trabalho árduo, organização familiar e forte senso comunitário. Esses elementos foram transmitidos principalmente no âmbito doméstico, espaço associado à atuação feminina, o que destaca o papel central das mulheres na preservação cultural. Nesse sentido, se no espaço público era seu marido quem comandava e tomava a maior parte das decisões, em casa, era ela, a mulher, a mãe, dona de casa, quem ocupava o lugar de centralidade.³¹⁵

É no espaço doméstico que, geralmente, as memórias compartilhadas entre mães, filhas e avós fortalecem laços de pertencimento, parceria e identificação com suas origens ancestrais. Na cozinha e no ato de cozinhar, mulheres trazem receitas que não são somente alimento, mas que são sabores que remetem a um lugar aconchegante, de lembranças que mesmo com o tempo não se apagam. Por isso, quando falamos sobre a relação entre mães e filhas, podemos dizer que a mãe

é aquela destinada a nutrir. Comida, desde o princípio, será o canal através do qual ela criará vínculos duradouros, laços profundos e indelévels, que permearão sua vida e a de seus filhos. A nutrição é o elo simbólico pelo qual mãe e rebento estarão conectados um ao outro, eternamente. Este fio real e metafórico, que liga ambos desde a vida uterina, extrapolará o âmbito do alimento para impor-se, também, em outras vias de expressão. Desta relação surgirão, possivelmente, as memórias de infância mais perenes que o indivíduo portará consigo em sua idade adulta.³¹⁶

³¹⁴ SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**: ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1982. p. 46.

³¹⁵ GEVEHR, Daniel Luciano. Saberes e afazeres de mulheres: Narrativas visuais nos museus da imigração alemã no Sul do Brasil. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero: 13th. Women's Worlds**. Florianópolis, p. 1-12, 2017. p. 7.

³¹⁶ DO NASCIMENTO, Rafael. Imigração alemã: notas sobre as relações entre os religiosos e os colonos a partir de meados do século XIX em Santa Catarina. **Revista Santa Catarina em História**, v. 7, n. 2, p. 163-178, 2013. p. 164.

Em outro relato colhido, uma das entrevistadas inclusive rememora uma das mais tenras lembranças de sua infância, a confecção de biscoitos feitos pela avó. Dona H relembra com carinho os biscoitos confeccionados com a sua avó materna. Ela relembra:

*Eh, bolachinha de eh de mel, bolachinha de como é que chama? De quando bota aquelas ervas diferentes dentro, e tem um nome específico, né? Então é umas bolachinha temperada e bolachinha normal também. Depois se pintava aquilo, botava farelinha em cima. Minha mãe sempre foi muito boa em fazer bolos e tortas também.*³¹⁷

Enquanto falava sobre essa lembrança da infância, dona H fazia trejeitos com a boca, como se estivesse lembrando do gosto das bolachas, como se conseguisse sentir o sabor daqueles biscoitos no momento em que acessou essas memórias.

Momentos de trocas culinárias entre mãe e filha que vão muito além disso. Aqui percebemos que além da lembrança carinhosa dos momentos que passava com a mãe, as festividades, principalmente religiosas, eram momentos onde a família se reunia e as mulheres reproduziam aquilo que haviam aprendido com suas mães e avós. Assim,

constata-se, com isso, que as lembranças das mães se projetam ativamente sobre as filhas através da educação que as primeiras destinam às segundas, por isso o papel dessas mães enquanto educavam suas filhas, ou ainda, quando conduziam suas próprias vidas gera na vida de suas filhas experiências que produzirão efeitos próprios. Nesse sentido, as memórias dessas mães se conectam consigo e com suas filhas, do mesmo modo as memórias das filhas também produzem efeitos sobre a vida de suas mães.³¹⁸

Além disso, as festividades são outro ponto marcante quando nos remetemos à memória dos antepassados destas mulheres. Era nessas festividades, habitualmente comemoradas em família, que os vestígios daquilo que foi construído de geração em geração se tornavam ainda mais evidentes. Ou seja, a partir dessas festividades

a perpetuação dos hábitos alimentares, no cotidiano ou em festividades, pode-se constituir em tradições culinárias, fazendo com que o indivíduo se sinta inserido em determinado contexto familiar ou sociocultural, reafirmando sua identidade por meio da memória despertada pela comida. São chamadas tradições culinárias por serem cercadas de ritos e significados.³¹⁹

³¹⁷ Entrevista 5, dona H. 3 de dezembro de 2025. Entrevista realizada na residência da entrevista.

³¹⁸ SANTOS, Layse Dayana Lima. **Histórias de mães, memórias de filhas**: um estudo das intersecções e confluências entre ficção, história e memória em A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021. p. 51.

³¹⁹ REINHARDT, Juliana Cristina. **Alemães, comida e identidade**: uma tese ilustrada: Volume 1. Máquina de Escrever, Curitiba. 2021. p. 8.

No relato a seguir, a entrevistada traz esse sentimento de participação e de aproximação através do preparo e dos ritos elaborados para essas festas, nas lembranças estão presentes os detalhes do preparo e das sensações presentes naquele momento. Dona G.S conta das dificuldades de sua família, mas mesmo assim ela e seus irmãos, que eram muitos, nunca deixaram de ganhar presentes no Natal ou na Páscoa. Ela relembra:

*Não tínhamos muito poder aquisitivo. Minha mãe fazia biscoitos de Natal no forno a lenha e a gente ajudava a pintar e botar bolinhas coloridas. Não tínhamos refrigerante, então tomávamos "refresco" feito com xarope comprado na farmácia. Não tinha pinheirinho; o Papai Noel deixava os presentes em cima da cama de cada um.*³²⁰

Neste relato também está presente a questão da religiosidade, pois a maioria das lembranças estão ligadas aos hábitos e costumes religiosos das famílias dessas mulheres. Dona G fala sobre comidas que consumiam em datas especiais, que não eram tão diferentes do dia a dia, pois os pais produziam aquilo que consumiam e só conseguiam produzir conforme conseguiam. Este aspecto também aparece na narrativa de outra entrevistada, que conta:

*Era tudo mais complicado. Então assim, nós não tínhamos muito muito de acho que a nossa comida era bem pobre mesmo assim, bem, do dia a dia, né?
É bem assim. E não tinha só no fim de semana.
É. E assim data especial que nem Natal, Páscoa. Sim. Aí então tinha o porco, né? Matava um porquinho, né? Para, para ano novo também para ter a carne de porco.*³²¹

Deste modo, a memória dos antepassados alemães permanece presente nas famílias até os dias atuais de diversas formas. Em muitas casas, ainda se preserva o uso de dialetos germânicos, especialmente entre as gerações mais velhas. Festividades religiosas como o Natal e a Páscoa, embora ressignificadas, continuam sendo momentos de reafirmação identitária. Essa prática vem desde os primórdios da colonização, pois

na imigração, o Velho e o Novo Mundo se encontraram, trazendo em seu momento presente um passado de forte raiz religiosa cristã e um futuro, portanto, novo em relação às expectativas de que a vida cá fosse melhor que

³²⁰ Entrevista 7, dona G.S. 8 de janeiro de 2026, entrevista realizada em sua residência. Quando cheguei para realizar a entrevista, a entrevistada já estava aguardando com o chimarrão pronto, para que pudéssemos conversar de maneira despreocupada.

³²¹ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH. Dona G, neste relato, não consegue lembrar dos alimentos diferenciados que consumiam em datas comemorativas. Ela enfatiza o consumo da carne de porco como a parte diferenciada presente nas festividades.

a de lá – na América do que na Europa, respectivamente. Necessidades da vida social como um todo foram trazidas como também novas necessidades surgiram do próprio encontro que se operou. É nesse encontro que surge a necessidade e a participação dada pelos colonos aos religiosos às expectativas na nova terra.³²²

Assim sendo, como já foi explanado no capítulo anterior, a religião era presença marcante no cotidiano dessas mulheres. Os hábitos e costumes da religião de Confissão Luterana faziam parte da constituição de suas vidas, sejam de maneira formal, nos ritos e celebrações no culto, ou informal, nas orações à mesa e nas canções que ensinavam aos seus filhos. A religião vivida, neste caso, tem sentido e alento, visto que

a religião vivida não tem a ver apenas como forma implícita da religião e do religioso, mas também com formas explícitas, ou seja, avaliando a teologia que as pessoas fazem, a maneira como elas interpretam a sua espiritualidade e vivência de igreja. Em ambos os casos, portanto, a tradição e as matrizes religiosas são importantes, pois é a partir delas que a religião vivida pode ser entendida e posta em diálogo com a própria Teologia, ou seja, “as ações e os significados operantes nas maneiras em que as pessoas vivem, interagem e se relacionam com o divino.”³²³

Essa questão fica nítida em uma das falas das mulheres entrevistadas, que relata em detalhes o quanto a religião faz parte da sua história de vida, do seu cotidiano e de como esse valor foi sendo passado de geração em geração. Ela relembra:

Então assim, normalmente eu tenho essa questão assim de trazer a importância da comida, de sentar, de orar à mesa, de agradecer, de ensinar a orar, de poder sentar do lado da cama dos filhos pequenos e orar com eles de noite o “in alin kin istem drin alle ich bin klein” que em português é mais ou menos: “eu pequeno, coração limpo aceito Jesus”. Então essa foi uma oração que eu aprendi e eu orava com os filhos, minha mãe tinha tendência a nos benzer então ela pegava uma folhinha de arruda, outra coisa qualquer. E aí ela dizia: “Agora deita e fecha os olhos e fica bem tranquilo que eu vou rezar por ti, porque na verdade o era uma oração que ela fazia e daí ela pegava e passava assim. E eu fiz isso com meus filhos, eles amavam, eles pediam: “Mãe, faz a oração pra gente nos benzem”. Então a gente benzia. Uma outra coisa que eu aprendi da minha mãe.”³²⁴

³²² DO NASCIMENTO, 2013, p. 169.

³²³ ADAM, Júlio César. Deus e o Diabo na terra do sol: Religião vivida, conflito e intolerância em filmes brasileiros. **Estudos de Religião**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 77, 31 ago. 2017. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p77-99>. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2>. Acesso em: 17 de abril de 2026. p. 79.

³²⁴ Entrevista 2, dona I, 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH. Aqui um detalhe interessante, ao falar sobre sua religiosidade, a entrevistada evidencia a presença do hinário, uma característica da Igreja Protestante Luterana e da prática da benzedura, presente no cotidiano da comunidade onde vivia. Isso demonstra o quanto as famílias alemãs em contato com outras famílias não alemãs aqui do Brasil mesclaram aquilo que conheciam como religiosidade e a prática de outras etnias.

Para além do aspecto religioso ser parte importante da vida dessas pessoas, é preciso ressaltar aqui o quanto essas falas das mulheres entrevistadas, além de materiais preciosos de estudo, são significativas e importantes principalmente para quem está sendo escutada. A importância de deixar essas idosas falarem insere-se diretamente nesse processo de transmissão cultural. Os idosos são detentores de experiências e memórias que não se encontram registradas em documentos formais, mas que constituem um patrimônio imaterial de grande valor. Deste modo,

a pessoa idosa passa, então, a ter uma nova função social que seria a de lembrar e contar para as gerações mais novas a sua história, de onde vieram, o que aprenderam, viveram e experimentaram ao longo dos anos vividos. Ela assume um papel importante na construção da nossa memória coletiva, uma vez que podemos afirmar que nossas verdades se baseiam nos relatos de nossos ancestrais, pois são a prova viva de um tempo que não vivenciamos e a sua própria existência revela uma época.³²⁵

Ao permitir que eles compartilhem suas histórias, promove-se não apenas o reconhecimento de suas trajetórias, mas também a continuidade de saberes que contribuem para a construção da identidade coletiva. No caso das famílias teuto-brasileiras, os relatos dos mais velhos frequentemente incluem narrativas sobre a imigração, as dificuldades enfrentadas, as adaptações culturais e as estratégias de sobrevivência, elementos essenciais para a compreensão das raízes familiares.

Mais do que isso, o modo como vivem e agem reflete aquilo que aprenderam com os seus antepassados. Seus costumes e tradições foram moldados a partir daquilo que vivenciaram e com base no que absorveram de sua família e de sua comunidade. Diante disso,

o ideal social conformado a partir de traços significativos percebidos nos colonos, como o empenho no trabalho, a vocação empreendedora e a religiosidade, é um projeto concretizado no desenvolvimento acelerado das regiões por eles ocupadas. Aos poucos foram surgindo pequenos comércios nas picadas e linhas, contendo os materiais mais variados que oportunizavam maior conforto à comunidade.³²⁶

Essas falas vão muito além de simples memórias individuais, elas trazem consigo significados e sentidos de uma comunidade inteira. Nessas memórias estão implícitas todas as relações entre o passado, o presente e o futuro de um grupo

³²⁵ VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; DOS REIS, Luciana Araújo. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 265-281, 2015. p. 272.

³²⁶ FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Tradições compartilhadas, experiências transmitidas: estudo etnográfico da memória intergeracional de avós e netos em Teutônia (RS). **ILUMINURAS**, v. 4, n. 8, 2003. p. 7.

étnico que se transformou com o passar dos anos, mas que tentou não perder sua essência. A fala dessas mulheres representa aquilo que viram ou que ouviram alguém contar. À vista disso,

durante o curso de vida de uma pessoa, o grupo nacional de que ela fazia parte foi o teatro de certo número de acontecimentos, dos quais a pessoa pode dizer lembrar-se, contudo não conheceu, a não ser por jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Esses acontecimentos ocupam um lugar na memória da nação.³²⁷

Baseado nessa premissa, em um dos relatos foi possível detectar essa relação entre a história individual e a memória coletiva. Essa entrevistada, dona I.L. em especial, expõe em seu relato algumas memórias sobre a cidade de Novo Hamburgo mescladas com detalhes de sua infância. Ela diz:

Então, quando ele passava no na área que ele sabia que eu tava lá e era na hora do meio-dia e ele não queria que ele fosse para ele não ser vista, ele se abaixava, ia bem por baixo para ir para casa, para eu não vê-lo, senão chamava, chorava.

Senão eu chorava e chamava. Eu me criei muito bem aqui em Novo Hamburgo, sabe? Eu eu para dizer assim de infância, eu até nem sei, não me lembro muita coisa. Eu me lembro que eu eu, por exemplo, estudei na Fundação, quando eu fui, meu pai me trazia quando nós compramos um carro, nós não tínhamos carros sempre, mas quando ele teve carros, ele em dia de chuva me trazia aqui. Sim.

Eu tinha, eu tinha amigos ao redor que eu que eu logo vim pro jardim de infância, que era ali onde é o Pindorama, aquele pré era lá embaixo no Pindorama. Quando a gente desce a rua daí, tu deve saber onde é que era, onde era o jardim de infância.³²⁸

Diante disso, quando ocorre esse reavivamento das lembranças, além de trazer relatos pessoais, a pessoa entrevistada traz também elementos que constituem parte do ambiente onde está inserida. Também faz com que essa pessoa reflita sobre aquilo que viveu sob a perspectiva do tempo presente, pois

ao rememorar sua trajetória de vida, os idosos podem avaliar e interpretar os fatos vivenciados por meio de um processo de constante comparação entre o passado e o presente. Realiza assim, um vai-e-vem no tempo, visto que as lembranças não vivem no passado, mas precisam do tempo presente para serem reconstruídas e refletidas.³²⁹

³²⁷ RODRIGUES, Solange do Carmo Vidal. Memória de infância: proibido cantar em alemão, p. 147-157. In: **Memória e Patrimônio: tramas do contemporâneo** / Juliane Conceição Primon Serres, Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (Coord.), Darlan De Mamann Marchi, Eduardo Roberto Jordão Knack, Rita Juliana Soares Poloni (Org.). Porto Alegre: Casalettras, 2019. p. 151.

³²⁸ Entrevista 1, dona I.L., 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH. Segundo a entrevistada, essa memória é de quando tinha aproximadamente 2 anos, onde ela ficava na área da frente da casa chamando os avós. Como normalmente ocorre, as lembranças de infância de dona I.L. são muito mais detalhadas e claras do que as memórias mais recentes.

³²⁹ VALENÇA, 2015, p. 275.

As descendentes dessas famílias imigrantes e as memórias de seus antepassados constituem outro eixo central dessa discussão. Ao migrarem, os alemães trouxeram consigo não apenas bens materiais, mas também um conjunto de referências culturais que foram adaptadas ao contexto brasileiro, afinal “quanto à identidade étnica, portanto, são ‘alemães’ ou teutos. Mas pelo fato de terem nascido no Brasil, pelo princípio do *ius soli*, são cidadãos brasileiros, incluindo tudo que essa situação legal implica em termos de direitos e deveres”.³³⁰

Em uma das entrevistas, esse conjunto de referências culturais também surge em meio a fala da pessoa entrevistada. Ao ser questionada sobre aquilo que acredita ter herdado de seus antepassados, dona I, dá ênfase aos valores que aprendeu com seus familiares. Ela relata:

*Eu penso que todo legado que uma, que uma cultura ou que tem seus tem suas coisas boas e tem suas coisas inadequadas, tá?
Eu penso que uma das questões do povo alemão, assim, dessa influência germânica, é a perseverança, a luta, o trabalho. a superação, o perdão em alguns aspectos, porque eles tiveram que se a resiliência, porque eles tiveram que sair de um lugar onde eles tinham casa, tinham tudo para vir para cá. Eu penso que essas raízes elas elas ficam entre nós e permeiam, né? O amor à família, a família, a religião. Para mim são essências que ficaram e que a gente de uma certa forma carrega junto. E, e para mim eu considero como um baluarte para, pra gente.*³³¹

É importante destacar que essa herança não é estática, mas dinâmica. As mulheres teuto-brasileiras contemporâneas reinterpretam as tradições recebidas à luz das transformações sociais, como a inserção no mercado de trabalho, a ampliação do acesso à educação e as mudanças nos papéis de gênero. Assim, elementos da cultura alemã são mantidos, adaptados ou, em alguns casos, ressignificados. Essa capacidade de adaptação demonstra a vitalidade da cultura teuto-brasileira e sua relevância no contexto atual. Sendo assim,

ao traduzir as lembranças em linguagem, essas vêm ao presente ressemantizando o passado, que é evocado a partir das instâncias mais significativas na construção dos seus papéis sociais. Nesse sentido, as vivências familiares apresentaram-se mais enfatizadas nos relatos femininos,

³³⁰ RAMBO, Arthur B. Teuto-argentino, teuto-brasileiro, teuto-chileno: identidades em debate. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 31, n. 1, p. 201-222, 2005. p. 214.

³³¹ Entrevista 2, dona I, 15 de maio de 2025. No final da entrevista, dona I relatou que por vezes, os descendentes alemães, apesar de muitos aspectos positivos, são muito preconceituosos, principalmente com pessoas de outras etnias.

enquanto o trabalho e a família surgiram nos relatos masculinos como encompassadores das vivências do passado.³³²

Por esse motivo, a valorização da memória e da oralidade também contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Ao conhecer as histórias de seus antepassados, essas mulheres teuto-brasileiras desenvolvem uma maior compreensão de sua identidade e de seu lugar na sociedade. Enxergam-se e enxergam outras como parte importante do todo, pois

nesse sentido, a mulher imigrante serve como parâmetro para distinções sociais carregadas de símbolos identitários que operam como indicadores de uma comunidade moral compartilhada por indivíduos e famílias de mesma “origem” nacional. Às mães e avós, pela relevância que têm nos processos de socialização, atribui-se a tarefa de guardiãs dos valores culturais de uma imaginada comunidade de iguais. Assim, serão enfatizadas algumas questões de gênero presentes em um universo discursivo que cria e recria identidades culturais a partir de referências ao passado da imigração, *habitus* e vida cotidiana.³³³

A valorização da memória e da oralidade também contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Ao conhecer as histórias de seus antepassados, as mulheres teuto-brasileiras desenvolvem uma maior compreensão de sua identidade e de seu lugar na sociedade. Esse processo é fundamental não apenas para a manutenção cultural, mas também para o reconhecimento da diversidade que compõe a sociedade brasileira.

6.1. VALORES QUE FICAM: A VIVÊNCIA CONTADA

A história das mulheres teuto-brasileiras no Vale do Rio dos Sinos está profundamente ligada ao processo de imigração alemã iniciado na primeira metade do século XIX no sul do Brasil, especialmente a partir da fundação da colônia de São Leopoldo. Durante muito tempo, os estudos históricos privilegiaram figuras masculinas, como colonos, líderes comunitários e empresários, deixando em segundo plano a atuação feminina.

³³² FRANÇA, 2003, p. 24.

³³³ SEYFERTH, Giralda. Imigração e etnicidade: a mulher imigrante e a simbólica da identidade de grupo, *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos*, realizado nos dias 28, 29 e 30 de agosto de 2006, Florianópolis: UFSC/UDESC, 2006. v. 1. p. 2.

No entanto, pesquisas mais recentes demonstram que as mulheres tiveram um papel central na construção social, econômica e cultural da região, sendo fundamentais tanto na organização do cotidiano quanto na manutenção de identidades coletivas. Foi através delas que a cultura e os costumes trazidos pelos primeiros imigrantes se mantiveram e puderam ser transmitidos de geração em geração. Essas lembranças surgem a partir,

das experiências que lhe foram relatadas pelas suas mães e/ou avós e, mesmo constituindo-se em histórias pessoais, possuem uma certa unidade de significação, na medida em que estas pessoas compartilharam de uma mesma realidade social e cultural, sendo que suas estratégias de sobrevivência fruto, em parte, das próprias condições do meio, acabavam por ser semelhantes, dando a este segmento social – uma certa identidade.³³⁴

Exatamente por isso a pesquisa em questão tem tanta relevância, pois dá voz e vez a quem dificilmente é visto ou lembrado. Por serem mulheres e também idosas, as entrevistadas não conseguem conceber de que maneira são importantes para uma pesquisa acadêmica, sua relevância muitas vezes é sufocada, uma vez que

as histórias de vida, muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas dominantes, revelam as lutas, resistências e conquistas das mulheres em diversos contextos históricos e sociais. Ao trazer à tona essas memórias, criamos espaço para a valorização e o reconhecimento das contribuições das mulheres na construção da sociedade e da igreja.³³⁵

Aliás, durante o processo de levantamento e entrevistas, essas mulheres externam essa percepção. Como boa parte do que viveram é algo comum e que faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, creem que não terão muito a contribuir com a pesquisa. Dona M, por exemplo, inicia a conversa com ar de desconfiança, chegando com o auxílio de um andador à sala de seu apartamento. Ela me questiona:

:

*Olha, vai me falando o que tu quer que eu diga, mas acho que nem tenho nada pra te dizer, assim, de importante, porque, né, minha vida é tão sem graça, nada de mais, nem sei porque tu quer me entrevistar, sabe, minha vida não tem nada de mais, nada que seja muito extraordinário.*³³⁶

³³⁴ MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel Luciano. Fragmentos de memórias: Mulheres trabalhadoras na área de imigração alemã (Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, final do século XIX e início do século XX). **História e Cultura**, v. 10, n. 2, p. 259-282, 2021. p. 271.

³³⁵ BLASI, Marcia. A vida em um baú: A vida de mulheres descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil. **Coisas do gênero: Revista de estudos feministas em teologia e religião**, v. 10, n. 1, p. 8-18, 2024. p. 16.

³³⁶ Entrevista 6, dona M, 9 de dezembro de 2025. Entrevista feita na residência da entrevistada. Essa entrevista, que começou tímida e com muita desconfiança durou duas horas e meia. No meio da entrevista, tive que trocar a pilha do gravador.

Como a vida de todas elas girava em torno da criação dos filhos e do cuidado com marido, o âmbito familiar é algo muito conhecido e banal no relato de suas experiências. De certo modo, isso se deve também pela forma que foram ensinadas, não só pelas questões amplas com relação ao seu gênero³³⁷, mas também porque entre suas ancestrais germânicas isso fora algo marcante.

Para tanto, é necessário retomar um pouco desse processo anterior. No período inicial da colonização alemã, o dia a dia das mulheres imigrantes era fortemente centrado no ambiente doméstico. Contudo, esse espaço não deve ser interpretado como restrito ou passivo.

A casa funcionava como uma unidade produtiva, onde as mulheres desempenhavam atividades essenciais para a sobrevivência da família, como o preparo de alimentos, o cultivo de hortas, a criação de pequenos animais e a confecção de roupas. Essas mulheres, apesar de sua condição cultural de gênero na sociedade, administravam e controlavam a produção dentro de sua propriedade, sendo assim,

nas áreas coloniais, mães e filhas dispunham de uma autonomia maior, uma vez que tinham que aprender de tudo um pouco. Esta autonomia esta relacionada geralmente ao trabalho. As circunstâncias, portanto, depositou nas mãos das mulheres a administração da casa e, muitas vezes da propriedade da família, pois eram elas que sabiam o quanto poderiam vender da produção para que seus filhos não passassem necessidades futuras.³³⁸

De outro modo, também se faz necessário destacar que, apesar da importância e engajamento que existente na vida dessas mulheres, na maioria dos casos, suas escolhas e ações estavam diretamente ligadas à figura masculina da família, uma vez que “o incentivo e a existência de uma imigração familiar conferiam às mulheres um espaço de ação limitado à esfera doméstica, sob a influência, vigilância e direção masculina.”³³⁹

³³⁷ Neste sentido, o que quer se evidenciar aqui, quanto ao papel do gênero feminino na imigração alemã do século XIX, são “As relações de gênero e, especificamente, entre os sexos no grupo étnico teuto luterano, aconteciam dentro de uma cultura patriarcal na qual prevalecia, salvo exceções, a autoridade do homem/marido/pai/chefe de família no âmbito das relações familiares e, especialmente, nos espaços públicos (possíveis)”. (DREHER, Scheila dos Santos. **As Mulheres na imigração: uma história de fé, desafios e criatividade**. São Leopoldo: Sinodal, 2024. p. 165).

³³⁸ FRIDRICH, 2014, p. 7.

³³⁹ VENDRAME, Maíra Inês. Imigração e gênero: reflexões sobre temas, fontes e métodos nos estudos migratórios femininos. **CLIO: Revista Pesquisa Histórica**, v. 41, n. 1, p. 30-57, 2023. p. 37.

A vida cotidiana era marcada por dificuldades significativas, como o isolamento geográfico, a escassez de recursos e a necessidade constante de adaptação ao novo ambiente. Ainda assim, essas mulheres demonstravam grande capacidade de organização e resistência, sendo peças-chave no processo de migração e na consolidação das comunidades. Mesmo invisibilizadas, suas histórias ultrapassam barreiras e mostram o quão importante foram e ainda são sua contribuição para a historiografia. Portanto,

mais que apenas identificar as mulheres nos deslocamentos e sua participação na organização das novas vidas das famílias camponesas na sociedade de destino, se faz necessário tomar trajetórias femininas singulares como ponto de partida para problematizar o universo de escolhas, percepções e sobre o mundo vivido e sonhado pelos imigrantes de um modo geral.³⁴⁰

Nos dias atuais, a vida doméstica ainda é parte fundamental do cotidiano de muitas mulheres. Mesmo com algumas mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas, ainda cabe à elas o cuidado com a casa e com a família. O diferencial aqui, muitas vezes, está relacionado ao acesso à educação e ao mundo do trabalho, como parte do processo de mudança social da atualidade. Assim,

apesar das dificuldades naturais que a mulher enfrenta, seu destaque tem sido cada vez maior. Seu papel desempenhado dentro das organizações tem tomado crescente espaço. Isso porque o ambiente externo, como a mudança no perfil da sociedade, tem influenciado no tipo de tratamento da empresa no que diz respeito à carreira feminina.³⁴¹

Essa ligação da mulher com o ambiente doméstico aparece de forma muito nítida nos relatos das entrevistadas descendentes de famílias alemãs, que viam em suas mães mulheres dedicadas integralmente à organização da casa, ao cuidado com os filhos e à manutenção das tradições familiares, sendo frequentemente descritas como trabalhadoras incansáveis e pilares do núcleo familiar. Como afirmou uma das entrevistadas, dona L:

Ela [a mãe da entrevistada] passava a noite costurando para terminar a roupa. Então a minha mãe passava a noite em claro trabalhando e meu pai dormia. Aí quando meu pai ia acordar dormir. Tu vê, né? Que sacrificada. E a minha mãe não podia nem dormir muito porque daí ela tinha os afazeres da casa. E duas e duas pequenas para e duas meninas. É. E não tinha ninguém para ajudar.

³⁴⁰ VENDRAME, 2023, p. 33.

³⁴¹ APARÍCIO, Ingrid; MELLO, Kelli; OLIVEIRA, Patrícia de. Desenvolvimento de carreira: O papel da mulher nas organizações. **Cadernos de Administração**, v. 1, p. 130-148, 2009. p. 140.

*A minha vovó morava longe também. Tinha, tinha as atividades dela e assim foi. Então, foi a vida dos nossos pais foi muito sacrificada, mas foram felizes.*³⁴²

Ao mesmo tempo, esses relatos revelam que o espaço doméstico não se limitava a um lugar de submissão, mas também constituía um ambiente de gestão, tomada de decisões e transmissão de valores culturais, onde essas mulheres exerciam autoridade e desempenhavam um papel fundamental na formação das identidades das gerações seguintes. Em outra entrevista, a própria pessoa entrevistada também se reconhece como parte desse processo:

Olha, vejo a minha mãe como uma pessoa de vanguarda e uma pessoa com uma solidariedade muito importante. Ela ,ela me ensinou o que talvez hoje eu considero, hã, a minha essência. Tá? Ela ,hum, era uma pessoa que mesmo diante de algumas agressões do meu pai, ela era muito resiliente e eu dizia para ela que ela não era obrigada mesmo criança. Eu dizia para: “tu não é obrigada aceitar isso”.

*Eu muitas vezes assim tive essa.... Mas assim, ela era uma mulher batalhadora, trabalhadora, dedicada de uma dedicação inacreditável. Uma mãe com uma escuta muito boa, assim, com relação a tudo. E uma outra questão assim, a minhas tias, a minha avó é minha é cota (madrinha), avó que era a mãe da minha mãe, todas elas me ensinaram. Ela [a mãe] foi contada como uma pessoa, hã, muito forte, muito cheia de vigor. Por isso eu nos retrato sou muito parecida com ela.*³⁴³

Mais do que servir de exemplo, essas mulheres serviam de inspiração. Espelhando-se nas mulheres de suas famílias, essas meninas cresceram, ao mesmo tempo em que acompanharam o crescimento vertiginoso da cidade onde viviam. Esse crescimento mudou a forma como as pessoas e suas famílias se relacionavam com a cidade. Sobre esse crescimento é possível afirmar que:

[...] foi um processo que alterou profundamente a estrutura produtiva dos municípios do Vale dos Sinos, a partir da década de 70, recebendo milhares de trabalhadores de outras regiões do estado, migrando em busca de trabalho na indústria coureiro-calçadista da região. Em razão do aumento demográfico, nas cidades da região coureiro-calçadista, era comum o surgimento de paisagens urbanas contrastantes, que opunham a pobreza das favelas e sub-habitações, às moradias dos operários de origem local. Devido à falta de planejamento urbano, moradias de pessoas menos abastadas eram construídas pelos próprios moradores, em regime de mutirão, para baixar custos, porém em áreas baldias na periferia urbana e sem licença do poder público.³⁴⁴

³⁴² Entrevista 6, dona L, 22 de agosto de 2026. Entrevista realizada na residência da entrevistada. Ao lembrar dos sacrifícios que os pais passaram, principalmente com relação à mãe, a entrevistada deu um suspiro profundo, como se lembrasse de todos os momentos difíceis vividos pela mãe para criar suas filhas, que mesmo com um pai presente e que trabalhava, era sobre a figura da mãe que recaía o acúmulo de tarefas.

³⁴³ Entrevista 2, dona I, 15 de maio de 2015. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

³⁴⁴ OLIVEIRA, Rosemary Brehm de. **A organização da indústria calçadista na Economia do Vale dos Sinos: estudo de caso no município de Campo Bom (1990 – 2015)**. Dissertação (Mestrado em

A urbanização, impulsionada pela industrialização, reduziu o isolamento das comunidades e ampliou o acesso a serviços como educação e saúde. Isso possibilitou novas oportunidades de inserção social e profissional, além de oportunizar novas frentes de trabalho para os habitantes da cidade, incluindo também as mulheres. Desse modo,

com a incorporação da mulher nas fábricas, os trabalhos realizados familiarmente, como costurar, remendar etc., são substituídos pela compra de mercadorias já confeccionadas. Ao diminuir a inversão do trabalho doméstico, aumentou também a inversão de dinheiro e a circulação maior de mercadorias.³⁴⁵

Contudo, isso não significou que essas mulheres tivessem as mesmas oportunidades que os homens, ao contrário, para elas o que mais chama a atenção é o acúmulo de tarefas, distribuídas entre os afazeres do trabalho e da casa, o que ao mesmo tempo que traz maior independência financeira, acumula o trabalho exercido pela mulher na sociedade. Por isso, “as responsabilidades com a vida doméstica - família e filhos, idosos, alimentação, limpeza - são elementos que não podem ser desconsiderados quando se discute a presença da mulher na dinâmica do mundo do trabalho.”³⁴⁶

Em uma das entrevistas, a pessoa entrevistada narra pontualmente o momento em que, devido ao crescimento da cidade, consegue um posto de trabalho. Esse posto de trabalho possibilitou a ela a entrada no mercado de trabalho e uma certa independência financeira. Dona G, relata com alegria o momento em que entra no mercado de trabalho e alcança aos poucos sua independência financeira. Ela rememora:

*Então assim, e aí quando aí eu ficava, ficava em casa e aí olha, como eu disse, uns 15 anos, mas aí com 17 anos, veio uma vizinha e me disse que tinha um um supermercado que ia abrir. e ela disse: Tu não quer ir lá trabalhar? Alguma coisa assim...
E aí veio o prefeito, tu vê só, o prefeito veio lá em casa me oferecer trabalho. E perguntou se eu queria ser caixa? Aí eu disse que sim. Eu não entendia nada de nada. E aí eu fui trabalhar num no supermercado que era uma honra. Imagina, imagina trabalhando primeiro de Novo Hamburgo.*³⁴⁷

Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018. p. 41.

³⁴⁵ NOGUEIRA, Claudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. *Idéias*, Campinas, SP, v. 9, n. 2/1, p. 247–284. p. 11.

³⁴⁶ VERONESE, Marília. Trabalho e desemprego: mulheres na Região do Vale dos Sinos-RS. **Desenvolve: Revista de Gestão do Unilasalle**, Canoas, v. 9, n. 2, 2020. p. 32.

³⁴⁷ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista feita nas dependências da IENH.

Nesta outra narrativa, a entrevistada relembra como o trabalho fora do âmbito familiar fora importante para sua vida, não só pelo fato de garantir o sustento da família, mas principalmente por proporcionar a ela autonomia e independência, uma vez que conseguiu estudar e se especializar na profissão. Dona H relembra com saudade e alegria do momento em que sentiu qual seria de fato a profissão que queria seguir. Ela conta:

Sim, eu estudei o na minha época era primário. Fiz o primário no Pindorama, o ginásio na Fundação e os e o segundo, o segundo grau na época que chamava no Liberato, curso de Química. Que depois eu troquei porque eu fui trabalhar em outras áreas de controle de poluição na Secretaria de Saúde e tal. E lá eu conheci a sala do lado da minha era a sala de projetos do das secretarias de saúde, coisa assim, tá? Que era na era da secretaria de saúde, esse essa área que eu trabalhei. E quem trabalhava lá era o Cleiton Ramil, tá? E nós dois eram os únicos novinhos daquele prédio inteiro. Então a gente se tornou bastante amigos, tal. E eu comecei a olhar aquelas coisas de desenho ali, fiquei encantada, de, de fazer aquilo e acabei tirando curso de arquitetura na UFRGS. Foi para outra área completamente diferente. Mas foi a melhor escolha da minha vida, amo trabalhar com arquitetura, mas agora já tô aposentada³⁴⁸.

Ao mesmo tempo, o crescimento urbano também promoveu mudanças culturais, levando à adaptação de tradições teuto-brasileiras a um contexto mais dinâmico e diversificado. Embora muitos costumes tenham sido salvaguardados, houve uma reconfiguração das identidades, marcada pela convivência entre herança cultural e modernidade.

Isso também tem a ver com o tamanho da cidade, que cresceu vertiginosamente a partir da década de 1960, tanto que “a população de Novo Hamburgo pulou de 90.000 habitantes em 1970 para 200.000 em 1992, tornando-se o crescimento demográfico mais rápido que ocorreu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX”³⁴⁹.

Nesse cenário, as mulheres entrevistadas acabaram conhecendo pessoas de diferentes locais que vieram para Novo Hamburgo neste período. Essa característica,

³⁴⁸ Entrevista 5, dona H, 3 de dezembro de 2025. Entrevista feita na residência da entrevistada. Ela contou com muito entusiasmo a forma como descobriu qual carreira queria seguir. Inclusive, ela trabalhou durante vinte anos como funcionária pública responsável pelo setor de patrimônio histórico da cidade de Novo Hamburgo.

³⁴⁹ SELBACH, J. F. **Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade**. Porto Alegre: 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 35.

aliás, foi lembrada por uma das entrevistadas que relatou esse ponto como algo marcante. Dona L lembra quando a cidade começou a crescer tanto que as pessoas não se conheciam mais pelo nome. Ela conta:

Eu lembro que quando eu tinha uns 20, 21 anos, aqui perto da Feevale começou a vir gente gente de tudo quanto é lugar. Esse pessoal veio pra trabalhar nas fábricas e foi morar ali perto, onde tem aquela vilinha...Daí parece que de uma hora para outra a gente que conhecia todo mundo, agora não conhecia mais ninguém!³⁵⁰

A preservação da cultura pelas mulheres descendentes de alemães revela-se, assim, não apenas nos costumes e tradições mantidos ao longo das gerações, mas também nas memórias que carregam sobre a cidade onde nasceram e cresceram, marcadas por afetos, desafios e transformações. Suas narrativas resgatam o trabalho incansável das mulheres de suas famílias, evidenciando a centralidade do trabalho na construção de suas identidades e na organização da vida cotidiana.

Ao refletirem sobre a importância do trabalho e da carreira em suas próprias trajetórias, essas mulheres reafirmam sua autonomia e sua liderança, ao mesmo tempo em que dialogam com heranças culturais profundas. Essas vozes continuarão repercutindo na próxima sessão deste capítulo através de memórias ligadas à infância, ao corpo e ao gênero, bem como suas experiências na comunidade escolar e religiosa.

6.2. LEMBRANÇAS VÍVIDAS: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS

No momento onde as lembranças começam a surgir e tomar forma nos relatos das mulheres entrevistadas, as memórias passam a ser reativadas e um misto de alegria e nostalgia toma conta de suas falas. Vários são os assuntos abordados, mas alguns trazem um sentido maior, tem mais significado, representam muito ao serem rememorados, sendo assim

os depoimentos coletados tendem a demonstrar que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas

³⁵⁰ Entrevista 8, dona L, 22 de janeiro de 2026, entrevista realizada na residência da entrevistada. Dona L me recepcionou com bolo e chimarrão. Enquanto conversávamos, em alguns momentos, parava para cumprimentar alguns vizinhos que passavam pela rua, já que estávamos sentadas na varanda da frente da casa.

condições do tempo presente. Em decorrência, o ato de relembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o relembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente.³⁵¹

Essas mulheres descendentes de alemães constituem um grupo social marcado por heranças culturais específicas que atravessam gerações e influenciam profundamente suas percepções sobre gênero, corpo, casamento, educação e religiosidade. A colonização alemã no sul do Brasil, iniciada no século XIX, trouxe não apenas técnicas agrícolas e formas de organização econômica, mas também “um conjunto de valores morais, familiares e religiosos que moldaram o cotidiano dessas comunidades”.³⁵²

Ao longo do tempo, tais valores foram sendo reinterpretados diante das transformações sociais, mas permanecem como referência importante na construção das identidades femininas locais. Para elas, sua descendência exerce grande influência naquilo que se tornaram, sendo essencial para a construção de sua identidade e de seu sentimento de pertencimento à comunidade. Deste modo

cada um de nós pode vivenciar algum conflito entre identidades divergentes que se baseiam em nossas diferentes posições no mundo, como um membro de uma comunidade particular, etnicidade, classe social, religião, como um dos pais, como um trabalhador ou desempregado. Entretanto, a identidade nos fornece uma localização no mundo e apresenta o vínculo entre nós e a sociedade na qual vivemos.³⁵³

Ao assumirem diferentes identidades durante sua vida (filha, esposa, funcionária, estudante, mãe, entre outras), essas mulheres, ao relatarem suas experiências, escolhem qual delas é mais importante e qual possui maior significado e valor a partir daquilo que aprenderam com seus antepassados. Sendo assim

a representação como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas; e os sistemas simbólicos fornecem possíveis respostas para os questionamentos: quem sou eu? O que eu poderia ser?

³⁵¹ NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História oral**, v. 3, 2000. p.109.

³⁵² SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 42, 1999. p.4.

³⁵³ SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: As perspectivas dos estudos culturais. Vozes, 2014. p. 1.

Quem quero ser? Discursos e sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais indivíduos podem se posicionar e falar.³⁵⁴

Uma das entrevistadas enfatiza o quanto esses valores foram importantes para a formação da sua identidade, bem como também fizeram parte na formação da educação de seus filhos. Dona H fez questão de enfatizar em sua fala que a família não tinha muito poder aquisitivo quando veio para cá, mas que a idoneidade sempre foi uma característica forte na sua família. Ela menciona:

*Eu acho que a principal coisa que eu aprendi com a minha família é em relação a valores. Tá, por causa que os valores, que, que eles trouxeram ainda da Europa, eles continuaram sendo mantidos, sabe? A gente sempre teve que por educação seguir um certo certas coisas, até aquela questão de educação patrimonial, né, de saber que tu não nunca pode gastar mais o que tu ganha, tá? Isso é coisa que também eu acabei transmitindo para meus filhos.*³⁵⁵

Os valores e costumes também estão associados ao funcionamento e à estrutura da sociedade. No que diz respeito à questão de gênero, observa-se que as mulheres descendentes de alemães foram associadas a papéis bem definidos dentro da estrutura familiar.

A divisão sexual do trabalho era fortemente marcada: enquanto os homens assumiram atividades externas e produtivas, as mulheres eram responsáveis pela esfera doméstica, incluindo o cuidado com os filhos, a alimentação e a manutenção da casa. Entretanto, essas atividades produtivas exercidas pelas mulheres na esfera doméstica eram de suma importância para a manutenção econômica da família, pois

as mulheres, no âmbito da família/comunidade, desenvolveram especialidades a partir das atividades domésticas usuais. A mulher era detentora de uma grande variedade de técnicas de produção e conservação de alimentos, associada à oportunidade de alguma venda, tais como o fornecimento de leite in natura, queijos e dos defumados, embutidos ou conservas. Outros conhecimentos da esfera feminina eram igualmente importantes, como as práticas etnoecológicas de prevenção ou eliminação de pragas, curas de animais, aproveitamento de plantas nativas, etc. Esses conhecimentos eram essenciais para o enfrentamento das novas situações e as eventuais crises que acompanhavam o recomeço nas novas colônias.³⁵⁶

Nota-se que essa configuração, embora tradicional, não implicava passividade absoluta. Muitas mulheres exerciam papel central na economia familiar,

³⁵⁴ SILVA, p. 14, 2014.

³⁵⁵ Entrevista 5, dona H, 3 de dezembro de 2025. Entrevista realizada na residência da entrevistada.

³⁵⁶ WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Migração, família e conhecimentos tradicionais. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 43, 2014. p. 20.

especialmente em pequenas propriedades rurais ou negócios familiares, contribuindo significativamente para a renda, afinal essas "mulheres seriam assim parte fundamental no desenvolvimento das "atividades produtivas" e o seu trabalho relevante para a reprodução da família. Essa perspectiva, muitas vezes, beira uma espécie de essencialismo."³⁵⁷

Fundamentalmente, às mulheres cabia o cuidado com a família, com a casa e com o lar, delas sendo esperado, e frequentemente cobrado, esse exemplo e essa postura. Havia, para elas, uma espécie de chamado e obrigação social, que exigia o cumprimento daquilo que lhes era destinado.

Em uma das memórias resgatadas, a entrevistada relata como a mulher era vista e tratada dentro do seio familiar, quais eram as suas principais responsabilidades e quais as expectativas que sua família e sua comunidade tinham sobre ela. Mesmo tendo outros desejos e sonhos para sua juventude e para seu futuro, acabou seguindo aquilo que a sociedade achava correto. Dona S falou com desânimo sobre as escolhas que precisou fazer pelo fato de ter nascido uma menina. Ela relembra:

*Para bem da verdade, eu gosto das atividades masculinas. Eu gosto, não me faz menos mulher, tá? Tudo bem.
Não quero ser homem.
Não! E é porque era muito mais divertido, livre, brincar com os guri.
Então assim, na praia era andava de bicicleta, jogava bola com os guri, jogava futebol com os guri, essas coisas assim, né?
E depois comecei a namorar e daí era namoro. Aí casei cedo com faltava um mês para 21. Nossa, nada. Bem, no é hoje eu não sei, né? Mas tudo bem.
Daí logo tive filho, então fiquei cuidando de filho, fiz magistério contra a minha vontade. Meu pai queria que as filhas fizessem magistério. Eu fiz.³⁵⁸*

Já em outro relato, uma das entrevistadas conta como é difícil ser mulher em um mundo dominado por homens. Para ela, o cotidiano do pai lhe parecia muito mais interessante que o da mãe. Dona G, aliás, enquanto falava sempre ressaltava que não tinha muita paciência para os afazeres domésticos. Ela conta:

*O meu negócio era o meu pai.
Que interessante isso, né? E eu não fazia nada em casa, não gostava. E depois na escola comecei a fazer bordado, mas eu nunca fui de bordado. Não gostava.
Eu gosto de fazer alguma coisa mais exótica, alguma coisa assim*

³⁵⁷AGUIAR, Vilênia V. P. O trabalho das mulheres nos espaços rurais: algumas reflexões. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 134–149, 2017. DOI: 10.37370/raizes.2017.v37.71. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/71>. Acesso em: 26 abr. 2026. p. 138.

³⁵⁸ Entrevista 4, dona S, 28 de novembro de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

*dinâmica assim, uma coisa que, né, seja tão aquele do dia a dia assim, eu não gosto de fazer.
É. E eu acho que isso aí foi ligado a meu pai, né? Naqueles tempos que eu ficava com ele, era companheira dele, que lá tinha movimento.
E era isso que tu gostava, porque tu parava na rua movimentar os podia querer movimentar.
Aí tu imagina tu dentro de casa com a tua mãe, aí que que, né? Que chatice.³⁵⁹*

Com o passar das décadas, especialmente a partir da segunda metade do século XX, as transformações sociais e econômicas, como a industrialização do Vale do Rio dos Sinos e o acesso ampliado à educação, promoveram mudanças nas percepções de gênero. As mulheres passaram a ocupar espaços no mercado de trabalho formal e a reivindicar maior autonomia, embora ainda enfrentem tensões entre expectativas tradicionais e novas possibilidades de atuação. Desse modo, a entrada da mulher no mercado de trabalho quebra esse processo, ocasionando “mudanças econômicas da sociedade que contribuíram não só para o início do processo de autonomia e independência financeira da mulher diante do homem como também acenam para mudanças nos usos, costumes, valores e projetos de família”.³⁶⁰

Porém, algumas situações permaneceram muito excludentes, pois apesar das modificações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, a sobrecarga feminina, proveniente do acúmulo de tarefas, ainda está longe de deixar de existir. Afinal

as antigas condições de discriminação foram apenas atenuadas, uma vez que a inserção da mulher no mercado, nesse contexto de relevantes mudanças, foi afetada pela precariedade das relações de trabalho, em que o trabalhador se vê desprotegido das regulamentações trabalhistas, em função dos contratos alternativos. As mulheres são mais vulneráveis a esse tipo de situação que os homens, em decorrência não só das posições precárias ocupadas por elas (como o trabalho doméstico, atividades não remuneradas ou trabalhos na produção para o consumo próprio ou do grupo familiar), mas também em virtude de circunstâncias como o exercício de atividades em tempo parcial, não remuneradas ou realizadas para consumo próprio ou da unidade familiar.³⁶¹

Juntamente com o controle sobre as atitudes da mulher na sociedade, não podemos deixar de frisar também o controle sobre os corpos dessas mulheres, até porque a percepção sobre o corpo também está profundamente vinculada a esse

³⁵⁹ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

³⁶⁰ SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: publicações acadêmicas**, v. 1, n. 2, p. 25-25, 2012. p. 6.

³⁶¹ AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, v. 8, n. 2, 2012. p. 3.

contexto cultural. Historicamente, o corpo feminino foi associado à moralidade, à disciplina e ao trabalho.

Valores como recato, comedimento e autocontrole eram incentivados, muitas vezes reforçados pela religião e pela família. O corpo da mulher era visto não apenas como um atributo individual, mas como um reflexo da honra familiar; cabia a ela cuidar e preservar seu corpo e, se assim não o fizesse, estaria fadada à desgraça pública. Dessa forma, comportamentos considerados inadequados poderiam gerar julgamentos sociais e afetar a reputação de toda a família. Por isso é certo dizer que “o corpo feminino concentrou, durante muito tempo, as marcas da inferioridade, da subordinação e da exclusão; foi alvo de inúmeras interpretações e representações; esteve sempre regulado por normas e valores de ordem moral, ética, estética e científica.”³⁶²

O corpo feminino nunca foi de fato da mulher, os olhares e os comandos de outras pessoas, especialmente homens, determinaram durante muito tempo a forma que deveriam agir e se comportar, portanto

as virtudes morais femininas de total submissão e perpetuação do silêncio nos comportamentos e gestos cotidianos são centrais para que essa estratégia seja eficaz. Para tanto, temos a hipervalorização do pudor, da honra feminina, do fechamento e do silêncio do corpo como tática de distanciamento e controle dos desejos das mulheres, afastando a possibilidade da mulher constituir fonte de tentação e desvio.³⁶³

Esse aspecto também aparece nas entrevistas. Em uma delas, a entrevista relata como sua família, especialmente seu pai, controlavam seus namoros, para que não ficassem mal faladas diante da sociedade. Dona M, rindo muito, relatou um episódio onde ela e a irmã foram ao cinema com os namorados à época, e o pai nem desconfiava do combinado entre elas. Ela relata:

*A minha irmã era noiva e eu tinha que ir junto no cinema, né? Daí eu combinava, eu tinha uns 13 anos, eu combinava com um guri da frente, Laíldo era o nome dele, eu dizia pra ele, ó, vou no cinema com a minha irmã hoje. Daí ele ia, sentava do meu lado e nós ficava assim. Ia ficar lá sem fazer nada? Os outros se divertiam, ele não. E daí nós ficava assim, ó. Daqui a pouco, antes de terminar o filme, ele saía.*³⁶⁴

³⁶² WITZEL, Denise. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 525-539, 2014. p. 525.

³⁶³ NASCIMENTO, Rebeca Barbosa; NASCIMENTO, Rodrigo Barbosa; MILANEZ, Nilton. Domínios da subjetividade da mulher: Uma história do corpo social. **Textura**, v. 19, n. 2, p. 69-93, 2025. p. 81.

³⁶⁴ Entrevista 6, dona M, 9 de dezembro de 2025. Entrevista realizada na residência da entrevistada.

Na contemporaneidade, no entanto, observa-se uma gradual flexibilização dessas normas. Influências midiáticas, urbanização e maior circulação de informações contribuíram para uma diversificação das formas de expressão corporal. Ainda assim, as mulheres até agora são influenciadas por padrões estéticos e comportamentais herdados de pessoas que fizeram parte de sua formação, como mães e avós, além daquilo que é padrão na cultura da sociedade atual. Por isso,

no início do século XXI as mulheres são empurradas a viverem em função de seus corpos, sofrendo mais do que nunca prescrições, não mais do marido, do padre ou do médico, mas do discurso jornalístico e publicitário que a cerca. Instalou-se uma nova forma de subordinação, só que hoje o algoz não tem rosto, é a mídia.³⁶⁵

Ademais, além do fato dos corpos femininos serem regrados e objetivados, as mulheres participantes desta pesquisa possuem mais uma característica importante, todas são idosas. Numa sociedade onde a juventude, a beleza são o padrão, o corpo envelhecido não tem lugar, afinal “o olhar e o julgamento que a mulher idosa tem sobre seu corpo é pautado pelos costumes contemporâneos, que anunciam que o corpo belo necessita aparentar juventude e ser magro, daí as roupas serem adequadas para esconder as imperfeições, as gorduras localizadas.”³⁶⁶

Essa percepção também aparece em outra entrevista, onde, além do domínio dos homens sobre o corpo da mulher, as tradições e as convicções da família deveriam ser seguidas à risca, caso contrário cairiam em desgraça. A entrevistada, dona M, lembra de outro momento onde o pai repreendeu a irmã pelo fato dela estar dançando com um rapaz que não era evangélico. Na medida em que relatava o ocorrido, expressava indignação, balançando a cabeça. Ela lembra:

Mas até hoje não soube, morreu e não soube dessa história. Mas é que era muito, tudo muito.

*Mas o meu pai tirou a minha irmã mais velha e morreu solteira. Meu pai tirou ela do salão, lá em Estância Velha a gente morava, porque ela tava dançando com um rapaz católico. Nós, evangélicos, protestantes, no caso, como é que ela podia dançar com um rapaz católico? Imagina, que horror, né? Era tudo muito assim, né?*³⁶⁷

³⁶⁵ DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Ed. Senac/SP, 2000. 108 p. (Série Ponto Futuro; 2). p. 53.

³⁶⁶ FIN, Thais Caroline; PORTELLA, Marilene Rodrigues; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, p. 74-84, 2017. p. 81.

³⁶⁷ Entrevista 6, dona M, 9 de dezembro de 2025. Entrevista realizada na residência da entrevistada.

Outro ponto relevante que precisa ser trazido é a questão do matrimônio. O casamento ocupa lugar central na organização social dessas comunidades. Tradicionalmente, era concebido como uma instituição fundamental, voltada à formação de família, à continuidade da linhagem e à manutenção de valores culturais. Além disso, o casamento representava muito mais que a união afetiva entre duas pessoas, por isso deveria ser um ato reconhecido e aprovado socialmente. Deste modo

amor romântico foge ao esforço de construção dos casamentos. Ele se opõe ao esforço da família de construí-lo de acordo com os seus interesses e necessidades. O amor, contendo o perigo da decisão individual, pode ser percebido como representando a desordem. Ele pode romper barreiras fundamentais, como a da religião ou da origem étnica, e essa ultrapassagem de fronteiras de identidade é percebida como uma ameaça à reprodução de cada comunidade [...].³⁶⁸

O casamento, nesse sentido, não era apenas uma escolha individual, mas um compromisso social e moral. O importante era manter as tradições e a linhagem, preferencialmente mantendo essas uniões dentro da comunidade com famílias conhecidas. Por esse motivo, “a carga representativa contida nos enlances matrimoniais, tangenciando os meandros econômicos, políticos e sociais, estabelecia dentro da sociedade oitocentista possibilidades de ampliação de poder, de status social, desde que as costuras fossem bem alinhadas”.³⁶⁹

Neste aspecto, as mulheres entrevistadas lembraram de que forma o casamento poderia representar uma possibilidade de ascensão social. Uma delas relata exatamente isso. Para ela e as amigas, o casamento representava uma oportunidade de melhorar de vida. A entrevistada, dona M, relata que na juventude, ela e muitas das suas amigas sonhavam em casar com um rapaz de boas condições financeiras e assim melhorar de vida. Ela conta:

Minhas amigas quase todas já morreram. A gente dizia assim, a gente ia na praça, era muito interessante, né? E sábado, assim, sábado, domingo, as guria passeavam no centro, para cá e para lá, de braço enganchado, assim, no braço. E os homens, tudo, pararam do lado e a gente passava para, de repente, a gente achar um pretendente, né? E aí, a Teresinha e nós falando,

³⁶⁸ WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres**. Colonos do sul e sitiante do Nordeste. Brasília: Hucitec, EDUNB, 1995. p. 168.

³⁶⁹ WITT, Marcos Antônio et al. Os arranjos matrimoniais como instrumento de inserção e participação social de imigrantes alemães—Rio Grande do Sul—século XIX. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 9, 2013. p. 126.

*nós sentados na praça, no centro, aí, vamos arrumar um cara, mais ou menos, assim, com grana, para a gente, né, melhorar de vida.*³⁷⁰

De outro modo, é importante enfatizar que todas as entrevistas foram casadas, algumas ainda estavam casadas dentro de uma relação duradoura, outras se encontravam viúvas, mas todas elas tiveram um único relacionamento durante toda a sua vida. Muitas vezes, esse casamento não era o que queriam ou esperavam, mas mesmo assim, seguiam aquilo que lhes era permitido. Como afirma uma entrevistada:

*Depois na adolescência eu já tinha os amigos. Aí tinha um cinema, uma matiné, alguma coisa assim, uma reunião dançante, baile que eram maravilhosas. As reuniões dançantes também eram maravilhosas. Hã, aí tu começa a namorar, casa, tem filho e fica em casa. Aí deu e acabou.*³⁷¹

Assim como as entrevistas, no início da imigração as escolhas de vida das mulheres estavam, em grande medida, condicionadas por normas sociais e culturais herdadas da tradição alemã e reforçadas pelas instituições religiosas. O casamento e a maternidade eram considerados destinos esperados, e a organização familiar seguia padrões rígidos de disciplina e moralidade. Mesmo com o passar dos anos, essa característica permaneceu forte dentro das famílias, em especial as famílias de descendentes de alemães, “pois a história do trabalho feminino é inseparável da história da família, das relações entre os sexos e de seus papéis sociais, e que a família era a verdadeira ancoragem da existência das mulheres.”³⁷²

Também nas falas das mulheres entrevistadas a forma como as famílias eram constituídas e o modo como agiam, em especial com as filhas mulheres, foi algo que marcou a trajetória de vida de muitas delas. Dona G relata com frequência em sua fala os sacrifícios que a mãe passou para criar as filhas. Como ela mesma afirma:

Aí depois com o passar dos anos assim que foi aliviando a a situação dela [da mãe], que ela não precisava mais costurar, ela só costurava para nós, pra minha irmã e para mim, né? Ela costurou muito para mim e pra minha irmã também. Aí a minha irmã bordava os vestidos. A minha irmã era bem prendada assim, desde novinha. Ela costurava assim alguma coisa, mas mais bordado.

³⁷⁰ Entrevista 6, dona M, 9 de dezembro de 2026. Entrevista realizada na residência da entrevistada. Dona M, aliás, em alguns momentos afirmou, aos risos, que era, muito namorada quando jovem.

³⁷¹ Entrevista 4, dona S, 28 de novembro de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

³⁷² PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 11.

*E até o final da vida dela, ela foi bordando, bordando assim. E eu já sem paciência, né? Até esperavam que eu fosse prendada que nem minha mãe, minha irmã, mas eu não era.*³⁷³

Outro ponto marcante nos relatos dessas mulheres é a ligação das famílias imigrantes com a educação. As lembranças de muitas delas giram em torno da escola e de seu ambiente. Entretanto, as mudanças nas últimas décadas também impactaram essa instituição. A escola desempenha um papel fundamental na formação dessas mulheres, funcionando como espaço de transmissão de conhecimentos e também de valores culturais, pois “essa preocupação com a educação não era restrita à comunidade religiosa e aos lares. O Reformador [Lutero] insistiu que consistia em dever do poder público criar e manter educandários. Às famílias, caberia a tarefa de enviar seus filhos e suas filhas às escolas”³⁷⁴

Tradicionalmente, as comunidades de origem alemã atribuíram grande importância à educação, mantendo escolas comunitárias e oportunizando às crianças o acesso à escolarização básica, principalmente voltada para a alfabetização, até porque “todos os imigrantes eram alfabetizados e não queriam ver seus filhos crescerem analfabetos. Assim, a construção e a instalação da escola era a primeira tarefa comunitária.”³⁷⁵

No entanto, a educação feminina era frequentemente orientada para a preparação para o casamento e a vida doméstica, pois “parte das mulheres e moças vivia em situação de inferioridade e dependência, recebendo nas famílias mais ricas algumas noções de leitura e escrita, dedicando-se o mais das vezes às prendas domésticas, condição mais do que necessária para conseguirem um bom casamento”³⁷⁶.

³⁷³ Entrevista 3, dona G, 8 de agosto de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH. No final desta fala, em especial, dona S suspirou e ficou um tempo em silêncio até voltar a responder as perguntas da entrevista. A pesquisadora respeitou o tempo para a entrevistada ficar em silêncio.

³⁷⁴ KLEIN, Remi; BECKER, Tiago. De escolas comunitárias à Rede Sinodal de Educação: princípios evangélico-luteranos. **Revista Pistis & Praxis**, v. 9, n. 3, 2017. p. 631.

³⁷⁵ ALTMANN, Friedhold. **A roda**: memórias de um professor. São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 26.

³⁷⁶ ALMEIDA, Jane Soares de; BOSCHETTI, Vania Regina. Devotas e instruídas: a educação de meninas e mulheres no Brasil: fragmentos do passado histórico (1846/1930). **Educação. UNISINOS**, São Leopoldo, v. 16, n. 03, p. 225-233, dez. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102012000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2026. p. 228

Inclusive, uma das entrevistadas reporta este aspecto, lembrando o modo como a educação auxiliou em sua formação como pessoa, mas principalmente como mãe e esposa através do aprendizado de trabalhos manuais. Dona I.L. fala com carinho sobre o aprendizado das artes manuais com sua avó. Ela expõe:

Com minha avó. Quando eu fiz 6 anos, eu aprendi a fazer tricô. E o crochê veio depois automático. Eu fui fazendo e fui indo e assim foi uma coisa que. Uma coisa entrou na outra assim, sabe? Não teve um um tempo específico assim, uma hora específica. Foi indo. Foi acontecendo. Foi sim. Eu tinha lá em casa, eu a minha mãe sempre foi muito organizada e ela adorava. Isso é uma das coisas que eu sinto falta, ela era, eu me lembro assim como se fosse hoje.³⁷⁷

Nas últimas décadas, o aumento da escolarização feminina, a inserção no mercado de trabalho e a valorização da autonomia pessoal contribuíram para o adiamento do casamento e para a diversificação dos arranjos familiares. Algumas mulheres, contrariando as expectativas da sociedade, passam a optar por ter ou não ter filhos. Tendo mais escolarização e maior liberdade de escolha, as mulheres planejam e adiam o processo da maternidade. Deste modo

o primeiro nascimento é mais adiado quanto mais elevado é o nível de formação da mãe (..) A decisão de ter um primeiro filho às vezes é um problema de calendário; a de ter um segundo depende de outro registro. Cerca de uma mãe em seis não deseja o segundo filho, entretanto, ter dois filhos parece ser um ideal para a grande maioria dos casais.³⁷⁸

Com essa ampliação do acesso à educação formal, especialmente a partir do século XX, as mulheres passaram a ter maiores oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. A escola tornou-se um espaço de questionamento de normas tradicionais e de construção de novas perspectivas de vida. Ainda assim, é importante lembrar que “o trabalho dentro de uma sociedade capitalista e patriarcal carrega, por si mesmo, complexidades que exaurem, transcendem e ao mesmo tempo implicam e compreendem a categoria gênero”.³⁷⁹

³⁷⁷ Entrevista 1, dona I.L., 15 de maio de 2026. Entrevista realizada nas dependências da IENH. Dona I.L. quando relatava as lembranças mais antigas sempre afirmava que tem muito mais nitidez desses fatos do que dos fatos mais recentes. Essa característica é comum quando se trata de uma pessoa idosa.

³⁷⁸ FERRAND, Michèle. A questão dos direitos reprodutivos na França. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.esp., p.79-85, 1994. p. 83.

³⁷⁹ DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 2, p. 126-146, 2019. p. 143.

Isso também aparece nas entrevistas. Uma delas comenta como a vida da filha e da nora é bem mais dinâmica que a dela, mas mesmo assim boa parte das tarefas domésticas ficam com as mulheres. A entrevistada, dona H, conta:

E hoje em dia as mulheres, que nem a minha nora, quando podem, elas fazem o curso superior porque é um é um aprendizado de vida de qualquer forma e também profissionalmente.

A carreira, né? A carreira aquela época os pais da gente que trabalhavam em geral sustentavam toda a família. Hoje em dia os dois trabalham e não conseguem.

Então assim, nesse aspecto eu acho que a qualidade de vida piorou bastante, né? Porque as mulheres acabam assumindo duas funções, né? Porque tem, tem maridos ou pais que ajudam com os filhos e tal, mas nem sempre, né? Quem tem que carregar pra escola, fazer compras e fazer janta.

Normalmente é a gente, né? Normalmente é a gente.³⁸⁰

A religiosidade é outro elemento central na vida das mulheres descendentes de alemães no Vale do Rio dos Sinos. A presença histórica de igrejas, tanto luteranas quanto católicas, influenciou profundamente os valores e as práticas dessas comunidades. A religião, em especial a Luterana, trazia para essas famílias uma sensação de pertencimento à sua origem, pois com “os alemães também surgiram uma associação entre igreja e germanidade, particularmente no caso dos evangélicos-luteranos, mas as noções de Volksgeist [espírito nacional] e Heimat [pátria] serviram mais à elaboração de uma identidade étnica do que à religião”³⁸¹.

Para muitas mulheres, a participação em atividades religiosas, como cultos, grupos de oração e ações comunitárias, representa não apenas uma expressão de fé, mas também uma forma de sociabilidade e pertencimento. Essas mulheres

à medida que os anos foram passando, ainda no século XIX, com as comunidades se organizando e se institucionalizando, as mulheres também passaram a se organizar em grupos, de forma aceitável aos padrões da sociedade da época, e chegando à formalização de sociedades femininas ou associações de senhoras.³⁸²

Com o tempo, esses grupos foram crescendo e se tornado cada vez mais importantes dentro de sua comunidade de fé. As mulheres participaram ativamente

³⁸⁰ Entrevista 5, dona S, 3 de dezembro de 2025. Entrevista realizada na residência da entrevistada. A pessoa entrevistada, mesmo tendo uma profissão e também tendo acumulado funções de mãe e profissional, não entrava em detalhes sobre isso, só se referia a nora.

³⁸¹ SEYFERTH, 2012, p.18.

³⁸² PHILIPPSSEN, Rosane. **Encontros e resistências**: o fórum de reflexão da mulher luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB. Tese de Mestrado. São Leopoldo, 2017. p. 22.

dessas comunidades, mas foram conquistando seu espaço aos poucos, devido a presença e a liderança masculina nesses espaços. Mesmo assim

a consciência crítica elaborada a partir das experiências das mulheres, que refletiam sobre seu cotidiano a partir de suas realidades como mulheres, descortinou um novo horizonte e significou reavaliar práticas e obediências e estabelecer novas relações.³⁸³

Em uma das entrevistas, essa participação das mulheres na comunidade de fé também surge como algo importante no seu cotidiano. Ela conta de que forma, principalmente na velhice, esse trabalho auxilia no modo como ela se sente acolhida e útil. Dona L relata com desânimo não poder participar mais tanto da sua comunidade de fé, já que tem problemas de saúde que a limitam. Ela relata:

E fiz umas fronhas para levar lá pra comunidade. Só que eu não levei ainda. Mas qualquer hora eu vou levar pras crianças. Agora eu tô um pouco afastada, tô doente. Mas, me faz tão bem ir lá, falar bobagem, lembrar das coisas...me interte, principalmente depois que o [nome do marido] se foi.³⁸⁴

Em suma, as mulheres descendentes de alemães do Vale do Rio dos Sinos constroem suas percepções sobre gênero, corpo, casamento, escola e religiosidade a partir de uma intrincada relação entre herança cultural e transformações sociais. Embora muitos valores tradicionais ainda estejam presentes, há um movimento contínuo de ressignificação, impulsionado por diferentes fatores. Esse processo revela a capacidade dessas mulheres de reinventar suas identidades, de se adaptarem a novos contextos e, ao mesmo tempo, de manter aspectos significativos de sua história e cultura.

6.3. FRAGMENTOS DO TEMPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

De tudo o que permanece, fica o aprendizado; de tudo o que se vai, resta a lembrança e é dessa relação que se constrói a História. Uma história que foi construída e reconstruída a partir das memórias de mulheres descendentes de famílias alemãs do Vale do Rio dos Sinos.

³⁸³ PHILIPSEN, 2017, p. 80.

³⁸⁴ Entrevista 8, dona L, 22 de janeiro de 2026. Entrevista realizada na residência da entrevistada. Dona L perdeu o marido a pouco tempo. Estava casada a mais de 40 anos e cada vez que falava nele esboçava tristeza, também pelo fato de a perda ser recente, faz 8 meses que ele faleceu.

As mulheres aqui retratadas representam um grupo que, por meio de sua descendência, construiu sua essência e sua identidade. Mais do que agentes da própria história, elas contribuíram, por meio de suas narrativas, para a construção de uma nova perspectiva histórica, ampliando formas de compreender o passado. Pois,

as mulheres, como categoria da pesquisa histórica, na qual se cruzam diferenças de época, de lugar, de classe, de etnia, de idade, entre outras, são ao mesmo tempo distintas e indistintas dos homens e das suas atividades. Nesta conformidade, tornou-se essencial que a história das mulheres, entendida como uma história relacional, ou uma história das relações sociais entre os sexos, se tornasse também, uma história das relações no interior dos sexos.³⁸⁵

Muito mais do que entender o que elas querem dizer ou o que é dito sobre elas, a relação das mulheres com os homens também é parte do conjunto das relações sociais onde elas estão inseridas. Na visão de uma das entrevistadas, dona L, a vida de sacrifícios da mãe foi vital para a manutenção da família, ao mesmo tempo em que ela conta que a mãe trabalhava muito. Ela relata:

*Minha mãe trabalhava muito, muito mesmo. Ela plantava flores, vendia pão para os vizinhos e ainda fazia chimia pra vender. Tudo isso pra ajudar na renda de casa. Eram 6 filhos, muita gente pra sustentar. Nunca vi minha mãe parada.*³⁸⁶

Arrisco dizer que trouxeram elementos fundamentais a partir de seu olhar feminino, aspectos que, por muito tempo, foram invisibilizados ou narrados sob uma perspectiva predominantemente masculina. Ao compartilharem suas experiências, revelam dimensões antes pouco exploradas da vida cotidiana e da memória coletiva. Afinal,

a história oral de mulheres contribuiu para expandir as fronteiras da história, que incluíram conseqüentemente - por exemplo - a atividade ligada aos cuidados: uma esfera de experiência humana que é marcada pelas protagonistas femininas, mas que desempenha um papel básico para a vida coletiva.³⁸⁷

³⁸⁵ PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. Introdução: História, História das mulheres, História de género. Produção e transmissão do conhecimento Histórico. **Ex aequo**, Lisboa, n. 30, p. 09-21, dez. 2014. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 maio 2026. p. 12

³⁸⁶ Entrevista 8, dona L, 22 de janeiro de 2026. Entrevista realizada na residência da entrevistada. Cada vez que dona L se referia a mãe, falava sempre com muito carinho, parecia que tinha a mãe como uma inspiração, uma mulher que ela admirava.

³⁸⁷ SALVATICI, Sílvia. Memórias de género: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História oral**, v. 8, n. 1, 2005. p. 41.

Para elas, ser mulher descendente de famílias alemãs vai muito além do pertencimento: é orgulho, elo e sentimento. Suas experiências têm ligação direta com os ensinamentos herdados de seus antepassados. Mais do que isso, suas memórias remetem ao que aprenderam com mães e avós, mulheres que serviram de exemplo e são lembradas com carinho e respeito. Deste modo

é significativo buscar o interdiscurso dentro do discurso sobre o feminino e o materno na atualidade porque podemos observar como se dá a apropriação de discursos anteriores atribuídos à história da inscrição da mulher enquanto sujeito em uma sociedade sexista, machista e patriarcal, de que modo os sentidos são promovidos a partir dessas retomadas e como se (re)significam ao (des)construir os lugares possíveis para o feminino.³⁸⁸

Ou seja, apesar de tudo que limita e que oprime as mulheres, relembrar essas memórias através delas pode gerar um novo sentido, um novo significado, que é capaz de auxiliar na mudança do papel feminino na sociedade. Em outra lembrança, uma das entrevistadas, dona S, relata desejo que tinha na juventude, onde gostaria de ter tido uma vida sozinha, antes de casar e o quanto isso hoje é muito mais comum. Ela conta:

Existe muita coisa que a gente quando se casa, ou melhor, antes de casar, tantos, tanto o homem como a mulher deveriam ter uma vivência sozinhos, meu entender.

Para saber, para ter aquela vivência, para ter uma noção do que é o compromisso, né? Hã, e também para se libertar de toda aquela mala que a gente carrega junto de casa.

Né? Infelizmente não se fazia isso. Mas eu agradeço meus pais porque eu não sei o que que eu teria sido se meu pai não fosse tão duro comigo. Olha, hoje eu vejo meus filhos, mais até meus netos, tendo essa experiência e vejo como isso é bom pro crescimento deles.³⁸⁹

Ao longo de suas vidas, acompanharam transformações significativas. Viram a cidade onde nasceram e vivem crescer, testemunharam mudanças nas relações sociais e observaram o desaparecimento de certos costumes. Outros, por sua vez, foram ressignificados, adaptando-se a novas experiências e adquirindo novos sentidos. A mudança no espaço geográfico vai acontecendo juntamente com o avanço das indústrias e da tecnologia, pois

³⁸⁸ DE ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi; MANZANO, Luciana Carmona Garcia; RUIZ, Marco Antonio Almeida. Discurso e memória: o materno e o sagrado na relação com a história. **FEMINISMOS**, p. 135, 2020. p.137.

³⁸⁹ Entrevista 4, dona S, 28 de novembro de 2025. Quando fez esse relato, dona S parecia estar falando do quanto ela tinha vontade de ter tido essa liberdade, que não era permitida no tempo em que era jovem.

a rua, antes um espaço de convivência e interação, transformou-se em um corredor de passagem, voltado mais para o trânsito de veículos e para o comércio do que para a vida em comunidade. [...] O convívio entre as pessoas nas ruas acabou sendo substituído pelo isolamento dentro dos carros, o verde das paisagens naturais deu lugar ao cinza das construções urbanas. Essa transformação não mudou só a aparência das cidades, mas também influenciou o jeito como as pessoas vivem hoje: sempre com pressa e, muitas vezes, distantes umas das outras e do ambiente que as cerca.³⁹⁰

A própria cidade se transformou em diferentes aspectos: seu tamanho, sua organização e seus espaços. Lugares antes carregados de valor afetivo deixaram de existir, enquanto outros permanecem, ainda que já não representem o que um dia foram. Como uma delas relatou, dona I.L. ao falar sobre os lugares que frequentava na sua juventude e como eles estão hoje:

É, foi todo um crescimento muito negócio da exportação [crescimento da cidade de Novo Hamburgo], que daí muita gente ficou rico de repente. Aí as coisas mudaram e com o tempo ficou uma cidade abandonada, suja, mal conservada, muito. Tô vendo assim, eu eu passo em determinados lugares, eu digo: "Meu Deus, que feio"., lá no centro, uns prédios, por exemplo. E uma coisa que me chamou atenção, eu digo: "Puxa, se mais pessoas fizessem isso, fizeram, esse, esse empreendimento na General Osório. Que ali era um curtume. Eles deixaram os fulões, dois fulões. Eu digo: que bacana isso! Eles deixaram ficaram as origens. Eles deram importância à origem. Que aquilo era um curtume, ó, bem antigo. Uhum. Era dos Dietrich. Pois é. E eu acho assim é uma cidade abandonada. E tu viu todo esse processo de crescimento ali, as décadas de ouro ali, né? 70. Era todos os edifícios, tudo que eu não sei quem vai morar em todos esses edifícios. A própria instituição [Escola Fundação Evangélica] aqui, né? Mudou muito...³⁹¹

Portanto, a cidade se remodela e, junto às mudanças físicas, também se transformam as sociais e relacionais; porém, aquilo que permaneceu vívido na memória, quando acionado, retorna como um sopro de frescor de um passado guardado com certa nostalgia.

Nesse contexto de mudanças, a religião, historicamente muito presente na vida dessas mulheres e de suas famílias, também passou por transformações. Embora continue sendo importante como elo simbólico entre seus antepassados alemães e sua vivência atual, já não ocupa o mesmo espaço de outrora. Mesmo com a

³⁹⁰ ARBUSTI, Crislaine Teresinha. Patrimônio, memória e identidade: um estudo sobre a cidade de Sarandi/RS. **Semina-Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, v. 24, n. 1, p. 222-239, 2025. p. 223-224.

³⁹¹ Entrevista 1, dona I.L., 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH. Quando fez essa referência ao crescimento da cidade, falou com bastante ênfase, inclusive aumentando o tom de voz, um tanto indignada com essa situação.

transmissão de valores às gerações seguintes, o luteranismo perdeu parte de sua centralidade, especialmente entre filhos e netos. Afinal

nas sociedades pós-tradicionais, et pour cause³⁹², decaem as filiações tradicionais. Nelas os indivíduos tendem a se desencajar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais.³⁹³

Assim, mesmo com todo o legado transmitido pela mãe a seus filhos, as transformações sociais decorrentes da modernidade acabaram afastando algumas pessoas de sua religião de origem, de família. Em outra entrevista, a entrevistada foi enfática quando relatou a escolha do neto. Dona I.L contou que o neto estava de casamento marcado, mas não pretendia casar na comunidade que foi criado, na Igreja Protestante Luterana. Ela conta, com certa tristeza:

Evangélica luterana nós somos de casa também. De casa também, sim. Aham. Meus pais, meus, meus avós eram. De casa já. Meus pais também. Meu esposo também.

E nós temos a igreja Evangélica de Confissão. Essa nossa igreja que nós participamos aqui da comunidade Hamburgo Velho.

Tu vê, hoje em dia meu neto não quer nem saber de casar na Igreja. Lamentavelmente teve, tinha um pastor ali, que eu já não me lembro mais o nome aqui em Hamburgo Velho. E ele, o meu neto, foi para pro ensino confirmatório e todos os a turma dele chamava ele de terrorista. E ele muito esquerdista.

E ele fez e o Vitor pegou um, um, uma raiva, um uma raiva, um vou dizer, não vou dizer nojo, nojo é muito forte, mas a tal ponto que ele agora vai casar e não vai ter, não vai ser numa igreja, não vai ter nem padre, nem pastor, vai ser uma cerimônia Budista, tu vê.³⁹⁴

Esse distanciamento entre aquilo que elas guardavam na memória e o que ainda não havia sido dito, no entanto, não significou o apagamento definitivo dessas vivências, mas antes uma reorganização silenciosa de memórias e identidades que, durante muito tempo, permaneceram à margem dos discursos dominantes.

Durante muito tempo, suas vozes foram silenciadas ou pouco valorizadas. No entanto, ao encontrarem espaço para falar, puderam expressar, sem medo ou culpa, aquilo que viveram. Experiências antes consideradas individuais ou sem relevância

³⁹² expressão usada pelo autor que significa “e com razão” (nota da autora).

³⁹³ PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil”: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004. p. 19.

³⁹⁴ Entrevista 1, dona I.L, 15 de maio de 2025. Entrevista realizada nas dependências da IENH.

passaram a ser reconhecidas como parte de um processo histórico mais amplo, integrando uma memória coletiva. Deste modo,

a história não deve ser um conjunto de relatos, narrativas e fatos superficiais organizados em uma linha do tempo, sugerindo uma cristalização e objetividade - como observamos em Halbwachs, por exemplo - mas sim uma coleção de narrativas que realcem a experiência histórica passada, capaz de ser atualizada a partir de uma interpretação crítica. Dessa forma, as nuances e detalhes dos cacos não sofrem um apagamento; pelo contrário, eles emergem constituindo os mosaicos (imagens).³⁹⁵

Esse movimento de escuta e valorização contribuiu para que se reconhecessem como personagens centrais de suas próprias histórias. Em muitos casos, foi a primeira vez que se sentiram verdadeiramente vistas e valorizadas. Suas memórias não são apenas relatos de mulheres idosas com muito a contar, mas registros fundamentais para reinterpretar a história das famílias de origem alemã, agora narrada por elas, para elas e com elas. Por isso

as pesquisas realizadas a partir da perspectiva de gênero ressaltaram a necessidade de um discurso público capaz de admitir e acolher as narrativas de diferentes sujeitos sociais, a necessidade de um arcabouço público no qual as memórias de todos possam ser reconhecidas e, ao mesmo tempo, elas próprias possam se reconhecer³⁹⁶.

No início, as entrevistas eram marcadas pela timidez e pelo receio de expor aquilo que, por muito tempo, permaneceu guardado. Contudo, por meio de uma escuta sensível e de uma análise atenta, tornou-se possível construir um ambiente de confiança. Assim, elas passaram a compreender a importância de suas histórias na reconstrução do passado sob a perspectiva feminina. Afinal,

[...] uma vez que os quadros sociais da memória orientam toda a evocação, a anamnese de todo indivíduo dependerá daqueles que lhe são contemporâneos: ele oferecerá, portanto, uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela posição que ele próprio ocupa nesse presente.³⁹⁷

Por fim, ainda que o tempo seja implacável e que parte dessas memórias tenha se perdido ou sido apenas parcialmente registrada, o que permanece é de grande valor, tanto individual quanto coletivo. Suas lembranças, verdadeiras relíquias,

³⁹⁵ ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 174-196, 2016. p. 181.

³⁹⁶ SALVATICI, 2005. p. 36

³⁹⁷ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012. p. 75.

contribuem para evidenciar o quanto os ensinamentos de seus ancestrais continuam presentes na sociedade em que vivem.

7. CONCLUSÃO

Escolher lembrar para não esquecer constitui, sobretudo, um exercício de permanência. Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender de que maneira mulheres idosas, habitantes da cidade de Novo Hamburgo, participaram da proteção e da transmissão da cultura teuto-brasileira, especialmente por meio das memórias construídas e compartilhadas ao longo de suas trajetórias de vida. Mais do que recuperar narrativas individuais, esta tese procurou evidenciar experiências historicamente silenciadas, reconhecendo nessas mulheres sujeitos fundamentais na manutenção de práticas culturais, valores familiares, religiosidades, saberes cotidianos e formas de sociabilidade que atravessaram gerações.

Entende-se que a memória não se constitui de forma exclusivamente individual, mas é socialmente produzida no interior dos grupos aos quais os sujeitos pertencem. Ela só emerge por meio da rememoração, manifestada nas falas dos indivíduos, uma vez que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente”³⁹⁸. Nesse sentido, as narrativas das entrevistadas revelaram não apenas experiências pessoais, mas também marcas coletivas relacionadas à imigração alemã, à constituição das comunidades teuto-brasileiras e às transformações urbanas vivenciadas no Vale dos Sinos ao longo do século XX.

As lembranças evocadas pelas participantes demonstram como a memória coletiva permanece viva através das relações familiares, das práticas comunitárias e

³⁹⁸ HALBWACHS, 2006. p.72.

dos vínculos culturais estabelecidos entre diferentes gerações. A medida em que vão sendo revividas e relembradas essas memórias tomam forma e sentido, pois,

uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso.³⁹⁹

As análises também dialogam com as reflexões de Michael Pollak acerca da memória, do silêncio e da identidade. Ao trazerem suas experiências à tona, essas mulheres revelaram processos históricos de invisibilização feminina, nos quais suas trajetórias foram frequentemente secundarizadas pelos discursos oficiais da história. Segundo Pollak também a memória é constituída por três esferas: o fato, os personagens e o local, com isso

além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.⁴⁰⁰

Durante algumas entrevistas, em muitos momentos, o silêncio contou muitas coisas. Quando falavam da juventude que já se foi, das escolhas que muitas vezes não eram feitas por elas e sim pela família, do casamento que acabou por conta de uma viuvez, pelas limitações ocasionadas por problemas de saúde devido a idade avançada.

Assim, memórias têm sons, possuem rostos e tem cheiros e cores, por isso mesmo são tão presentes no inconsciente, mesmo quando não estão sendo acionadas; e no momento em que isso acontece, elas voltam a ter a mesma vivacidade e sentimento que outrora tiveram.

Embora desempenhassem funções essenciais na organização familiar, econômica e cultural das comunidades coloniais, suas contribuições permaneceram,

³⁹⁹ HALBWACHS, 2013. p. 31.

⁴⁰⁰ POLLAK, 1992. p. 202.

durante muito tempo, restritas ao espaço privado e pouco reconhecidas socialmente. Tal condição evidencia como determinadas memórias são legitimadas enquanto outras são silenciadas, especialmente quando atravessadas pelas relações de gênero. Aliás, o silêncio sempre foi, para mulher, um sinal de virtude, pois como nos lembra Michelle Perrot

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento.⁴⁰¹

No decorrer das entrevistas, grande parte das entrevistadas declara que em muitos momentos da vida tiveram que silenciar, seja por conta das exigências do pai, figura que normalmente aparece como austera, seja por conta do cuidado dos filhos e da família, em alguns momentos abrindo mão da sua profissão para que o esposo pudesse crescer. Deixaram sonhos de lado que ao serem lembrados, trouxeram de volta antigas feridas. Dona S, por exemplo, parou de trabalhar quando se casou, para cuidar dos filhos, assim também dona G.S o fez. Os maridos queriam que elas se dedicassem exclusivamente à família e elas silenciaram diante desta decisão que não foi feita por elas.

Sob essa perspectiva, a pesquisa aproxima-se também das contribuições de Joan Scott, ao compreender o gênero como categoria útil de análise histórica, uma vez que, conforme a autora, o gênero determina não só as questões biológicas, mas principalmente as questões sociais. Ela afirma:

Gênero era sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensavam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado.⁴⁰²

As experiências narradas pelas entrevistadas demonstram que os papéis sociais atribuídos às mulheres foram historicamente construídos a partir de relações de poder que limitaram sua visibilidade pública e política, afinal

a natureza feminina e as especificidades do ciclo vital que incluem a menstruação, gravidez e amamentação passaram a justificar o seu

⁴⁰¹ PERROT, 2005, p. 8.

⁴⁰² SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero. **Albuquerque (online)**, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021. p. 333.

confinamento ao espaço privado – visto como o seu lugar natural, de direito e dever em função de sua realidade biológica.⁴⁰³

Mesmo quando atuavam diretamente no trabalho agrícola, na economia familiar e na manutenção das práticas culturais, suas identidades eram frequentemente associadas exclusivamente ao cuidado doméstico e à maternidade. Ainda assim, foi justamente nesses espaços considerados tradicionalmente femininos que se consolidaram importantes mecanismos de transmissão cultural.

No caso das entrevistas feitas para essa pesquisa, as mulheres que foram acionadas passaram pelo processo de transição entre a vida no campo e o processo de urbanização. Elas relatam que na infância viviam uma vida mais interiorana, mas na juventude e na vida adulta, com o crescimento da cidade, assumiram outros papéis e foram sendo influenciadas por esse processo. Dona G e dona I contaram que muitos lugares da cidade eram pouco habitados e na época da infância de ambas ainda pertenciam às famílias que tinham pequenos sítios. Hoje esses locais são centros de referência importante, como a Rua Maurício Cardoso e a Bento Gonçalves, ruas que concentram hoje muito movimento,

As entrevistas demonstraram que essas mulheres foram responsáveis pela manutenção de práticas religiosas, costumes familiares, saberes culinários, línguas herdadas, encontros comunitários e valores transmitidos intergeracionalmente. Nesse aspecto, o conceito de *habitus* defendido por Pierre Bourdieu auxilia na compreensão de como determinados comportamentos, valores e práticas culturais são incorporados cotidianamente e reproduzidos no interior das famílias e comunidades, já que

o *habitus* é a presença operante de todo o passado do qual é o produto: no entanto, ele é o que confere às práticas sua independência relativa em relação às determinações exteriores do presente imediato. Essa autonomia é a do passado operado e operante que, funcionando como capital acumulado, produz história a partir da história e garante assim a permanência na mudança que faz o agente individual como mundo no mundo.⁴⁰⁴

A permanência de elementos ligados à religiosidade luterana, às reuniões familiares e aos costumes tradicionais evidencia a força dessas transmissões simbólicas, mesmo diante das transformações impostas pela modernidade urbana. As

⁴⁰³ SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. *Psicologia clínica*, v. 23, n. 2, p. 137-149, 2011. p. 138.

⁴⁰⁴ BOURDIEU, Pierre **O senso prático** / Pierre Bourdieu; tradução de Maria Ferreira; revisão da tradução, Odaci Luiz Coradini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.p. 93.

entrevistadas tinham uma forte ligação com a Igreja Protestante Luterana, algumas vieram de família luterana e ainda participam da igreja, outras se converteram por conta do casamento e outras ainda não participam mais com tanta frequência, mas guardam consigo os ensinamentos e passam para as próximas gerações. Dona I.L é uma das entrevistadas que ainda participa da OASE e faz questão de ajudar na arrecadação de donativos para os mais necessitados.

Além disso, os relatos evidenciaram que a perenização dessas tradições esteve frequentemente associada a mecanismos de controle sobre o corpo e o comportamento feminino. As entrevistadas narraram experiências marcadas por expectativas sociais rígidas em relação à moral, à sexualidade, à aparência e aos papéis atribuídos às mulheres no espaço familiar e comunitário.

Nesse contexto, o corpo feminino aparece como território de vigilância simbólica, regulado por normas religiosas, valores patriarcais e convenções sociais que delimitavam formas consideradas adequadas de agir, vestir-se e comportar-se. Sua condição de gênero acaba por suscitar isso, pois “a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar individualizante, em forma de vigilância permanente”⁴⁰⁵. Desta forma a disciplina e controle dos corpos permitem compreender como tais costumes atuavam de maneira cotidiana e muitas vezes naturalizada, produzindo subjetividades femininas moldadas por padrões culturais e morais específicos.

Muitas entrevistadas contaram que na juventude o objetivo era casar cedo e logo, para não ficar visada. Se namorassem demais, ficavam mal vistas, se casassem logo poderiam dar a ideia que fizeram algo errado ou que estavam grávidas e se demorassem para casar eram solteironas que ficariam solitárias para o resto da vida. Dona M, aliás em diversos momentos faz referência sobre isso, quando fala das irmãs que nunca casaram por influência do pai que era muito severo, e quando se refere a ela mesmo como namoradeira, já que não obedecia ao pai neste aspecto.

Entretanto, esta pesquisa também demonstrou que a memória constitui um processo dinâmico, fragmentado e seletivo. As entrevistadas transitavam

⁴⁰⁵ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975- 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 300.

constantemente entre passado e presente, reorganizando acontecimentos e atribuindo novos sentidos às suas experiências. Ao retomar suas lembranças mais profundas, essas mulheres mergulham em memórias mais antigas, ao mesmo tempo que as ressignificam, evidenciando um movimento constante de reconstrução simbólica de suas experiências. Desse modo

pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como uma força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente, penetrante, oculta e invasora.⁴⁰⁶

A memória nas entrevistadas, em muitos momentos das entrevistas, vinha e voltava, em alguns relatos trazia detalhes muito ricos, em outros a memória falhava e as falas eram fragmentadas e desconexas. Dona I.L e dona L, por exemplo, pediam desculpas cada vez que se enganavam ou que trocavam as informações sobre algum fato. Em alguns momentos iam e voltavam nos relatos, misturando informações de um passado distante, que parecia tão próximo quando a lembrança era acessada.

Outro aspecto central observado ao longo da pesquisa refere-se aos impactos do processo de urbanização sobre as formas tradicionais de sociabilidade. As entrevistadas demonstraram perceber, retrospectivamente, as profundas mudanças ocorridas em Novo Hamburgo, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970, período marcado pela expansão urbana e industrial da região do Vale dos Sinos. A aceleração desse processo provocou transformações significativas nas relações comunitárias, nos vínculos de vizinhança e nas práticas culturais cotidianas.

Essas mudanças são sentidas e experienciadas diariamente, e trazem consigo, uma sensação de incerteza que ronda o imaginário dessas mulheres entrevistadas, uma vez que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.”⁴⁰⁷

Desse modo, a pesquisa permitiu compreender que a manutenção da cultura não ocorre de maneira estática nem integral. As tradições não permanecem intactas;

⁴⁰⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1987. p. 9.

⁴⁰⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7.

elas são reelaboradas, adaptadas e ressignificadas pelas gerações que as recebem. Alguns costumes ainda persistem nas famílias, como orações, celebrações religiosas e encontros familiares, embora frequentemente de forma mais reduzida e menos intensa do que em períodos anteriores. Tal constatação reforça a compreensão de cultura como processo vivo, em constante transformação, e não como herança imobilizada no tempo.

Do ponto de vista metodológico, a utilização da história oral revelou-se fundamental para a construção desta pesquisa, uma vez que ao escutar essas narrativas, foi possível entender o passado de modos diferentes sob a perspectivas de mulheres que, em muitos casos, nunca tinham sido ouvidas sobre suas histórias. Portanto a narrativa oral possibilitou

criar outros entendimentos sobre o passado, propicia novos olhares acerca do presente e por extensão novas práticas. A história vivida não tem mais a exigência de ser pensada em termos de totalidade única. As fontes documentais escritas, orais, iconográficas, arqueológicas não são mais consideradas como reflexos verdadeiros ou falsos do passado. Antes, representam formas de como certos grupos, segmentos, classes se permitiram pensar, sentir, sonhar, desejar determinados acontecimentos, algumas experiências, certos períodos.⁴⁰⁸

Também durante as entrevistas muitas mulheres começaram o seu relato de forma semelhante, dizendo que suas vidas não tinham nada de importante para ser contado. Dona M, no início da entrevista mostrou desconfiança, dona G.S disse que sua vida era sem graça e dona L demorou bastante para começar a falar de modo mais leve, apresentou desconforto até a metade da entrevista.

Mais do que buscar a exatidão absoluta dos fatos, a história oral permite compreender sentidos, emoções, interpretações e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Assim, as entrevistas realizadas não apenas possibilitaram o acesso às memórias das participantes, mas também constituíram espaços de escuta, reconhecimento e valorização de trajetórias frequentemente marginalizadas pelos registros históricos tradicionais.

Além disso, esta pesquisa dialoga com os estudos sobre envelhecimento feminino ao reconhecer as mulheres idosas como agentes fundamentais de processos

⁴⁰⁸ MONTENEGRO, Antonio Torres. Oralidade, memória e história: questões metodológicas. In: Encontro Regional Sul de História Oral, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais do Encontro Regional Sul de História Oral. Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral**, 2005. p. 15.

históricos e culturais. Em uma sociedade marcada pela valorização da juventude e pela invisibilização social da velhice, ouvir essas mulheres significou também reconhecer suas experiências como patrimônio cultural e histórico. Suas narrativas revelam formas de resistência ao esquecimento e reafirmam a importância da memória como elemento constitutivo das identidades individuais e coletivas.

Escutar essas mulheres, entender suas dores e alegrias, compartilhar de alguns sentimentos comuns, isso faz da pesquisa algo muito mais próximo e humano, sem deixar de ser um estudo acadêmico sério. Fazer com que suas falas possam reverberar e dar um sentido e significado àquilo que viveram e presenciaram tem um alcance muito maior do que se possa mensurar.

Essa pesquisa contribui significativamente para os estudos sobre a mulheres e seus espaços de fala. Também colabora com os estudos sobre memória e a construção da história coletiva através de relatos individuais e em especial, ajuda a valorizar essas mulheres como agentes atuantes na sociedade e na Igreja da qual fazem parte,

Entretanto, é necessário reconhecer as limitações desta investigação. As memórias acessadas são atravessadas pela subjetividade, pelos silêncios, pelas emoções e pelas reelaborações do tempo presente, o que impossibilita compreendê-las como representações totais da realidade vivida. Além disso, a pesquisa concentrou-se em um grupo específico de mulheres idosas residentes em Novo Hamburgo, não permitindo generalizações para a totalidade das experiências femininas teuto-brasileiras no sul do Brasil.

O processo das entrevistas também foi desafiador. O primeiro grupo de entrevistas, as participantes do grupo “Oficina do Brinquedo”, foram sendo convencidas aos poucos a participar da pesquisa e só aceitaram quando se sentiram seguras diante da pesquisadora. O segundo grupo, que foi composto por indicações do primeiro, receberam a pesquisadora em casa, algumas com alegria e com entusiasmo na fala, outras com um pouco de desconfiança no início.

Por fim, espera-se que esta tese contribua para o fortalecimento de pesquisas futuras relacionadas às interfaces entre memória, gênero, envelhecimento, imigração e patrimônio cultural. Mais do que registrar lembranças, este trabalho buscou

reconhecer a permanência histórica dessas mulheres, compreendendo que suas memórias resistem ao apagamento e permanecem vivas sempre que são retomadas, narradas e compartilhadas. Afinal, lembrar, neste contexto, constitui também uma forma de existência, pertencimento e continuidade cultural.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHIAME, Marcela Bourguignon. Imigração alemã no Espírito Santo: cultura alimentar como signo identitário. **Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST**, 2017.

ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 174-196, 2016.

ADAM, Júlio César. Deus e o Diabo na terra do sol: Religião vivida, conflito e intolerância em filmes brasileiros. **Estudos de Religião**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 77, 31 ago. 2017. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p77-99>. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2>. Acesso em: 17 de abril de 2026.

AGUIAR, Vilênia V. P. O trabalho das mulheres nos espaços rurais: algumas reflexões. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 134–149, 2017. DOI: 10.37370/raizes.2017.v37.71. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/71>. Acesso em: 26 abr. 2026.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997, Livro 1.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALBRECHT, Elias Kruger; WEIDUSCHADT, Patrícia. A pedagogia de Lutero presente em cartilhas escolares em língua alemã produzidas por sínodos luteranos no RS. **Igreja Luterana-Revista de Teologia do Seminário Concórdia e Faculdade Luterana Concórdia**, v. 81, n. 2, 2020.

ALMEIDA, Jane Soares de; BOSCHETTI, Vania Regina. Devotas e instruídas: a educação de meninas e mulheres no Brasil: fragmentos do passado histórico (1846/1930). **Educação. UNISINOS**, São Leopoldo, v. 16, n. 03, p. 225-233, dez. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102012000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2026.

ALMEIDA, Simone. A. P.; OLIVEIRA, Rita. C. S. Fragmentos da memória de mulheres na terceira idade a partir da narrativa de vida: contribuições da história oral. **Anais da ANPUH**, 2019.

ALTMANN, Friedhold. **A roda: memórias de um professor**. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, v. 8, n. 2, 2012.

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 1, 2008.

ANJOS, Gabriele dos. "**Mulheres todas santas**": participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

APARÍCIO, Ingrid; MELLO, Kelli; OLIVEIRA, Patrícia de. Desenvolvimento de carreira: O papel da mulher nas organizações. **Cadernos de Administração**, v. 1, p. 130-148, 2009.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.

ARBUSTI, Crislaine Teresinha. Patrimônio, memória e identidade: um estudo sobre a cidade de Sarandi/RS. **Semina-Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, v. 24, n. 1, p. 222-239, 2025.

ASFORA, Wanessa. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: A herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. **Cadernos Pagu**, n. 39, p. 431-445, 2012. ASFORA, Wanessa. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: A herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. **Cadernos Pagu**, p. 431-445, 2012.

BAESKE, Sibyla (org.). **Retalhos no tempo**: 100 anos da OASE, 1899-1999. [S.l.]: OASE, 1999.

BAHIA, Joana. Práticas mágicas e bruxaria entre as pomeranas. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 153-176, set. 2000.

BAHIA, Joana D.'Arc do Valle. Religião e as fronteiras migratórias. **Revista Acadêmica Licenciaturas**, v. 5, n. 2, p. 44-57, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARTH, Fredrik; STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. Unesp, 1997.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2018.

BLASI, Marcia. A vida em um baú: A vida de mulheres descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil. **Coisas do gênero**: Revista de estudos feministas em teologia e religião, v. 10, n. 1, p. 8-18, 2024.

BORGES, Viviane Trindade. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente. **Diálogos-**

Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 16, n. 2, p. 663-676, 2012.

BORRALHO, Henrique. Os silêncios da História. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v. 7, n. 1, p. 56- 79, jan./jun. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre **O senso prático** / Pierre Bourdieu; tradução de Maria Ferreira; revisão da tradução, Odaci Luiz Coradini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar. Buenos Aires: Paidós, 1991.

BRANCO, Samantha Castelo. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, p. 8-27, 2020.

BRANDT, Marlon. Agricultura e urbanização na paisagem do município de São José-SC (Séculos XVIII a XX). **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 23, p. 7-20, 2014.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Paris: Flammarion, 1969.

BRITO, Estela Denise Schütz; LIMBERGER, Rafaela; SASSET, Rosane Salete. Análise Documental e História Oral: o entrelaçar metodológico nas pesquisas em História da Educação. In: **Perspectivas Teóricas e Metodológicas para as pesquisas em Educação**, Jonathan Vicente da Silva; Pâmela Franciele Nunes Cuty; Rafaela Limberger [Orgs.] Perspectivas teóricas e metodológicas para as pesquisas em Educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

BRITO, Fausto. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 12, n. 1/2, p. 21-34, 1995.

BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, p. 323-340, 2008.

CALLEFI, Jessica Syrio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. A memória na história oral de vida dos idosos. **Revista interdisciplinar de gestão social**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 85-99, 2019.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, Irene. Narrativa e história. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, p. 3-13, 2000.

CASTRO, Elisiana Trilha. Cemitérios Protestantes: Marcas de um outro sagrado em uma outra terra. **Fazendo Gênero**, n. 9, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CHUEIRI, Vera Karam; CÂMARA, Heloisa Fernandes. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saudade e hospitalidade. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, n. 36, 2014.

DA SILVA, Denise T. Imigração e Gênero: construções identitárias reveladas pela fotografia. In COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Org.) **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Barcelona: Institut de la Comunicació - Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

DA SILVA, Giuslane Francisca. A memória coletiva. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016.

DE ALMEIDA ADRIANO, Odete Liber; ADAM, Julio César; ASSUNÇÃO, Ana Carolina Paranhos. 'CAMINHOS DE FÉ': encontros entre Teologia Prática, Religião Viva e Espiritualidade. **Tear Online**, v. 14, n. 2, p. 261-278, 2025.

DE CARVALHO, Diana Diniz et al. O protagonismo das mulheres luteranas no Brasil. **Estudos Teológicos**, v. 64, n. 3, 2024.

DE CARVALHO, Marília Gomes; FEITOSA, Samara; DA SILVA, Valter Cardoso. Gênero entre estudantes de tecnologia brasileiros/as e alemães/ãs: uma comparação. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 2, n. 3, p. 173-209, 2006.

DE MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Os imigrantes alemães e a questão da cidadania. TEXTOS DE HISTÓRIA. **Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**, v. 1, n. 2, p. 50-72, 1993.

DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 34, 2010.

DE OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. Porto Alegre: "Aqui as mulheres não se escondem". **Mulher e Trabalho**, v. 2, 2011.

DE SANTANA, Nara María Carlos. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões: Revista de História da Ufes**, n. 25, p. 235-248, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**, 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Ed. Senac/SP, 2000. 108 p. (Série Ponto Futuro; 2).

D'INCAU, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla et al. (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 223-240.

DOMINGUES, Heloisa; SÁ, Magali; GLICK, Thomas: **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DO NASCIMENTO, Rafael. Imigração alemã: notas sobre as relações entre os religiosos e os colonos a partir de meados do século XIX em Santa Catarina. **Revista Santa Catarina em História**, v. 7, n. 2, p. 163-178, 2013.

DOS SANTOS, Carlos Roberto Antunes. A comida como lugar de história: as dimensões do gosto. **História: questões & debates**, v. 54, n. 1, p. 103-124, 2011.

DOS SANTOS, Rodrigo Luís. “Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado”: escolas e comunidades como espaços de disputas de poder no interior do Sínodo Rio-Grandense. **Form@ção de Professores em Revista-Faccat**, v. 1, n. 1, p. 110-123, 2020.

DREHER, Martin Norberto. **História do povo luterano**. Editora Sinodal, 2005.

DREHER, Martin N. **A Religião de Jacobina**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

DREHER, Scheila dos Santos. “O pontinho da balança”: História do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no Sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público. Dissertação de mestrado em Teologia pelo PPG da Faculdades EST. São Leopoldo, 2007.

DREHER, Scheila dos Santos. **As Mulheres na imigração**: uma história de fé, desafios e criatividade. São Leopoldo: Sinodal, 2024.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EIDT, Valdir. Maria sob a sombra de EVA: imagens e representações femininas nos discursos das mulheres católicas da colonização alemã no sul do Brasil. **Revista Missioneira**, v. 24, n. 2, p. 55-72, 2022.

EMMERSON, Grace I. Mulheres no Israel antigo. In: CLEMENTS, R. E. (org.). **O mundo do antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 1995.

ETGES, Virginia Elisabeta; KARNOPP, Erica. A agroindústria familiar no contexto do sistema agrário colonial no Sul do Brasil. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 25, n. 1, p. 268-283, 2020.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FEBVRE, L. Une vue d'ensemble: histoire et psychologie (1938). In: **Combats pour l'histoire**. Paris: Colin, 1953.

FERRAND, Michèle. A questão dos direitos reprodutivos na França. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.esp., p.79-85, 1994.

FERNÁNDEZ, Lidia Rodríguez et al. Lived religion y fenomenología de la religión: el caso latinoamericano. **Revista de Estudios Sociales En línea**, 82, 10, p. 23-41, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/53104>. Acesso em: 18 de março de 2026.

FERRAZ, Ana Paula Moutinho. **Vozes e silêncios**: família, trabalho e religiosidade na revitalização da memória da mulher" colona" na comunidade de Rio da Ilha. Dissertação de Mestrado, Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.

FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 2, p. 271-294, 2019.

FIN, Thais Caroline; PORTELLA, Marilene Rodrigues; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, p. 74-84, 2017.

FISCHER, Joachim H. **Presença Luterana**. São Leopoldo: Sinodal. 1970.

FLORES, R. M. Memória e história oral: as interações entre a história escrita e a história vivida. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 1–18, 2022.

FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 6-41, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Tradições compartilhadas, experiências transmitidas: estudo etnográfico da memória intergeracional de avós e netos em Teutônia (RS). **ILUMINURAS**, v. 4, n. 8, 2003.

FRANÇA, Maria Cristina. A Memória Compartilhada sobre as Experiências transmitidas entre avós e netos em Teutônia (RS). **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 53-81, 2004.

FRIEDRICH, Fabiana Helma; WITTER, Nikelen Acosta. A adaptação da culinária dos imigrantes alemães (Rio Grande do Sul: 1850-1930). **Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas**, v. 13, n. 1, p. 69-83, 2012.

FRIEDRICH, Fabiana Helma. Alimentação: o trabalho de preservar e elaborar a identidade e a memória dos imigrantes alemães na Colônia de Santo Ângelo/RS (1850-1900). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 7, n. 1 (Suplemento especial), p. 641-654, 2014.

FRIDRICH, Fabiana Helma; SOARES, André Luis RAMOS. Alimento e gênero: a “alma da casa” e o “espírito protetor”, uma idealização do papel da mulher nas colônias imigrantes do Rio Grande do Sul no século XIX **Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS**, verdade e ética, de 11 a 14 de agosto de 2014, Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos, São Leopoldo, agosto de 2014.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano, Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1998.

FULGÊNCIO, Rafael Figueiredo. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a “Questão Chinesa” nos primeiros anos da República. **Revista de informação legislativa**, v. 51, n. 202, p. 203-221, 2014.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 11, n. 1, p. 139-164, 2011.

GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. A lei de terras (1850) e a abolição da escravidão: capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX. **Revista de História**, n. 120, p. 153-162, 1989.

GANZEVOORT, R. R.; ROELAND, J. H. Lived religion: the praxis of practical theology. **International Journal of Practical Theology**, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014.

GARCIA, Narjara Mendes et al. Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. **Psicologia da Educação**, n. 25, 2007.

GEBARA, Ivone. **Romper o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEVEHR, Daniel Luciano; MEYRER, Marlise Regina. Da roça para a cidade: representações de gênero sobre as mulheres teuto-sul-rio-grandenses na passagem do século XIX para o século XX. **Dimensões**, v. 36, p. 55-81, 2016.

GEVEHR, Daniel Luciano. Saberes e afazeres de mulheres: Narrativas visuais nos museus da imigração alemã no Sul do Brasil. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero**: 13th. Women's Worlds. Florianópolis, p. 1-12, 2017.

GIARD, Luce; CERTEAU, Michel de; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

GIERUS, Renate. **Além das grandes águas**: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese de Doutorado. São Leopoldo, 2006.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, p. 20-29, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HECK, Rita Maria et al. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. *In: Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 129-151, 2002.

HEILBORN, M. L. Gênero, sexualidade e saúde. *In: Saúde, sexualidade e reprodução compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 101-110, setembro de 1996.

HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HÖLLINGER, Franz. Religiosity in the major religious cultures. **Journal of Religion in Europe**, v. 51, 2021.

IZQUIERDO, Ivan. **Sobre memória**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

JACINTO, Círio Alessandro. A Ressurreição de Jesus sob a categoria de “Promessa”: uma contribuição a partir da Teologia da Esperança de J. Moltmann. **Revista de Cultura Teológica**, n. 93, p. 230-247, 2019.

JANKE, Scheila Roberta. Intervenção Estatal na construção de Igrejas: o exemplo da Igreja normativa prussiana. **Protestantismo em Revista**, v. 46, n. 2, p. 128-140, 2020.

JÚNIOR, Jorge Luís. **Sob o Königsberg**: paisagem e patrimônio cultural da antiga Colônia Alemã de São Leopoldo. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 2019.

VITAL JUNIOR, Raul Rebello. Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: políticas de estado, etnicidade e transição. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**, p. 159, 2010.

VITAL JUNIOR, Raul Rebello. Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: políticas de Estado, etnicidade e transição. *In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (orgs.). Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2011.

KIELING, Rejane Inês. As “Marcas” em Territórios Formados por Grupos Étnicos Alemães a Partir dos Estereótipos Linguagem, Trabalho e Religiosidade: O Caso da Comunidade Rural de Linha Acre—Cândido Godói (RS). **Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 50, 2020.

KLEIN, Remi; BECKER, Tiago. De escolas comunitárias à Rede Sinodal de Educação: princípios evangélico-luteranos. **Revista Pistis & Praxis**, v. 9, n. 3, 2017.

KLUG, João. **A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina**: A ação da igreja luterana através das escolas (1871-1938). Tese de Doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da FFLCH. São Paulo: USP, 1997.

KUHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LANZA, André Luiz; LAMOUNIER, Maria Lúcia. A América Latina como destino dos imigrantes: Brasil e Argentina (1870-1930). **Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 14, n. 26, p. 90-107, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Ana Maria Simões, Doralice Barros Pereira, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História e memória**. 5. ed. Tradução de Irene Ferreira [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-420.

LERSCH, Inês Martina; JÚNIOR, Jorge Luís Stocker. A construção social do patrimônio cultural da antiga colônia alemã de São Leopoldo no Vale do Rio dos Sinos/RS. In: **Região Metropolitana de Porto Alegre (1973-2023) – RMPA 50 anos: história, território e gestão**. [E-book]. / Organizadores: Danielle Heberle Viegas, Heleniza Ávila Campos e Paulo Roberto Rodrigues Soares. São Leopoldo, RS: Oikos, 2023.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: **A Escrita da História: novas perspectivas** /Peter Burke (org.). São Paulo: Editora da UNESP 1992.

LIMA, Angela Bernadete. A trajetória histórica dos espaços de cultivo urbano na Alemanha: Interações e embates entre a urbanização e a natureza (do séc. XIX ao XX). **História Unicap**, v. 6, n. 12, p. 274-291, 2019.

LOPES, JRB. **Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 233 p. ISBN: 978-85-99662-82- 3. Available from SciELO Books.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Trad. e notas de Arnaldo Schüller. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.

LUTERO, Martinho. Comentário à Epístola aos Gálatas. In: **Obras Selecionadas**, v. 10. Comissão Interluterana de Literatura (CIL). São Leopoldo: Sinodal, 2008.

MACATROZZO, Amanda Moulin; FRANCISCHETTO, Gilsilene Passon Picoretti. A invisibilização das mulheres e o direito à cidade. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 8, n. 2, p. 1, 2021.

MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: Uma introdução à teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MACHADO, Carmen Janaina Batista; MENASCHE, Renata; SALAMONI, Giancarla. Comida, identidade e simbolismo: saberes e práticas alimentares na conformação da italianidade na colônia de Pelotas. MENASCHE, Renata (Org.). **Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2015. E-book. p. 115-132, 2015.

MALTZAHN, Paulo César et al. **A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em História Cultural. 2011.

MANOEL, Ivan Aparecido. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura teológica**, n. 59, p. 105-128, 2007.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, v. 43, n. 2, p. 33-53, 2005.

MARQUES, Gabriela da Silva; DA SILVA, Denise Regina Quaresma. Invisibilidade das mulheres trabalhadoras rurais: as produções científicas da psicologia no Brasil. **Psicologia em estudo**, v. 23, p. 1-16, 2018.

MARTINS, Guilherme d'Oliveira. Patrimônio, herança e memória. p. 18, 2016. In: CARVALHO, Ana (coord.). **Participação: Partilhando a Responsabilidade**. Lisboa: Acesso Cultura, 2016.

MATTHES, Daniela; SPIESS, Maiko; MATTEDI, Marcos. Paradoxos da gastronomização da Cuca (Kuchen): O esvaziamento da comida tradicional a serviço da invenção de uma identidade europeizada no Médio Vale do Itajaí. **Estrabão**, v. 4, p. 43-56, 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã: trabalho e vida. 2009. In: PIETRAFESA DE GODOY, Emilia et al. **Diversidade do campesinato Expressões e categorias**. Coleção História Social do Campesinato no Brasil, 2009.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Leis para “os que se irão buscar” –imigrantes e relações de trabalho no século XIX brasileiro. **História: Questões & Debates**, v. 56, n. 1, 2012.

MENEZES, Arlete Antônia Schmidt. **Sobre o papel da educação na concepção religiosa de Martinho Lutero**. Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2005.

MINAMI, Edison. Ecumenismo entre católicos e luteranos no Brasil: um estudo de caso. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. A mudança do paradigma econômico, a Revolução Industrial e a positivação do Direito do Trabalho. **Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania**, v. 3, n. 1-2012, 2012.

MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel Luciano. Fragmentos de memórias: Mulheres trabalhadoras na área de imigração alemã (Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, final do século XIX e início do século XX). **História e Cultura**, v. 10, n. 2, p. 259-282, 2021.

MEYRER, Marlise Regina; GEVHER, Daniel. E elas ainda tinham filhos!?: mulheres e trabalho na antiga colônia alemã de São Leopoldo (final do século XIX e início do século XX). **História das mulheres no Brasil Meridional**. 2. ed. [E-book]. / Organizadores: Ana Silvia Volpi Scott, José Carlos da Silva Cardozo e Jonathan Fachini da Silva. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2022.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Cultura teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1, 2000.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 16, p. 31-42, 2001.

MÖLLER, Mathias. Ensaio sobre a liberdade do cristão segundo Lutero. **Pólemos**, Brasília, vol. 3, n. 5, julho de 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Oralidade, memória e história: questões metodológicas. In: Encontro Regional Sul de História Oral, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais do Encontro Regional Sul de História Oral**. Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral, 2005.

MOREIRA, Matheus Rodrigues; DE LIMA PALHARES, Virgínia. Saberes nos sabores da memória: desvelando geografias nas receitas. **Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE)**, 10 a 15 de outubro de 2021.

MORIGI, Valdir José; ROCHA, Carla Pires Vieira; SEMENSATTO, Simone. Narrativa visual, informação e mediação do espírito comum nas festas comunitárias. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 159-170, set./dez. 2008.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MÜLLER, Alex Juarez. As origens da cidade moderna da República Velha no Vale dos Sinos. Anais do encontro Ephís: **Primeiro Encontro de Pesquisas Históricas PUCRS**, 27 a 29 de maio de 2014. p. 1350-1365, 2014.

NADER, Maria Beatriz. Da família à família nuclear burguesa: uma perspectiva histórica e social. **Dimensões**, n. 3, 1992.

NASCIMENTO, Rebeca Barbosa; NASCIMENTO, Rodrigo Barbosa; MILANEZ, Nilton. Domínios da subjetividade da mulher: Uma história do corpo social. **Textura**, v. 19, n. 2, p. 69-93, 2025.

NEUMANN, Rosane Marcia. O espaço colonial no olhar do imigrante: expectativa e realidade. **Encontro Estadual de História ANPUH RS**, v. 14, 2018.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História oral**, v. 3, 2000.

NOGUEIRA, Alane da Silva Costa; DA SILVA, Priscila Teixeira. Memória e História de vida de três mulheres e o papel sócio-histórico na construção da Comunidade Tábua em Guanambi-BA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 93-111, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

DE OLIVEIRA, Larissa Pascutti. Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Revista Sem Aspás**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2012.

OLIVEIRA, Rosemary Brehm de. **A organização da indústria calçadista na Economia do Vale dos Sinos**: estudo de caso no município de Campo Bom (1990 – 2015). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia a. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

PACHECO, Maria Eliza Corrêa, FERRAZ Neto, Altair, FERREIRA, Leonardo Antonio Silvano. **Sociologia rural e urbana**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa–Migrações**, v. 3, n. 24, p. 65-96, 2011.

PAVIN, Raquel da Silva. Reflexões sobre memória social, identidade e avosidades femininas. **Longeviver**, São Paulo, v. 5, n. 17, p. 14-18, mar. 2023.

PEDRINI, Dalila Maria; MARTINS, Ana Paula. As relações entre mulheres e homens no associativismo civil em Blumenau. In: In: SHERER-WARREN, Ilse; CHAVES, Iara Maria (orgs.) **Associativismo civil em Santa Catarina**: trajetória e tendências. Florianópolis: Insular, 2004.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 9-28, 1995.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru. São Paulo: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. O corpo e a alma do mundo: a micro-história e a construção do passado. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 179-189, jan./abr. 2004. Disponível em: Portal de Periódicos Unisinos. Acesso em: 14 fev. 2026.

PHILIPPSEN, Rosane. **Encontros e resistências**: o fórum de reflexão da mulher luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB. Tese de Mestrado. São Leopoldo, 2017.

PICCOLO, H. I. L. **Imigração alemã e construção do Estado nacional brasileiro**: Rio Grande do Sul, século XIX. *Acervo, [S. l.]*, v. 10, n. 2, p. 165–178, 2011. Disponível

em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/261>. Acesso em: 3 set. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009.

PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. Introdução: História, História das mulheres, História de gênero. Produção e transmissão do conhecimento Histórico. **Ex aequo**, Lisboa, n. 30, p. 09-21, dez. 2014. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 04 maio 2026.

PIRES, Joyce. Luteranismo de imigração no Brasil: O impacto da liderança feminina no luteranismo de imigração alemã no Brasil: uma diferença positivada pelo feminismo na contemporaneidade. **Sacrilegens**, v. 17, n. 1, p. 91-108, 2020.

PIRES, Joyce Aparecida. Luteranismo gaúcho no sul do Brasil: uma compreensão de gênero a partir da constituição eclesiástica feminina. In: **Anais VII Congresso Internacional em Estudos Culturais: Performatividades de Gênero na Democracia Ameaçada**, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2020. Avieiro, Portugal, 2020.

PIRES, Joyce Aparecida. A liberdade, o gênero e o mal: a reforma da Igreja entre mulheres luteranas. **Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**, julho de 2022.

PIRES, Joyce Aparecida. "**Nunca é feminista o suficiente**": mulheres e feminismos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Tese de Doutorado, UNESP, Departamento de Sociologia e Antropologia, Marília, 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

Portal Luterano. Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

PORTELLA, Rodrigo. Fé, Cultura e Norma Eclesiástica: a gênese da Igreja Luterana no Brasil: organização popular e tutela eclesiástica. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 16, n. 78, p. 593-607, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**: forma e significado na história oral. São Paulo: UNESP, 1997.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE VARGAS METZ, Rogério. A comida como manifestação da cultura quando preparada. **Revista Digital Estudos Históricos**, n. 24, 2020.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, vol. 3, n. 3, p. 125-140, 2008.

RAMBO, Arthur B. Teuto-argentino, teuto-brasileiro, teuto-chileno: identidades em debate. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 31, n. 1, p. 201- 222, 2005.

RANGEL, Ignácio M., “Desenvolvimento e projeto”, **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas (da Universidade de Minas Gerais)**, 1956, ano 5, nº. 9, pp. 65-173.

RANQUETAT JR, Cesar. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. **Revista Sociais e Humanas**, v. 21, n. 1, p. 67-75, 2008.

RATZINGER, Joseph. **Escatologia**: morte e vida eterna. São Paulo: Paulus, 2005.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 26, n. 1, p. 247-260, 2000.

REGIS, Fátima. Memória e esquecimento na Grécia Antiga: da complementaridade à contradição. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 20-24, 1997.

REINHARDT, Juliana Cristina. **Alemães, comida e identidade**: uma tese ilustrada: Volume 1. Máquina de Escrever, Curitiba, 2021.

RELLY, Eduardo. Construindo a “Picada”: colonização florestal, capital social e obrigações comunitárias em Picada Felipe Essig, Travesseiro/RS. **Revista Ágora**. Santa Cruz do Sul, v.20, n. 01, p. 112-123, jan./jun. 2018.

RELLY, Eduardo. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, 2020.

RENK, Valquiria Elita. Educação de imigrantes alemães em Curitiba. **Revista Diálogo Educacional**, v. 5, n. 14, p. 101-111, 2005.

RENK, Valquiria Elita. Escolas de imigrantes: espaço de manutenção da Identidade étnica. **VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas–HISTEDBR**. *Anais Campinas: UNICAMP*, 2012.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?. **Ad Aeternum**, v. 1, p. 68-85, 2020.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIEHEL, Daiana, 2003. Colcha de retalhos: a permanência e a herança da mulher rural do sul do Brasil - 1937 A 1945. São Leopoldo, **X Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades**, 2008.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.

ROCHE, Jean. "A Enxamagem dos Pioneiros" In: **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**, Tradução de Emery Ruas, Prefácio de René Poirier, Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RODRIGUES, Denise S.; FRANÇA, Maria do Perpetuo Socorro. A pesquisa documental sócio-histórica. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**, Belém: EDUEPA, p. 55-74, 2010.

RODRIGUES, Solange do Carmo Vidal. Memória de infância: proibido cantar em alemão, p. 147-157. In: **Memória e Patrimônio: tramas do contemporâneo** / Juliane Conceição Primon Serres, Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (Coord.), Darlan De Mamann Marchi, Eduardo Roberto Jordão Knack, Rita Juliana Soares Poloni (Org.). Porto Alegre: Casalettras, 2019.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 10, 2013.

RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião**: rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul—o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, v. 7, 2001.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, v. 8, n. 1, 2005.

SANTOS, Layse Dayana Lima I. **Histórias de mães, memórias de filhas**: um estudo das intersecções e confluências entre ficção, história e memória em A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. **Psicologia clínica**, v. 23, n. 2, p. 137-149, 2011.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. A esposa de pastor: identidade entre família, profissão e Igreja. **Estudos Teológicos**, v. 35, n. 2, p. 133-145, 1995. p. 134.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 77-87, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero. **Albuquerque (online)**, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021.

SECRETO, Maria Verónica. As Instruções para os Imigrantes no contexto da propaganda da imigração. **Trajeto: Revista de História UFC**. Fortaleza, vol. 3, nº 5, 2004.

SEIDL, Ernesto. Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrante”. **Pensamento Plural**, n. 3, p. 77-104, 2014.

SELBACH, J. F. **Novo Hamburgo 1927-1997**: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade. Porto Alegre: 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SERRA, Antonio Roberto Coelho. **A empresarização do sagrado**: Um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**: ideologia germanista e o grupo étnico teutobrasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1982.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). **Revista de Antropologia**, p. 57-71, 1986.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, v. 5, p. 61-88, 1999.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 42, 1999.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e etnicidade: a mulher imigrante e a simbólica da identidade de grupo, **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos**, realizado nos dias 28, 29 e 30 de agosto de 2006, Florianópolis: UFSC/UDESC, 2006. v. 1.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 13-39, 2012.

SEYFERTH, Giralda. Família, condição feminina e imigração. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10ª edição, 16 a 20 de setembro de 2013.

SILVA, Janine Gomes da et al. **Tensões, trabalho e sociabilidades**: histórias de mulheres em Joinville no século XIX. 1997. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

SILVA, José Adailton Barroso et al. Uma breve história sobre o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 2, n. 3, p. 125-137, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: As perspectivas dos estudos culturais. Vozes, 2014.

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. Funções e transformações da família ao longo da história. **I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**, p. 57-66, 2003.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales**: publicações acadêmicas, v. 1, n. 2, p. 25-25, 2012.

SIQUEIRA, Neusa Valadares; DE SOUZA GONÇALVES, Ailton. O casamento nas constituições de 1824 e 1891, na disputa entre o poder civil e o eclesiástico. **Revista Ciências da Religião-História e Sociedade**, v. 11, n. 2, 2013.

SIQUEIRA, Paulo Sérgio Aparecido. **A Reforma da Igreja na cabeça e nos membros**: uma eclesiologia para o século XXI. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

SOARES, Rosa Helena Garbino et al. **Estudo comparativo entre mulheres idosas ativas e sedentárias na alteração da memória**, UFMA (Universidade Federal do Maranhão), Dissertação de mestrado, 2012.

SOUZA, F. S. **O ensino de discriminações condicionais para idosos com comprometimento cognitivo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

STAROSKI, Vivian. Casamento e Abjuração: tensões entre católicos e luteranos no Alto Vale do Itajaí-Santa Catarina (1940-1950). Associação Nacional de História – **ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História** - 2007.

STROHL, Henri. **O pensamento da Reforma**. São Paulo: Aste, 2004.

TEDESCHI, Losandro Antonio; TEDESCHI, Sirley Lizott. A História das Mulheres (séc. XX-XXI): entre poder, resistência e subjetivação. **Revista Tempo e Argumento**, v. 11, n. 26, p. 508-529, 2019.

TESCHE, Sílvio, **Vestes Litúrgicas**: Elementos de prodigabilidade ou elementos de dominação: as vestes paramentais na Reforma Luterana do século XVI e na Reforma Prussiana do século XIX. Dissertação de mestrado, São Leopoldo, 1992.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História oral**, v. 5, 2002.

TILLICH, Paul. **A Era Protestante**. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 1994.

TINOCO, Edna Lúcia Ponciano; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, v. 8, n. 16, p. 57-80, 2003.

TOFFOLI, Gervásio. Fazendo a festa: as festas religiosas comunitárias no litoral norte no estado do Rio Grande do Sul. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 5, n.5, p 77-104, junho de 2004.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, n. 5, p. 9-28, 2002.

TORNQUIST, Ingrid Margareta. "**Das Hon Ich von Meiner Mama**" Zu Sprache Und Ethischen Konzepten Unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala: Umeå, 1997.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. **Transgeracionalidade/Intergeracionalidade: Holocaustos e dores sociais**. São Paulo: Blucher, 2023.

ULRICH, Claudete Beise. A atuação e participação das mulheres na Reforma Protestante do século XVI. **Estudos de religião**, v. 30, n. 2, p. 71-94, 2016.

VALENÇA, T. D. C.; REIS, L. A. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 97-112, 2015.

VANDERLINDE, Tarcísio. Imigração alemã e campesinato no Sul do Brasil: uma discussão preambular. **Varia Scientia**, v. 5, n. 9, p. 189-201, 2005.

VENDRAME, Maíra Ines. Imigração e gênero: reflexões sobre temas, fontes e métodos nos estudos migratórios femininos. **CLIO: Revista Pesquisa Histórica**, v. 41, n. 1, p. 30-57, 2023.

VERONESE, Marília. Trabalho e desemprego: mulheres na Região do Vale dos Sinos-RS. **Desenvolve: Revista de Gestão do Unilasalle**, Canoas, v. 9, n. 2, 2020.

VOIGT, André Fabiano. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. **Espaço Plural**, v. 9, n. 19, p. 75-81, 2008.

WACHHOLZ, Wilhem, Luterano? Reformado? Unido? Evangélico! Aspectos históricos e teológicos da União Prussiana. In: **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais**; anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterano. São Leopoldo: EST, 2004. WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo v. 49 n. 2 p. 180-206 jul./dez. 2009.

WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 180-206, jul./dez. 2009.

WACHHOLZ, Wilhem, **História e Teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WEDIG, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Dádiva e reciprocidade: rituais religiosos e festivos na vida camponesa. **Anais del IV Congresso Argentino y Latinoamericano de Antropología Rural**. Mar del Prata, 25 al 27 de marzo de 2009.

WERLE, Bibiana. A representação da memória da Campanha de Nacionalização em Estrela - RS. In: **Anais do XI Encontro Estadual de História - História, memória e patrimônio**, 2012, Rio Grande: Anpuh-RS, 2012. p. 526-535.

WHITAKER, D. C. A. Análise de entrevistas em pesquisa com história de vida. **Caderno CERU**, v. 2, n. 11, p. 147-158, 2000.

WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. **Revista USP**, n. 67, p. 68-77, 2005.

WITT, Marcos Antônio et al. Os arranjos matrimoniais como instrumento de inserção e participação social de imigrantes alemães—Rio Grande do Sul—século XIX. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 9, 2013.

WITZEL, Denise. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 525-539, 2014.

WOORTMANN, Ellen F. A árvore da memória. **Anuário Antropológico**, v. 17, n. 1, p. 113-131, 1993.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres**. Colonos do sul e sitiante do Nordeste. Brasília: Hucitec, EDUNB, 1995.

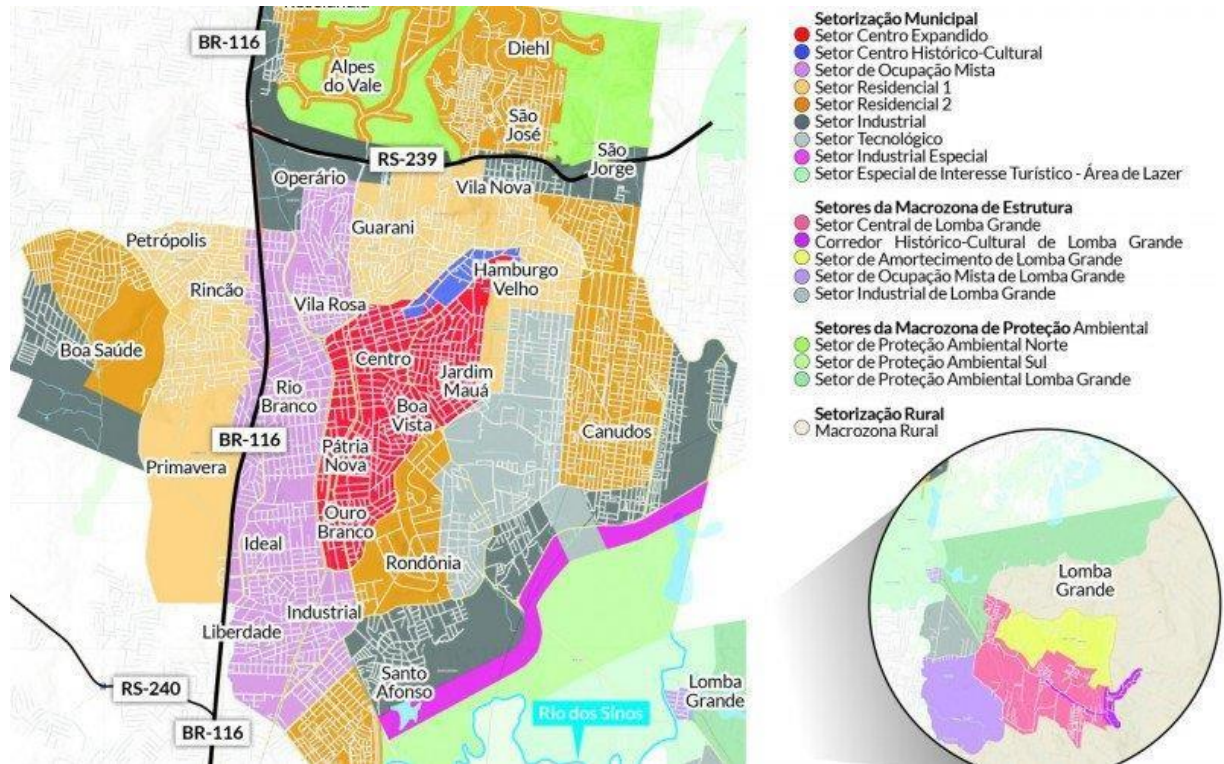
WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Migração, família e conhecimentos tradicionais. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 43, 2014.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pela esperança: repensando o céu, a ressurreição e a missão da Igreja**. Viçosa: Ultimato, 2009.

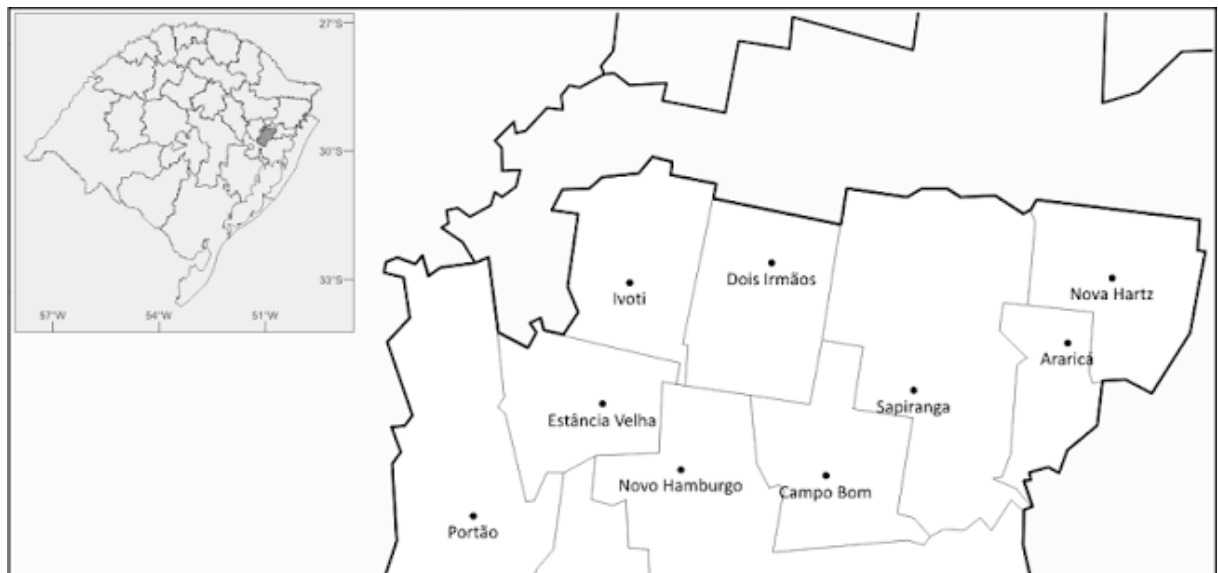
ANEXOS

- Anexo I _____ Mapa de Novo Hamburgo
- Anexo II _____ Mapa da Região do Vale dos Sinos
- Anexo III _____ Mapa da Região Metropolitana de Porto Alegre
- Anexo IV _____ Foto da atual da Unidade Fundação Evangélica (IENH)
- Anexo V _____ Termo/Registro de consentimento livre e esclarecido
- Anexo VI _____ Declaração de compromisso da pesquisa
- Anexo VII _____ Questionário
- Anexo VIII _____ Entrevistas

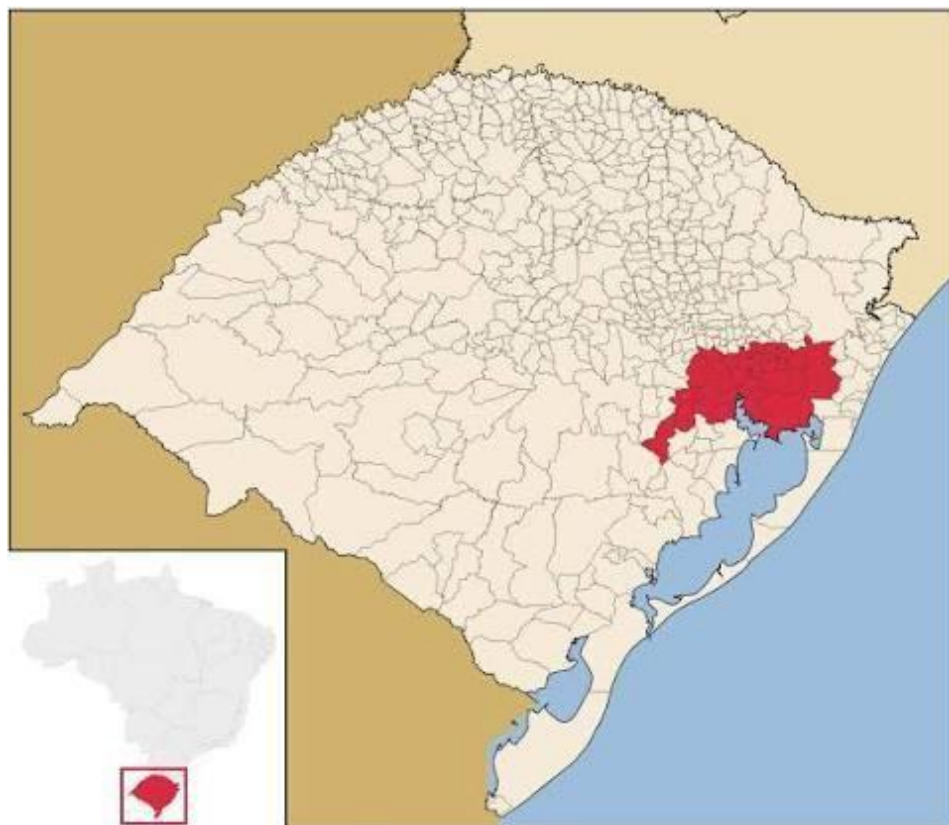
Anexo I Mapa de Novo Hamburgo



Anexo II Mapa da Região do Vale dos Sinos



Anexo III _____ Mapa da Região Metropolitana de
Porto Alegre



Anexo IV _____ Foto da atual da Unidade
Fundação Evangélica (IENH)



Anexo V _____ Termo/Registro de consentimento livre e esclarecido

TERMO/REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Relíquias do tempo: a preservação da identidade alemã através da figura feminina descendente de imigrantes no século XXI num comparativo entre a zona rural de Taquara e a cidade de Novo Hamburgo.

Nome da pessoa pesquisadora: Ana Paula Moutinho Ferraz

Nome da pessoa orientadora: Wilhelm Wachholz

1. **Natureza da pesquisa:** Você está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem por objetivos pesquisar a preservação da memória dos imigrantes alemães através das mulheres e de seus costumes preservados e repassados para os seus descendentes. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV / Artigo 4º e 5º da Resolução 510/2016 - do Conselho Nacional de Saúde.
2. **Participantes da pesquisa:** Serão selecionados para esta pesquisa oito mulheres descendentes de alemães na faixa etária entre 60 e 70 anos que residam na cidade de Novo Hamburgo desde sua juventude.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo você permitirá que a pessoa pesquisadora e aplique um questionário com perguntas sobre a influência da cultura e dos costumes alemães na formação da sua identidade. Você tem liberdade de se recusar a participar e de recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone ou e-mail da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST.
4. **Sobre os questionários:** Você será solicitado/a responder um questionário com 8 perguntas abertas sobre sua vida e a influência da cultura e costumes alemães sobre ela.
5. **Riscos e desconforto:** Você não terá qualquer risco ou desconforto em participar deste estudo, considerando que o interesse principal desta pesquisa é avaliar o quanto a sua origem alemã influenciou e ainda influencia no seu cotidiano. Caso ocorra o risco de algum desconforto frente a responder alguma das perguntas que lhe serão feitas, fica claro que você é livre para não respondê-la, ficando isento/a também de qualquer prejuízo quanto a participação nos atendimentos recebidos). Assim sendo tudo que você considerar será acolhido como benéfico para a constituição da pesquisa de doutoramento sobre a

influência da mulher na preservação da memória dos primeiros imigrantes alemães no sul do Brasil. Fica assegurado que ao participar da pesquisa fica garantido o amparo do que regulamenta a Resolução 466 – IV.3.b e Resolução 510/16, Art. 3º. Assim sendo tudo que você considerar será acolhido como benéfico para a estruturação de propostas futuras mais eficazes.

6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo servirão de base única e exclusivamente para estudo e avaliação sobre a influência da mulher na preservação da memória dos primeiros imigrantes alemães no sul do Brasil. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato, sendo que em nenhum momento sua identidade será divulgada.
7. **Confidencialidade:** A pessoa pesquisadora se responsabiliza eticamente por manter a confidencialidade de todas as informações obtidas e analisadas, em atendimento à todas determinações contidas na Resolução 466/12/ Resolução 510/2016, quanto ao sigilo de informações obtidas envolvendo pessoas participantes de pesquisa. Todos os documentos analisados darão respaldo para a pesquisa a influência da mulher na preservação da memória dos primeiros imigrantes alemães no sul do Brasil, os quais, mantendo anonimato e confidencialidade das pessoas participantes, poderão seus resultados darem subsídios para elaboração uma tese sobre o quanto as mulheres descendentes alemãs contribuíram e ainda contribuem com a preservação da herança de seus antepassados alemães, auxiliando assim na manutenção dos costumes e da memória germânica construída no sul do Brasil desde a vida dos primeiros imigrantes no século XIX. Todos os documentos resultantes desta pesquisa serão mantidos pelo prazo de 5 anos sob a guarda da pessoa pesquisadora.
8. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a relevância da mulher descendente de alemães na preservação da memória dos costumes e da cultura de seus antepassados. A pessoa pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos junto às pessoas participantes.
9. **Pagamento:** Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Informações:

Pessoa pesquisadora: e-mail anamferraz@gmail.com e telefone. (51)993545222

CONEP: A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - **CONEP**- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Fone: (61) 3315-5877, e-mail: conep@saude.gov.br

CEP: O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Nome, telefone e e-mail de um membro do CEP da EST: Luciana Oliveira de Azevedo (51) 21111465 - E-mail: cep@est.edu.br

Anexo VI _____ _Declaração de
compromisso da pesquisa

DECLARAÇÃO

Eu, **Ana Paula Moutinho Ferraz.**, em atendimento à NORMA OPERACIONAL Nº 001/2013, item 3 - 3.3.c e d, comprometo-me a anexar os resultados da pesquisa intitulada: **Relíquias do tempo: a preservação da identidade alemã através da figura feminina descendente de imigrantes no século XXI num comparativo entre a zona rural de Taquara e a cidade de Novo Hamburgo**, na Plataforma Brasil, através do Relatório Final de Pesquisa e também comprometo-me na garantia do sigilo sobre a identidade de pessoas participantes do estudo e ainda na garantia de que os benefícios resultantes da pesquisa sejam compartilhados e retornem aos participantes do estudo através de reuniões e encontros de grupo o acesso aos procedimentos adotados, também serão compartilhados com as participantes.

São Leopoldo (RS), 15 de novembro de 2024.

Ana Paula Moutinho Ferraz

Pesquisador/a – CPF 807391640-15

QUESTIONÁRIO

Título da Pesquisa: Relíquias do tempo: a preservação da identidade alemã através da figura feminina descendente de imigrantes no século XXI num comparativo entre a zona rural de Taquara e a cidade de Novo Hamburgo.

Nome da Pessoa Pesquisadora: Ana Paula Moutinho Ferraz

Nome da pessoa Orientadora: Wilhelm Wachholz

Você está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem por objetivos resgatar e perpetuar a herança germânica no sul do Brasil afim de contribuir com a memória e a história da nossa região do Vale do Sinos.

Solicitamos que dedique um pequeno momento para responder o questionário abaixo, sendo que você está livre para responder ou não alguma questão da qual não se sinta seguro sobre sua resposta. Este questionário será realizado através de entrevista gravada, após a entrevista será transcrita e partes dela utilizada no projeto de pesquisa de doutoramento sobre a importância da mulher alemã para preservação da história e da memória.

Caso encontre dúvidas sobre as perguntas você pode contatar diretamente com a pessoa pesquisadora acima identificada.

Sua identidade será preservada e por essa razão lhe será atribuído o número código:

Desde já agradecemos sua colaboração!

Perguntas abertas:

- 1- Você nasceu em Novo Hamburgo ou em outra cidade?
- 2- Se a resposta for negativa, a quanto tempo mora em Novo Hamburgo?
- 3- Relate um pouco sobre a sua infância e sua família.
- 4- Quais ensinamentos e memórias aprendidos com as mulheres de sua família você manteve?
- 5- Que costumes que acredita que vieram dos antepassados vindos na Alemanha?
- 6- Sua religião ou religiosidade teve alguma influência da sua família? Qual?
- 7- Você acredita que a vida e a sociedade hamburguense mudou muito durante os últimos anos? De que maneira?
- 8- Qual legado/contribuição você acredita que deixou para seus descendentes e que tenham alguma relação com o que você aprendeu com seus familiares?

Local e data: _____

ENTREVISTAS DO DOUTORADO: FRAGMENTOS DO TEMPO

Categorias:

Trabalho
 Descendência
 Religiosidade
 Gênero
 Urbanização
 Memória

15 de maio de 2025

Dona I.L. 79 anos
 Ensino Superior
 Professora
 Hamburgo Velho
 Entrevista realizada nas dependências da IENH

Eu vou deixar. Quer que eu fecha?

Pode deixar aberto, não tem problema. Só se ficar muito frio, tá? Aí, daí a gente fecha.

Sim, sim.

Senão a gente não

tá bom. Isso aqui tá bonito agora.

Tá legal, né? Eu tava falando para mim, nossa, como ficou bonito isso que tá ficando, né? Porque ainda não tá bem pronto, mas tá tá tá ficando legal.

Tá ficando legal. O espaço é legal, né? Ficou um espaço legal. Estão reformando. Tá ficando legal.

Bom, então, como eu te disse, tu tinha que ser a primeira pessoa, tá?

Por favor.

Quem me falou também quando eu fui procurar o grupo, foi a Isabel. A Isabel disse: "Tu precisa entrevistar a Ida, foi a primeira pessoa que ela me disse, tu precisa.

" Eu já dei um show, tu viu show que eu dei lá?

Eu acho que eu não tava ainda, não tinha chegado agora não. Mas não, agora não.

Ah, não sei que que falaram de fazer Hello Kitty, não sei quê, tecido branco, não sei como é que foi a história. Aí a coisa disse que a neta dela disse que não pode falar porque tem que ser preto, branco, tudo junto, não sei que se começar com essa sacanagem aqui, tchau pra você, já tô indo. Eu aí eu tava assim, eu foi antes de ir. Ah, eu disse, não, vou parar, vou parar. Que é isso? Então, deixa nós temos inclusive Amém.

Sim, com certeza. Com certeza. Uhum.

Né? Que eu agora, ela disse assim: "Olha, aqui, lembra disso? Foi tu que me deu isso. Era da minha filha. E eu perguntei para ela se ela queria."

Uhum.

Porque ela é gordinha, grande igual a Isabel.

Uhum.

A Eu disse, eu perguntei para Isabel me eu disse para que tu aceita sabe alguma coisa que a não queira mais usar que ela já encheu, se encheu de usar quando aparecer não sirva mais. Ai eu quero, eu quero. Por que não, né? E ela é um amor, né? Não é porque é um amor. E eu pergunto não, mas isso também faz parte, tá? Essas conversas aqui.

Ã, então assim, Ida, tu nasceu aqui em Novo Hamburgo?

Nasci aqui em Novo Hamburgo, no Hospital Regina.

No Hospital Regina.

No hospital Regina.

Que idade tu tem ainda?

Eu tenho 80.

80 anos.

Fiz agora em outubro do ano passado.

Eu vou anotando, mas vai tá ali, tá? É só para eu não esquecer, porque senão eu vou escrever para não esquecer.

Não, mas eu tu anota onde tu quiser.

Então fala um pouco para mim de como foi aqui na na cidade onde tu nasceu a tua infância como era tua família?

Bom, eu era eu era filha única e neta única de avós e pais, obviamente, que eu conheci vivos. Os outros avós eu não conheci, só conheci os avós maternos. Os avós paternos eu não conhecia, então eu não posso ter nenhuma referência.

Uhum. né? Agora dos meus meus avós maternos, eu tenho ótimas referências e tenho referências que quem curtiu muito, eles também foram as minhas filhas.

Ai que bom.

As netas curtiam.

Lembro que meu avô, ele morava as duas moravam as duas casas, eram as duas casas, uma do lado da outra. E ele vinha do trabalho, ele entrava no portão na nossa casa e quando e eu ti tava num nos antigos chiqueirinho.

Uhum.

Aqueles. Então, quando ele passava no na área que ele sabia que eu tava lá e era na hora do meio-dia e ele não queria que ele fosse para ele não ser vista, ele se abaixava, ia bem por baixo para ir para casa, para eu não vê-lo, senão chamava, chorava.

Senão eu chorava e chamava. Eu me criei muito bem aqui em Novo Hamburgo, sabe? Eu eu para dizer assim de infância, eu até nem sei, não me lembro muita coisa. Eu me lembro que eu eu, por exemplo, estudei aqui na Fundação, quando eu fui, meu pai me trazia quando nós compramos um carro, nós não tínhamos carros sempre, mas quando ele teve carros, ele em dia de chuva me trazia aqui. Sim.

E me buscava em dia de chuva e os colegas que moravam na redondeza, então nós fazíamos uma votação, né? aqui perto, não,

Eu morava perto da antiga prefeitura.

Uhum. Uhum. Bem ali no centro, né?

Bem ali no centro. É. E eu vinha muito de ônibus porque vinha o ônibus da da pra Fundação, né? E deixa eu ver que que mais da tua pergunta minha da minha infância. Bom, da minha infância, né? Foi essa a pergunta que isso aí. Infância, as lembranças que tem da tua infância. Eu tinha, eu tinha amigos na redor que eu que eu logo vim pro jardim de infância, que era ali onde é o Pindorama, aquele pré era lá embaixo no Pindorama. Quando a gente desce a rua daí, tu deve saber onde é que era, onde era o jardim de infância.

Aquela pra gente desce aquela rua lá era o jardim de infância.

Uhum.

E eu me lembro que era dona Marion, era professora do jardim de infância e ela fazia a cola para nós e ela fazia normalmente a cola assim. Não sei que dia da semana, mas ela fazia para vários dias. Então nós trabalhávamos muito com cola, com cola que tava mais do que azeda, aquelas tipo gomas de aquela goma tudo com com água e e farinha acho que não. Não é é farinha. Farinha.

Dava um uma meleca e aquilo tu tinha que usar. Nós usávamos no jardim de infância, né? Depois eu tinha muitas amizades. Eu sei que quando era meu aniversário sempre era uma uma com discussão que eu tinha que levar. Eu queria sempre eh convidar toda a classe e aí de vez em quando tinha que era travada por aí, né? E uma das coisas que eu me lembro da minha infância muito é da flor de maracujá, porque a minha mãe fazia, ela tinha umas panelinhas, nessas panelinhas ela faz, derretia cera, cera de vela. E quando tava quase bom, quase seco, ela punha uma vela pequena e ela fazia para mim, ela pegava um pirex, se eu me lembro, depois até já com 12, 13, já não era mais tanta infância, né?

Já era adolescência, ela botava uma uma forma de pirex assim emborcada, botava outra forma de pirex em cima. onde ela largava as flores de maracujá e as e as panelinha com vela com o número de de de idade que eu tava completando, amor.

Tá? E sempre tinha uma vela maior que era a vela da vida. E em volta ela botava uns verdes que ela colhia no dia para não ficar murcho até de tarde quando vinham as amigas, né? Uhum.

Quer dizer, esse era o bolo que a gente tinha,

né?

Uhum.

E fora disso, Posso te dizer que eu tive uma infância feliz com adolescência, daí depois eu também eu tive, eu estudei aqui na fundação, né? E que que eu queria dizer? Mas agora me faltou, me fugiu. Não te preocupa, daqui a pouco vem.

Ela me fugiu, mas assim eu vim a deixa eu ver uma coisa assim mais, deixa eu me lembrar de mais coisa que eu que eu de repente já bom adolescente

na época só tinha meninas estudando na época que

Sim, eu ainda peguei logo depois de mim veio os o ser misto. Eu já peguei só, eu ainda peguei a fundação só de feminino, alunos femininos, femininas

e daí uniforme e tal pra semana da pátria, tudo

era bem rigoroso também, né?

Era bem rigoroso. Me lembro, nós tínhamos e eu eu participei de muito muita música, muito porque Novo Hamburgo, na realidade não tinha, no início tinha salão, por exemplo, a ginástica tinha salão, a aliança tinha um salão, atiradores tinha salão, mas a base da música foi aqui para mim, foi aqui na fundação, porque os vários vários artistas de renome internacional se apresentaram aqui na fundação e esses concertos eu vinha com meus pais desde a adolescência. Então eu me lembro muito bem da família Trap, que é a família da da da sei lá como é que era o nome, né? Bom, mas a família Trap legítima teve aqui.

Sim. Famosa.

Famosa e legítima. Isso. Muita até eu acho que deveria ser um dia colocado pros alunos. Os pros professores, porque todo mundo deve ter ouvido falar dito da noviça Rebelde.

Uhum. Uhum.

O filme é, né? E isso eu acho que é uma questão cultural de saber nesse prédio, nesse lugar esteve teve outros, vamos pesquisar que teve outros.

Sim, sim. Mas esse é muito importante.

Mas esse até hoje tem gente que não conhece, mas tem gente que ama a a noviça Rebelde, né? E isso, isso eu me lembro direitinho. Eu vinha nos concertos, a gente se arrumava e tal, pá, pá, meus pais, então tinha um carro já naquela época, então a gente podia vir de carro, podia vir de noite, né? À noite nos concertos. Isso eu me lembro. Isso foi bem da minha da minha juventude, mais ou menos como criança também, como adolescente.

Sim. Aí tu estudou aqui, tu te formou?

Estudei aqui, me formei aqui, depois Eu fui, fui, fiz o segundo grau, eu fiz no ensino, fiz o contador no colégio São Jacó.

Uhum.

Naquela, naquela, quando sobes ali tem uma casinha ali. Uhum. Eu sei.

Ali era Ali era o contador.

Uhum.

E eu me lembro de sentar eu para pagar no último banco, quando eu tava no terceiro ano, só com os guri, porque eu sempre, eu tinha seis ou sete colegas, mas elas eram de cabeça muito plástica. Elas eram muito, muito pateta, muito, muito, como é que eu vou dizer? Muito assim, gelas assim. Ah, tudo a elas não elas, elas não tinham cabeça, não tinham uma cabeça aberta. Eu sei que nós tínhamos um professor famoso, padre Nilo Nilo, que todo mundo deve conhecer aqui no Bamburilo, foi meu professor.

Ele dizia nome na sala de aula que foi uma barbaridade. E um dia as guri ah porque vamos falar com o diretor. Não, não, não, não. Diretor não vou com o diretor. Ninguém dela assim, todo mundo reclamava, mas nenhuma delas queria ir junto. Aí eu peguei uns dois ou três colega, mas eu digo, vocês vão fazer juntos, vocês vão comigo que eu preciso falar com o diretor. Esse troço assim não pode dar gurizada. As gurias estão cheia das nove e o irmão Nilo vai ter que dar um jeito na vida de mudar esse vocabulário dele. Um dia desses eu fomos foi sótem elas também não só eu. Só tu de guria.

Só eu de guria. Os resto foram três ou quatro colegas meus. Chegando lá depois de uns não bem uma semana o padre Nino veio. Sim. Foste falar com o diretor, né? Claro. Quando a gente tem um professor mal educado, eu já continuei, né? Daí eu já disse para ele, já dei o recado para ele. Sempre fui assim.

Uhum. E diz o senhor, né? Faz favor, senhor, o senhor tenha um pouco mais de respeito à meninas e mais naquela época ainda era te perguntar como é que era naquela época. Era bem mais o pessoal era mais cheio das nove, né? Tu vê que as gurias não iam,

né? E tal. Tá. Então diz ele para tu me perdo para eu te perdoar tu vai ter que me trazer um balde esmaltado. Tá bom. Esse não é meu problema. Esse eu sei que isso não é teu. problema. Pois é, por isso que eu vou te trazer. Essa altura ele já era tu, né? O senhor, sei lá, como é que a gente dizia?

Pra nós tínhamos a fábrica de louça esmaltada na frente do santa, a CSA.

Uhum. Uhum.

Aquilo era do meus meu pai trabalhava lá, né? Então para ele, ele vinha lá, ele o pessoal conhecia porque ele tinha o nome, o irmão Nilo tinha um negócio, as pescaria e não sei que mais e e e caça, essas coisas erradas. Daí ele precisava um balde. para certo cozinhar, sei lá o que queria. Daí eu levei o balde para ele.

Eu disse quando eu cheguei lá, para que que esse balde pro irmão, pro irmão Nilo? Porque eu digo: "Sim, porque assim, assim, assim". Daí eu contei pro resto dos colegas. Essa altura eu sempre fui muito muito como é que eu vou dizer? Sou meia boca grande.

É de resolver as coisas, como acabei, como eu acabei de falar, mas é de resolver as coisas.

Bom, eu enchi o saco do Seno por causa do banheiro. Tem que encher mesmo, senão não sai. Tu tá com frio aí. Daí eu fecho a porta.

Não, tô com frio. Tá pingando mesmo.

Ah, tá. Tá.

Eu disse não, eu disse para você um dia eu disse, por favor, eu vou falar muito sério pro senhor. Nós estamos lá com um monte de mulheres, quase de meninas. Nós temos pessoas de mal idade. Eu não tinha nada no perno, não tinha nada. Nós temos senhoras de mais idade, bem mais idade que a minha, com dificuldade. Não tem um banheiro lá em cima. É, é, é. É, é, é, né? É, né? É uma falta. Sim, sim, sim, sim.

Mas foi, foi, foi. Tá vendo?

Tá saindo do banheiro.

Mas tá saindo banheiro.

Tem que ver quem vai inaugurar o banheiro, tem que convidar ele para inaugurar, cortar a fita do banheiro. Já imaginou?

Já. Olha, isso ia ser uma piada.

Ia ser mesmo. E aí, tu te formou então lá no São Jacó?

No São Jacó. Daí eu fui para unico.

Uhum. Fazer o quê? lindas assim. Eu queria fazer história.

Uhum.

Tá. E eu quando saí daqui, eu tava, eu essa altura do campeonato, eu já estava sendo, eu já era professora.

Hum.

Já tinha, eu já tava no segundo ano eu já tava. E aí eu fui convidada assim, convidada pelo Sarlet louco, naquele mulher que eu já disse tanto que morreu já. Mas eu

Sim, sim. Na escola ela também deu muita palavra, eu disse para ele que muita coisa dele diz de mim, né? Principalmente quando foi uma questão de amizades mais adiante.

Bom, e aí eu eu fiquei aqui, fiquei no no no no cin no na UNISINOS. Aí eu já estava lecionando aqui alemão. Eu fiz no fim línguas porque eu fiz eh né?

Vou fechar a porta. Tá no barulho. Meu Deus. A gente sai de um barulho e vem para outro.

Nós estão botando sim.

É. Vamos inaugurar o banheiro para nós.

Acho que depois da depois de julho se quer para

Opa, mas tá ligeiro. Então depois das férias quer para tá pronto avisa a Isabela. Uhu.

Oh. Podemos tomar um chopp

dentro do e chamar o diretor.

Podemos chamar o diretor. Olha, o senhor vai ser o primeiro a puxar cara. O senhor vai, né? Porque a inauguração é sua, o senhor puxar escadinha.

Claro, o senhor é responsável pela obra, então, né?

É bom. Eh, eu eu fui ai deixa eu agora não, me esculhambei aqui, né?

Não, também tudo o barulho é tudo quanta coisa.

Eu estava não. Daí naquela ocasião como eu tava prof, sendo professora. Um dia o Sarlet passou para mim, tu vai levar junto com Melo a turma para Alemanha? Não, eu não vou levar assim. O senhor vai me fazer um convite oficial e direito, não de corredor. Porque levar uma turma pra Europa não é assim. Com 20 e tantos adolescentes, eles tinham o quê? 18, 19 e Era novinha também, né?

Eu era nova também.

Não tinha nem te formado

não. Não tinha me formado. Já tinha minhas filhas, mas não tinha me formado.

Que eu sou jovem. Então eu casei com 20 20 casei. É. Ah, eu já não me lembro mais.

Mas depois dos 20.

Depois dos 20.

Uhum.

É, eu já fiz 50 e tantos anos de casado, né? Já foi mais de 50.

Aham.

E por sinal eu tenho que revisar isso que eu já não me lembro mais. Eu tinha duas filhas e eu disse: "Não, agora é convite de corredor assim no grito, tu vai paraa Alemanha". Aí depois ele veio e e aí nós convidou. Aí nós convidou aí o professor Melo.

Uhum.

Professor Melo tinha ido um ano antes com a esposa

Uhum.

E aí nessa segunda turma ficou então o Melo e eu, que eu falava alemão, eu era de alemão aqui e tal e aí foi que eu fui pra Europa com a turma da da da, eu era cedida naquela época pelo estado.

Ah, era professora do estado?

Eu era professora de estado e fui cedida para alemão aqui na fundação.

Depois os contratos foram foram dissolvidos porque no estado não tinha mais alemão. Caiu fora. Eu era professora no 25 de julho, provavelmente, né? É isso. Tu sabe me dizer isso, mas provavelmente é porque depois aqui nessa região a questão de ter o alemão na escola estadual não tinha mais porquê, né?

Não sei, não sei por que eles tinham,

mas eu acho que provavelmente é isso. Que as escolas...hã...de confissão luterana permaneciam é nossa escola. Então e o nosso diretor na época foi o professor Fernando Killing, que era o diretor do 25, não bateu o pé. Se ele tivesse batido o pé, que nós tínhamos assim, inclusive e três grupos de alemão, porque nós tínhamos o grupo que não sabia nada, nós tínhamos o grupo que sabia alguma coisa, que conhecia pela avó pela e tinha um grupo, né, dois grupos, desculpa, eram dois grupos, uns que não sabiam, não tinham noção nenhuma e aqueles que tinham alguma noção de casa, né, que a mãe, a avó, a tia, bisavó, enfim, falavam alemão de casa, então ali era mais fácil a gente trabalhar com eles, né?

E o teu alemão veio de casa?

O meu alemão foi de casa. Eu fui falar, aprender português quando eu fui pro jardim de infância, que era em português. E aí ali eu comecei a a falar, alemão, e fiz uma grande burrada. Não, não ensinei minhas filhas.

Minha sogra sempre fala isso.

Eu não ensinei minhas filhas eaAí foi o negócio do da escola de de eu ir trabalhar e precisar alguém para cuidar da casa. E essas meninas não falavam alemão. Então eu acabei, eu podia, eu devia e meus, meu marido não falava alemão, apesar de que o avô dele era alemão. Quer dizer, ele era muito mais próximo.

Uhum.

Né? E avó, por parte de mãe, também era alemã.

Uhum.

Alemã não, mas que sa sabia falar alemão, mas a minha sogra dizia que ela não sabia falar, ela tinha era vergonha. Daí as crianças, porque muito elas ficavam com ela, com a minha sogra, ela morava em frente à nossa casa.

Então as crianças ficavam muito com ela e ela não podia ter falado alemão com as crianças. Meu marido sempre dizia: "Eu nunca proibi alguém de falar alemão aqui. Nem a avó, nem a bisa, nem o biso, nem a avó, nem o vô". Não dei essa culpa para mim, porque eu nunca nunca pedi que não fizessem isso. Aí foi um um lapso meu também. Vou um dia as minhas filhas Adriana, essa que vem me buscar, elas foram lá querer assistir minha aula e ela começou a dar risada, né? Tu vai ficar em casa? Não vou, mas tu não vai mais.

Que nada tava no segundo, tava no na época ginásio, ginásial, né?

Aquilo Já era. Não, já é acho que era ginásio. Eu acho que sim. Não sei. O tempo passa tanto e passa e muda as coisas tudo, né?

Ah,

muito ligeiro.

Muito dinheiro.

Aí eu teve um período antes de de lecionar que eu trabalhei aqui na secretaria, eu estudava de noite, trabalhava de dia, aí eu era solteira ainda. Aí, eu não vou contar uma coisa bem feia. Meu marido foi pro Japão. Ele ganhou uma bolsa de estudos. através da escola de curtimento por 7 meses. Ele foi pro Japão e eu fiquei. Mas eu cheguei aqui e disse: "Olha, em julho depois vai ia passar um tempo, eu vou pro Japão".

Uhum.

Eu vou lá na no final do curso do meu marido, eu vou, nós ainda vamos ficar uns dias, depois nós vamos pro Haváí e depois nós voltamos para cá.

Uhum.

Tudo bem. Um belo dia, na sala dos professores, sabe onde é que ela era? Aqui neste o elevador.

Uhum.

Aquela sala antes de chegar na porta, aquela à direita. Se tu desce o elevador ali à direita, porque a secretaria a, a entrada era sempre na frente, continua sendo. E logo depois vinha a secretaria e a sala dos professores um tempo.

Uhum.

E e aí eu só lembro sei que fala assim: "Ah, alguém comentou que eu ia pro Japão.

Ah, ele tá lá usufruindo as japonesas. Ai que ótimo.

Fazendo coisas assim. Digo, Sarlet, sabe de uma coisa? Eu acho que ele faz bem e eu fico bem feliz que quanto mais usa melhor fica.

E ele ficou doido, certo? Não, virou as costas e foi embora. A turma bateu palma. Se era coisa de dizer na frente de todos os colegas. Daí cortei os dele.

Aí parou, parou, parou bonitinho, né? E depois nós fomos, depois nós fomos para Cuba juntos. Nós tinha um um seminário em Cuba, em Cuba e o Sarlet e a Érica também foram.

Uhum.

E daí, né, sem que nessa.

E depois um outro quando o o Alexandre era diretor, Alexandre que daí tinha umas confusões meio não era uns rolo que tinha aí no meio. E mas aí depois ele aí ele resolveu. Fizeram ,fizeram uma amizade comigo, me levaram de quase de bandeja, ele e a Érica. Aí nós tivemos junto em Cuba. Isso foi uma experiência bem legal também. Fomos para um seminário que acabou foi ele foi marcado antes da queda do muro. Então, quando nós estivemos em Cuba, nós tivemos aula e quando tinha aula era tão alto que tu não ouvia outra, era música. O problema é que nós não deveríamos conversar com os cubanos.

Hum.

Eles não queriam que nós conversasse com os cubanos.

Bom, no fim nós nós tinha um tinha dois grandes eventos que um era na ex na na na ah no que tem o chefe comendo no Ah, o chefe de bom, enfim, a chefia, vamos dizer.

Uhum.

Eh, político, né, que era que que era era responsável pela Alemanha Oriental e a outra parte era da Alemanha Ocidental.

Uhum.

E aí nós tivemos um evento, um jantar da parte oriental e os cara tudo eles tinham uma roupa assim, tipo a propaganda na época do da campanha do Jânio Quadros, aqueles , assim que eles tinham lá no Japão, no em Cuba.

E aí eu me lembro de um colega que disse assim: "Banda, como que é diferente, né? Olha só, a gente tem vinhos importados. Isso aqui importado, não sei que foi importado." Digo, desculpe. Eu recente conheci. Tu é de São Paulo. Tu por acaso tem Tu vive em que país? Que que tu acha? Qual é a política de um país que é comunista? Mas os chefes jamais terão terão a a qualidade de de serem comunistas. Eles eles têm do bom e do melhor. A embaixada.

A embaixada.

A embaixada. Onda que eu o troço mais veio, veio, veio. E aí nós somos embaixada da Alemanha ocidental com toda pompa e circunstância também.

Uhum.

Aí o embaixador uma hora veio nos perguntar, escuta, ainda tem papel higiênico no banheiro? Eu digo: "Não, ainda tem não, porque isso que estavam lá só os altos professores, a alta cúpula na Alemanha ocidental também.

Eles simplesmente roubavam, levavam junto, porque eles não tinham eles." Eu levei, eu levei um vidro de Nescafé, eles pediram por amor de Deus, se eu pudesse deixar o vidro café lá com isso é outra história.

Sim, sim. Não, mas isso já ajuda bastante.

Mas foi bem ,bem, bem diferente o que é um país comunista e o que, que ,por isso que quando falam em coisa, eu abro o meu bocão, eu digo: "Por que que vocês já não pegaram a mala e foram para lá? Vão para lá, vão que vocês vão ver o que que é bom". E eu tive, quando eu tive na Alemanha, isso era década de de 70, 80, a queda do mundo. 89. Eu tive antes disso

aí eu fui depois quando eu depois que eu fui para Alemanha, porque eu fui pra Alemanha Oriental na época que eu fui, ainda quando era eu atravesssei pelo Charles Charlin, não é Charlin Chaplin é ah é a passagem que hoje ainda quando tu vai pra Alemanha que tá aberta, que que mostra a passagem que tu tinha em Berlim, né?

Uhum.

E E aí também eh, ali eu fui para Berlim, fiquei, tive que para a Alemanha Oriental, fiz um passaporte, fiz uma run fat, que eles chamam em alemão, não sei como é que é em português que se diria uma uma um passeio circular, circular pela cidade.

Quando chegou na na Alemanha Ocidental, na divisa da cidade da ocidental com a oriental, o motorista do ônibus teve que desembarcar. Ele não foi para a Alemanha Oriental, ele teve que dar pro colega da Alemanha Oriental. E daí eles nos mostraram as maravilhas.

Uhum.

Tá. Depois agora quando eu fui a última vez, que agora já fazem acho que uns 5 anos, nem sei mais já me perdi na história. Depois eu me dei conta quando eu cheguei em casa, que naquela estação de metrô foi quando eu que eu desembarquei lá naquela outra vez. que era bem perto do portal de Brandemburgo. Fui lá, eu fui fui naquela estação, nós atravessamos a pé aquilo digo, nós fomos num teatro que tinha logo além, mas como tu era burra que tu não te lembrou naquela época, porque eu já não faço mais foto.

Uhum.

Assim de passeio eventualmente. Sim, mas eu chegar e clic clique clic

Uhum.

Já deu.

Eu digo que já vi, já vi. O que já deu, já deu.

Uhum.

Quero passear. Eu quero tá pronta ,que eu preciso passear.

Sim, é bom.

Eu quero passear porque meu passei agora é na base do navio.

Só no navio.

Só no. Eu fiz três travessias.

Ai, que legal.

Já fiz três com o meu marido.

Ah, que legal.

Foi muito bom. A na uma das últimas coisas que ele falou assim na ter na segunda-feira e ele faleceu na madrugada de terça para quarta. Bá, mãe, lembra que a gente viajou para ali para cá? Nós estamos tempo com conversando. Pena que nós não viajamos mais. Digo, pai, nós não tínhamos condições antes.

Mas o que nós viajamos foi ótimo. Nós fomos três vezes pra Europa e voltamos de navio da Europa.

Eu disse para ele, não, isso é uma bênção que a gente teve. Foi uma bênção,

né? Não viajei depois com minhas filhas, né? E pretendo viajar de novo. Se Deus quiser, eu pego a minha filha, aluguei minha casa.

Aleluia. Consegui. Ah, assim para ganhar o primeiro, primeira partezinha desta aluguel em dezembro.

Mas tá alugado.

Tá alugado. Já vai render para ti alguma coisa na e render. Eu quero dar pras gurias também, né? Bom, que que mais?

Deixa eu ver aqui contigo.

Mas assim, é essa é a ideia, tá? É, é escutar, é te ouvir. Então, são todas as experiências tuas de vida, porque é isso que serve pra gente. É. E aí,

aí tem aqui, ó, o que que tu lembra e quando criança, jovem da principalmente da tua mãe, que foi quem que tu conviveu mais, tá? Tua mãe e tua avó.

Minha mãe e minhas meus avós que moravam do lado dela, Isso das, das mulheres, da tua família, principalmente. O que que tu lembra? O que que elas te ensinaram que tu leva até hoje ou que tu lembra até hoje?

A minha mãe, a a minha mãe era extremamente organizada. Eu me lembro das costuras dela, que ela costurava toda a minha roupa. Ela misturava coisas pro meu pai.

Eu me lembro que meu pai transpirava muito e aí ele tinha as calças dele molhadas de suor. Daí a minha mãe fazia um cerolão até aqui assim, ó, de um tecido mais grosso pr para absorver o suor, para não estragar o tecido das calças. Uhum.

E eu me lembro lá no quartinho lá costurando e eu tirei a máquina dela de costura do baú que tá comigo.

Tá funcionando. Quem veio lá me dar umas aulas foi a Cláudia.

Sério?

A Cláudia. Sim, ela já disse, agora mais um mês eu tô boa de novo. Digo daí quem tem que tá boa sou eu.

Mas daqui a pouco vai ficar.

Fiz um lençol já.

Já levei lá pra praia. Ele dá duas voltas no colchão. Mas mas tá bom. Já já tá lá.

Tá lá. Tá lá. E fiz umas fronhas para levar lá pra comunidade. Só que eu não levei ainda. Mas qualquer hora eu vou levar pras crianças.

Daí tu aprendeu então costurar ou não? Não, não, mas vi ela costurando. Ela sempre tinha problema. Ela tinha pela, ela tinha muito problema com as pernas, então ela não passeava, não saía muito.

Uhum. E essa coisa do do tricô, do crochê, onde é que tu aprendeu isso?

Com minha avó.

Hum.

Com minha avó. Quando eu fiz 6 anos, eu aprendi a fazer tricô.

Uhum.

E o crochê veio depois automático. Eu fui fazendo e fui indo e assim foi uma coisa que Uma coisa entrou na na outra assim, sabe? Não teve um um tempo específico assim, uma hora específica. Foi indo. Foi acontecendo. Foi sim. Eu tinha lá em casa era eu a minha mãe sempre foi muito organizada e ela adorava. Isso é uma das coisas que eu sinto falta, ela era, eu me lembro assim como se fosse hoje a a Madalena que foi professora aqui na fundação, é prima minha, Madalena, quando ela casou Foi um casamento assim enorme e isso era da minha adolescência, não tinha sido confirmada ainda.

Uhum.

Para te dizer, entre aspas, eu ganhei, eu já tinha comprado uma, o meu avô já tinha me comprado um, um relógio e um e meu pai tinham comprado um anelzinho para eu ganhar de confirmação.

O casamento da Madalena foi em maio e a confirmação era em novembro. Eu pude usar [relógio, anel] no casamento, porque era o casamento, era o casamento com minha, minha pulseirinha, o meu relóginho de ouro pequenininho, não era um cebolão, era umas coisas pequeninha. E meu anel eu podia usar, era um anel de pérola.

Pude usar para ir no casamento.

Sim, porque tinha que tá chique, né? E

eu me lembro que eu tinha um vestido de broderie azul claro. Isso eu me lembro, como, como sempre. Depois a minha mãe utilizou para confirmação. Depois da confirmação. né? E aí eu tinha, ficou frio, maio deu um frioão e o casaco e o vestido era de manga curta, era de verão, né? Porque maio. Sim. Aham.

Eu me lembro tinha uma loja Lisão Modas que era mais ou menos na frente do tio Patinhas, um pouquinho mais para baixo, vou do outro lado.

Uhum.

Era a Lisão Modas, era a loja da cidade, a Boutique.

Só sei que a dali já ganhou um casacão da "Modes" [loja] foi o único lugar que se achou um casacão.

Ainda mais um casaco. Tinha que ser bonito, né?

Tinha que ser bonito. Eu me lembro. Ele era azul, um tom de azul cinza azulado.

E aqui tinha dois detalhes em couro nos bolsos, bem discreto em marrom assim. E aí eu já tinha o sapato da confirmação e as meia da confirmação.

Aí foi tudo. O look já tava pronto.

O look já tava imagina. Imagina.

Pronto. E assim, ó. Eu tava vendo. Tu falou que faz com afirmação. Então, tu é luterana?

Evangélica luterana da nós somos de casa também.

De casa também, sim. Aham. Meus pais, meus meus avós eram

Uhum.

De casa já. Meus pais também.

E o teu esposo também?

Meu esposo também.

Uhum.

E nós temos a igreja Evangelho de Confissão. Essa nossa igreja que nós participamos aqui da comunidade Hamburgo Velho.

Uhum.

Essa da igreja do relógio Santinho.

Ah, sim.

É. E da minha mãe e da minha avó, eu me lembro. Assim, elas eram, há um detalhe.

Uhum.

Elas eram rígidas, né? Quando eu fiz 15 anos, o meu avô sem ele antes, sempre eu me lembro, ele ganhava de presente. Os presentes meus do meu avô era uma e tinha o Natal e o aniversário dele era 4 de março, então dava assim muito junto, né?

Então ele ganhava ou uma caixa de charuto sueter, sueter, aquela famosa cara com aquela caixa de madeira toda cheia de "makeref".

E ele usava o perfume eh, ah, como é? Madeiras Oriente. Esse era o perfume dele. E ele queria, quando eu fiz 15 anos, me dar um perfume importado. Então, eu tinha minha comadre, que eu já tinha uma filha antes de dos que, claro, antes dos 15 anos era bem bem depois da confirmação. né? Ele chamou essa minha comadre, disse: "Sim, eu vou te pedir uma coisa. Tu vai comprar um perfume importado para ir da Lí, mas tu não fala nem pra mãe dela, nem pra avó dela, porque senão elas vão me crucificar, mas tu vai comprar." E daí eles me ela foi comprou um famoso, até hoje eu uso esse perfume.

É o teu perfume.

Não é bem o meu, mas, mas é o que tu gosta. Eu gosto. Eu sei que aquele perfume se eu comprar eu vou gostar.

Sim. Até porque te traz lembrança, né? Te

traz lembrança. Claro.

Não tem como não gostar.

Não tem mesmo.

Uhum. E tu acha assim que a tua religião ela fez parte? Faz parte da tua vida?

Sempre fez parte.

Isso é uma coisa importante. É uma parte importante da tua vida.

Sim. Eu tenho, eu vou agora te dizer uma coisa que eu particular. Eu gostaria que talvez tu não colocasse.

Não, não. É que isso aqui não, a gravação eu depois eu vou apagar, eu só vou pegar o que é Assim, assim, eu tenho um neto, tenho um neto só. E quando ele fez o ensino confirmatório dele, lamentavelmente teve uma tinha um pastor, o pastor ledo Brandenburg, e tinha uma pastora que eu já não me lembro mais o nome aqui em Hamburgo Velho. E ela, o Vittor foi para pro ensino confirmatório e todos os a turma dele chamava ela de terrorista. E ela era e ela era muito esquerdista. Uhum.

E ela fez e eles pegaram um o Vitor pegou um um uma raiva, um uma raiva, um vou dizer, não vou dizer nojo, nojo é muito forte, mas a tal ponto que ele agora vai casar e não vai ter, não vai ser numa igreja, não vai ter nem padre, nem pastor, vai ter um cerem Burista, ele vai casar que idade vai casar? 27, pá.

Tá feliz da vida. Meu Deus, eles moram juntos já, já. Sim, mas estão fazendo tudo com até estão em aula de dança.

Mas é legal, né?

Eles estão tão eles e eles vão pagar o casamento deles, graças a Deus. Os dois, o meu neto se formou na área de computação, na UNISINOS.

Uhum.

E trabalha numa empresa americana.

Uhum.

E aí trabalha em casa é online. Tudo tudo online.

Sim. Coisa boa, né? A e tá super bem. Eles, ele e ela é funcionária do Itaú.

Uhum.

Aqui ela tá em Porto Alegre, mas tá sempre voando nas transas.

Sim.

Bom, aqueles dias eles, olha o que eles fizeram. Quinta-feira, sexta-feira foram para Santa Cruz. Dormiram em Santa Cruz porque lá eles tiveram que convidar um dos padrinhos que não tinham convidado ainda. Aí sábado de manhã Amanhã vieram para Porto Alegre, dormiram em Santa Cruz, vieram para as 3 horas da tarde, pegaram o avião para São Paulo. Sábado, de noite tinha a mega festa de aniversário do futuro padrinho com cujo também nessa oportunidade foi convidado para ser padrinho, já aproveitaram tudo.

Aí domingo vieram embora para casa.

Meu Deus. Daí já aproveitaram, né? Já que tinha que ir nas festas, que tinha que nos lugar, já convidava todo mundo, né? E olha, uma pergunta assim que eu acho bem legal aqui que eu que eu fiz. O que que tu acha que mudou na sociedade de Novo Hamburgo durante esses teus anos de vida, né? O que que tu tu percebe assim? Claro, a gente sabe que mudou muito, mas assim, o que que tu percebe assim que mudou, que tu acompanhou o processo de crescimento da cidade?

Sim. É, foi todo um crescimento muito negócio da exportação, que daí muita gente ficou rico de repente. Aí os cabeças, as traças e e a e ficou uma cidade abandonada, suja, mal conservada, muito. Tô vejo assim, eu eu passo em determinados lugares, eu digo: "Meu Deus, que feio". E uma coisa que me chamou atenção, eu digo: "Puxa, se mais pessoas fizessem isso, fizeram esse esse empreendimento na General Osório.

Uhum.

Que, que era um curtume.

Sim, eu lembro.

Eles deixaram os fulões, dois fulões. Eu digo que bacana isso. Eles deixaram ficaram as origens. Eles deram importância à origem.

Uhum.

Que aquilo era um cortume, ó, bem antigo. Uhum.

Era dos Dietrich. Pois é. E eu acho assim no uma cidade abandonada.

Uhum. E tu viu todo esse processo de crescimento ali, as décadas de ouro ali, né? 70. Era todos os edifícios, todo que eu não sei quem vai morar em todos esses edifícios.

A própria instituição aqui, né?

Mudou muito, mudou muito, né? Eu eu em termos de de educação, eu tô muito por fora.

Uhum. Porque faz tempo que tu

É, eu deixei e vou assim.

Uhum.

Minhas filhas, graças a Deus, tem a cabeça no lugar, né? Nunca fiz, nunca foram além do passo que deviam dar. A Juliana tá muito bem, graças a Deus, com o turismo dela. Ela inclusive ela leva as as crianças aqui para São Paulo.

Eu acho que eu sei quem é tua filha. A Juliana do turismo, que tem uma agência de turismo.

Sim. Que leva os professores pra Gramado, que leva a quem eu acho que o Felipe Steiglederl ali ele, ele sempre indica. Não, porque se tu quer para algum lugar fala com a Juliana, ele sempre.

Sim, ela sempre dá um jeito. Por sinal, ela tá de aniversário hoje.

Ai, que legal.

E a boca tá Só que ela foi passar o aniversário dela em Cancun, vê se não dá vontade dar uns tapa.

Ai que vontade. Ai nossa esse frio e ela naquele que ódio, né? Dá ódio. Ai tá louca.

Não. E a louca da mãe dela felicitou ela na segunda-feira pelo aniversário.

Mas a minha sogra faz isso.

Eu não sei porque eu cheguei e vi a data, digo: "Meu Deus, aniversário da Ju".

E é isso. Tu quer falar mais alguma coisa? Tu quer?

Não, eu só me lembrar de algum evento. eventualmente se tu se tu quiseses fazer uma pergunta qualquer ainda, estou às ordens.

Tranquilo. Mas é isso, tá? Porque daí eu a a o meu trabalho é sobre essa questão da descendência alemã na cidade de Novo Hamburgo. O que que a gente ainda tem, sabe, da da questão do do da germanidade aqui nessa cidade, né?

Bom, meu bisavô, meu tatar avô foi o Nicolau Becker. Uhum.

Então, se tu olhar alguma coisa, ele foi o primeiro curtidor de Novo Hamburgo. Uhum.

E tem a rua, né? V Nicolau Becker.

Sim. Bem importante aqui. É.

E agora a gente também não vê, é tudo muito, né? Antes era uma coisa mais forte. Eu pelo menos porque eu nasci aqui, eu tenho 44, mas assim, eu nasci aqui e eu via isso mais. A própria fundação, né? Era mais assim essa questão da da germanidade, da presença. Tanto que eu casei com alemão. Mas que aqui da Vila Nova também.

Aí e aí eu via mais isso e hoje a gente não vê mais tanto. Parece que a memória tá se perdendo.

Pois é.

Eu não sei se tu concorda comigo.

Concordo. Concordo.

E esse trabalho tem essa essa esse objetivo.

Ah, é muito bom. Muito bom a tua pergunta. Deixa lá ver se eu tmn alguma coisa para nós não passar frio. Eu também vou.

Percepções da entrevista: no início ela estava duvidando que tinha algo para colaborar com a pesquisa. Vinha e voltava nas lembranças, pedia desculpas quando se confundia com as informações. Lembrou com emoção do marido e lamentou as doenças que a limitam hoje. No começo estava um pouco receosa, mas depois começou a falar sem medo e falou bastante.

Entrevista 2

15 de maio de 2025

Dona I
70 anos
Ensino Superior
Psicóloga
Bairro Pátria Nova
Entrevista realizada nas dependências da IENH

Então vamos lá, dona Isabel. A que é o máximo. O máximo. Tá bem tranquilo.

Isa. Tu nasceu aqui em Novo Hamburgo?

Sim.

Tá.

25 de junho de 1955.

Uhum. Tu morava em que região aqui de Novo Hamburgo?

Do centro da cidade.

De pequena. Isso. Quando tu nasceu?

Desde pequena.

Uhum.

A casa dos meus pais foi uma herança, né? Que veio por parte do meu dos meus avós. É uma quadra abaixo do do correio. Uhum. Bem centro mesmo.

Bem centro.

E as brincadeiras eram calçada, correndo no pátio que tinha. E o pai tinha fábrica de calçado e minha mãe costurando calçado.

E a gente ficava ali perto, né?

Eles sempre cuidaram muito da gente, então eles não queriam que a gente corresse por aí.

Então, praticamente as brincadeiras eram ali.

Uhum.

E família grande, família pequena. Eu assim, na casa dos meus pais era, eu sou a mais velha. E aí tem meu irmão do meio e mais um pequeno. E minha mãe perdeu um menino quando ela foi para tê-lo no hospital.

E tu é a única menina? Então

Eu sou a única menina.

É. Filha.

Que que tu tem de lembrança assim da tua, tu começou a falar e seria a próxima pergunta? Que que tu tem de lembrança assim da tua infância, da tua, do teu começo de adolescência... Assim que bom como mesmo que meus pais tivessem a parte a fábrica de calçado no local, E minha mãe costurava e depois ela tinha uma loja de calçados ali naquele mesmo lugar, um terreno grande assim, aonde ficava, chamava de fábrica pequena, fabriqueta, como se diz, né?

E mesmo ali nós ficávamos sempre em volta e assim as nossas atribuições era ajudar na casa. Assim, tinha um uma época de pequeno que os calçados que saíam da da fábrica, eles levavam um selinho nessa parte de trás aqui. entre a o salto e a então, a gente colocava o selinho, esse era nosso papel e função.

E a gente então colocava dentro da caixinha e isso nós trabalhávamos juntos, né?

Uhum.

Na frente da nossa casa morava meu avô, avô e avó e a minha minha madrinha, minha minha dinda, né? Hoje é dinda, mas naquela época era madrinha.

Uhum.

E e na verdade o meu avô, ele perdeu a esposa, que na verdade meu pai, meu tio, meu tio e minha mãe são filhos do primeiro casamento. E aí o vó casou de novo e teve mais duas moças, né, com a segunda esposa. E a gente tinha o convívio com essas tias, né?

Uhum. Que eram mais ou menos da idade de vocês ou não eram mais velhas?

Não, não. Elas eram mais velhas. Hoje a minha dinda é essa, a coda que a gente chamava.

A coda.

A coda tem 80 82 83 anos.

Ela era adolescente quando tu nasceu.

Então é exato. E a gente convivia, o vô, tinha árvores frutíferas, tinha naquele terreno enorme de grande árvores frutíferas, tinha galinha, tinha tinha uma época tinha porco, mas é centro da cidade, mas era um outro período, né? Sim, sim.

Mas aí tinha galinha, pato. E a gente brigava, meu irmão, e para poder dar a ração para pras galinhas e pros patos, ia buscar os ovos e era uma assim centro da cidade, mas a gente se sentia não ano. Sim, era algo que colaborava muito pra nossa imaginação, para nossas brincadeiras. O vô era uma pessoa muito materna.

Uhum.

Meu avô, mesmo casado pela segunda vez, a segunda esposa era um pouquinho mais formal, mas ela era querida. Minha coda era maravilhosa. Ela, a gente enxugava louça para ela, ia lá, minha mãe avisava: "Por favor, não, não incomoda coda, não incomoda". Mas a gente criança, né? Ia lá e às vezes aprontava e mas era muito divertido. Tinha um sótão nessa casa onde tinham certos brinquedos antigos, né?

Uhum.

E esse sótão era um sótão dos sonhos, era um sótão de fantasia, sabe? Então a gente pedia: "Ai, a gente pode subir lá no só". Não, sozinho não pode subir.

Uhum.

Porque tinha uma questão do do sótão ele não ter ele ter tábuas em cima. Então eles tinham muito medo que a gente fosse cair, cair e tal.

Então era, a gente tinha esse vô. Esse vô era uma pessoa de botar no colo, fazer cavalinho, muito querido, assim e a a família, a minha família assim muito de trabalho assim, mas nos finais de semana a gente saía.

Aham.

Então, da minha infância assim, eu recordo muito de nós brincarmos muito, assim, nós tínhamos muita liberdade, a mãe deixava tudo à disposição, nós podíamos montar os nossos castelos, nossas brincadeiras, a gente tinha carrinho de lomba, bicicleta e assim o terreno mesmo. pequeno, tinha uma videira e a gente podia se pendurar. Então, a gente era do circo, se pendurar de cabeça para baixo. ã, eu não tinha brinquedos caros, minhas colegas Osvaldo Cruz tinham.

É, tu estudou sempre aqui também na instituição desde pequena.

Sim.

Então, como eu morava no centro, Osvaldo Cruz foi uma alternativa. A gente foi até lá, então estudou até a quinta série, depois eu vim pra Fundação meus Irmãos também.

Uhum.

Mas aqui a gente precisou de amparo assim com E aqui já era escola mista. Daí quando do estudou. Quando eu entrei, a escola ficou mista.

É bem na época que tu escola

bem na época que eu entrei, que era a primeira série do ginásio,

que eu tava falando com a Ida, a Ida disse que já ainda pegou a época que era.

Isso. É, naquele ano que nós viemos para cá, ela se tornou mista. Era muito especial porque todos aqueles rapazes do Pindorama de quarta série, grandes, maravilhosos, surgiu assim uma coisa que era super especial. E aí tinha festa de São João. a gente podia dançar, eles vinham tirar a gente para dançar, alguns deles. Então, aquilo era assim um uma um auge da adolescência, de uma pré-adolescência muito especial. Então, eu me considero como uma infância eh que foi muito importante, assim, meu pai era muito austero, uma pessoa braba, mas assim, mesmo mesmo sendo auster e brabo, ele ele entendia a importância de um colo, de vir ao encontro Ele tinha assim uma agressividade que ele controlava, mas que às vezes era complicada para ele.

E eu acho que quem mais sofria era a minha mãe com essas questões, né? E mas a minha mãe é uma pessoa assim que eu considero um exemplo de vida, uma pessoa resiliente, eh, de coração enorme, assim, sabe? E com uma visão de mundo e de explicação pra gente que tava crescendo, principalmente, considero assim, ela disse, disse uma vez para ela, mãe, eu queria uma amiguinha, uma boneca amiguinha, era uma boneca enorme, tipo essa ali, ó.

Tem uma ali, eu ia dizer, tem uma ali, tipo aquela disse: "Mãe, minhas amigas, todas do Oswaldo Cruz tem amiguinha". E daí ela olhou para mim e disse assim: "Tu tens outras bonecas, tu não tens a amiguinha, mas eu quero te explicar que o fato de não ter a amiguinha não te torna menos".

Uhum.

Né? Então assim, ela era de uma sabedoria, de um entendimento. Às vezes eu fantasiava as questões de que eu queria um castelo assim. na minha é aquelas coisas do castelo mesmo, né? E ela dizia: "Pensa no teu castelo e constrói ele aqui em casa com as coisas que nós temos".

Aham.

E daí, eh, eh, roupas antigas, eh, cortinas, tudo se transformava, pedaços de madeira, eram as escadarias.

Então, essa possibilidade de fluir dentro disso, ela foi muito importante para mim e eu considero que me constituiu assim como ser humano. Não foi tudo fácil, né? Minha família lutou muito para poder eh ter as coisas que tem, né? Meu pai e a minha mãe acabaram construindo um prédio que existe até hoje. E isso desgastou muito assim, né? E teve momentos de dívida muito grande e tal.

Mas é isso, assim, eu penso que é o que de lembranças de infância e tudo mais, né?

Lembrança.

Ã, deixa eu ver aqui quais as memórias. Assim, tu falou um pouco agora disso, mas assim, quais as memórias que tu tem da tua mãe? Tu conviveu com a coda que tu falou que é tua dinda, né? Então, quais as memórias assim, principalmente das mulheres da tua família?

Uhum.

Olha, vejo a minha mãe como uma pessoa de vanguarda e uma pessoa com uma solidariedade muito importante. Ela ela me ensinou o que talvez hoje eu considero ã a minha essência. Tá? Ela hum era uma pessoa que mesmo diante de algumas agressões do meu pai, ela era muito resiliente e eu dizia para ela que ela não era obrigada mesmo criança. Eu dizia para tu não é obrigada aceitar isso. Eu muitas vezes assim tive essa Mas assim, ela era uma mulher batalhadora, trabalhadora, dedicada de uma dedicação inacreditável. Uma mãe com uma escuta muito boa, assim, com relação a tudo. Talvez como mulher, eu diria que ela deveria ter pensado em se preservar um pouco mais enquanto mulher com este homem, meu pai, e o marido dela. E uma outra questão assim, a minhas, a minha avó é min é contada, avó que era a mãe da minha mãe.

Uhum.

Ela foi contada como uma pessoa ã muito forte, muito cheia de vigor. Por isso eu nos retrato sou muito parecida com ela.

Aham.

Então assim, forte. lutadora. Só que quando ela teve o segunda, o segundo bebê, ela acabou morrendo de uma pneumonia muito forte, né? E na época, sim, ela deveria ter o quê? Uns 30 e nem isso, jovem mesmo.

Daí ficou ficaram os e a família se uniu para criar os ajudar o vô a criar, né?

E das minha coda assim, uma pessoa muito amada, muito querida, muito feminina, muito me ensinou essas coisas do do de arrumar cabelo, de usar laquê, de usar, porque era naquela época era aquela coisa, tinha uma tia que tia solteira que eram amigas de olhar cinema, né? Porque a minha coda casou muito tarde.

Mesmo assim ela teve duas gêmeas e mais uma menina e elas iam no cinema, se arrumava, ficava lá no portão para namoriscar quem passava. Eu achava aquilo demais. Eu ficava parada junta porque era, elas ficavam olhando e eu nem sabia o que que elas estavam olhando, né? Porque eu ainda não tinha despertado para algumas coisas, mas isso era muito muito lindo para mim, assim, de só o fato de estar ali, de ver a coisa.

É, assim, as unhas sempre arrumadas e tal. Então, assim, essa coisa do feminino nelas era algo que eu admirava.

Uhum.

E da minha avó paterna, que eu até agora não falei assim, eles moravam em Campo Bom, é da família Fetter de lá, muito conhecida em Campo Bom.

E o vô também do primeiro casamento, meu pai era do primeiro casamento, ele ela faleceu

Uhum.

por uma negligência do vô. O vô era uma pessoa muito [...] E aí vem a questão do meu pai assim, que eu acredito que até eh tinha traços assim que eu considero por causa do meu irmão mais novo esquizofrênicos, assim, uma coisa com uma tendência muito forte que vai além do do é vai além. E daí a avó, ela tava a cavalo e eu sei que uma cobra picou e ele não fez o socorro adequado. Ela veio a falecer por causa disso.

Ficaram crianças pequenas, né? E meu pai era o mais novinho, era um praticamente um bebezinho e ela se foi, casou segunda vez com uma mulher, ã, assim, eh, que eu acredito que ela talvez não fosse tão feminina.

Uhum.

Ela era uma mulher mãe, boa mãe, mas uma mulher assim eh, mais bruta.

Não, nem bruta, ela era uma mulher mais objetiva.

Ela ela tirava fora as coisas assim, ela meio que talvez fosse tão masculina quanto eu acho que tem aquela coisa da mulher que E ele com esta mulher, ele teve três filhos.

Uhum.

Três ou quatro? Três.

Três. Então, três. E aí tinha mais três filhos do primeiro casamento. Então, assim, era seis crianças. É uma loucura.

Uhum.

Essa avó, ela era parente dos Strauss. Ela era Alemã, a família Strauss era parente dela, assim. Então, tinham todo mundo uma história, mas era uma pessoa simples morava ali em Campo Bom, perto dos trilhos na época que o trem existia e tudo, mas uma família que, enfim, viveu, meu pai saiu de casa

Uhum.

E foi morar com uns tios em Sapiranga e dali pra frente ele seguiu a vida dele assim, porque ele não aceitava certas coisas com relação ao "vôum" mesmo assim eu acho que ele repetiu algumas coisas do vô

Uhum

lastimavelmente.

E não entendo tudo, né? Porque as coisas nem quero talvez buscar tudo isso.

É até a gente mas dessas mulheres são essas mulheres da é muito trabalhadora a primeira avó muito trabalhadora a segunda criou os filhos, não saiu pro mercado de trabalho, mas era da colônia assim, era colônia.

Era colônia, que é o trabalho que eu fiz das outras. Tu já leu meu trabalho?

Não, ainda não. Quero ler.

Então, por favor, me lembre. Eu tenho ele em papel, tá? Eu eu dei pra Jer. A Jaci quase morreu chorando.

Tá. que é dizem as pessoas que é muito bom. Amada. Vamos.

Ã, então assim, o que que tu tem também de costumes do teu dia a dia com os teus filhos, que tu acha que vem da tua família, da tua origem? Ah, germânica?

Bom, a primeira coisa que eu me lembro assim, que me caiu direto é a questão da tradição com a a questão do almoço, com janta, finais de semana. Eh, a minha nora por parte do meu filho mais novo, a Raquel, eu sempre que diz: "Ah, é almoço completo." Por quê? Porque é uma um pensamento assim de uma comida farta, uma comida com coisas boas que a gente sempre prepara, com sobremesa, com lembrando coisas antigas e trazendo a comida que eu aprendi na minha casa, né? Ã, a pizza feita com massa de pão, com aquela que é feita, ela é mais alinha e ela é feita com cebola, tomate, aquela Eu trouxe muito disso assim, da minha mãe, de fazer a carne de porco, de eu sou boa cozinheira, faço bolo, faço.

Aquele aquela que tu trouxe do teu aniversário era que foi tu que fez, né?

Muito bom, muito bom.

Então assim, normalmente eu tenho essa questão assim de trazer a importância da comida, de sentar, de orar à mesa, de agradecer, de ensinar a orar, de poder sentar do lado da cama dos filhos pequenos e orar com eles de noite. in alin kin istem drin alle ich bin klein eu pequena coração limpo ninger dentro além de Jesus então assim essa foi uma oração que eu aprendi e eu orava com os filhos minha mãe tinha tendência a nos benzer então ela pegava uma folhinha de arruda, outra coisa qualquer. E aí ela dizia: "Agora deita e fecha os olhos e fica bem tranquilo que eu vou rezar por ti, porque na verdade o era uma oração que ela fazia e daí ela pegava e passava assim. E eu fiz isso com meus filhos, eles amavam, eles pediam: "Mãe, faz a oração pra gente nos benzem". Então a gente benzia. Uma outra coisa que eu aprendi da minha mãe foi fazer só e sol na Uhum.

Eu pego a toalha e eu fiz pra ela, prática, eu fazia aqui.

Eu era a verdadeira curandeira aqui dentro, né?

A minha avó era

Aham. E daí eu fazia, minha mãe fazia na gente, fazia no meu pai, fazia em todo mundo. E eu acho lá em casa pro meu esposo e quando os gurias queriam, eu fazia para eles também. Tu deve estar com só na e tal.

Na verdade é uma pressão que forma na cabeça e que ela alivia com aquela agulha.

Uhum. A minha mãe fazia também quando nós é então essas tradições assim, entre outras, eh, o jeito que eu sou organizada dentro da casa, as coisas que como eu deixo algumas coisas, eu coloco guardanapos ainda. Não acredito que a gente não precisa ficar com tudo liso dentro de casa, tá? Porque é uma tendência, né? Mas eu acho que a nossa casa é uma casa mais eclética assim.

Ela é uma casa onde mistura.

Ela tem memória também junto. Não é só, não é só o, né,

eu tenho as antiguidades que eu exponho que eu tenho, né? Isso pode Isso faz parte da tua da tua vida, né?

Ã, deixa eu ver que que eu tenho aqui dos antepassados. Ah, a tua religião, tu falou um pouco dessa questão da da da oração, né, do passar. Tu acredita que a tua religião, a tua religiosidade tem alguma influência na tua família?

Tem, tem assim, ó. Ã, tinha uma época na adolescência, assim, quando era a época de advento, eu acendi as quatro velas que são que antecede o Natal, né? Eu sou evangélica luterana, né?

Uhum.

E

do pai e da mãe dos dois lados. Dos dois lados.

Mas a gente tem assim da da família de alguns assim a questão católica, mas muito evangélico luterano ou luterano, aquele luterano que vem do Missouri, que é a outra. Uhum.

Uhum.

Então o que acontece era mais da família do vô.

Uhum.

O que acontece que a gente nessa questão da religiosidade quando chegava o evento e a adolescência tava chegando assim dos lá em casa, eu sempre dizia: "Agora nós vamos sentar e vamos fazer uma oração. Domingo de noite era o momento de fazer isso." Aí eu dizia pros guris assim: "Quem de vocês quer fazer a oração?" Tá, vamos fazer o seguinte. Tu ora essa semana e tu ora na semana que vem, adolescente. Ai, mãe, que seja, que tu diga obrigado por tudo, senhor. Tá. Bom, assim, daí eles faziam e no final eles pediam, mãe, faz tu ou meu marido.

Então, meu marido também não foi criado um processo de religiosidade, mas eu trouxe para dentro da minha casa.

Ele é luterana, não, ele é luterano.

Luterano do Missouri.

Do Missouri. E aí o que acontece que ele não tinha prática de orar à mesa antes de nós oramos todos os dias quando tem café, quando a gente senta junto.

É orado para isso. Eu leio todas as noites uma senha bíblica.

Uhum.

E elas às vezes conversam comigo de coisas

que eu nem podia imaginar. Eu não eu sou uma pessoa muito aberta, viu, Ana? Mas assim, ó, eu tenho coisas que eu acredito de sinais.

Uhum. Uhum.

Que naquela palavra escrita algo assim, ó, cai que, meu Deus, como é que pode? Aconteceu isso hoje comigo e me dá um caminho.

Então, eu acredito nos sinais e ela tem influência sim, muito. Na tua vida, na questão da tua família, né, do de tudo que vem junto com os seus antepassados logo de manhã agradecendo de manhã pelo dia novo. Oro de noite agradecendo pelo que aconteceu. Eu tenho uma fé assim bem bem intensa assim, mas não é algo fechado assim.

Sim, mas isso ajuda a mover tua vida. Isso é é a tua base também.

Ex.

Ã tá. Esse aqui já foi. Esse aqui já foi. É, são perguntas bem abertas, só pra gente poder conversar. Tu acredita e a gente sabe que mudou muito, tá? Mas nesses teu, teu tempo de vida, principalmente da tua infância para cá, tu acredita que a estrutura da cidade, não só a estrutura, mas as pessoas na cidade de Novo Hamburgo mudou assim de uma maneira muito drástica? Bom, que tu tava falando ali que vocês moravam no centro da cidade, né? E podiam ter tudo isso.

Uhum.

Ela mudou. Ela mudou. Mudou sim. Em termos de estrutura, de pensamento.

Aham. Mas as dores das pessoas para mim continuam as mesmas. Eu eu vejo assim que a gente tem um outro cenário, um cenário que as pessoas pensam que evoluem.

Uhum.

É uma evolução que para mim, na verdade, é uma ilusão, porque o ser humano, ele ainda vai precisar que a gente se olhe, que a gente se abraça, que a gente precisa do outro, a gente precisa do colo. Mudou muita coisa porque a gente não reconhece mais as pessoas, porque não é mais a aquele núcleo pequeno de ir na igreja, de cumprimentar a pessoa e tal e coisa.

Hoje a gente já vê assim que as pessoas não se conhece mais tanto, mas quando eu caminho com meu esposo nos domingos de manhã, eu cumprimento as pessoas que passam por mim.

Aham. Aham.

Ali na Maurício Cardoso, que é o lugar que a gente mora ali perto, né?

Nós caminhamos. Bom dia, bom dia, bom dia. Por quê? Porque eu penso que isso é

E as pessoas estranham, né?

Não. E outras fazem questão, elas ficam te olhando assim.

Sim. Elas acham estranho, né? Eu já, eu já eu faço isso, né? Quando Olá. Às vezes passa aqui na escola, não conheço a pessoa para dou bom dia. Fica me olhando.

Ah, eu faço sempre o meu bom dia para todo mundo que passa por mim e acredita que tem pessoas que dizem: "E tu é uma das poucas pessoas, tem pessoas que fazem que olham pra gente e cumprimentam".

Uhum.

Que eu sinto falta e principalmente quem é de de uma posição diferenciada aqui dentro. Funcionário mais.

Eu sei, eu já escutei isso também, tá? Eu chamo pelo nome, eu converso, né? Eu não vem de família.

É. Não, e nem por isso. Eu acho que a gente tem que saber. Hum.

Né? Exatamente.

Então, isso vem de casa. Isso a gente, né? Aprende de casa.

Ã, Isa, tu em casa aprendeu alemão?

Sim.

E daí tu aprendeu português na escola ou ainda assim? Ó, lá em casa, quando eu era assim bem pequena, eles falavam alemão e a gente falava alemão.

Uhum.

Quando eu cheguei na escola, eu tinha que lidar com o português. Então, aos poucos, esse português, ele vivia na minha vida, mas não de forma tão presente. E eu tive uma alfabetização com muita dificuldade porque eu confundia as palavras, né? E eu tive uma professora de primeira série muito rígida e a gente tinha Marcelo, Marcelo, Faísca, Marcelo, era três personagens.

Aham.

O rapaz e aí tinha a menina e o Faísca, que era o cachorro. E essa esse essa esse livro de alfabetização a gente tinha que dar conta na primeira série. Então, nem sempre eu conseguia fazer e a professora achava, minha professora de primeira série que eu não era dedicada que chega porque eu não conseguia fazer e aí eu ia virada pra parede porque eu não tinha me dedicado. Essa é uma marca que eu trago que da educação que eu considero, claro que eu superei, né? Mas tô falando, tô falando porque eu acho que nenhum ser humano merece ser tão Como é que eu vou usar a palavra assim? Inferiorizado ou desqualificado por não saber.

Uhum.

Eu levei isso para a minha vida de tal maneira que sempre que uma pessoa não soubesse, eu diz mal que tu não sabe.

Uhum. Vamos ver de outro jeito. Vamos fazer de outro jeito.

Exatamente. Na faculdade mesmo, uma vez eu tive um aluno que me disse que ele era muito prepotente, ele me disse, mas se eu eu disse, olha, quando vocês são as pessoas da liderança, se vocês têm pessoas que têm que aprender, Entendam sempre que se a pessoa não entender é porque tu não conseguiste explicar. Ele fez assim para mim. Imagina, eu explico uma vez, não quer aprender, não sabe, não, não vai pra frente, para mim vai se vira. Daí eu olhei para ele, eu disse: "Não, mas não é assim. A falha é tua de jeito nenhum." Daí eu disse para ele: "Bom, então eu tenho uma coisa para te dizer. Lastimavelmente, tu deve ter uma relação com o teu pai péssima, porque ele certamente quando tu errava, te massacrava. E por isso que tu não consegue, na tua autoridade que tu tem agora enquanto líder, suportar o erro de alguém. Nossa professora, da onde tu sabe tudo isso? Eu tinha pegado em cima dele. Você já pegou e já se entregou.

E ele tratava a namorada noiva dele assim também. Se ela não.

Daí eu disse para ele, sabe o que que a tua noiva tinha que fazer contigo? Te dar um chute na bunda para ele.

Bem direto.

Porque a tua prepotência não deixa. Eu falei para ele pessoalmente.

Uhum. Mas tu dava na faculdade

Sim, aqui aqui da administração, redes e análise sistema.

E uma época eu fiz um como é que se chama? Um daqueles complementares para psicologia dentro da área do social, né? **Que legal. Que legal.**

Então, sabe, Ana, e tem certas coisas que são essência, que são importantes,

né? Eu me lembro assim, eu dizendo pra minha mãe, porque eu era a porta-voz da minha mãe com o meu pai, eu me Lembra minha mãe? Tu vai lá dizer pro pai que ele ele não tem que ficar tão bravo? Eu dizia: "Mãe, tá errado. Eu não posso ir lá. Eu não sou mulher dele. Eu não sou esposa dele. É tu, tu tem que ir lá.

Mas ela pedia chorando e eu não tinha como escapar. Mesmo dizendo, eu ia lá e dizia de cabeça assim:

Aham.

Pai, tu não pode fazer isso que tu tá fazendo.

Uhum. Porque ele te escutava.

Hum.

E Eu apanhei por isso também, né? Porque eu era prepotente.

Eu dizia para ele: "Tu não pode fazer isso. Quem é tu, sua fedelha?" "Eu tô te falando." Eu disse para ele, eu era de enfrentar. Eu muitos anos paguei um preço alto por isso, com as atitudes minha vida.

Mas, que eu chegava de cabeça erguida e dizia as coisas.

Sim. Mas porque tu tu teve que fazer isso, tu teve que lidar com isso na tua vida, né?

É, eu tive que sobreviver.

Sim, com certeza. E aí, pra gente concluir, tá?

Qual é que O, qual é o legado que tu acha que a descendência alemã, descendência germânica deixa aqui para essa região que a gente vive, que é a região do Vale de Sinos?

Eu penso que todo legado que uma que uma cultura ou que tem seus tem suas coisas boas e tem suas coisas inadequadas, tá?

Eu penso que uma das questões do povo alemão, assim, dessa influência germânica, é a perseverança, a luta, o trabalho. a superação, o perdão em alguns aspectos, porque eles tiveram que se a resiliência, porque eles tiveram que sair de um lugar onde eles tinham casa, tinham tudo para vir para cá. Eu penso que essas raízes elas elas ficam entre nós e permeiam, né? O amor à família, a família, a religião. Para mim são essências que ficaram e que a gente de uma certa forma carrega junto. E e para mim eu considero como um baluarte para pra gente

Uhum.

Se basear as coisas positivas. **Que que que tu vê de negativo?**

É, de negativo eu diria a prepotência, que eu acho que ã em muitos aspectos eles, o próprio povo alemão pagou um preço muito alto pela sua prepotência, por por achar que eles eram mais do que os outros, né? E em alguns aspectos, essa mesma prepotência leva a negligenciar pessoas diferentes. As pensa, às vezes ela não é considerada, ã, consideravam as pessoas menos, né, do que Então tem determinadas coisas assim que por um lado tu tem as coisas bonitas, mas tem quem

ã negligência, fere, ã, discrimina, é, menospreza que eu eu vejo assim por causa dessa prepotência, para mim a prepotência, se achar melhor

Aham.

É o nojo da coisa.

É isso, Isa. Tá assim, porque a ideia do meu é remorar, né, lembrar,

ã,

tentar eh perceber o que que a gente tem aqui nessa região da questão dos antepassados germânicos, que ainda fazem parte da nossa sociedade, tá? Principalmente vindo das mulheres, que para mim, nossa, né, são as responsáveis pela perpetuação dessa germanidade, né? Uma das pessoas que eu vou entrevistar é minha sogra. Minha sogra tem 75 anos.

Que legal. Eu Tenho 70. Mas o que eu queria colocar para ti assim, ó, que eu trouxe pros filhos homens. A questão de que eles pudessem ser muito mais considerados assim com o feminino que eles têm e o masculino deles, que eles possam olhar as companheiras deles, as pessoas da vida deles com um patamar de respeito e e que não levasse em conta. Meu marido é uma pessoa muito boa, tá?

Mas ele carrega com com ele algumas nuances que eu bato pela lá em casa. Entre elas, um dia eles olhando, não sei se eu te contei, um dia eles olhando um programa daqueles das mulheres dentro das banheiras que tinha na década de 90. Aham, lembro.

Três homens sentados. O que que é isso aí? Olhando esta coisa horrível de tratar as mulheres como se fossem objetos e essas mulheres se tornando objetos e vocês são aqui assistindo, dando para essa televisão o no porque vocês assistem que é aquele negócio e o IBOPE. Eu disse: "O que que é isso? Mãe, para com isso." Não, eu não paro e não vou aceitar que vocês fiquem olhando isso aqui. Isso aqui é uma ofensa para mim. Eu sou a mãe, eu sou mulher. Olhei pro tempo, muito. Vocês não podem, vocês estão se divertindo com a com mulheres que não mereciam ofertar isso pros homens. Não que não seja uma coisa que a gente possa se divertir, mas isso aqui, isso é uso, isso é venda, isso é mercadoria, isso aqui não se faz.

Pronto.

Nem uma, nem duas vezes. Ele dizia: "Lá vem a mãe, lá vem a mãe."

Percepções da entrevista: a entrevistada se mostrou muito segura e tranquila durante a entrevista toda. Conversou abertamente sobre todos os assuntos, inclusive assuntos sensíveis sobre a sua família. Trouxe dados preciosos sobre cultura e crescimento da cidade de Novo Hamburgo.

Entrevista 3

8 de agosto de 2025

Dona G
78 anos
Ensino Médio
Vendedora
Bairro Centro
Entrevista feita nas dependências da IENH

Deixa eu ver se tá direitinho, se tá coisando. Ele é louquinho. Aham. Isso aqui eu comprei quando eu fui fazer

o mestrado, que daí eu eu fui gravando e tal e daí fica mais fácil para depois eu boto no computador.

Ah, naquela época não tinha aplicativo, aí eu tinha que digitar tudo, eu tinha que escutar e digitar, escutar e digitar, mas agora tem aplicativo. Aí quando eu coloco, ele tem um tipo num pen drive que tu bota assim, daí tu bota no computador e daí tu baixa o aplicativo e ele faz sozinho. Deus que eu quase morri fazendo isso. Olha que trabalhadeira, né? Sim, dá bastante trabalho. Quando eu fiz o mestrado, meu marido olhava assim: "Tu não vai inventar de fazer isso de novo". Aí quando eu passei no doutorado, eu só mostrei para ele. Não, aí não acredito. Disse: "Não, agora deve ter aplicativo que faz, porque quando eu fiz o mestrado, foi em 2014, eu terminei o mestrado, eu um mês depois eu ganhei o meu nenê, a minha pequena, essa Heloísa aqui. E aí eu fiz todo o m todo mestrado não, o final do mestrado com a barriga desse tamanho, né? Defendi a dissertação barriguda. Ah,

eu sou doida. Essa é

não, não, não, não, não. É doida mesmo. Não, mas é dedicada, né? É dedicação.

Sou doida. Olha só, olha o sobrenome do meu orientador.

Tá. Esse é o nome do meu. Aham. Esse é o meu orientador.

William. William V.

Isso. Pouco alemão, né? Pouco alemão.

Pouco alemão. Então, tá, as perguntas são bem abertas e a gente vai conversando. Isso aqui já é parte, tá? Essas conversas que a gente tá tendo.

Então,

Geta, tu nasceu aqui em Novo Hamburgo ou tu nasceu em outra cidade?

Em Novo Hamburgo. Nasci em Novo Hamburgo. E foi incrível assim porque meus pais foram morar, escolheram um lugar bem alto para morar e aí não tinha nada, era assim tudo campo incrível, assim como meu pai escolheu. Ele queria uma zona assim que fosse uma área livre. E aí eles construíram uma não tinham dinheiro, né? Porque na época assim era tudo muito difícil. E aí eles que o pai conseguiu um emprego numa nem era construtor, era o Frelich Hamburgo Velho.

E aí em troca do trabalho dele, ele foi comprando madeiras para construir a casinha deles. Casinha não, foi uma casa bonita, uma casa grande, um chalezão.

Imagina ele. O chalé tinha três quartos bem grande. Aquele chalezão grande antigo, né?

É bonito, bonito. Todo entalhado assim como era. Era era de alemão. Eu também nem conhecia esse tipo. E olha que esses chalés eram tinha pouca coisa aqui em Novo Hamburgo, porque e a e mais ainda em cima do morro.

Uhum.

E aí não tinha água. Ah, eu vou contar essa parte porque **essa parte super é para ti ficar à vontade.** Aí tu vai lembrando e tu vai interessante isso. Eles construíram em cima do morro e aí água, eles não tinham água. **E aí a minha irmã já era nascida, minha única irmã. E eles iam desciam pelos pelos trilhos que eles faziam no meio dos capins até chegar na rua Heller, onde era a casa dos meus avós e eu tinha um poço muito grande. E aí eu me lembro, tu vê tanto tempo que nós temos 6 anos de referência,**

minha irmã e eu, e me lembro que eu ia, claro, com baldinho pequeno. Vê só como como foi forte essa situação que eu que eu lembro a minha irmã, meu pai e minha mãe, cada um levava um balde, claro, proporcional à idade, né?

la buscar água no vô. Então, com essa água, minha mãe tinha que fazer comida, nós tínhamos que tomar, né, beber a água, tinha que tomar banho, a minha mãe tinha que lavar roupa, né?

Tinha que cuidar bem para não. Sim. Aí lavava a casa. Depois de lavar roupa, imagina já como tava essa água depois. tinha que lavar casa e se sobrava a água ainda era para a área e para as plantas. Então, tão eh eh segura, segura que tinha que ser com a água, né?

E aí foram anos, anos nesse sacrifício assim, aí meu pai resolveu te fazer um poço porque tudo custava caro, né? Ele não podia fazer sozinho e mesmo assim ele praticamente fez sozinho. Imagina numa numa terra seca. Uhum. vermelha terra, assim, tipo argila que é aqui no nosso morro.

É aqui. Aham. É aqui Novo Hamburgo. Todo é assim. Uhum.

Eu não sei se pro bairro assim é é também tão tão moro. É, eu moro ali perto do Hospital Unimed ali para cima. Moro na parte de cima ali perto do hospital.

Ali é nossa casa para construir foi uma luta porque é tudo Barro Vermelho.

Tudo Barro Vermelho. Exatamente. É. Tu fez tanto que aquela tua zona ali já não deveria ser. Uhum. Porque ali Eu já dava uma baixada.

Uhum.

E por ia tanta coisa para contar assim. E ali o o tinha um depósito de couro.

Uhum.

Como era o nome da tinta o nome a o couro porque eles raspavam o couro a parte de dentro assim, não era carcaça, era um outro nome e que dava cheiro.

Uhum.

Aí o era o curtume Alles que tinha aqui em Novo Hamburgo, aqui embaixo na Joaquim Nabuco.

Então a raspa de couro. A raspa de couro.

Aí o caminhão ficava cheio de raspa e levava, subia o morro, imagina, né? Tinha que subir o morro carregado e ia e desovar ali no mais ou menos na na região do do Hospital Unimed.

Uhum.

Então ali era um baixo assim, sabe? Ali então tinha água. Tinha, mas era era banhado, né? Banhado que tinha. É que ali é perto do parcão, né?

É perto. Eu moro para cima, aquela parte mais alta para cima alta ainda. É.

E tu vê as muito, eu lembro disso que a gente sempre pensava que nunca podia ter uma casa ali porque era banhado e então não é. Daí do banhado sobe de novo, né? E tu moras na parte de cima.

Na parte de cima ali. Uhum.

É. Aí o meu pai conseguiu fazer o poço, 40 m de profundidade, que foi assim uma loucura para conseguir. né? Porque era muito fundo e mas ele e construiu e fizeram o poço, escavaram, né? No caso, o poço com ferramentas, não tinha, era tudo manual. Eles foram descendo, descendo, imagina 40 eh 40 m, 43 m.

É, então foi muito interessante isso. Quando se soube que tinha água, não é porque tu não tinha certeza, né? E o nosso posto O poço dos meus pais foi o um dos únicos poços que tinha água, né, e água pura, né? Isso foi um isso aí foi um achado assim, né?

Foi um alívio pra família também que não precisava ficar catando água na é os veios eram difíceis de conseguir, né? Uhum.

Pois é. E aí, aí eles construíram a casa deles e foram foram indo, foram indo, né? E o meu pai aí montou o trabalho dele junto com a casa nova que fizeram, porque já tá melhorzinho de vida e muito econômicos, né? Porque cada alemão sabe como é que é, né? É seguro.

E isso a gente sabe por quê, né? Porque vieram da Alemanha, né, os descendentes, né? E dizem que vieram da Alemanha, que não tinha comida na Alemanha. Aham. E então vieram para cá e passando fome, né?

É. Tinham medo de de sofrer a mesma coisa que sofriam lá, né? Quer passar necessidade. Eles não queriam passar necessidade. É, e para conseguir alimento era a coisa mais difícil. **E interessante que naquela rua era bom, não tinha nada. Depois eles construíram uma estrada.**

Eu nem sei como que foi aberta aquela estrada, que aí foi construído. Ah, mas eu não me lembro nem um ano, isso eu não sei. Foi feito Hospital Regina.

Uhum. Uhum.

E são o quê? 2 km da casa dos meus pais, né?

Uhum.

Então tinha que ter uma estrada, né? Na na frente do hospital e aí foi indo, foi indo e estrada de barro, tu imagina quando chovia como que era. E aí em Santo Antônio, eu acho que já era uma cidade maior, Santo Antônio da Patrulha.

Uhum.

Vinha os carroceiros com os bois ainda. Eram, eram tudo com com bois. E eles vinham na carroça com uma lona que era a casa deles, que eles faziam de casa porque eles passavam acho que meses na estrada. E aí eles passavam pelo hospital Regina e aí a gente já escutava lá de casa, né? Porque como era mais alto que a parte do hospital, a gente escutava as as rodas das carretas rangendo. E ali que eu tava me lembrando que comida, eles traziam comida, eles traziam feijão, arroz, rapadura.

Uhum.

O melado

que eles passavam muito tempo viajando, né?

É, sim. Eles iam tendo e e traziam para vender, porque era uma maneira deles ganharem um dinheiro.

Pensa, né? Escutava o barulho.

Você pode ver que não tinha barulho nenhum.

Não, nenhum. Nenhum, nenhum. Só a só os passarinhos. Eu acho que era só os passarinhos. E é, não tinha porque não tinha casa também, continuava tendo casa.

E quando é que foi que aumentou a de casa que é depois começou a aumentar. Eu acho assim, ó. Eu nasci em 46.

Aham.

É, eu acho que em 40 mais. mais ou menos.

Daí aos poucos foi começando a aumentar.

É, aí começou a aumentar. Aí foi o Eno Vink, que também foi uma pessoa muito conhecida aqui no Novo Hamburgo.

E uma outra coisa interessante que a minha mãe engravidou de mim, minha irmã já tinha 6 anos e chegou a hora, arrebitou a bolsa e aí a minha mãe não tinha ninguém. Minha mãe chamou o meu pai. E ele disse: "Não, eu vou chamar a parteira. E aí, onde é que tá a parteira?" Aí meu pai teve que descer todo o morro à procura da parteira, porque tinha uma parteira que morava bem embaixo do morro. Aí chegou lá, a parte não tava em casa e tudo a pé e eu nascendo. Imagina aí quando meu pai chegou em casa, que ele não achou a parteira, deixou recado tudo, eh, eu já tinha nascido.

A mãe fez o parto, eu e a minha mãe, a mãe que fez o parto queteve que se virar, não é?

Uhum.

Porque nem parteira tinha na época e só tinha uma em Novo Hamburgo.

Penso e era difícil, né? Aí nasceu eu enorme. Eu tinha, eu não sei se eu não tinha 6 kg.

Deus que bebezão.

Eu era muito grande, muito grande. E já nasci cabeluda. Cabeluda assim, né? Com cabelo, mas assim bem bem e e é fininho assim, né? Pou. Tu v hoje eu tô um cabelão, né? Mas foi muito interessante isso porque tu vê o hospital não era longe, mas imagina que nem dava para ir para hospital e eu acho que nem era hospital aqui, era o hospital depois que foi construído. Eu não me lembro se na minha época eu já tinha um hospital geral e eu acho que não. Ele é mais novo.

Será?

Eu acho que ele é mais novo. Eu acho que é, eu acho que ele é mais novo. Acho que ele deve ser da década de 50 por ali.

Será?

Uhum. Se eu não me engano, ele é mais novo. Eu sei que eu nasci ali.

Ai, tu nasceu ali? É, o meu filho também nasceu ali.

É, mas daí já era 70, né?

Sim, sim. Eu nasci em 81, aí já nasci também.

É. É. E eu sei que meu pai também, como era dificuldade com alimentação, assim, eu não sei como eles conseguiam um arroz como, porque eles não plantavam arroz mais milho eles plantavam, que daí dava pro gado.

Uhum.

Né? Pro gado, pras galinhas. Tinha que ter galinha, né? Era aquela aquela maneira de sobreviver, não é? De comer alguma coisa. Era assim. Peixe eu acho que não comi porque não tinha. Tinha.

É, não tava. É. E não, não morava perto do rio. É. E para chegar no rio ia chegar como? Caminhando. E eles faziam antigamente tudo caminhando também.

Tudo caminhando. Tudo caminhando. No máximo uma carroça. Um cavalo. Máximo.

É. Não, mas o cavalo já era um um luxo.

É caro, né? Diz. Cavalo era

e a carroça também. Tinha que ter uma carroça, tinha que ter as rodas. Aí a roda como é que ia ser? né? Uhum. Eu também. Eu tinha e nem bicicleta não tinha, sabe? Porque eu me lembro na época de 46 e o meu pai fez uma bicicleta para mim de madeira. Tanto que hoje eu não sei andar de bicicleta e eu tenho medo.

Não sei andar. Nem eu nem minha irmã aprendemos a andar de bicicleta porque não tinha, né? Não tinha. E era um artigo de luxo. Ia conseguir aonde? Eu acho que depois ou quem tinha mais dinheiro, porque na época tinha famílias muito ricas, não é? Quando eram ricos, eram muito ricas. Mas a minha família sempre foi pobre.

Uhum.

E depois é que foram melhorando, ficaram eles eles faleceram assim sendo na classe média, né? Não eram ricos, mas estavam muito bem de vida, muita luta, muito trabalho, muito sacrifício.

Tanto que assim, a minha mãe, aí meu pai trabalhava nessa eh construtora que não era, ela tinha de tudo. Eh, meu pai trabalhava durante o dia, meu pai ia de manhã, ele levantava assim 5 horas, 4:30, dependendo para dar comida pros bichinhos. E aí ele tomava café e ia trabalhar lá na Vila São José.

Uhum.

Ele fazia tudo a perto. Dizer meu Deus dan.

Aí ele voltava para casa meio-dia para dar comida pros bichinhos, almoçar e voltar. tava, imagina só fazer isso quatro vezes por dia. Todos os dias ele fazia isso. E aí, e a minha mãe para ajudar com as despesas e para pagar assim, ó, a madeira da casa, a minha mãe costurava e ela começou costurando porque as vizinhas, eu não sei, ela tinha uma máquina, eu acho que ela trouxe a máquina e quando falecia alguém Eles se vestiam de preto.

Uhum.

E os homens aí só tinham assim, eh, digamos, eles colocavam um uma tarja, né, alguma coisa assim preta no braço.

E a minha mãe tinha que fazer tudo isso. A minha mãe fazia os vestidos e faziam essa tarja e e aí ela tinha que ter tecido. Então ela tinha que ter assim uma sobra sem de tecido em casa.

Nem sobra, né? Tinha que ter um Sim, bastante, né? Até um uma espécie de um estoque.

Uhum.

Para quando alguém pedisse, né?

É sim. Porque quando a pessoa morria, em seguida a minha mãe tinha que correr, já fazia fazer as roupas, a sorte que as roupas não tinham muita modelagem, né? Era eu acho que umas coisas assim mais simples, né?

Ah, certo. Aham. Uhum.

E eu sei que ela às vezes conforme o o falecido quando ia ser enterrado e tudo, né? Tinha que ver. Ela passava a noite costurando para terminar a roupa. Então a minha mãe passava a noite em claro trabalhando e meu pai dormia. Aí quando meu pai ia acordar dormir. Tu vê, né? Que sacrificada. E a minha mãe não podia nem dormir muito porque daí ela tinha os afazeres da casa.

Uhum. E duas e duas pequenas para e duas meninas. É. E não tinha ninguém para ajudar.

A minha vovó morava longe também. Tinha tinha as atividades dela e assim foi. Então foi a vida do nos pais foi muito sacrificada, mas foram felizes.

Uhum.

E por por e foram felizes por ter duas filhas que também foram felizes e tiveram tiveram tudo assim que elas quiseram, que elas quiseram fazer tudo. Assim, tivemos liberdade também que na época também era difícil.

Uhum. Uhum. Então, falando em felicidade, já vou aproveitar a pergunta. Como é que, quais são as tuas lembranças além dessa do baldinho que tu contou que eu achei o máximo de criança assim, de infância, de brincar? O que que tu lembra assim? Sim, sim. Porque como a gente ficava em cima do foi foi acabou dando um eh um eh um muro, um muro, como é que a gente chamava ainda, porque como a casa foi construída, ficou um barranco.

Uhum.

Um barranco.

Então tinha um espaço entre a a porque aos poucos foram fazendo, abrindo umas ruas assim, né?

Então ficava aquele barranco entre a rua e a casa.

Uhum.

E eu sentava em cima do barranco. Eu pegava um cobertor e sentava ali e ficava comendo amendoim. Adorava comer amendoim. E sentava e cumprimentando. Quando passava alguém que era difícil passar, eu cumprimentava as pessoas e conversava com elas assim, né? E aqueles baldes de laranja e bergamota, de bergamota principalmente. Aí eu ficava ali feliz, feliz. A minha infância foi assim. Aí depois o meu pai, ele fez um balanço para mim, tinha um pé de cinamon, coisa que na época, né, tinha muito esses pés, essas árvores, não é?

E depois o meu pai plantou, quando a estrada aumentou, alargou mais, ele plantou o pé de eucalipto. Então, os nossos pés eucaliptos eram famosos, eram enormes. Aí ele dizia assim: "Aí, sabe lá em cima no morro onde tem os pé de eucalipto? É lá que eu morro. Sabe? Era a referência que a gente dava.

Aí a minha vida foi assim, minha vida de pequena, a minha felicidade era ficar em cima do balanço, me balançando, cantando. E era isso, era. Nós precisava de tão pouco para ser feliz. Do outro lado daí da rua, o que que tinha? Tinha a CE começou a colocar, depositar os postes de de de madeira, né, que eles passavam. Um, como é que era o nome daquele material muito, muito cheiroso? Como é que era? Pinche, hum, aquele pinche preto. Então eles passavam aquele pinche e aí nós ia brincar assim, nós, eu e a minha irmã, que não brincava muito porque daí ela já estava crescendo e eu ficava brincando meio que sozinha assim, aí queta, cuida, cuida, cuida, porque às vezes os postes rolavam e eu ficava brincando ali. Então era essa a nossa diversão, sabe? Brincando ali onde vocês moravam, né?

É. E não tinha muita coisa para fazer, não. E descer, ir para um lugar, cinema, essas coisas não tinha. E se tinha era para adulto. Então era era tudo difícil, não é?

E nós ficava ali brincando a tua juventude ali da adolescência, pra infância, pra adolescência também. Sei como é que foi.

Sim. Brincando assim dessa maneira. sempre em casa, brincando, estudando. Aí eu estudei aqui no Santa Catarina.

Uhum.

E Santa Catarina também eu i a pé de casa até o Santa subindo essa lombada terrível aqui. É igual lá da Fundação, né?

Uhum.

É. E eu fiz esse aí muitos anos. Então, esses anos aí não foram muito felizes para mim, porque eu era muito inibida.

Uhum.

E aí era mais difícil. Por que que eu era inibida? Porque eu eu tive a minha infância Mas sozinha, né? Eu era muito solitária, mas eu era feliz, eu não sabia disso. Agora vendo, olhando para trás, eu vejo que eu ficava muito sozinha.

Uhum.

E aí, guardada, isso acabou é tornando mais retraída mais tímida, né?

É, exatamente. Porque eu não brincava com outras meninas, porque não tinha também.

Sim. Só quando tu ia pra escola que daí tinha.

É, mas daí também na escola assim, né? Já era tímida, né? Então quanto mais as outras se sobressaíam, mais tímida eu ficava. Hum.

Que coisa incrível, né?

Coisa, né? E daí quando a gente para para pensar, é que a gente para para pensar, né? Que daí eu vejo assim quando eu faço as entrevistas, que daí as pessoas vão lembrando, vão pensando, vão lembrando. É. E uma coisa que eu sempre acho assim, eu digo: "Olha agora como eu sou expansiva." Isso que eu não sou expansiva, mas de o que eu era, como eu fiquei melhor. Mas é por causa disso, não é? Pela pela idade, pela vivência que tu vai tendo, assim e mesmo pelo contato que eu tive. Porque eu sempre fui, eu sempre trabalhei no comércio.

Uhum.

E e eu sempre tive, mesmo com contato com as pessoas, não é? Porque como eu vendia sapato feminino, eu tinha, eu tava sempre envolvida com mulheres que falam muito. Aham.

Mas eu sempre mais escutava do que falava.

Então, eh, vem, né, assim lá de trás assim, né, que eu ficava e eu e ao mesmo tempo eu não era tão quieta. **Porque, né, lá no barranco eu cantava, eu conversava com as pessoas, eu cumprimentava. Depois no balanço também são duas imagens assim muito fortes que eu tenho, que é isso da da infância.**

da minha infância. E e não dá nem para dizer que adolescência, né?

Porque a nossa adolescência era dos 15 anos em diante.

É. Aham. Uhum. Antes disso era criança. Antes disso era criança. Aham.

E com essa idade eu me lembro que esses esse um tempo atrás eu encontre um amigo que é meio parente, ele disse: "Mas guerdá eu lembro que eu fui nas tuas reuniões dançantes que a gente fazia na garagem que daí eu já tinha outra casa, uma casa grande, bonita, né? Foi a realização de sonho da minha mãe. Tem uma casa grande com lareira.

Uhum. Daí vocês se mudaram? Vocês moravam?

Não, nós moramos, nós tiramos a casa e colocamos no mesmo local. Meso lugar.

O meu pai só deslocou a casa.

Uhum.

De madeira. Madeira. Aí fez uma fez uma casa de material bonita. E aí a minha mãe queria uma lareira e aí e fizeram a lareira como ela queria, porque nós passava muito frio lá em cima, o morro assim porque não tinha nadae quando dava os vendavais e mesmo no inverno era frio, frio.

Se bem que a nossa casa de madeira, a madeira não é fria, né?

Uhum. Uhum.

Não era fria, mas ela, como era material, ela queria uma lareira.

Aham.

E aí naquela casa nós tínhamos uma garagem muito grande, muito bonita. E aí nós eu fazia as reuniões lá. A minha irmã já não pegou essa época. Minha irmã casou cedo.

Ela casou cedo, casou com 18 anos, casou bem.

Exatamente. E eu então eu fazia as reuniões e e aí o meu primo me disse ainda [inaudível]. Eu lembro que eu fui lá no teu aniversário de 15 anos. Dizer que é uma coisa que eu não lembro. Tem A gente esquece.

Eu tava conversando, acho que com meu marido, tu lembra? Não sei quant eu não consigo me lembrar. Eu não tem jeito. Mas a gente foi num show, num show que a gente faz. Me lembro disso. Não consigo me lembrar.

É, é que interessante, não é? E dever deia ser marcante, mas não foi os 15 anos. Para mim não foi marcante.

Não foi marcante, porque tu não lembra?

Eu não lembro nada, nada, nada do meu aniversário.

Da minha confirmação. Eu lembro agora disso. É, eu lembro que eu fiz a confirmação, tinha festa agora dos 15 anos, né, que deveria ser com meus amigos, minhas amigas, eu não lembro.

Não foi importante.

Não foi importante.

É. E quais os ensinamentos que tu lembra assim que tu aprendeu com a tua mãe, com as tuas avós, com a tua irmã que era mais velha que tu, assim, que que que que elas te ensinaram? Que que tu lembra? Pode ser assim, de trabalho manual, de alguma coisa que elas te ensinaram, alguma coisa que te marcou assim?

Nada, nada, nada. Só o que me me marcou, que me marcou a minha vida toda até hoje. Eh, é o do meu pai que ao lado da casa, essa casa bonita, ele construiu a oficina dele, que era uma serralheria.

Uhum.

Que na época é fazia de tudo. Na serralheria ele fazia telas, as telas que seja até hoje em dia, porque são aquelas de arame, né?

Uhum. Uhum.

Então, eh, eu ajudava ele que era com manivela, né? Ele ia virando e tinha que segurar a tela porque conforme era muito alta, né? né? Ou e muito comprida, então sempre tinha alguém que segurasse aí queé e uma coisa que rendia muito, né? Dava um bom dinheiro. Imagina quando ele ganhava um pedido de tela, porque eram poucas pessoas que faziam, eram artesanato.

Exatamente.

E aí depois o meu pai eh ele inventou, ele era muito criativo, ele inventou a como é que agora esqueci o nome da que Máquina de salpicar, parede. Hum.

De construção. Tu sabes o que é isso?

Uhum. Eu sei. Eu já vi uma coisa parecida.

É, então lá dentro é ela é construída uma lata.

Ele bolou tudo.

E lá dentro vai um rolinho de madeira onde é todo furadinho e onde ele enfiava os e os arames.

E aí dentro daquela máquina vai o cimento e aí vai virando manivela. É.

Uhum.

E eu fazia aquela parte do rolinho, eu eu eh porque quando ele furava ficava a madeira ficava pelo lado de dentro que que era a sujeira. Então ele tinha um, sei lá, um um uma coisa de ferro lá que a gente tirava aquelas aquelas felpas que ficava por baixo assim e depois tinha que lixar com uma lixa. Isso era o meu trabalho. Então tu convivia mais com o teu pai do que com a tua mãe. assim em termos de fazer coisas, de fazer, eu nunca fui de fazer artesanato, fazer essas coisas, não, porque aí à noite eh nós quatro se reunia na sala, era uma salinha e junto era a sala, mas a gente sentava na salinha escutando o rádio, os quatro que ver já era grande, eu acho que eu já tinha 15 anos, eu ficava ali, nós ficávamos ali sentados escutando o rádio. E o meu pai enfiando a aqueles rolinho, né? Fazendo os rolinhos e a minha mãe acho que costurando, bordando e eu olhando o meu pai. Então ele tinha uma pilha de uns 10 rolinhos que ele tinha uma meta. Aqueles 10 rolinhos ele ia encher aquela noite de de, né, nos furinhos ele ia encher com aqueles eh com os arames.

Aham.

E e ali eu ficava chulhando a minha irmã. Eu não me lembro se ficava sem fazer nada ou se ficava abordando. Eu não lembro, eu só me lembro do meu pai fazendo ali.

Aham.

O meu negócio era o meu pai.

Que interessante isso, né?

Uhum. Uhum.

E eu não fazia. E depois na escola comecei a fazer bordado, mas eu nunca fui de bordado. Não gostava.

Eu gosto de fazer alguma coisa mais exótica, alguma coisa assim

dinâmica assim, uma coisa que, né, seja tão aquele do dia a dia assim, eu não gosto de fazer.

É. E eu acho que isso aí foi ligado a meu pai, né? Naqueles tempos que eu ficava com ele, era companhia dele, que lá tinha movimento.

E era isso que tu gostava, porque tu parava na rua movimentar os podia querer movimentar.

Aí tu imagina tu dentro de casa com a tua mãe, aí que que, né? Que chatice. Chatice, é, e depois ficava no balanço.

Então assim, e aí quando aí eu ficava, ficava em casa e aí olha, como eu disse, os 15 anos, mas aí 17 anos, veio uma vizinha e me disse que tinha um supermercado que ia abrir. Tu não quer ir lá trabalhar? Alguma coisa assim?

E aí veio o prefeito, tu vê só, o prefeito veio lá em casa me oferecer trabalho. Tô vendo.

É ao seu moço quando que era na época.

Uhum.

E se eu queria ser caixa? Aí eu disse que sim. Eu não entendia nada de nada. E aí eu fui trabalhar num supermercado que era uma honra.

Imagina, imagina trabalhando primeiro supermercado.

Primeiro supermercado de novo. Primeiro supermercado real.

O real. Aham.

O real. É.

E aí eu fui trabalhar lá e daí eu comecei a trabalhar,

fui trabalhando. Foi, é, fui indo, fui indo. Depois eu fui trabalhar com calçado, fui ser caixa de uma loja de calçados e sempre assim depois eu abri a minha loja, que eu fiquei, eu tive 35 anos, trabalhei na minha loja. Qual era tua loja?

Era Pelica e Batom.

Ai, que fum

que chique.

Aham. Aham. É, é. Ela. Mas daí eu já tava casada.

Uhum. Uhum.

Né? Nesse meio tempo eu casei.

Sim.

E eu casei com uma certa idade. A minha irmã casou com 18 e eu já fui casar com 22.

Aham.

Vê, né? Que diferença.

Já deu uma diferença entre porque é porque eu trabalhava, não é? Já fui fazendo. A minha irmã não. A minha irmã nunca fez nada.

A minha irmã era bem dona de casa.

Uhum. E tu já era, já se escapava já. É, eu já era outro estilo, não é?

É o jeito, né? Não adianta. É o jeito.

Não adianta. ã, deixa eu ver que costumes assim tu lembra da tua família, né? Quando vocês quatro estavam juntos ou quando se reuniam outras partes da família, primo, avô e alguma coisa assim, que tu lembra que é da cultura alemã? Canto, comida ou isso? Não tem.

É, não, não, não. A gente não se encontrava muito que eu Lembre assim.

Uhum.

Porque meu pai tinha um irmão que morava do outro lado da rua, né? Que depois ele foi para lá, ele casou e comprou uma casa perto de nós. Comprou não, ele construiu também.

Mas aí então a gente não se encontrava muito, cada um ficava na sua casa.

Trabalhava muito, né?

É, trabalhava muito fim de semana. Meu pai era assim, eles, meu nome é trabalho, eu só queria trabalhar. Aí fim de semana ele construiu alguma coisa que era um chiqueirinho ou galinheiro, ele precisava reformar. a casa tava sempre fechada.

Sempre, sempre, sempre.

Exatamente. E eu sempre junto com ele. Uhum.

Né?

Sempre com ele.

Eh, então é nós, ele não tinha tempo e como nós éramos assim muito família, eu eu nós estava sempre junto, os quatro sempre juntos.

Uhum.

Então assim, a mãe assim, almoço também, comida tradicional que ela fazia era chucrute.

Uhum. Uhum.

Né? O chucrute a gente comia bastante. Por quê? Porque ela fazia, ela tinha repolho, então conseguiu que o repolho era uma comida mais barata, aí ela preparava um um repolho inteiro e aí devagarinho ela ia fazendo, né?

Uhum.

E normalmente a gente comia à noite o o o chucrute com pão. A minha mãe fazia pão.

Uhum.

Então ela vai te ver como ela não tinha muito tempo, porque ela costurava muito, limpava a casa, arrumava a casa, minha irmã também, eu muito pouco limpava a casa.

Uhum. Eu já era pro outro lado do meu pai.

Se tinha que ficar com alguém, eu ficava com meu pai.

Tu preferia porque o jeito que ele fazia as coisas te agradava mais, né?

É. É, exatamente. Me sentia mais livre.

Livre. Exatamente.

Que incrível, né?

Que doido, né? Agora que a gente para para pensar que agora que tu tá falando sobre isso, tu vai lembrando. Bem isso aí.

É. E aí assim, ó, a única coisa assim que eu me lembro que a gente comia de diferente era isso aí mesmo. Língua.

Uhum. Língua. Não sei. Língua. A minha mãe fazia massa feita em casa. Aham.

Que era

Uhum. Fazer comida em casa.

Comida é tudo era feito em casa. O pão, rosca.

Uhum.

Rosca já era mais difícil porque rosca eu já tinha que comprar porvilho.

Aham.

E aí já tinha tinha dificuldade para achar o porvilho, né?

Era mais complicado.

Era tudo mais complicado. Então assim, nós não tínhamos muito muito de acho que a nossa comida era bem pobre mesmo assim, bem do dia a dia, né?

É bem assim. E não tinha só no fim de semana.

É. E assim data especial que nem natal, páscoa. Sim. Aí então tinha o porco, né? Matava um porquinho, né? Para para ano novo também para ter a carne de porco.

Uhum.

Mas assim, eu não lembro de nós não tínhamos nada de especial assim.

E tu falou da tua confirmação. Isso é uma coisa que te marcou. Então, protestantes iam na no culto.

Sim. No culto. Gente, ia no culto, a gente ia bastante no culto. A minha mãe sempre foi bastante religiosa, quando dava ela ia. Aí depois com o passar dos anos assim que foi aliviando a a situação dela, que ela não precisava mais costurar, ela só costurava para nós, pra minha irmã e para mim, né?

Ela costurou muito para mim e pra minha irmã também. Aí a minha irmã abordava os vestidos. A minha irmã era bem prendada assim, desde novinha. Ela costurava assim alguma coisa, mas mais bordado.

Uhum. E até o final da vida dela, ela foi bordando, bordando assim. E eu já sem paciência, né?

Eu não julgo, eu sou igual, não tenho paciência para nada. A minha filha tem, a minha filha faz crochê, G.

Ela sempre faz crochê. Eu não tenho paciência.

E é uma menina de 16 anos.

Olha só, também sabe,

eu também. Eu não. Se der errado, já deu errado, já lar é da pessoa, uma pessoa. Não adianta.

E ela fica lá e ela faz. Meu Deus, como é que consegue? Eu não consigo, não tem paciência.

E tu vê e o alemão que eu comecei a falar alemão, foi escutando eles falando alemão. Ali sentados os quatro, meu pai enfiando os rolinhos. Aí eles falavam alemão e eu escutando. Falava muito pouco. A gente não falava quase ficava. Nós escutávamos mais o rádio. O rádio. Formado que tava acontecendo.

Exato. E música. E aí enquanto que tocava música, nós não falávamos. sempre ficava escutando a música, ficava escutando. E aí daqui um pouquinho já tava na hora de dormir. Tava na hora de dormir. Uhum. O pai fazendo as coisas ali e a mãe costurando. Então tava todo mundo envolvido, né? Envolvido ali no na sua tarefa e não se falava.

Uhum.

Mas eu escutava e aí eu fui escutando, escutando. Eu acho que eu fui aprendendo e daí fui falando devagarinho.

E os teus pais? Eles nasceram aqui ou não? Aqui em Novo Hamburgo também.

Nas aqui. É. Meu pai é daqui de Novo Hamburgo. A minha mãe não. A minha mãe é lá da serra, era de Sarandi.

Uhum.

Mas ela também tinha descendência alemã. Os dois.

Sim, sim, sim, sim.

Ela teve um padrasto que veio da Alemanha.

Ah, e ela teve pessoas que vieram.

É, sim. Ela sim. O padrasto dela. Então, ela aprendeu o Hort.

A minha mãe falava.

Uhum.

Então, e a minha irmã sabe mais do que eu.

Uhum.

Eu aprendi o o mais comum porque eu Aaminha mãe, a minha mana era mais ligada a minha mãe mesmo.

Ah, e tu?

É. E aí, então quando à noite assim que a gente se tava junto ali, então eles falavam esse alemão comum e eu fui aprendendo.

Aham. E fui escutando, prestando. É. E depois, com passar dos anos, eu comecei a falar em alemão com eles. E quando eu não sabia uma palavra, eu perguntava como era essa palavra em alemão e repetia a frase depois em tudo em alemão.

E aí, e mas eu mesma fui me catequisando, né? Mand foi aprendendo, por si foi aprendendo. É, e dessa maneira que eu aprendi alemão.

Uhum. Bem, só escutando e

só escutando. E é é

e mas eu não sei falar o Rot se eu falo o alemão ou

é o Hz.

É

bem. E nem sei se é esse porque meu é bem Hz.

É o Hz. Porque o Hzak é o que se falava em toda a região.

Sim, sim. Falava o bem bem bem comum mesmo, né? Segundo minha minha sogra Costa de cachorro que é o R

isso aí segundo ela era isso.

Ah, isso aí de cachorro.

Nunca tinha pensado com esse nome. É, mas é bem esse nome aí.

Elas ela sempre falam que ela que ela aprendeu a falar esse alemão, que o outro alemão não sabe falar aquele alemão formal, alemão aquele é pessoas que nem entende esse alemão, o o o formal, porque não é em todos os lugares da Alemanha que se fala esse aí. Fala tem o Pomeria também, não é?

Esse também é Esse aí eu acho que é pior que o nosso.

É, é mais difícil.

Mais feio. Mais feio o som, né? A entonação é muito feia.

Uhum.

Então, e tu acredita que a sociedade aqui de Novo Hamburgo, que tu nasceu, tu cresceu aqui, ela mudou muito. Mudou. Mudou. Ela cresceu muito.

Uhum.

E quem falava alemão não fala mais. Tem vergonha.

Uhum.

Muita vergonha de de falar alemão. Tanto que Orgulho, sempre foi. Não, mas assim, eu peguei uma época assim de infância ainda, de criança que as pessoas tinham muito orgulho de falar.

Sim. E é uma cidade alemã.

Uhum.

Mas as pessoas não querem falar alemão. Elas não gostam de falar. Elas têm vergonha mesmo de falar alemão. E aí é uma pena porque com isso o alemão, né, a língua se vaiendum.

Vai se perdendo.

Vai se perdendo e acaba não ensinando pros outros.

Professor, que nem eu falei para ti do da minha sogra não ensinou pros filhos, daí Exatamente, né? Aí os netos vieram, os netos não sabem.

É, é só os bisnetos talvez que vão ter interesse, não é? É verdade mesmo. O meu filho, o meu filho sabe um pouco de alemão.

Ah, ele sabe,

ele sabe um pouco,

mas também não aprendeu muito. É, ele falava com o vô, comigo. Eu também não ensinei, eu não ensinei o alemão para ele.

Uhum. De casa, assim, de falas, né? Fal porque o meu marido era de origem italiana.

Hum.

Aí eu não falava alemão com meu filho.

Uhum.

Porque aí tinha o italiano,

mas meu marido não ensinou italiano,

nenhuma palavra, nada,

nada, nada, nada. Ele não dizia nada. O meu filho sabe alguma coisa que ele sabe?

Sabia italiano. O teu marido?

Sim, sabia, mas ele não queria falar em casa, não gostava.

E não falava,

não. Não sei. Não queria, simplesmente não queria falar.

Queria.

Então, eh, eu acho que é isso. E Novo Hamburgo ficou muito misturou muito, né?

Aham. Uhum.

Cresceu muito rápido.

E muito rápido. E essas pessoas que vieram é pra nossa região que vieram muitas pessoas no interior assim interior da assim divisa com Uruguai. Aquele pessoal ali vieram para trabalhar nas fábricas de calçados e aí falar alemão com essas pessoas era difícil, não é? Uhum.

É. Eles tinham eles não queriam aprender, eles se sentiam ofendidos. falava alemão perto deles ou não é, digamos, numa reunião onde eles estivessem estivessem falando alemão.

Uhum.

Né? E até hoje a gente sente isso, que eles não gostam que se fale alemão. Então eu acho que por isso também foi se perdendo muito.

Uhum.

Né? Eu sei assim, ó, eu às vezes eu quero falar alemão e daí se tem uma outra pessoa junto que que não entende,

possa que possa se sentir mal por conta disso. Pode se ofender. Tu nunca sabe que porque eu sempre sabia, vocês estão vendo que eu não tenho nada de alemão, mas eu achei coisa mais querida. Quando eu entrei na família do meu marido, eu quis saber, eu quis aprender, minha sogra ensinou algumas coisas, eu sei falar, eu sei o que significa, porque eu achei aquilo tão legal. Pois é, tu viu?

Então eu fui atrás disso, daí eu pergunto para ela, pergunto pras irmãs dela, né? E eu fui me interando disso, eu achei isso legal. E aí, como eu nasci aqui em Novo Hamburgo tem essa questão do legado do do, né, da Alemanha aqui. E eu vejo que isso vai tá se Tá sendo lindo. Tá se perendo. Uhum.

Isso, G. Pronto, terminamos, viu?

Gostou da experiência?

Não, não, não. Gostei sim muito da experiência, muito. Mas assim, olha, é como tu falaste mesmo, eu fiquei lembrando agora porque por que que eu sou tão tímida? É verdade. Aqueles anos todos eu fiquei, nós ficamos assim isolados.

Uhum. Uhum. Uhum.

Né? E assim, ah, mora lá em cima, lá longe no morro, sabe? As pessoas, até quando eu dizia onde eu morava, disse: "Ah, lá sim". Sabe?

Uhum. Uhum.

Claro que a gente conversava com as pessoas e tudo, mas eram eram poucas pessoas.

Era mais difícil também.

Tudo era mais difícil. Lá tinha uma menina lá longe, mas daí eu não podia ir lá. Tu não sabia se a mãe da menina ia me aceitar, não é? Se podia ir, o que que tava fazendo aquela menina e tudo. Depois eu tinha umas outras colegas, mas era tudo longe.

Então era isso.

Ficava mais difícil. Claro. Isso, ga. Muito obrigada. Agradeço muitíssimo.

Ora, não, não, não, não. De nada.

Percepções da entrevista: a entrevistada, no início, não achou que tinha algo para contribuir para a pesquisa. Ela falou muito da família e da sua relação como pai e com a mãe. Gostava de ficar com o pai e fazer serviços mais “masculinos”, falou muitas vezes que não gostava dos afazeres domésticos. Gostou de frisar que é uma mulher que gosta de ser livre, independente.

Entrevista 4

28 de novembro de 2025

Dona S

77 anos

Ensino Superior

Dona de casa

Bairro Centro

Entrevista realizada nas dependências da IENH

Agora sim.

Tá.

Então, a primeira pergunta é assim, ó. Hum.

Tu nasceu em Novo Hamburgo ou em outra cidade?

Nascei em Porto Alegre.

Porto Alegre. ã, e se for negativa, que é o caso, né? Quanto tempo mora em Novo Hamburgo?

76 anos. Quase 77. Tu mora aqui?

Sim. A idade que eu tenho. Eu só nasci lá. Só nasceu lá e veio pr cá. Eu só nasci lá. Fala um pouquinho para mim assim da tua infância, da tua família, algumas coisas que tu lembra e que são assim importantes para ti. Se tu quiser falar, quer saber sobrenome? Que que tu quer saber?

Não, quero saber assim da tua relação com a tua como Ah, eu morava que nem assim, ó. A Isabel falou para mim: "Ah, eh, nós morávamos ali perto no centro de Novo Hamburgo, né? Eu brincava de tal coisa, né? Vai falando assim um pouco da tua infância que das coisas que tu lembra assim que foram importantes para ti.

Senão não

não. Tá, vou dar mais ou menos assim. Morava, morei sempre morei em Novo Hamburgo, só nasci em Porto Alegre. ã, morava no centro de Novo Hamburgo. ã, brincar. Naquele tempo não tinha essa liberdade de em casa de amiguinho ou amiguinho na na nossa casa, pelo menos lá na minha casa, tá?

Era escola, casa, casa e escola. Era isso, né? E no verão praia.

Uhum.

Então, era a melhor parte para mim, era a praia que existia um pouco mais de liberdade, podia correr, tinha o pessoal ali, né? Eh, tudo da família também. E era isso. Uhum.

Hã, que mais que eu posso te dizer? **Depois na adolescência eu já tinha os amigos. Aí tinha um cinema, uma matiné, alguma coisa assim, uma reunião dançante, baile que eram maravilhosas. As reuniões dançantes também eram maravilhosas.**

ã, aí tu começa a namorar, casa, tem filho e fica em casa. Me deu e acabou.

E acabou. Mas assim, tu não lembra de mais nada assim da tua infância, de amigos, de alguma coisa assim, ou de família ou tu tem irmãos? Eu tenho irmãos, nós somos cinco.

Eh, um irmão, o resto do menina ou moça, mulher.

ã, amigos eu nunca tive até hoje.

Eu não tenho pessoas que eu possa considerar amigas. Quem eu considerava amiga agora na nessa fase etária já Uhum. Me puxaram o tapete tão feio que eu me desconsidero como amiga, né? Foi uma situação assim tão que

Uhum.

Se era minha amiga jamais Não poderia ter feito isso, né? ã, como eu disse, eu casei, cuidei de casa, marido, filhos. ã, sempre gostei de andar no meio do mato.

Uhum.

Eu gosto de natureza, morei em sítio, o marido tinha vacas, daí tinha leite e aí eu tinha que me virar com 30 de leite por dia. Uhum.

Fazia queijo, fazia manteiga, fazia iogurte. Tu pode imaginar de queijo com leite eu fazia.

E vendia?

Ah, ou era pra você?

É nosso consumo. E leite até vendia. Mas não fui criada fora, fui criada na cidade. Mas e tu fez processo contrário? No caso, eu amo isso. Amo. Se pudesse eu estaria morando no meio. Tu foi pro interior? Tu gostou mais de Aham.

Apesar que não ficava em casa, tava sempre aqui, né?

Era aqui em Lomba Grande ou era

Não, ali em cima no aqui no morro de Dois Irmãos. Aham. Aqui. Ainda é no Novo Hamburgo.

Uhum. Uhum. Sim. Sim. Sim. Perto do travessão ali. Quando a gente vai de Aham. Sei.

Porque daí tem o travessão, tu pega ali por dentro pela

Não, mas mas era assim, ó. Subia na Na Redentora, eu sub na Redentora. Aham.

Né?

Sim, sim.

Então eu subi ali, eu ali morei, eu acho que 6 anos lá. Daí voltei para Novo Hamburgo. Aí um dia eu disse o marido que eu tava indo de volta, se ele quisesse ele que me acompanhasse. Ah, isso é fase adulta, tá? Mas a fase assim de infância e adolescência, infância, eu não lembro de ter amizades, amigos.

Uhum. E nem de alguma brincadeira que tu fazia, alguma coisa assim,

só era só escola. É. É porque eu sou assim, ó,

dos dois lados da família, eu sou a filha, neta, sobrinha mais velha. Uhum.

Então depois vinha só guri, então eu não

Uhum.

não tinha, sabe? Convívio com

Para bem da verdade, eu gosto das atividades masculinas. Eu gosto, não me faz menos mulher, tá?

Tudo bem.

Não quero ser homem.

Uhum.

Não. E é parte.

Então assim, na praia era andava de bicicleta, jogava bola com os guri, jogava futebol com os guri, essas coisas assim, né?

E depois comecei a namorar e daí era namoro. Aí casei cedo com faltava um mês para 21. Nossa, nada. Hum. Bem, no é hoje eu não sei, né? Mas tudo bem. Daí logo tive filho, então fiquei cuidando de filho, fiz magistério contra a minha vontade. Meu pai queria que as filhas fizessem magistério. Eu fiz.

Uhum.

Contra a minha vontade. Que mais que eu posso te contar?

Mas aí tu terminou o ensino médio?

Nunca tu chegou a atuar como professora ou não?

Eu um ano eu fiz, lecionei. Um ano. Eu não julgo.

Tô a 25. Não aguento.

Mas acontece assim, ó. Ana, não foi uma opção minha. Eu queria fazer contabilidade. Eu fiz uma contabilidade. Ele me fez retornar, me fez fazer magistério. Aí fiz magistério, fiz estágio, lecionei um ano, engravidei e fui lá na direção, pedi dispensa, pedi minha demissão.

Uhum.

A irmã queria que eu ficasse. Eu disse: "Eu não vou ficar porque eu vou ter um filho e eu vou cuidar do meu filho".

Uhum.

Né? Minha mãe dizia: "Ah, eu cuido para ti." Eu disse: "Não, tem mais quatro depois de mim." Disse: "Tu já criou os teus filhos.

Agora deu

aí com 50 eu fui fazer faculdade. Resolvi fazer faculdade, sempre queria fazer". Fiz faculdade, devia ter feito na área da humanas, assim de psicologia, alguma coisa assim, eu deveria ter feito, mas tudo bem. Eu fiz artes visuais. ã, que mais?

Deixa eu ver o que mais que tem aqui. Tá aqui. E quais os ensinamentos e memórias que tu tem aprendido com alguma das mulheres da tua família? Alguma coisa que tu aprendeu a fazer manual assim, crochê, tricô, comida?

Tá. Adoro fazer doce, bolo.

Gosto de fazer Gosto de fazer Comida de sal também, mas a minha prioridade é farinha.

Uhum.

Bolo, torta, doce, tá? ã, atividade manual, eu sou metida em todas.

Tu gosta?

Eu gosto, sabe? Eu gosto de aprender. Eu gosto de novidades. ã,

tu aprendeu sozinha, tu aprender com alguém? Alguém da tua família te ensinou, alguém que tu conhecia te ensinou?

Ah, eu perdi assim a primeira primeira dica e depois eu fui embora, né? No caso, no colégio que eu estudei no Santa tinha trabalho manual, então eu abordava. Quando tinha fio inosado, as freira me chamavam para desinotar, porque eu era boa nisso. Desde pequeno eu fui boa em bordar sem, sabe? Eu tinha, tem facilidade essa coisa.

ã, tricô, acho que eu tinha uns 9 anos, minha avó ensinou, ela ficou lá em casa conosco, a mãe e o pai viajar, ela me ensinou a fazer comezinho do tricô e eu faço qualquer coisa agora se eu quiser.

Primeiro eu preciso querer

às vezes a gente não quer.

Ah, crochê eu acho lindo, maravilhoso. Aí a avó, minha avó paterna fazia crochê e ela fez colchas de crochê para as neto netas. Ela fez colcha de casal para todas as netas.

E eu pedi pra moça que trabalhava com a avó, que nós duas nos dávamos, pouca diferença de idade. E aí eu disse: "Ai, Nelda me ensina a fazer". Ela me ensinou a fazer e aí é só me dar o começo, sabe? Eu fui embora.

ã, costurar, eu gosto de costurar assim, coisas lisas, retas, né? Que mais que eu posso te dizer? Eu já fiz, agora tô fazendo umas aulas de aquarela, né? Porque na faculdade tu aprendes mal e porcamente técnica.

Uhum.

O professor não te ensina como usar o material nem nada, né? E então tô fazendo aquarela ali com a Miriam que tá muito bom. Ela dá dicas assim maravilhosas.

Que mais que eu posso te dizer? Que mais tu gostei de saber? **Deixa eu ver que mais que costumes que tu tem, alguma coisa assim, seja a questão da tua religião, hábitos do teu dia a dia que tu tem, que tu acha que é dos teus antepassados, que tu quer, tu vi a tua mãe fazer, tua avó fazer, alguém da tua família fazer e que tu fazes até hoje?**

Não sei, não sei. Ah, fazer na Páscoa.

Uhum.

Decorar ovos de galinha, né? Com que tu utiliza, tu lava o ovo, colhe folhas macias, depois envolve o ovo. Eh, com antigamente era tule, hoje a gente faz com nylon, sabe? Com meio de nylon. A minha sogra faz e daí tu tinge. Amo fazer. Uhum.

Gosto de fazer na Páscoa. É uma lembrança maravilhosa que eu tenho, que nós sentávamos e fazíamos, né, com a mãe

nessa época do Natal. ã, a lembrança assim da mãe, o pai ã pai era engenheiro, então ele fazia uma cesta pros clientes, né? E a mãe então montava aquelas cestas com frutas e coisas e tal. E eu adorava ajudar. Uhum. ã, na empresa do meu pai, ã, no fim de ano em Natal, eles faziam uma festa de Natal para funcionar, sabe? ã, então o vô e o pai tinham um espaço grande e eles faziam ã festa de Natal para os funcionários. Então, as crianças ganhavam um brinquedo

que a mãe separava lá, olhava e catagava e Eles compravam da estrela.

Uhum. Uhum.

E daí elas recebiam um pacotinho de biscoito de Natal e um refrigerante. Você que fazia? Vocês compravam pronto o biscoito?

Á. Isso eu não lembro.

Isso não lembro. Tu era bem pequeno.

Era pequeno assim, adolescente talvez, mas eu não lembro se eles compravam. Eu acredito que eles compravam porque eram muitos funcionários. Era muita, porque era uma empresa de construção e tinha madeireira também, fábrica de móveis, sabe? Então era muita.

Nossa, mas então era bastante coisa. Qual é a Mossman? Ah, os Mosmann.

Sim, os Mossman. Fina você, hein? Hum. Fina, hein? Quer mais? Desliga. Quer mais? Sabe o Pedro Adam? Brincando. Sabe o Pedro Adam?

Sim.

É meu bisavô.

Era essas coisas. Agora nós chegamos onde eu queria. Só ter dito.

Bom, então assim

de pessoas assim que que tu lembra que são importantes pr conhecia? Não conheci, mas meu bisavô é o Pedro Adams.

Uhum.

Né? ã, que mais que tu lembra assim que são pessoas importantes pra construção da cidade, sabe?

Porque para mim são importantes os lanzer também são da família que a minha bisavó, **minha minha avó materna era Lanzer,**

né? Aqui dos Lanzas aqui de Hamburgo Velho,

o bisavô Pedro Adams, que é um homem assim super, nossa, empreendedor assim e uma pessoa que, meu Deus do céu, né? É só procurar ali dele que ele que deu o up da empresa, né?

Sim.

Ah, aí a mãe que a mãe que é Adams e casou com o pai que é Mosman, né?

Eles tinham a empresa de construção. ã, e aí o pai tocou a empresa, sabe?

Uhum.

Ainda tá de pé hoje, mas eu não faço parte lá da da equipe, né? Não sou daquela.

ã, aí como eu queria me livrar do sobrenome, eu casei e tirei o sobrenome de solteiro.

Uhum.

Aí eu casei com Bervanger, que não melhorou muito minha situação. Os Bervanger, dos guingers. Dos guinchos.

Eu ia te perguntar se era dos bervangers.

Então assim, ó. Troquei seis por meia dúia. Tudo bem. Toma conta, tá?

Não, assim, faz uma que mais que eu posso te dizer? **E ó, aqui sua religião ou religiosidade teve alguma influência da família?**

Sim, fui batizada católica.

Uhum.

ã, é uma coisa assim que, ah, todo domingo tinha que na missa, tinha que isso, tinha que aquilo. Daí até fiz parte ali no Santa do das coração de Cristo, sei lá como é que era, porque usava um uma faixa vermelha, mas filha de Maria, sei lá, quase que vi freira com aquela história, mas eu sempre contestei muito a religião católica, que eu não sempre me senti evangélica de coração.

Meu ser é evangélico da religião evangélica luterana, porque a minha avó paterna é evangélica e a minha avó materna ã eu tenho uma dúvida, fica uma confusão, porque até onde eu sei, a mãe dela que era Resler, tá? Sara, dos resler desses, tá?

Ela foi ã Eu acho que ela casou, acho que o LER, pelo que eu sei, assim, porque a mãe, ela ficou, ela perdeu a mãe muito cedo, então ela não teve assim muita informação.

Uhum. Uhum.

Então, a quando a bisavó Sara casou com Lanzer, ela trocou de religião, ela passou por catolicismo e a família simplesmente

tu não existe mais, sabe? Muito triste. Tu sabe que isso é uma das coisas que eu estudo.

Muito triste isso, sabe?

Então, até conhecia essa bisavó, a bisa sara eu conheci,

mas a única lembrança que eu tenho dela é sentada ali na casa dela assim, as poucas vezes que nós fomos lá toda assim de preto, sentada num cantinho na cadeira de balanço, no escuro, sabe?

Uhum.

Conheci também a outra bisavó, ã, que era Gersen, mas esses acho que eles não têm muita alguma coisa assim aqui no

em Novo Hamburgo. Essa bisa também conhecia. Eu devia ter uns 4 c anos quando ela morreu, que eu lembro o vô ficando com meu irmão, comigo e passando o cortejo dela, né?

Fúnebre.

ã, daí, como eu te disse, casei, tenho quatro filhos.

E tu casou, daí tu permaneceu católico ou Meu marido católico, eu católica também, né? ã, mas assim, ó, não sou de tá na igreja.

Uhum. Uhum.

Deus está em todos os lugares. Converso com ele.

Uhum.

Essa coisa tá ali assim, depois sair da igreja e ficar não, não funciona comigo, né?

É o que mais tem.

É o que tem, né?

Uhum.

E é isso. Então, assim, eu permaneço católica, mas mas teu coração é muito mais

mais dentro da religião evangélica, assim, do pouco que eu conheço.

Uhum. Uhum.

E para bem da verdade, eu respeito todas as religiões porque No meu entender, para mim só existe um criador. Uhum.

E seja lá qual for o nome dele, né? E acho que é isso. Então agora vamos pra cidade.

Você acredita que a vida na sociedade hamburguense mudou muito durante esses últimos anos? De que maneira? Porque já que a gente tá falando de gente famosa, tu acha que isso mudou muito? Porque a cidade cresceu muito.

A cidade cresceu, mas infelizmente eh hoje é decepcionante. o novo amor que eu conheci na infância e adolescência e mesmo casada, né, de depois que começou essa situação de exportação e que os sindicatos começaram a agir, Novo Amor se foi. E também quando foi quando o Ritselo, Eugênio Ritsel trouxe aquele povo lá do interior que sabe, eu fico com dó dessa gente porque eles tinham terras, eles podiam cultivar, eles tinham casa, eles tinham comida, vieram para cá numa ilusão. um monte de coisa para ele, como assim como os primeiros imigrantes, né?

Oferece ouro e dá nada, né? Então assim, ó, eu fico muito, eu infelizmente hoje Novo Hamburgo tá virado das traças, né? Jogado as traças, pelo que eu vejo, eu não tenho mais nenhuma referência assim em Novo Hamburg, quando eu preciso ir em algum lugar, eu preciso me concentrar para conseguir me localizar, **porque a gente às vezes eu escuto ali que nem eu tenho 44 anos, mas eu lembro assim, Cavasotto, eu vi vocês falando da cavazota da minha mãe e no sábado de manhã nós passava a manhã inteira na Cavaz. Um monte de coisa, né, pr Sim. Tinha casa Floriano que tu ia ali também no centro, né?** Ia na casa Floriano, pegava os filhos e ali na casa Floriano, comprava

roupa desde o marido até o menorzinho, né? A Casa Balão, às vezes já tava falando minhas casa, tinha casa balão, a casa Floriano, tinha T House, que era uma casa de chá da Condeger que era muito bom ali na

na Bento, né? Tinha casa quadros que tinha N

Uhum.

Ah, coisas os o Dexheimer que era uma (...), né? Que que mais?

E eram essas as referências que a gente tinha, né? Porque eu nasci aqui, né? Meus pais não são daqui, mas eu nasci aqui.

E aí eu via isso. Eu ia passear, digamos, no centro de Novo Hamburgo e tinha essas referências, ah, fica do lado de tal coisa, né? E agora já não tem mais passuvas, vale avenida, café avenida. Nossa, era assim, era maravilhoso, né? Tinha as missas aos domingos e a gente ia na missa para depois poder dar uma voltinha no centro e ver os guri faz parte. Fazia parte.

Depois meu vô ia na missa porque o o Mário ele era ah, ele era escoteiro.

Uhum.

E ele comandava o trânsito. Imagina naquele tempo, lá em 1960 e qualquer coisa, comandar o trânsito na igreja católica ali onde é catedral hoje. Nossa, precisava comandar o trânsito. Tava ele lá de escolteiro comandando trânsito e aí meu vô ia comigo na missa. Ele nunca ia na missa, mas daí ele ia na missa para me acompanhar. Nós ia na missa às 8:30 da manhã para eu poder olhar pro Mário. Era só por isso que eu ia na missa, para ele parar o trânsito. Per, ver se pode, né?

Ai, ai. E que que tu acha? Qual legado ou contribuição você acredita que deixou pros seus descendentes, pros teus filhos, né? À, que tenham alguma relação com que tu aprendeu com a tua família, com os teus antepassados ou tu foi criando as tuas memórias?

Existe muita coisa que a gente quando se casa, ou melhor, antes de casar, tantos, tanto o homem como a mulher deveriam ter uma vivência sozinhos, meu entender.

Uhum.

Para saber, para ter aquela vivência, para ter uma noção do que é o compromisso, né? À, e também para se libertar de toda aquela mala que a gente carrega junto de casa. Uhum.

Né? Infelizmente não se faz isso. Mas eu Agradeço meus pais porque eu não sei o que que eu teria sido se meu pai não fosse tão duro comigo.

Tu era meu doon?

Hã?

Tu era medonho?

Não,

não,

não. Porque ele era levava ali, né? Corda curta.

Uhum.

Ah, a gente tinha respeitava. O pai era uma pessoa assim, ó. O pai olhava e tu já sabia, né? Nunca apanhei dele, nem da mãe, nunca bateram, sabe?

Mas era uma educação diferente. Então eu procurei mudar muita coisa, fazer. Ah, eu acho que podia ser mais leve aqui. podia ser mais leve ali. Tive que aprender a receber abraço e beijo, porque também era uma coisa que não existia, né?

Aprendi com meus filhos, com meu marido. Então, ah, o que a gente passou, a nossa família sempre presou, pelo menos assim, ó, dentro do que eu tenho de conhecimento, tanto meu pai, quanto meu avô, quanto o Mário, sempre se preservou de fazer as coisas corretas.

Uhum.

De não passar por cima das pessoas para conseguir as coisas. sabe?

Uhum.

Então, acho que eles conseguiram aprender isso. Eu acho que eles tiveram um bom exemplo, porque olha, graças ao bom Deus, não tem nenhum drogado, nenhum viciado, nenhum marginal, nenhum assassino, nada, sabe?

Então, acho que a gente conseguiu passar valores bons para eles, assim como eu recebi, sabe? Tanto o Mário quanto eu, de trabalhar, de lutar pelo que tu quer, ah, de conseguir fazer o que, né? Uhum.

Tu

seguir em frente, mas trabalhando, se esforçando.

E nós Nós estamos preservando isso hoje na empresa, né? Faz 3 anos que o Mário não tá aqui. ã, era só o Mário, o Mário José, que é o meu filho.

Uhum.

Número três.

E eu ali.

Quantos filhos tu tem?

Quatro.

Quatro.

É, duas, duas guras e dois guri.

Uma se formou psicóloga, o outro se formou agora no meio do ano em fisioterapia.

Uhum.

A mais velha arquiteta. E o Mário José. Esse ele disse assim: "Ah, eu sou o único da família que não me formei". O problema é que ele é muito inteligente, ele não precisa estudar.

Uhum.

Ele tem facilidade, ele faz tudo, ele aprende tudo. E ele que tá tocando a empresa com a filha mais velha que arquiteta.

Ah, não.

Que ela nunca quis trabalhar lá dentro e agora com a morte do pai ela entrou junto também. Não ia dar ia dar conflito, sabe? Uhum.

E ela é muito decidida, muito capaz, né? Eu disse para ela ontem, eu queria ter 10% da tua capacidade, sabe?

Uhum.

Porque ela é assim, os para bem na verdade os quatro são fora da curva, né? Eu vejo eles assim muito empreendedores, eles trabalham, eles não um refugo, um serviço.

Uhum.

Eles vão atrás do que eles querem, não sabe? Então

tem valores bons, apesar de não ter aquela frequência de igreja, aquela coisa assim de, né? Mas os valores eles, aquela coisa não matar, não roubar, não cobar a mulher do próximo, essas coisas que a gente aprende no meu tempo.

Uhum. É, eu também aprendi isso, né? Então assim, eu não posso nem assim, eu venho de uma família, **Susana, que é minha mãe, perdeu a mãe com dois meses e o pai com 2 anos. Quando ela era pequena, que ela foi criada pela avó, eles dizem assim: "Essa ali não vai prestar".**

Meu Deus do céu,

ela não vai prestar. Aí ela sempre diz: "Ela tem 76

e da ela sempre diz: "Aham, ela sempre diz assim:

"Não prestei, tá vendo? Não prestei." Ela faz assim, tô aí com os filhos tudo criado, os filhos tudo formado, aí eu não prestei. Aí eu me lembro direitinho que eu tinha um tio meu que falava isso.

Provavelmente foi a única que prestou.

Provavelmente ela única irmão dela. Provavelmente é o irmão dela.

É, viu?

Tudo, sabe? Os filhos criados, tudo os filhos bem. assim, sabe, encaminhados em termos de de valores, que é isso que a gente tá falando.

Isso. E eu tenho quatro netos, então tem três assim que já estão na já mais de 21, né? Todos trabalhando, todos se esforçando, indo à luta, se formando na faculdade, sabe? Tem uma de 12 anos que essa ainda tá, né, caminhando, dando os passos dela. Mas assim, olha, eu só tenho agradecer a Deus os filhos que eu tenho e o marido que eu tive, tudo que ele me ensinou, sabe?

E porque eu era uma pessoa muito fechada.

Uhum. ã, fui criada assim, né, de Sim, sim.

Não sei, não sei como é que eu fui criada. Talvez fosse o meu. Hoje a minha filha mexe comigo, meu Deus, tu fala com todo mundo? Eu disse: "Sim, né?"

Sim, a gente vai.

Eu disse: "E hoje eu consigo". E fazer a faculdade para mim foi muito bom também, porque eu praticamente, entre aspas, era praticamente não, eu era a mais velha da turma, né? Era tudo adolescente. Fui super bem aceita, foi a melhor coisa que eu foi uma experiência maravilhosa, sabe?

Uhum.

E É isso. Isso aí. É isso aí.

Percepções da entrevista: a entrevistada agradeceu pela entrevista, gostou muito do espaço de fala. Me confidenciou que pertencia a duas famílias importantes da cidade, mas que não gostava de ser associada a isso, que isso não a definia como pessoa. Falou da questão da liberdade que as mulheres de hoje em dia tem, o quanto isso é bom e diferente dela. Ela é, normalmente, uma pessoa mais reservada, parece até mais sisuda, mas fui se soltando durante a entrevista.

Entrevista 5

03 de dezembro de 2025

Dona H

66 anos

Ensino Superior

Arquiteta

Vila Rosa

Entrevista realizada na residência da entrevistada

Agora tá gravando bem bonitinho. Primeira pergunta, velho. Hania, tu nasceste de Novo Hamburgo?

Sim, sou de Novo Hamburgo.

E fala um pouquinho para mim, assim para entender como é que foi a tua infância, onde é que tu morava, em que parte de Novo Hamburgo que tu morava, que que tu lembra assim de coisas que eram da tua família e que tem a ver com a descendência alemã?

Então, ã, eu morava na esquina da Rua Santos Pedroso com a atual Vitor Hugo Kunz, que na época não tinha esse nome, era uma rua que eh não era contínua, tá? Ela tinha uns valos no meio. E nesse nessa rua então que era eh parcelada, nós brincávamos na rua, jogávamos caçador, vôlei, tudo na rua, porque não os carros não conseguiam passar igual, né? E ela era fechada em três direções. Ela só pela Santos Pedroso vinha, né, de cima, descia até aquela esquina e mais um pouco e embaixo tinha um riacho onde tinha uma só um toco, depois passou uma pinguela e depois só que veio a rua que deu continuidade.

Então assim, nós tínhamos muita liberdade de brincar na rua sem perigo, sem e tinha bastante eh crianças também da da gente ou parecido. Então, a gente naquela época conhecia quase todo mundo e a minha família ela, por parte de pai, ela morava também nessa rua que antigamente se chamava Machado de Assis, tá? Que deu lugar a Vittor Hugo depois, tá?

Ã, quanto à descendência, então, por parte de pai e mãe, tá? Eu tenho, todos os meus avós vieram da Alemanha.

Tá. Então, por parte de pai, veio uma família que era pai e filho e dois homens e uma filha temporona. Tá.

E...ela nasceu aqui ou nasceu lá?

Não, nasceu lá também, mas ela veio pequena, tá?

E por parte da minha mãe, eles vieram casados para cá, meus avós, tá? Mas vieram também com parte da família, que nem todos ficaram, alguns voltaram para a Alemanha. Depois tem uma tia que viveu lá o resto da vida dela e os pais também voltaram, tá? Porque aqui na época também não era tão fácil assim, eles eram padeiros, tá? E daí eu me lembro que essa tia que voltou pra Alemanha, ela disse que não queria ficar, ela mandou uma carta pro tio na Alemanha perguntando se ele pagava a passagem, porque ela não via muito futuro aqui. Ela ela ia de cavalo levar pão até a subida ali do travessão, tá? E voltava.

Então assim, ela voltou para a Alemanha, casou lá, teve filhos lá. A minha família então por parte de pai e mãe, toda ficou aqui, tá?

E meus ,eh, minha mãe por ,eh, e a família dela, tá? Do pais e irmãos.

Uhum.... a minha a minha avó, ela começou a ter uns ataques, tá? Daí o médico na época disse que ela deveria procurar um clima mais parecido com o da Alemanha.

Só que meu avô, imagina que ele iria pra Argentina, por exemplo, ele voltou pra Alemanha no início da Segunda Guerra.

**Nossa,
com toda a família.**

Meu Deus.

E eles passaram então toda toda a época de guerra na Alemanha, tá? E eles conseguiram licença no fim da guerra para voltar, porque ela, eles tinham uma filha brasileira menor de idade ainda, senão eles teriam que ficar lá para ajudar a reconstruir. Uhum....

Então a minha mãe voltou na época com uns 18, 19 anos, tá? E ela ainda tinha uma irmã menor e uma mais velha também. E o irmão mais velho, que era o único filho, homem, ele morreu na guerra, tá? Humm, daí eles voltaram para cá e o estranho é que eu vi num num num álbum de fotos da minha mãe que antes de ela ir para a Alemanha tem uma uma criança sentada assim que foi fotografada e ela tava com o braço passado em cima do pescoço do que viria a ser meu pai, que era tudo próximos ali, eram todos conhecidos. É, próximos.

E quando voltou acabaram se reencontrando, porque ela nem não me lembro se ela não se ela falou que lembrava ou não dele.

Sim, sim. Que legal.

Eh, bom, dessa forma, então assim, toda a família veio da Alemanha em algumas épocas, em geral por 1920, por aí. Uhum.

É, daí não vieram século XIX, eram começo do século XX a tua família.

Isto.

Uhum.

Tá. Eh, só que daí Eles voltaram, a família da minha mãe voltou e voltou depois da Segunda Guerra. A do meu pai não, eles ficaram no Brasil, mas até foram bem perseguidos aqui durante a guerra, porque consideravam, né, esses alemão aí não podiam falar português.

Tanto que meu pai fala que ele ia no escola que lecionavam em alemão e a prova chegou em português no fim do ano. Tanto imagina o que que ele conseguiu responder.

Daí o meu avô, quando ele chegou no Brasil em 1920 por aí, eh, ou 21, não sei certo, ele, a primeira coisa que ele fez foi aprender português. Ele entrou num curso de português. Ele sempre teve sotaque, mas falava corretíssimo.

E eles vieram para cá para quê?

Ã, eles vieram fugidos da Primeira Guerra.

Da primeira? Ah, eles vieram fugidos. da primeira primeira. E até aconteceu uma coisa que eu nunca cheguei a ver, mas eles comentavam que foi assim, que eles venderam a casa lá e vieram com uma mala de dinheiro alemão que quando chegaram aqui no Brasil valia um maço de cigarro, vale. Uhum. Tá. Então aqui eles tiveram que recomeçar tudo. Eles começaram eh morando de aluguel no fundo de uma casa em que o quintal era o galinheiro da do tá e com as caixas de de roupas e coisa que trouxeram, eles fizeram mesas e cadeiras e coisas assim, tá?

Sim, porque era o que tinha, né?

É só que lá na Alemanha eles tinham uma fabriquetinha de de calçados masculinos, tá?

E meu avô então começou essa empresa aqui como sócio com um MS Tá. Era M R. Futuramente a empresa que já é tinha três prédios grandes, tinha chegou a ter 700 empregados, tá? À, eles já acabaram sendo perseguidos então durante a Segunda Guerra. E um dos Mentz, o Mentz, que era o sócio, morreu e ele tinha como herdeiros um filho Mentz e um Hubber que era casado com a filha. Daí virou a empresa Hubber.

Uhum.

Que também depois faliu por causa que o governo brasileiro eh, como é que se diz? Tomou o dinheiro deles da empresa, tá?

Por eles serem alemães, tá?

E daí muitos anos depois meu avô, que já tinha perdido para herdeiros, porque ele tinha um irmão, um herdeiro também e uma irmã, tá?

Então, Eles, eles parcelaram, ele ficou com um último prédio que ainda funcionou um tempo até eles falirem, tá?

E daí ele alugou esse prédio para pagar os empregados que ainda tinha, tá? Porque naquela época não existia que nem hoje em dia o fundo de garantia e por cada ano de serviço eles tinham que receber um valor X que eu não sei de quanto era, tá?

E ele tinha a maior parte dos empregados era mais velhos e tal. Então ele passou anos pagando aquilo, pagar aqui tudo. Quando ele terminou de pagar esses empregados, ele vendeu essa esse prédio que ainda tinha, que ficava entre a atual Vitor Hugo, mas com frente para eh General Osório, tá?

E daí ele dividiu esse valor em quatro. Ele deu um uma parcela para cada um dos três filhos e uma parcela que ele ficou, ele investiu para ir com a esposa dele a última vez pra Alemanha, tá? Naquela época ele já tinha entre 60 e 70 anos, tá? E daí ele gastou o dinheiro da parte dele com essa viagem, tá? Que foi bem que fez, né?

É, que fez, exatamente. É. E a família da minha mãe, ela eh por parte de o pai dela, no caso, ã, tinha um irmão ainda aqui no Brasil, tá, que morreu super cedo. Ele teve um câncer e os filhos dele aí ele tinha uma eh empresa que fazia eh, como é que chama? Trabalha para trabalho com metal, fazia metalúrgica, uma tipo uma metalúrgica. E os e os filhos homens eram dois gurizão de 17, 19 anos que não entendiam nada disso. Daí meu avô foi trabalhar com eles na empresa em São Leopoldo, tá?

E na verdade construiu a empresa pros sobrinhos de vezes dos filhos. Era a firma Petrol, eles eram Petrol, tá? Então assim, a família trabalhou muito, mas herança realmente nunca teve foi indo, foi indo, foi indo. É, quer dizer, então assim, ã, então eu já sou a terceira geração aqui no Brasil, tá? Já tenho filhos também. Tenho filhos já de 42 anos, tá? Um de 40, é um de 42 e um de 46. Sete já. Eh, uma neta, tá? E essa neta, então, ela já não é mais raça pura. A mãe dela é é uma uma mulher muito querida. Gosto demais dela. Ela tá, mas ela é uma missigenação. Ela tem uma avó italiana. A e por parte de pai ela tem até índio no meio.

Uhum.

É, então essa minha neta também, ela é atualmente bem brasileira. Daí quando eu falei com meu filho que ele tinha dito que fez uma eh um teste de DNA, tá?

Uhum. Porque a empresa tava fazendo uma oferta de preço especial, ele resolveu fazer por curiosidade. E E daí para ele apareceu que ele era originário de parte europeia, ã, com ênfase. Então, daí não especificou exatamente se era a zona alemã, por causa que boa parte nossa é da Alemanha. E por parte da mãe, da mãe dele, não, da avó dele ou bisavó melhor, eles vieram da Ucrânia e apareceu uma porcentagem bastante grande de ucraniano na origem dele. Digo, minha sogra devia ter uma genética fora, né? Aparecer tanto.

É exato. Então assim, basicamente é isso aí de quanto a ascendência, no caso.

Sim. Aí tu cresceu, como tu disse, ali brincando com todo mundo na rua, aí foi crescendo, aí tu terminou o ensino médio, terminou?

Sim, eu estudei o na minha época era prim Fiz o primário no Pindorama, o ginásio na Fundação e os e o segundo segundo grau na época que chamava no Liberato, curso de química.

Que depois eu troquei porque eu fui trabalhar em outras áreas de controle de poluição na Secretaria de Saúde e tal.

E lá eu conheci o a sala do lado da minha era a sala de projetos do das secretarias de saúde, coisa assim, tá? Que era na era da secretaria de saúde esse essa área que eu trabalhei.

E quem trabalhava lá era o Cleiton Ramil,

tá? E nós dois eram os únicos novinhos daquele prédio inteiro. Então a gente se tornou bastante amigos, tal. E eu comecei a olhar aquelas coisas de desenho ali, fiquei encantada de de fazer aquilo e acabei tirando curso de arquitetura na UFRGS. Foi para outra área completamente diferente.

Foi para outra área completamente diferente, tá? Então assim, a essa é a parte assim que eu me lembro agora, não sei se tem não, mas é é isso mesmo, essas conversas daí a gente vai pegando.

Deixa eu ver aqui. E quais são as coisas assim que tu lembra que tu aprendeu com as mulheres da tua família, com a tua avó, com a tua mãe, sabe assim, ó, de comida, de trabalho manual. né, de oração. Tu és, eh, católica, luterana?

Eu sou evangélica.

Evangélica luterana.

Então, a parte da família do a gente nunca foi muito crente assim, sabe? A gente frequentava a igreja como todo mundo, principalmente quando criança. A gente tinha o compromisso de ir no culto e eh fazer comunhão e primeira comunhão e tal. **Ã, E quanto a as coisas que eu aprendi com minha avó, minha avó cozinhava muito bem, tá? Então ela ela fazia aquelas eh encontros da família.** Isso quando eu já era assim adolescente ou porque eu era a filha mais velha de todos os lados, do meu pai e da minha mãe, tá? Então dos primos, eu sou a mais velha de todas, tá?

De todos, no caso, porque tem meninos. São muitos.

Ã, deixa Deixa eu ver. Uma tia tinha três filhos, a outra tinha quatro e minha mãe tinha três filhos, né?

Por parte de mãe, por parte de pai. Uma tem dois filhos, no caso meu pai três, né? E a minha outra tia tinha quatro, tá? Então era uma turma galera,

turma, tava uma bela turma quando se reunia, né?

É. Então eu digo assim, a família no fim vai diminuindo porque hoje em dia, olha, às vezes Quando tem dois filhos, a gente diz assim: "Opa, chegou o segundo".

E dificilmente passa disso.

Meu filho só tem essa menina que é uma neta, mas ele se juntou então com a mãe dessa minha neta que já veio com uma filha na época com 8 anos.

Atualmente ela tá com 15, então eu tenho uma neta emprestada também, tá?

Que já veio junto, já veio de brinde.

É que amor.

E o meu outro filho até pensa em ter filhos, mas ainda não.

Sim. Não, não quis não.

É, ele é eles até querem porque a minha nora que tá com ele, ele tá com 40. Deixa eu ver. 42.

Tu falou 42. 47.

88. Não, deixa eu ver. 40. Uhum.

Tá. Esse não é esse. É o mais velho. O de 88.

Pera aí, pera aí. Eu tenho 44, tá? Eu nasci 81.

É. Não, então, então o mais velho tá com 42 e o mais novo

com 37. Tá fazendo 37 agora. Eu já tô já tô enrolando no nas datas dos filhos, tá?

E a minha nora, ela tem um a mais. **Então, como assim brincando, né?**

Uhum. Mulher tem validade para ter filho, né? Eu acho que em breve eles vão tentar, porque senão daqui a pouco começa a ficar mais tarde, fica mais complicado. **Eu eu primeira minha gestação eu fui mãe cedo, eu fui mãe com 28, né?**

Botei na cabeça que eu queria, que eu queria que eu queria. Eu tô com uma menina de 16, né?

E eu quero, né? Quero ter nené, quero ter nené, tem neném. E aí tive o meu nené, tá lá o meu nené. Aí 5 anos depois eu tive mais uma, né? Eu tenho duas meninas.

Aham.

Mas daí parei na segunda também, porque hoje em dia para criar, poder dar né?

Sim, tudo que precisa, né? Não é muito fácil. E eu digo assim, na época dos meus pais ou avós, mais ainda, ã, era tudo escola pública, tudo e ninguém pensava tanto em fazer um curso superior, tá?

E hoje em dia as mulheres quando podem, elas fazem o curso superior porque é um é um aprendizado de vida de qualquer forma e também de profissionalmente.

Sim. A carreira, né? A carreira aquela época os pais da gente que trabalhavam em geral sustentavam toda a família. Hoje em dia os dois trabalham e não conseguem conseguir. É verdade. É verdade.

Então assim, nesse aspecto eu acho que a qualidade de vida piorou bastante, né? Porque as mulheres acabam assumindo duas funções, né? Porque

tem tem maridos ou pais que ajudam com os filhos e tal, mas nem sempre, né? Quem tem que carregar pra escola, fazer compras e fazer janta.

Normalmente é a gente, né? Normalmente é a gente.

Que que tu lembra assim de alguns costumes que tu acha que vieram da Alemanha com os teus antepassados? Eu perguntei a questão do das mulheres, mas assim, o que que tu acredita assim que veio? De costume de dia a dia, de cotidiano assim? Ah, a gente tinha o hábito de fazer isso.

Bom, em primeiro lugar, falar alemão.

Uhuh. Eu na minha casa, porque minha mãe veio com 18, 19 anos à Alemanha, ela tinha passado todo o tempo de estudo na Alemanha e ela fez um curso de corte e costura, então ela virou costureira aqui no Brasil, tá? E trabalhou muito também, né? Então eh quando eles vieram, a primeira coisa na família se falava alemão, tá? Porque na família, nas duas famílias Como os avós também eram alemães, todo mundo falava alemão. Eu aprendi a falar português quando entrei para pro jardim de infância, tá?

Ã, outros costumes, tipo de comida, sabe? Tem alguma coisa que tu lembra assim que era?

É, em geral coisas de de não vou dizer de confeitaria, mas assim, bolachinhas. Eu até hoje tenho receitas de bolachinhas que minha mãe que já eram da minha avó. E minha mãe fazia também, tá?

Eh, bolachinha de eh de mel, bolachinha de como é que chama? De quando bota aquelas ervas diferentes dentro, el tem um nome específico, né? Então é umas bolachinha temperada e bolachinha normal também. Depois se pintava aquilo, botava farelinha em cima.

Minha mãe sempre foi muito boa em fazer bolos e tortas também.

Uhuh.

Tá. E Deixa eu ver que que mais. Eu me lembro que quando eu comecei a entrar para quando eu entrei no primário, tá? Nós tínhamos aquele uniforme de eh tipo um guardapó xadrez com duas listras vermelhas, uma em cima, uma aqui embaixo e chegava o inverno. Gente, inverno era frio naquela época e era mesmo. Agora a gente não tem mais aqueles invernos.

E daí a gente levava um bom tempo até a escola permitir que a gente fosse de calça comprida. E minha mãe como costureira, claro, ela fazia aquelas calças comprida, quase tipo roupa de de alfaiataria, que as crianças me olhavam atravessado porque ninguém usava aquilo, tá?

Então assim, foi mais esse tipo de coisa assim que a gente trouxe.

De resto, deixa eu pensar se tem músicas em alemão, assim no Natal. E minha avó daí fazia eh no sábado e no ou no domingo o encontro da família, tá? E ela já morava num sítio no travessão, tá? E daí ela fazia doces especiais, pão. Ela sempre fazia um pão delicioso que ela me deu a receita e eu nunca consegui acertar igual ao dela, porque ela fazia um pão preto

que ele ficava socadinho e chegava a ser úmido por dentro, sabe? Parecia uma coisa que se chamava se chama pumper nickel, sabe? Só que ele ele era um pão, então a gente cortava em fatias finas, tá?

E botava ou doce ou salgado, queijo e tal em cima, tá?

Então essa parte assim de comida era mais nesse aspecto, tá? Não que ela fizesse alguma comida específica alemão.

Sim, sim. Não, eu eu pergunto isso porque lá na casa do meu marido, da minha sogra, é o tal do Oia né? Daí eu f que que isso? Quando eu cheguei na família eu achava estranho, né? Como é que é o nome da prato salada? Proto salada, que ela é tipo uma maionese.

Aham.

Que elas faziam, só que ela tinha, elas fazem, né? Que são as tias do do meu marido e a minha sogra. E daí era diferente também o gosto, tipo de da maionese, né? Então assim, não era cartoófilo de salada.

Ah, eu não me lembro como é que ela prato de salada. Chama um prato salada. Ah, pois é. Daí não sei.

Mas daí eu não sei o que que é lá. É tipo uma maionese que a gente faz assim.

É que a gente a A minha mãe sempre fazia assim essa maionese que se faz até hoje assim, né? Com batata. Tem gente que faz até comim, tá? Mas a gente não tinha o hábito de fazer comim.

Ã, mais a minha sogra é que ela fazia uma que ela chamava de salada russa.

Hum.

Era uma salada com batata, mas também com beterraba. Ai, é verdade.

Então, ela ficava rosada, avermelhada, sabe? E ela chamava de salada. russa, que era hábito na família dela também de fazer. Legal, tá?

Que legal. Deixa eu ver aqui. Deixa eu ver. Tu acredita que aqui em Novo Hamburgo, tu que tu tem acompanhado que tu nasceu aqui, mudou muito nos últimos anos? De que forma tu consegue perceber isso? Que a cidade cresceu? Se cresceu muito rápido, como é que tu consegue perceber isso?

A cidade realmente cresceu muito, tá? Ã, principalmente Eu fui criada mais aqui na zona que chama mais Hamburgo Velho, né? Porque eu morava ali naquela esquina da Vitor atual com a Santos Pedroso, tá?

Então essa parte da ia na escola aqui em Hamburgo Velho e tal.

Vinha a pé.

Vinha a pé, claro. Imagina naquela época o pai ia trabalhar, tá? E vai

é, não tinha desde o primeiro ano, mas eu vinha com minha prima, que era um ano mais velha que eu. Eh, mas a cidade cresceu muito, tá? E, eh, também boa parte a já na minha época de criança, o centro de Novo Hamburgo já era bastante grande, mas tinha aquelas lojas tradicionais, Casa Cavazoto, Ruv Modas, Casa Floriano, tá? Que eu me lembro que conforme o que a gente queria comprar, a gente ia numa ou na outra, né? Porque aquela tinha, sei lá, os casacos de inverno melhores. A outra tinha mais tecidos e roupas em geral.

H, supermercados eles começaram a aparecer quando eu já era adolescente. Antes disso era armazém da esquina, tá?

E tinha aquelas tulhas grandes onde tinha milho, arroz, feijão, tá?

E quando começaram a aparecer os supermercados Novo Hamburgo, só tinha, pelo que eu me lembro, ao menos no centro, o supermercado real. Uhum.

Nossa, aquilo era, então, sei lá, uma vez por semana tinha que lá fazer o rancho da semana. Uhum.

E o leite na época teve várias vários tipos de distribuição de leite, tá? Tinha no início tinha um caminhão que vinha com aquela jarra grande de leite e cada um corri então para lá. pro caminhão quando ele parava num certo lugar e com ele tinha um daqueles litros, quantos litros quer? E botava então na panela ou jarra que se levava que a pessoa levava lá.

É. E daí teve uma época que teve em garrafas que tinha uma tampinha de alumínio.

Aham.

E também teve uma época que tinha algo que chamavam de vaquinha, que na verdade era um era um tonel de metal com uma torneira atrás que também tinha mesmo sistema parava de tempo em tempo e a gente tinha que correr lá e buscar o leite, tá?

Então esse tipo de coisa tudo se perdeu. O padeiro ele passava na frente de casa e ele vinha com uma carroça a cavalo, tá? E então era uma carrocinha fechada assim em cima e atrás estavam todos os pães e daí a gente corria para lá e pegava o pão e daí eu me lembro que tinha umas cuquinhas que tinha assim um uma melequinha de cor amarelinha em cima. Ai mãe, posso pegar hoje?

Ai eu nem vou pedir nada né? Que as crianças fica em volta lá.

Aham. Posso pegar hoje um desses tal? Isso tudo se perdeu, né? Hoje em dia é tudo supermercados. E e daí depois vieram os shoppings também, né? E a cidade cresceu bastante e veio muita gente de fora na época que ainda tinha bastante empresas de Uhum.

E esse pessoal tudo se instalou por aqui, então acabaram sendo da cidade. Isso antigamente não existia. A gente conhecia praticamente todo mundo, tá?

Meu pai, que era uma geração, então, antes de mim, ele conhecia a cidade inteira, conhecia todo mundo da cidade, tá? Hoje em dia é impensável, né? Uhum. Não tem como. Eu já vim numa geração assim, meus pais, meu, meu pai e minha mãe vieram para Novo Hamburgo nos anos 70, bem na época ali. Calçado. Meu pai veio exatamente porque é o dono da empresa onde ele trabalhava, que eles moravam em São Sebastião do Caí, abriu uma empresa aqui e convidou ele para vir para cá. E daí eles vieram para cá, né? Eu nasci aqui, os meus irmãos não, os meus irmãos nasceram, um em Montenegro e outro em São Sebastião. E aí eu eu já nasci aqui, mas também veio por conta da questão do emprego, né? Mas ele já veio empregado para cá.

É, meu pai nasceu em 1929, então assim, naquela época era uma cidade pequena, tá? E isso se perdeu, tá? Se perdeu muita coisa culturalmente também. Uhum.

Eu trabalhei, deixa eu ver, uns 6 anos na prefeitura, trabalhando com eh patrimônio histórico.

Aham. Por causa da arquitetura.

É.

E daí era na exatamente a parte que eu trabalhava era na parte de de cuidado em relação a alguns prédios históricos. Mas é uma situação bem difícil para Novo Hamburgo, porque todo mundo que tinha alguma casa de valor histórico diz assim: "Ah, mas isso não vale nada. Isso aí era do meu avô ou veio do meu bisavô. Isso aí é um prédio velho, tem que demolir porque claro, os terrenos ganharam um valor bom, mas a casa para eles não valia nada, tá? Então a gente conseguir fazer com que algumas se mantivessem foi muito complicado porque caro também fazer toda a restauração.

Exato. Isso aí era outra coisa, né? Eles diziam assim: "Ah, se a prefeitura exige que a gente mantenha, então a prefeitura que pague o restauro." Mas como era uma coisa particular, tá? A prefeitura não tem como pagar isso, tá? Então a gente até quis criar uma legislação que favorecia a venda de índice de construção, tá? Tipo assim, num lugar, por exemplo, no no centro, em algum lugar valioso, tá? O cara poderia construir por pela área do terreno sete andares, mas daí outro podia vender o índice de construção deles para eles chegar a oito ou nove andares, dependia quanto ele comprava.

Então, com essa compra seria um favorecimento para essa pessoa ganhar dinheiro e restaurar seu imóvel, tá?

Mas até isso passou a ser muito difícil, porque o nosso o setor de eh imobiliário em Novo Hamburgo, ele é ele é terrível, tá? Então o os próprios as próprias empresas elas sempre acham um jeito de driblar isso aí, sabe? Eu vejo que, por exemplo, eles vão construir um edifício num terreno que poderia construir, sei lá, vamos dizer, 1000 m², tá? Eu vou chutar. Não.

Sim, sim. poderia ser 10 andares,

só que daí eles conseguem que área de de estacionamento não conta, que área de eh comunitária não conta, que área de zeladoria não conta e que só as áreas individuais contam, as áreas coletivas, corredores, os caras não contam, tá?

Então no fim ninguém acaba comprando índice, tá? Porque com essa forma de visualizar isso, sabe?

Eles conseguem construir em vez de 1000 m², 3000 m², sabe?

Tá com calor, quer que eu ligue ali o ar um pouquinho?

Eu tô um pouquinho. Até aguento.

Não, vou ligar um pouquinho. Já estamos terminando, mas não vou morrer aqui dentro. Você falou de tá quentinho. Eu achei que não ia ficar tão quente, mas meu Deus, tá quente. Aí depois esse aqui vem, vem direto na gente. Mas tá quase acabando, tá? Estamos na última. É, mas então assim, eh, foi uma época bem legal, por causa que nunca teve uma pessoa que trabalhasse só nisso. Nós tínhamos um pessoal que trabalhava eh com a com o Não, a época não era conselho, era conselho de patrimônio histórico. Passou a ser agora de antes era, ah, meu Deus, não era conselho, mas era algo similar, tá? Era outro nome.

E Então eles já tinham feito uma lista e teve um arquiteto aqui que fez uma lista de prédios de valor histórico. Então o que que ele fez? Ele tinha uma bicicleta, ele ia passe, ele era arquiteto, ele ia passeando na cidade, olhava, disse: "Bom, mas essa casinha aqui é bá muito importante e tal. O mor fulano e belrano, a arquitetura era interessante. Então nós tínhamos uma lista, só que ninguém cuidava disso, tá? Então quando eu entrei eu conseguir fazer uma reavaliação dessa lista, botar a ordem, separar o que que era de Hamburgo Velho, o que que era do corredor cultural que se chama General Osório,

ã, o que que era do centro, tá? E inclusive fazer uma classificação melhor de valores, tipo assim, nós fazíamos P1, P2, P3.

P1 eram aquelas que tinham que ser conservadas mais na íntegra, tá? Não podia, por exemplo, trocar, porque muitas no centro diz assim: "Ah, mas eu vou arrancar as janela e botar um blindex aí", sabe? Então, essas não podiam ser descaracterizadas.

A P2 eh se permitia fazer reformas internas, porque a gente sabe também a P1 também, alguma reforma interna se permitia,

porque na verdade a gente sabe que o imóvel de de certa época não satisfaz mais o que a gente precisa também, né? A gente precisa.

E a P13 a gente só mantinha a volumetria do prédio, tá? Ainda mais se ela fazia parte de algum conjunto, mas mas ela talvez não fiz não tivesse um valor tão importante, mas quer dizer, tirar ela dali, botar, por exemplo, um quadrado de vidro não faria, sabe? Não contribuiria pro conjunto, tá?

Sim.

Então assim, e na época que eu fiquei na Prefeitura foi uma época boa nisso aí, sabe? Só que eu tinha uma briga constante com as incorporadoras imobiliárias.

Claro, porque daí só querem vender e crescer, né?

Exatamente.

E aí o preservar não foi é legal isso que tu tá falando, porque isso também tem a ver com a questão da do que a gente tá falando assim da pesquisa, que é a questão da preservação da memória.

Exatamente. E aqui em Novo Hamburgo, uma coisa que a gente viu é que é muito difícil preservar certas coisas. No centro, por exemplo, a briga era com o valor era o o terreno e eles de alguma forma acabavam destruindo a casa e dizendo que não valia. Depois quando a gente via tinha lá um uma daquelas fileira de de lojinhas com fachada de vidro e pronto. Se foi a o que era importante, né?

Então pra gente finalizar, tá? O que que tu acha que tu aprendeu com a tua família, principalmente com as mulheres da tua família e tá e repassou para os teus filhos e fala e repassa hoje par aa tua neta.

É. Eh, ah, tá. Ainda em relação ao que a gente fazia também era muito trabalho manual. Minha mãe bordava muito bem e eu sempre gostei de fazer tricô porque eu aprendi na fundação, nós tínhamos aula de tricô, mas claro com uma grande ajuda da minha mãe também na época, porque aqui a gente teve o básico, né?

Então, até hoje eu faço tricô, eu gosto. É. Eu é aquele meu relax, sabe? Eu sento lá e ou escuto alguma coisa no YouTube e tal e fico não fica ali fico fazendo tricô quando eu quero desopilar.

Uhum.

Ã,

qual foi tua última pergunta?

O que que tu acha que ficou assim? Que tu aprendeu com a tua família?

Eu acho que a principal coisa que eu aprendi com a minha família é em relação a valores.

Tá por causa que os valores que eles trouxeram ainda da Europa, eles continuaram sendo mantidos, sabe? A gente sempre teve que por educação seguir um certo certas coisas, até aquela questão de educação patrimonial, né, de saber que tu não nunca pode gastar mais o que tu ganha, tá? Isso é coisa que também eu acabei transmitindo para meus filhos.

Me lembro que meu filho filho mais velho. Foi bem na época que começou as coisas de computadores. Ele é de 93.

Então nós compramos um computador e ele queria os jogos, tá? Daí ele diz assim: "Ai, mãe, imagina isso talvez 10 anos depois, 93 ou tem regular de idade comigo". Dizer deve ser ainda.

Daí ele disse assim para mim: "Ai, mãe, compra aquele jogo assim, ele só custa R\$ 300". Daí eu disse: "Meu filho, vamos fazer o seguinte, ã, tu começa a cortar grama aqui em casa, eu te pago a mesma coisa que eu pago pra funcionária que faz isso, tá? Daí ele e o primo dele passaram um fim de semana inteiro cortando grama e ganharam, sei lá, uns R ou R\$ 60. Daí ele chegou em casa, chegou outro dia disse assim: "Mãe, quanta grama eu vou ter que cortar para ganhar os R\$ 300?" Eu digo: "Bom, agora tu consegue ter uma noção do que que é R\$ 300. Não é só R\$ 300, sabe? Então essa questão dos valores que fossem financeiros ou de educação em geral, de não levar o que não é seu, eh, respeitar as pessoas. Isso aí foi, eu acho que é a coisa que mais a gente herdou, sabe, já da época, tá? E algumas coisas também, como trabalhos manuais e é esse tipo de coisa.

É isso, velho. Muito obrigado

Percepções da entrevista: a entrevistada frisou diversas vezes sobre o orgulho de ser descendente de alemães, falou que o filho tinha feito um exame genético para ver qual era sua ascendência e descobriu que era mais russo do que alemão, o que deixou a família confusa. Ela falou, respondeu as perguntas, em alguns momentos com entusiasmo e em outros de forma sucinta.

Entrevista 6

9 de dezembro de 2025

Dona M

79 anos

Dona de casa

Bairro Centro

Entrevista realizada na residência da entrevistada

É uma conversa. Eu vou deixar aqui o gravador, que daí ele pega melhor. Ah, tá.

Então tem que cuidar para não errar o português.

Não tem problema, só eu vou escutar. Não tem problema.

Ah, tá bom. Então assim, as perguntas, dona Marta, elas são sobre a questão da colonização alemã, do crescimento da cidade de Novo Hamburgo, então é sobre isso que eu tô pesquisando. A senhora nasceu aqui?

Não, nasci em Nova Petrópolis, na Serra.

Depois eu fui morar em Estância Velha, fiquei um tempão. Eu saí, vim morar em Novo Hamburgo com 11 anos. Com a família toda? Com a família, meu pai, meu pai.

E daí a gente aqui alugou casa, foi difícil, né? Foi difícil, mas no fim a gente se acertou. E daí, Novo Hamburgo, uma cidade assim, hoje em dia já não é tanto, mas naquele tempo tinha muito preconceito, assim, contra pessoas mais pobres. Eu era filha de pedreiro, imagina, né? Então, pedreiro, mas eu dizia assim, ó, pedreiro, filha de pedreiro com muito orgulho.

Meu pai bebia, né? Mas só que ele bebia, mas não assim de ser violento com a família, isso não. Mas eu, de criança, sofri bastante com isso, né? E aproveitando que a gente tá falando de infância, o que a senhora lembra, assim, de infância, de brincadeira que a senhora fazia? Ah, a gente brincava muito de esconder, muito de pular corda, muito de subir em árvore. Eu vivia trepada nas árvores.

Eu lia, eu sempre gostei muito de ler, né? Então, eu subia numa goiabeira e o meu pai comprava uma revistinha, tirava pra colher, comprava uma revistinha Tico-Tico. Eu sempre quero descobrir se ainda existe em algum lugar, deve ter. Deve ter, na internet a senhora é capaz de achar.

(Pois é, e aí meu pai trazia essa revistinha pra mim, daí eu subia na goiabeira que tinha na minha casa, daí eu comia goiaba, ficava sentada num galho lá e comendo goiaba e lendo. Sempre fui de ler desde

pequena, né? E assim, a gente brincava muito de casinha, porque naquele tempo não tinha os brinquedos, nem a gente não tinha dinheiro pra isso, né? Então, a gente fazia, eu sempre conto pro meu filho, porque a Corine fala assim, ontem ainda a Corine falou: Mãe, ninguém come salada como nós comemos. (Os colegas lá no Pio 12 falam, Corine, mas como que tu come tanta salada? Mas foi acostumado desde pequena.

É que eu de criança, a gente brincava de casinha, então como não tinha muito brinquedo, assim, a gente fazia, pegava duas folhas de couve, enchia com temperinho verde e salsinha, e daí isso era um sanduíche da nossa casinha. E dava pra comer? E dava pra comer, a gente comia com vontade. Então, a gente brincava muito de casinha, mas assim, não tinha um fogão, enfim, a gente montava um fogão com dois tijolos, botava uma tábua em cima, era tudo um varalzinho, era na árvore, numa árvore, no galho, e esses eram os brinquedos, assim, né, da gente pobre, não é? E escolhendo comer, assim, de comida, de alemão, lá sempre teve kerpe, né, você já deve ter escutado isso, né? Então, o kerpe era mesmo, quando eu morava em Estância Velha, aqui no Urubu também, o kerpe sempre era costume fazer sagu, sagu de vinho com um cremezinho de leite, ou então só com leite, né? Eu lembro quando eu casei, aí a minha sogra, a gente fazendo as coisas pro casamento, né, pra fazer 20 anos ano que vem que eu tô casada, (4:30) aí a minha sogra olhou assim pra nós, disse, eu só tenho uma exigência. O quê? Sagu com creme? Ah, sim. É só o resto, vocês podem fazer tudo que vocês quiserem, mas tem que ter sagu com creme. Ah, sim, minha mania.

Também, e o André, ele pode ir num dos melhores, o André viajou o mundo inteiro, conhece comida da Rússia, de tudo que é país, né? Mas ele diz, não tem sobremesa melhor do que sagu com cremezinho. Ele acha muito bom. E é bom.

E meu marido, só meu marido alemão, alemão assim, meu sogro e a minha sogra só falavam alemão entre eles, né? Então, eu como era nora, que era alemã também, eu tinha vantagem que eu entendia tudo que eles falavam, né? Se tivesse falando mal... As outras noras não entendiam. Se tivesse falando mal, não sabia. Então, ela fazia, sempre, de vez em quando, ela fazia a cuca para os filhos.

A cuca dela era maravilhosa, a cuca de alemão, né? E aí, esses tempos, ainda minha cunhada de Porto Alegre disse, aí, o seu Oscar, e eu disse assim, aí, vocês não sabem, vocês não sabem disso, que a Dona Ilse, minha sogra, fazia a cuca para os filhos, que meu sogro falava pra ela, Ilse, faz cuca para os filhos. Então, faz cuca para os filhos. Mas ele adorava, quando a massa estava crua, ainda crescendo, ele ia lá, passava um dedo e comia a massa crua.

Ele podia ter que fazer para os crianças, daí ele já aproveitava e comia. É, e a minha sogra fazia chucrute, assim, eu tenho até um pote, está lá em casa, até esse dia, queria falar pra Sabine. Ela fazia chucrute, daí ela botava na dispensa.

Era um pote de cerâmica desse tamanho, (assim, em cima a tampa era uma tábua. Ela fazia chucrute, daí quando a gente ia lá, tinha chucrute. Chucrute é comida de alemão, né?

A minha sogra adora. Sauerkraut, em alemão, é sauerkraut. A tua sogra fala alemão? Fala. Ela só falava alemão até os sete anos.

Ela foi para a escola, ela não conseguiu se alfabetizar no primeiro ano, porque ela não entendia o que a professora falava. Mas o meu marido estudou, meu marido era o filho mais velho, né? E ele foi posto no PRO. O PRO era no Sinodal, onde era a escola alemã.

Isso prejudicou muito ele, sabe? Ele não estudou. E daí ele só falava alemão. A minha sogra disse que ela estudou ali onde é a Palestrina, ali na Vila Nova, era a escola.

Ah, sim! E daí ela estudou ali. Ela disse que eles brincavam ali, onde é a pracinha, na frente do Palestrina, eles brincavam ali, porque era tudo chumbatida, era ali o recreio deles. E depois eles iam para a escola, mas ela disse, eu não consegui me alfabetizar no primeiro ano, porque eu não entendi o que a professora falava.

Sim, mas o meu marido nunca gostou de estudar. Os outros dois irmãos deles se formaram em faculdade e o meu marido não. O meu marido, tanto que a Corine chorava para ir para a escola, ela tinha um medo de... aquele medinho, assim, na pré-escola.

E daí ele chegou um dia em casa chorando e disse assim, não me pegue mais para levar essa criança para a escola. Ela estava com a mão na mãozinha dela, a mãozinha dela tremia. Aí eu me lembrei do meu tempo, que eu tinha que ir para a escola e não gostava.

Não queria levar a filha. Não queria levar a filha. Era muito sofrido para ele.

Então, isso prejudicou muito ele. Ele foi pro PRO para estudar alemão, ele era para ser pastor. Não foi para estudar mais.

Então, deixa eu perguntar mais uma coisa. O que a senhora lembra? Já me contaram umas histórias, né? De noivado, alguma coisa. A Rita me disse, pede para a Dona Marta contar a história do noivado dela.

Ah, da Luz? Isso. Diz ela para mim, pede para a Dona Marta. Mas, aproveitando aqui, o que a senhora lembra, assim, da sua juventude, das coisas que fazia ali quando era mocinha?

Ah, quando a gente era, quando eu era mocinha, assim, a gente ia na reunião dançante, na ginástica. Tinha reunião sempre, todos os domingos. Mas a reunião, aquele tempo, começava às sete, terminava meia-noite. Hoje, as coisas começam meia-noite.

Aí, a meia-noite, um pouco antes da meia-noite, a gente ia para casa a pé, pela Rua 5 de Abril, morrendo de medo, mas íamos, aquelas gurias, tudo a pé, para casa. E era boa reunião. E eu fui bem namorada, assim, sabe? Nossa, e daí teve até um caso, assim, que eu tinha... A gente era pobre, né? Então, eu tinha mandado... Eu trabalhava com 13 anos.

Eu já trabalhava numa fábrica, né? E aí, eu mandei fazer uma jaqueta, para mim, de lãzinha, assim, uma jaqueta com duas pontas pretas. Nossa, a coisa mais bonitinha. Foi a primeira vez, assim, que eu usei, foi naquela reunião na ginástica.

Daí, a gente ia na toalete e pendurava tudo ali, né? E daí, quando a gente foi para ir para casa, cadê a minha jaqueta? Ah, daí eu peguei uma outra lá. Já que estava lá dando sopa, pegar a tua. Para mim, eu vou pegar outra.

Mas é isso aí. Vai pegar o que tiver. E daí, eu tinha um... Bom, naquele tempo, eu tinha uma amiga, a Teresinha Cunha, que já morreu.

Minhas amigas quase todas já morreram. A gente dizia assim, a gente ia na praça, era muito interessante, né? E sábado, assim, sábado, domingo, as guria passeavam no centro, para cá e para lá, de braço enganchado, assim, no braço. E os homens, tudo, pararam do lado e a gente passava para, de repente, a gente achar um pretendente, né? E aí, a Teresinha e nós falando, nós sentados na praça, no centro, aí, vamos arrumar um cara, mais ou menos, assim, com grana, para a gente, né, melhorar de vida.

Daí, tinha um modelista que morava lá, na companhia de seguro. Ele era da Romênia. E eu disse assim para a Teresinha, olha, eu já tenho um que eu gosto.

Aquele ali, eu já gostei. Daí, ele tem um charme, assim, era um velho, né? Bom, resumindo, eu conheci ele, eu fiquei noiva dele. Me apaixonei por ele.

E, daí, a gente, ah, etc. Isso era a história que a Rita queria que eu contasse. Bom, daí, nós, ele jogava carta de noite.

Eu não gostava disso, né? Assim, jogo, eu achava horrível. E, daí, ele mentia para mim que não estava jogando, e eu sei que ele passava a noite jogando carta. E, daí, a gente terminou umas quantas vezes. Nós já tínhamos o apartamento quase que montado, sim, para o casamento. Ele era uns 18 anos mais velho que eu. Aí, nós já tínhamos a louça de jantar, de chá, tudo que a gente tinha comprado, tinha comprado, né? Para ter para a nossa casa.

Daí, uma das voltas do namoro, ele disse assim, ah, eu fiquei tão, ele falava meio atrapalhado o português, porque ele tinha ainda um sotaque da Romênia. E, aí, ele disse, eu fiquei tão brava contigo que eu vendi uma coisa da nossa casa. Ele disse, ah, o que tu vendeu? Nosso aparelho de chá.

Eu vendi. E, lвете, acende a luz, está escuro. E, aí, vendi o aparelho de chá.

Eu disse, bom, para quem tu vendeu? Para aquele rapaz. Aquele rapaz que é noivo daquela guria da Mesbla. Embaixo, ali na loja, era a Mesbla.

Eu nem sabia que tinha a Mesbla aqui. Sim. Ela trabalhava ali, a noiva do meu.

Tá. Aí, tá, tudo bem, né? Fazer o que? Aí, depois, quando eu terminei para valer com o Nicola, de Nicola era o modelista. Se tu falar com alguém, de repente, eles sabem quem é, porque ele ficou.

Tem até uma rua lá em Canudos, que é o nome dele, né, de Nicola. Daí, depois eu comecei a namorar o Guert, meu marido, né, Rilaf. E, aí, ele, daí, ele trouxe umas coisas que era do... Ele também foi noivo da guria da Mesbla, então, eles repartiram as coisas.

Daí, ele pegou o aparelho de chá, que está ali. Que era o teu aparelho de chá. Que era o meu com o Nicola.

Voltou, tinha o aparelho de chá. Voltou para mim o aparelho de chá. Era porque era para ser teu? É. Mas, meu marido sentia um ciúme, um ciúminho dele, assim, ainda.

Que, daí, depois, meu marido, né, o Gert, depois, quando o Nicola morreu, daí, nós, tínhamos uns amigos lá em casa. Daí, ele disse para os outros lá, para os outros amigos, sabe, morreu também aquele cara, aquele um, aquele modelista, morreu. Mas, não vou falar o nome dele.

Corrente de raiva. É. Então, assim, mas, daí, eu tive, assim, eu fui bem namorada, assim, sabe. A Sabrina, quando começou a dar aula no Oswaldo Cruz, ela disse, aí, mãe, eles perguntam para mim, assim, aí, tu é Heller, tu é filha do Renato? Ela disse, não, eu sou filha do Guert.

Aí, diz ele, aí, o Guert eu não conheço. Mas, eu conheci a tua mãe, porque eu dançava com ela, sabe. Aí, outro dia, um outro também.

A Sabrina disse, mãe, que vergonha, tu dançou com todos os pais dos meus alunos. Eu disse, bom, eu tava lá, né. É, tem que aproveitar, né.

É. E, daí, um dia, nós tava numa dessas reuniões dançantes, eu com o meu ex, aí veio um rapaz, nós tava sentado numa mesa, tava eu, o Nicola, eu e a minha irmã, e uma outra amiga, e daí veio um rapaz

lá e diz ele, assim, o senhor me dá licença de dançar com a sua filha? Ai, ele ficou um cara louco. Daí, ele olhou pra mim, assim, diz ele, é minha noiva. Aí, ele pediu-me ali uma desculpa.

Não sabia onde encher a cara, pensa. É. Não, daí, a gente tem umas coisas bonitas, assim, pra contar aqui. Tinha uma orquestra em Novo Hamburgo, a orquestra Tabajara.

Era uma orquestra que tocava nas reuniões, era orquestra ao vivo, não era musiquinha, assim, com som, era orquestra. Aí, tinha um cara que cantava, um cantor, ele cantava muito bem, até. Aí, um dia, eu tava dançando com o Nicola, nós dançava bem, todo mundo parava pra olhar pra nós, tão bonito que nós dançava.

E aí, o cara começou a cantar, assim, Marta, o teu nome é precioso. É uma música, Marta, né? Daí, o Nicola olhou pra mim, isso é pra ti? Porque o cara tava todo tempo te olhando, ele disse. Eu disse, bom, que bom.

Fazer o quê, né? Fazer o quê? Que que eu vou fazer? Então, assim, essas histórias, agora, com o meu sogro e a minha sogra, eu adorava eles. Hoje, eu me arrependo que eu não disse pra eles, assim, o quanto eu amava eles. Sabe que, hoje em dia, a gente fala mais, eu te amo, eu te amo, né? Mas, eu acho que também tem a ver com a questão da descendência ou não.

O alemão é muito conservador, né? Sim, a dona Ilse dizia, a minha sogra dizia, assim, que o meu sogro dizia pra ela, assim, quando ela pedia uma coisa ou assim, achava isso tem que ser assim. Daí, o Oscar dizia pra mim, assim, quem veste as calças sou eu. Imagina, né? Mas, comigo, assim, ele ficou bem mais liberal, assim, porque o Guert e ele sentiam uma desavença, porque o Guert era o filho ovelha negra, meu marido era ovelha negra, não quis estudar.

E quantos irmãos ele tinha? Dois. Dois irmãos. Um ainda, um já morreu.

Todos meninos? Todos meninos. Um já morreu, morreu jovem, até o Renato, ele que é, era o diretor do Castelhão, ele que abriu o Real, o Real foi o primeiro, teve uma das minhas entrevistadas, que foi, que dispôs dos primeiros supermercados aqui no São Paulo, né? Sim, ele que foi, é o Samas também? Isso, eu lembro do Samas. E ele que era o diretor.

Eu podia estar, não sei, mas acho que é a Eva que está aqui, acho que é a Eva a saber disso, que tu toma chimarrão? Tomo, tomo, quem não toma é o fresco do meu irmão. Ah, é? É, o Fabinho que não toma. Ah, e o Fabio é tão querido, ele podia ser meu filho, o meu genro.

Tagarela também fala pouco, né? Mas eu gosto dele. Ele fala pouco, graças a Deus. Mas eu, ai, mas ele é um amor, aquele dia ele veio aqui no aniversário da Sabine, daí ficamos, aí ele sentou aqui até, daí a gente conversou bastante, assim, eu gosto muito dele, a Sabine também gosta.

Ele gosta de tagareliar, né? Ele gosta de bater um patinho aqui dentro. É, é, e tem papo bom, né? E vai longe os papos, né? É, meu Deus do céu. Pois é. Então, acho que está feriado.

Para mim está bom. Deixa eu te perguntar, o que a senhora lembra, assim, de memórias, de ensinamentos das mulheres da sua família? Tia, avó, com quem que tu conviveu, assim, que ensinou?

Era muito feio, assim, no meu tempo, ossa, hoje eu penso assim, quantos anos de trepação eu perdi. É verdade.

Porque no meu tempo era tão feio. Ai, meu Deus. Mas é verdade, era feio, imagina, uma mulher tinha que, né, nossa, tinha que ser tudo, a gente fazia tudo, né? A gente de noiva, no noivado fazia tudo que podia, só não fazia a penetração, que o resto a gente fazia.

O resto tudo valia. Tudo valia. Tudo era o jeito de desabafar.

Mas é, no meu tempo era muito isso, porque quando eu comecei a namorar o Nicola, eu acho que eu fui uma das primeiras em Novo Hamburgo que saiu sem um chá de pera. Porque tinha que levar alguém pra ir no cinema, tinha que levar alguém. A minha irmã era noiva e eu tinha que ir junto no cinema, né? Daí eu combinava, eu tinha uns 13 anos, eu combinava com um guri da frente, Laíldo era o nome dele, eu dizia pra ele, ó, vou no cinema com a minha irmã hoje.

Daí ele ia, sentava do meu lado e nós ficava assim. Ia ficar lá sem fazer nada? Os outros se divertiam, ele não. E daí nós ficava assim, ó. Daqui a pouco, antes de terminar o filme, ele saía.

Se não a minha irmã ainda ia reconhecer o Laíldo, ela ia saber. Mas até hoje não soube, morreu e não soube dessa história. Mas é que era muito, tudo muito.

Mas o meu pai) tirou a minha irmã mais velha e morreu solteira. Meu pai tirou ela do salão, lá em Estância Velha a gente morava, porque ela tava dançando com um rapaz católico. Nós, evangélicos, protestantes, no caso, como é que ela podia dançar com um rapaz católico? Imagina, que horror, né? Era tudo muito assim, né? A minha sogra contando que sempre a igreja católica fez muita procissão, né? Sempre faziam procissão.

A nossa igreja não tem isso. Não faz, não tem. Então, ela disse, eles moravam bem ali no centro, ali onde era o Santander.

O Santander ainda é ali? Não, né? Não, né? É, numa esquina, não é mais ali. Não é mais ali. A minha sogra mora bem na esquina, mas ali o Guert nasceu.

Meu marido nasceu ali. Bem no centro de Novo Hamburgo. Daí foi quando eu fui trabalhar na Sapatolândia.

Foi uma loja que abriu na frente da casa dele. Daí foi quando eu conheci ele. A minha sogra conta que quando vinha a procissão, os evangélicos todos fechavam as janelas.

Quando passava uma procissão católica. Que coisa feia, né? Sabe que eu achei que aqui em Novo Hamburgo não era tanto assim, porque as entrevistas que eu fiz do mestrado eu fiz lá no interior de Taquara. E as mulheres que eu entrevistei, elas diziam que era forte essa separação entre católicos e protestantes.

Daí eu pensei, não, mas em Novo Hamburgo eu acho que não era assim. Mas tu não conhecia, de repente, assim, tu não conheceu isso. É que eu já isso já não era tão forte, né? A cidade já era maior também, né? Eu nasci em 81.

E aí, já não... Nossa, mas... É... E era forte, assim, né? Muito era forte. Preconceito. Eu lembro, eu tinha uma amiga que ela era muito minha amigona, assim.

Ela morava em Santo Antônio. Então, quando ela veio, ela casou e veio morar em Novo Hamburgo. O marido dela é o Guinier, Clóvis Guinier, ali da multimoda.

Ela já morreu também. Minhas amigas tudo já morreram. E aí ela disse que quando ela chegou, quando ela foi no salão, daí eles só falavam lá, assim, ela não falava alemão, né? Eles só viam uma mulher dizer assim Ai, Frau Helga! Frau não sei o quê.

E Frau não sei o quê. E ela não era a Frau, né? Diz que o atendimento era bem diferente, porque ela era de Santo Antônio. Lá só tinha gente brasileira, né? Os brasileiros, né? Silvas Pereira. IIIIIIIII

Eu tinha uma conhecida minha que ela foi... Ela sempre disse que o marido, o noivo dela era de dois irmãos. E aí a sogra só falava alemão, né? Daí a sogra gostava de falar pros outros. Mas não se preocupa, porque a minha Nora, ela é bem direitinha.

Ela até fala alemão, ela é de origem. Coisa mais querida. É? Sim.

Eles falam. É? Não, eu me lembro que uma vez, assim, nós fomos... Tinha uma época que era muito difícil arrumar alguém, assim, pra trabalhar em casa. Eu tinha três filhos, pequeno, né? E daí alguém lá do lar da menina me indicou uma família que tava... Uma família aí do interior, ali, de São José do Hortêncio.

Aí nós fomos lá buscar ela. Daí a família disse assim... Aí eu vi eles falando entre eles. Ah, mas eles tinham dois filhos que estavam estudando pra padre.

A família. E ela ia vir com nós pra mim. Daí eu vi ela falando, ela falou assim, ah, mas não faz mal também que eles são evangélicos. Não faz mal que ela (27:24) vai ficar trabalhando na casa deles.

Assim como se fosse uma doença. Ai, que coisa horrível, né? Separar, né? Uma coisa da outra.

Nossa. A senhora de casa é evangélica. Eu sou evangélica.

E o seu esposo também era? Também. Sim. O meu sogro era da igreja aqui do centro.

Depois o meu marido foi presidente do centro. E... Meu marido não era, assim, muito preconceituoso, assim. Ele falava umas besteiras, assim, que ele dizia.

Nego pra ser bom. Isso tem que ter calcanhar firme. Ele falava umas besteiras.

Porque ele tinha uns amigão que eram bem preto, né? E... Mas o alemão tinha muito isso de preconceito assim, de negro. Nossa. Negro era... Mas eu tenho um amigo meu que é de Sapiranga.

Ele disse que o vô dele, uma vez a tia apareceu com um cara brasileiro. Pereira, assim. Apareceu na porta de mão dada e apresentava ao pai, disse que ele veio com uma espingarda e saiu atirando.

Aqui não entra mas ele falou em alemão, né? Aqui não entra brasileiro. Brasileiro não! Brasileiro não!

Saiu atirando e o cara aqui, ó. Correndo. Mas aqui tinha muito isso, assim.

Isso ainda existe muito. De que família tu é? Tanto que o meu dentista, que era o doutor Sneller, ele foi meu dentista. Dá pra desligar? Tá.

Se tu quer botar na outra novela lá a Ivete Cone, faz mal. Põe no 543. Que não te importa, né? Não! Ana é o teu nome, né? É muito forte essa coisa, assim, de de alemão, de negro.

É isso que eu tava falando. É, né? A Neiva dizia, assim, que no salão de beleza lá ela sentia direitinho o preconceito deles, assim. No salão, né, que era tudo gente, é os Pilger, (29:56) os Schneider, não sei o que, é tudo assim, né? Os Fröebes.

Percepções da entrevista: a entrevistada veio devagarinho para sala no momento da entrevista, pois se locomover com o auxílio de um andador. No início se mostrou desconfiada, meio sem graça. Mas com o passar da entrevista se soltou e falou muito. Tanto que no meio da entrevista tive que trocar a pilha do gravador. Ao todo a entrevista durou 2 horas e meia e a entrevistada deu boas risadas ao lembrar de alguns episódios de sua infância e juventude.

Entrevista 7

8 de janeiro de 2026.

76 anos

Dona de casa

Vila Nova

Entrevista realizada a residência da entrevistada

- **Entrevistadora:** Tu nasceu em Novo Hamburgo ou em outra cidade?
- **Glades:** Em Novo Hamburgo, na Vila Nova mesmo.
- **Entrevistadora:** Fala um pouco da tua infância, da relação com a tua família.
- **Glades:** A nossa infância era livre, era de brincar na rua. Só entrava para dentro de casa quando a mãe chamava para ajudar a fazer alguma coisa. Todo dia íamos buscar leite num vizinho que tinha vacas; subíamos a lomba correndo e brincando.
- **Glades:** Jogava muito taco na rua com os amigos. Quando faziam as podas dos pés de cinamomo, a gente construía casinhas na beira da estrada, fazia comidinha e comia dentro delas. A rua não tinha asfalto nem calçadas, então fazíamos as cabanas com galhos e folhas, tipo uma oca de índio. Brincava muito de boneca também, armava hospital para cuidar delas. Brincava com minhas irmãs e vizinhos; tinha uma família de negros e a gente nunca viu que eles tinham cor diferente, brincavam do mesmo jeito e temos amizade até hoje. A gente também brincava de se esconder na roça de aipim; ficava lá no meio até escurecer.
- **Glades:** Eu tinha 13 anos quando a Clarice nasceu; ela ficou sob meus cuidados porque minha mãe trabalhava muito lavando roupa para fora. Eu fazia comida, faxina e tudo mais. Com 11 ou 12 anos eu já trabalhava numa casa onde as filhas costuravam calçados; quando tinha serviço elas me chamavam, eu ia lá, fazia o serviço e voltava para brincar.
- **Glades:** Comecei a estudar com uns 6 anos. No início foi difícil aprender o português, porque em casa a gente falava alemão. Na escola Palestrina era só português. Eu me lembro da curiosidade de saber o que era "molho", porque em alemão a gente só conhecia por soss. Na escola eu fazia teatro e era a atriz principal; adorava porque não precisava ir na aula para ensaiar o texto.
- **Glades:** Com as mulheres da família aprendi o trabalho, a honestidade e o respeito. Com a avó materna aprendi a fazer torta colonial; batia o bolo na mão porque não tinha batedeira. Tudo era feito no fogão a lenha com panela de ferro; meus pais não tiveram fogão a gás até a década de 70.
- **Glades sobre a costura:** Minha avó paterna era costureira profissional e a materna tinha uma máquina manual. Eu cortava tecidos e fazia enxovais para minhas bonecas na máquina da avó. Minha avó paterna dizia que eu nunca aprenderia, mas um dia me viu costurando sozinha e prometeu que a máquina seria minha quando ela morresse. Recebi a máquina como herança.
- **Glades sobre o Natal:** Não tínhamos muito poder aquisitivo. Minha mãe fazia biscoitos de Natal no forno a lenha e a gente ajudava a pintar e botar bolinhas coloridas. Não tínhamos refrigerante, então tomávamos "refresco" feito com xarope comprado na farmácia. Não tinha pinheirinho; o Papai Noel deixava os presentes em cima da cama de cada um.
- **Glades sobre a Páscoa:** Pintávamos ovos com chá de macela, flores e folhas. Fazíamos ninhos com caixas de sapato e papel de seda picado. Minha mãe escondia os ninhos embaixo da nossa cama enquanto dormíamos.
- **Glades sobre a lida no campo:** Criávamos porcos para ter comida. Eu ajudava na "carneação": limpava tripas, fazia linguça, torresmo e raspava o porco na água fervente.
- **Glades:** Havia uma mistura na família. Meus avós maternos eram luteranos e a avó ia ao culto todo domingo com sua melhor roupa e a Bíblia em alemão. Do lado paterno, a avó era católica e o avô luterano. Meus pais casaram apenas no civil. Eu fiz a confirmação na igreja luterana, mas gostava da doutrina católica que o padre dava na escola. Quando casei, decidi ir para a Igreja Católica em homenagem à minha sogra, que era muito devota.
- **Entrevistadora:** Você acha que a cidade mudou muito nos últimos anos?
- **Glades:** Sim, sim, não só agora, mas já tem um tempo. Desde a década de 70 ou 80, quando começou a vir gente de tudo quanto era lugar. Muita gente morava ali nas "populares". Vieram

para trabalhar nas fábricas de calçado. Hoje, assim, tá tudo diferente aqui, uns lugares ficaram mais movimentados, tem umas lojas que não existem mais.

- Outra coisa também que eu lembrei agora, não tem nada a ver com o que eu tava falando agora, mas com que tu me perguntou antes. Essa minha vó que era costureira ela tinha muita fruta, de muito tipo, eu via em cima das árvores, era muito bom. Ela tinha dois pés de goiaba, quando as goiabas amadurecem ela fazia chimia.
- Sobre o que aprendi com os meus antepassados eu continua nessa coisa do respeito, da família e do amor em família, sabe. Porque sem isso a coisa não vai, não adianta.
- o lugar que a gente brincava e era muito bom era brincar na praça da bandeira, na frente da prefeitura velha. Ia com o namorado junto e ele tinha mais força pra empurrar no balanço (risos)

Percepções da entrevista: a entrevistada me esperou com o chimarrão pronto e sentamos na varanda da casa dela. Em alguns momentos, pedia para parar a gravação para cumprimentar alguns vizinhos que passavam na rua. Respondeu as perguntas bem, mas com um pouco de receio no começo. Depois falou com mais tranquilidade.

Entrevista 8

22 de janeiro de 2026

Dona L

63 anos

Professora

Bairro Vila Rosa

Entrevista realizada na residência da entrevistada

Sim, nasci aqui em Novo Hamburgo mesmo, ali perto do Hospital Regina era a primeira casa dos meus pais, depois nos mudamos.

E.... quando eu era pequena, assim eu não lembro muito. Eu morava aqui perto, meu pai e minha mãe eram alemães e a gente falava só alemão em casa. Eu lembro que eu brincava na rua, eu e meus irmãos, eram seis crianças em casa, imagina só, a criançada, a bagunça. Minha mãe dizia que, quando chovia era o dia de criança apanhar, porque todo mundo tinha que ficar dentro de casa e alguma coisa sempre quebrava. Minha mãe trabalhava muito, muito mesmo. Ela plantava flores, vendia pão para os vizinhos e ainda fazia chimia pra vender. Tudo isso pra ajudar na renda de casa. Eram 6 filhos, muita gente pra sustentar. Nunca vi minha mãe parada. Até assim...ela passava a noite costurando para terminar a roupa, às vezes ela costura pra fora também, pra melhorar a renda. Então a minha mãe passava a noite em claro trabalhando e meu pai dormia. Aí quando meu pai ia acordar dormir. Tu vê, né? Que sacrificada. E a minha mãe não podia nem dormir muito porque daí ela tinha os afazeres da casa. E duas e duas pequenas para e duas meninas. É. E não tinha ninguém para ajudar.

Meus pais, os dois né, trabalhavam muito, muito mesmo.

Com as mulheres da família, assim, aprendi a costurar, a fazer comida, a bordar e a crocheter. Tudo com a minha mãe e minha tias. Não, crocheter aprendi com a minha vó, é com a minha vó. Mas aprendi muita coisa né, muita coisa...

Costumes assim, da minha família, bom, falar alemão né, eu aprendi a falar em casa e só aprendi português depois, na escola. Também lembro assim das comidas, chucrute, linguiça feita em casa, cuca também, eu acho que é coisa de alemão, né. Eu até hoje faço uma receita de cuca que aprendi com a minha mãe.

A religião né, dos meus antepassados. A gente sempre foi luterano, dos dois lados, dos dois lados. Eu assim, ainda hoje quando consigo vou no culto, mas eu dependo do meu filho pra levar, porque sou viúva e não sei dirigir, daí preciso de alguém para me levar. Mas gosto muito de ir. Até participo também de vez em quando da OASE, participava mais antes. Até eu fiz umas fronhas pra levar lá... fiz umas fronhas para levar lá pra comunidade. Só que eu não levei ainda. Mas qualquer hora eu vou levar pras crianças. Agora eu tô um pouco afastada, tô doente. Mas, me faz tão bem ir lá, falar bobagem, lembrar das coisas...me interte, principalmente depois que o Lirio se foi.

E assim, né a religião influencia sim minha família, a gente até hoje é evangélico, evangélico luterano né, não outro.

Sim, sim, a cidade mudou muito. Eu lembro que quando eu tinha uns 20, 21 anos, ali perto da Fevale começou a vir gente gente de tudo quanto é lugar. Esse pessoal veio pra trabalhar nas fábricas e foi morar ali perto, onde tem aquela vilinha...Daí parece que de uma hora para outra a gente que conhecia todo mundo, agora não conhecia mais ninguém! Também né, tem assim muita diferença nos lugares, tem muito carro, muito movimento, umas lojas grande que nem a Cavassoto não existe mais e era grande aquela loja.

Ai eu acho que o que fica é a honestidade, o trabalho, né, Ser correto, pagar as contas, ser honesto né. Acho que é isso assim.

Percepções da entrevista: a entrevistada me esperou como chimarrão e um bolo. Estava muito retraída durante boa parte da entrevista. Falou pouco e respondeu só aquilo que a pesquisadora perguntou. Em poucos momentos se sentiu à vontade, em partes da entrevista deu mais detalhes, mas poucas vezes.

ⁱ MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Leis para “os que se irão buscar” – imigrantes e relações de trabalho no século XIX brasileiro. **História: Questões & Debates**, v. 56, n. 1, 2012. p. 66.